

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXVII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1988

CONIMBRIGA

ISSN 0870-1709

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (PORTUGAL)

DIRECTOR

JORGE DB ALARCÃO

SECRETÁRIO DA REDACÇÃO

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Esta edição só foi possível graças ao patrocínio concedido pelas seguintes entidades:

JUNTA NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

Toda a correspondência (envio de originais e de publicações para recensão, pedidos de permuta, etc.) deve ser dirigida directamente ao

DIRECTOR DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
PALÁCIO SUB-RIPAS
P — 3000 COIMBRA

CONIMBRIGA

(Página deixada propositadamente em branco)

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXVII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1988

(Página deixada propositadamente em branco)

JEANNETE NOLLEN

VIDROS DE S. CUGUFATE

«Conimbriga», XXVII (1988), p. 5-59

RESUMO: A escavação da *villa* romana de São Cucufate (Vidigueira) deu-nos um total de 330 fragmentos de vidro, dos quais apenas 194 puderam ser classificados quanto ao tipo e forma, e mais 22 quanto ao tipo genérico.

A sua cronologia vai desde o séc. I até aos meados do séc. V, correspondendo às três fases de construção e ocupação desta *villa* rural com a sua extensa *pars rustica*. Toda esta construção e subsequente demolição causou um tal revolvimento do terreno que temos apenas 96 fragmentos de vidro provenientes de estratos não remexidos. Este conjunto não pode, por isso, trazer um significativo contributo para a cronologia do vidro romano em geral.

Tendo em vista esta falta de estratigrafia, decidimos dividir o material em grupos globais, com base não só na forma como também na cor e na qualidade, numa tentativa de chegar a uma separação cronológica indicativa. Publicamos a colecção quase integralmente para dar ao leitor uma ideia das peças de vidro usadas numa *villa* rural durante os primeiros quatro ou cinco séculos da nossa era.

SUMMARY: The excavation of the Roman *villa* of São Cucufate (Vidigueira, Portugal) gave us a total of 330 glass fragments, 194 of which could be classified regarding type and form, and a further 22 only as to generic typic.

Their chronology goes from the first century A.D. to the middle of the fifth century, corresponding to the three stages of occupation of this large rural *villa* and its extensive *pars rustica*. «*Villa* I» dates from around the middle of the first century A.D.; this was destroyed and another, «*villa* II», reconstructed at the same site between ca. 130 and 150 A.D.. The latter continued in use until ca. 360 A.D., when it once again was razed and a much larger «*villa* III» constructed. These destructions and their

subsequent rebuilding caused a thorough upheaval of the terrain; only 96 glass fragments were found in securely dated strata. Therefore, very little, if anything, may be learned about the chronology of Roman glass from this site.

Because of this lack of stratigraphy, the material was divided into broad categories based, not only on form, but also on colour and quality, in an attempt to arrive at a meaningful chronological separation. It was furthermore decided to publish the material in its entirety in order to give an overview of the glass used at such a provincial, relatively poor, *villa* during the first four to five centuries A.D..

VIDROS DE S. CUCUFATE

INTRODUÇÃO *

Inventariámos um total de 330 fragmentos, dos quais 194 de forma mais ou menos determinável, e apenas 96 de camadas com estratigrafia segura. Nas duas tabelas no fim deste trabalho, o leitor pode encontrar informação, traduzida em gráfico, sobre a cronologia destas últimas peças, das quais ainda muitas são peças residuais de camadas mais tardias de enchimento, construção ou destruição.

(*) As escavações da *villa* romana de S. Cucufate (Vidigueira), conduzidas por J. Alarcão, R. Etienne e Françoise Mayet e realizadas entre 1979 e 1984 (com alguns trabalhos menores ainda em 1985-87), não proporcionaram grande número de vidros.

A cronologia das peças vai do séc. i ao v d. C., correspondendo à longa ocupação do sítio. Uma primeira *villa* implantada, aparentemente, nos meados do séc. i d. C (*villa* I) foi demolida pelos anos 130-150 d. C. Sobre ela ergueu-se a *villa* II, que permaneceu, sem alterações sensíveis da sua *pars urbana* mas com remodelações e acrescentos da *pars rustica*, até cerca de 360 d. C. Nesta data, a *villa* foi consideravelmente destruída e em seu lugar edificou-se uma outra (*villa* III) que, pelo testemunho dos vidros e, particularmente, da *sigillata* clara, durou até meados do séc. v d. C. Não acabou aqui, porém, a história do sítio. Na Alta Idade Média, o edifício foi ocupado por um convento que sobreviveu até ao séc. XVI. Se os frades conservaram o prédio que havia sido uma rica *pars urbana*, a necrópole monástica, instalada parcialmente na *pars rustica*, provocou considerável revolvimento do terreno.

O profundo remeximento causado por três ocupações romanas e, posteriormente, pela ocupação medieval e pela agricultura moderna, não deixou grande número de camadas arqueológicas *in situ*. Dos 330 fragmentos inventariados, apenas 96 foram recolhidos em camadas não revolvidas pela ocupação medieval e pela agricultura. Devido ao revolvimento provocado pelas reconstruções romanas, muitos dos vidros dos séculos i a m foram encontradas

No estudo que se segue procurámos apresentar todas as formas ou tipos presentes no *villa* de S. Cucufate, mas é impossível dizer quantas mais foram em algum tempo utilizadas nesta estação. De cada tipo ilustramos um ou mais exemplares. Peças semelhantes, de estratigrafia conhecida, embora não ilustradas, serão incorporadas no catálogo com a identificação do estrato e uma descrição breve, de maneira a que o leitor possa julgar da homogeneidade ou heterogeneidade do grupo em questão. Achados de forma reconhecível mas de estratos remexidos serão apenas mencionados na descrição das peças paralelas. Tendo sido nosso objectivo publicar os vidros de S. Cucufate na sua integralidade, optámos por apresentá-los reduzidos a um terço, para limitar o número de estampas, mesmo assim elevado. Peças com decoração fina são repetidas na última estampa em tamanho natural.

Os vidros da escavação da *villa* romana de S. Cucufate foram todos recolhidos muito esmigalhados; infelizmente, não pudemos reconstituir nem um só perfil completo. Por isso foi, às vezes, difícil incorporar estes fragmentos numa tipologia pormenorizada como, por exemplo, a da Dr.^a Isings. Optámos por dividir simplesmente os fragmentos em grupos correspondentes à cor do vidro e, por isso, consoante a cronologia, em termos gerais. Cada um destes grandes grupos foi então dividido em função das formas encontradas, i. e. taças, pratos, frascos e garrafas, etc. Dado que o acabamento do bordo pode (ou não) ter qualquer significado cronológico, separámos

em enchimentos contemporâneos das grandes obras de c. 360 d. C. O interesse destas escavações para a cronologia dos vidros romanos é, por conseguinte, muito reduzido. Apesar de tudo, pareceu-nos útil a publicação integral dos vidros encontrados em S. Cucufate. No relatório global das escavações, que será apresentado por J. Alarcão, R. Etienne e François Mayet em 1990, publicar-se-á um reduzido número de peças: apenas aquelas que ajudaram ao estabelecimento da cronologia das três sucessivas *villae*. Essas peças foram retomadas no presente artigo. Os autores também apresentarão um inventário de todos os estratos arqueológicos não remexidos, com indicação dos respectivos horizontes cronológicos. A consulta desse inventário poderá esclarecer quaisquer dúvidas que o gráfico publicado no final deste artigo possa levantar. J. DE ALARCÃO

as taças e pratos de arestas vivas das de bordo polido ao fogo. Também estabelecemos quatro grupos indicando a qualidade do próprio vidro.

Esta classificação envolve as seguintes categorias:

Cor do vidro:

Vidro mosaico da segunda metade do séc. i a. C. ou da primeira metade do séc. i d. C.

Vidro colorido do séc. i.

Vidro verde gelo da segunda metade do séc. i até aos inícios do séc. ii.

Vidro tingido do séc. I (apenas foram encontrados fragmentos em camadas remexidas).

Vidro incolor da época flaviana até momento ainda desconhecido no séc. ii.

Vidro verde (geralmente verde musgo, azeitona ou ervilha) da segunda metade do séc. iv até aos meados do séc. v (infra, p. 33-34).

Qualidade do vidro:

Muita boa: vidro transparente, isento de bolhas de ar ou com muito poucas bolhas de tamanho reduzido.

Boa: vidro transparente, com maior teor de bolhas de ar, às vezes alongadas, e possível ocorrência de filandrado.

Média: vidro às vezes um tanto opaco, mas sempre com elevado número de bolhas de ar e impurezas.

Inferior: Vidro de qualidade francamente má.

As descrições do nosso catálogo obedecem às seguintes rubricas: identificação da forma e função ; descrição do fragmento ; indicação da posição estratigráfica; qualidade do vidro; estado de conservação; número de inventário provisório que elaborámos ao iniciarmos o estudo dos vidros; eventual número de relatório; diâmetro; indicação da estampa.

O diâmetro apontado é sempre o do bordo, se não houver indicação em contrário, mas a exiguidade dos fragmentos muitas vezes não permite tirar esta medida com o grau de segurança necessário. Dada a pequenês da maior parte dos fragmentos, não nos pareceu conveniente dar indicação sobre a espessura do vidro. Dos desenhos nas estampas, o leitor pode formar ideia desta medida na parte preservada das peças. A abreviatura *N.i.* significa *não ilustrado*; julgámos, com efeito, pouco útil a representação de determinadas peças referidas neste artigo, por repetirem perfis já ilustrados.

Mais uma vez temos que afirmar a nossa gratidão ao Doutor Jorge de Alarcão, não só por nos conceder a publicação deste material, mas também por ter acompanhado o seu estudo desde o princípio, lendo várias versões do texto original, partilhando connosco o seu conhecimento sobre vidro romano e, finalmente, ocupando algum do seu tempo valioso na correcção do nosso português.

VIDRO MOSAICO

O fragmento n.º 1, de vidro mosaico, tipo «gold band», é pequeno demais para se lhe poder determinar a forma. Nesta categoria de vidros moldados encontram-se, por exemplo, *píxides*, tigelas arredondadas, *alabastroi* e *balsamaría*.

O processo de fabrico era caro e exigia duas operações. A peça era primeiramente moldada de vidro de várias cores, incorporando fios metálicos de ouro. Depois, voltava ao molde e ao forno para ser coberta por uma camada fina de vidro incolor, a fim de proteger o ouro. A posse de vasos de «gold band» representa, por isso, uma certa riqueza e poder económico. Ainda que o seu fabrico provavelmente se tenha limitado ao período de 50 a. C. a 50 d. C., peças herdadas não são raras na segunda metade do século i d. C. ¹

1 Fragmento de vidro mosaico tipo «gold band»; 84 IY I (3); n.º de inv. 137 Est. I, VI.

VIDRO COLORIDO

LASCA

Dos três fragmentos de vidro colorido encontrados na *villa* de São Cucufate, apenas um foi recolhido numa camada não remexida, um nível de solo na zona rústica do lagar e armazéns. Infelizmente, é um fragmento de lasca, n.º 2, que não é datável. Existe mais um fragmento de lasca igualmente de cor ultramarina numa camada remexida. Um fragmento de vidro amarelo é inclassificável de forma precisa, mas pelo tipo e cor do vidro é datável do séc. I.

- 2 Fragmento de lasca; 82 IV A 37 (3); azul ultramarino. Inv. n.º 85, N. i.
Existe outro fragmento, inv. n.º 195, azul ultramarino mesclado.

VIDRO VERDE-GELO

Num total de 37 fragmentos de vidro de cor verde-gelo podemos apresentar apenas 8 de camadas não remexidas.

TAÇAS E TIGELAS

O n.º 3 é um fragmento minúsculo numa taça canelada, tipo Isings 3 encontrado numa camada que representa a segunda utilização do *prae-furnium* da *villa* III. Deve, porém, datar da época de Cláudio/Trajano, época em que estas taças são mais comuns em Conimbriga C). Embora a forma tenha sido fabricada desde os princípios do séc. I, os exemplares de vidro verde-gelo parecem ser mais correntes na segunda metade deste século. Em Velsen (*castrum* que data dos anos 15 até c. 55), num total de 46 taças caneladas, apenas 10 foram moldadas de vidro verde-gelo; todas as outras são de vidro marmoreado ou colorido (1 2). Czurda-Ruth, porém, declara que, em Magdalensberg, taças caneladas de vidro verde-gelo já se encontram em estratos augustanos (3).

(1) *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.ºs 11 e 13, p. 158-159, 164, Est. XXXIV.

(2) LITH, *Velsen*, p. 16-22, 54-55.

(3) CZURDA-RUTH, *Magdalensberg*, n.º 306, p. 31, 34, de forma Isings 3 C.

O copo n.º 4, com bordo em forma de S e arestas vivas, é comparável com o n.º 18 de Conimbriga (4), de datação incerta, ou com os vasos n.º 2 da sep. 916 da necrópole de Emona e n.º 9 de Luxemburgo (5). O primeiro foi encontrado com espólio dos fins do séc. i ao inícios do século seguinte, enquanto a peça de Luxemburgo, achada com um unguentário em forma de lágrima, data dos meados do séc. i. Uma cronologia na época flávia ou nos inícios do séc. II é a mais indicada para esta peça residual dum estrato datável da construção da parte urbana da *villa* III.

PRATOS

Os fragmentos n.ºs 5 e 6 pertencem a pratos de parede com carena arredondada e bordo dobrado para fora, tipo Isings 45 (6), datáveis da segunda metade do séc. i ou dos princípios do século seguinte. Em Tipasa, um prato desta forma fazia parte dum túmulo dos fins do séc. i (7). O n.º 5 provém duma camada da primeira época de ocupação do sector no enfiamento das termas, com *terminus ante quem* nos meados do séc. m.

GARRAFAS

Garrafas quadradas, tipo Isings 50, são representadas pelos n.ºs 7 e 8. A sua cronologia, da 2.ª metade do séc. i até aos inícios do séc. ii, já foi estabelecida com certo grau de segurança (8). O n.º 7 fazia parte duma camada de construção da parte urbana da *villa* III.

O n.º 9, fragmento duma garrafa cilíndrica, forma Isings 51, é de cronologia comparável à forma quadrada, i. e., 2.ª metade do séc. i

(4) *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.º 18, p. 160, Est. XXXIV.

(5) PLESNICAR-GEC, *Emona*, n.º 2, sep. 916, p. 263-264, Est. CLXXVII; na mesma sepultura uma moeda de Nerva, um frasco de vidro tipo Isings 52 G, uma lucerna tipo «Firmalampe» Bailey N-II; WILHELM, *Luxembourg*, n.º 9, p. 12-13, 57.

(6) ISINGS, *Dated finds*, p. 60-61.

(7) LANCEL, *Tipasa*, Necrópole Oriental n.º 26, sep. 81, ou seja n.º 172, p. 86, Est. X-5.

(8) ISINGS, *Dated finds*, p. 63-67; LITH, *Valkenburg*, p. 77.

até aos inícios do séc. ui (9). O último, duma camada remexida, é um fragmento de bordo tipo 2 b da classificação de Charlesworth (10*); os outros dois são duma camada de destruição da parte rústica da *villa* III e da lixeira do edifício C do sector rústico ocidental, respectivamente.

BILHAS E JARROS

O tipo Isings 56 A data da segunda metade do séc. I até aos meados do séc. in (11). Não podemos definir a forma da bilha ou jarro trilobado n.º 13 com exactidão devido à pequenez do fragmento; contudo, o seu bordo revirado para o interior aponta para o tipo Isings 56 A e não para o 88, de cronologia mais avançada(12). Em Verulamium, bilhas ou jarros trilobados provêm essencialmente de camadas dos fins do séc. i até aos inícios do séc. ui. Um paralelo para o bordo n.º 13 data dos meados do séc. II (13). No entanto, podemos citar outro paralelo, este de Magdalensberg e por isso anterior aos meados do séc. I (14). Uma cronologia a partir dos meados do séc. i até aos fins do século seguinte será sustentável para o n.º 13, encontrado numa camada de construção das termas da *villa* III.

Outro bocal trilobado, n.º 14, mostra um fio da mesma cor do vaso, por baixo do bordo. Esta decoração, de modo geral, faz parte das bilhas do tipo Isings 88 de gargalo estreito, e data dos fins do séc. II e do séc. m(15). Todavia, também se encontram cordões salientes nalgumas urnas da segunda metade do séc. i ou do séc. n em vidro verde-gelo do Luxemburgo (16) e, na necrópole de Emona,

(9) LITH, *Valkenburg*, p. 80.

(10) CHARLESWORTH, *Roman square bottles*, p. 26, fig. 3 b.

(11) ISINGS, *Dated finds*, p. 104-106; CZURDA KUTH, *Magdalensberg*, n.º 1049, p. 140-142, Est. 16.

(12) ISINGS, *Dated finds*, p. 104-106.

(13) CHARLESWORTH, *Verulamium*, I, p. 204; *Id.*, *Verulamium*, III, n.º 234, p. 165, fig. 67-98, duma camada dos anos 145-150.

(14) CZURDA-RUTH, *Magdalensberg*, n.º 1049, p. 140-142, Est. 16.

(15) ISINGS, *Dated finds*, p. 104-106.

(16) WILHELM, *Luxembourg*, n.º 45, p. 18, 58.

uma bilha de bordo sublinhado por um fio de vidro pertencia a uma sepultura datável já da segunda metade do séc. n (17). Uma cronologia no séc. II será mais conveniente para este jarro de bocal largo do tipo Isings 56 (18).

UNGUENTÁRIOS

O n.º 15 constitui um fragmento de unguentário de bordo revirado para fora e depois dobrado sobre si. Não nos é possível definir a forma exacta desta peça. Podia pertencer aos tipos Isings 8, 26, 27, ou, mais provavelmente, ao tipo 28. O primeiro foi soprado a partir de Cláudio; o último ainda se encontra no séc. m (19). Todavia, a delgadeza (espessura mínima 1 mm) e a cor do vidro fazem-nos pensar que a peça não deve ultrapassar o séc. II.

- 3 Taça canelada, fragmento do bojo; 83 XIV 4 (4); vidro de muito boa qualidade, verde-gelo; picado. Inv. n.º 131. Tipo Isings 3. N. i.
- 4 Tigela, fragmento do bordo e ombro; 81 XIII 22 (2); bordo em forma de S, arestas vivas; vidro de boa qualidade, azul cobalto; picado e levemente irisado; diâm. c. 65 mm. Inv. n.º 14. Est. I.
- 5 Prato, fragmento do bordo e da parede; 82 XIY 43 (4); vidro de qualidade média, tingido de verde-gelo; diâm. c. 160 mm. Inv. n.º 70, relatório n.º 25. Tipo Isings 44 A ou 45. Est. I.
- 6 Prato, fragmento da carena; 86 S 3 (2); vidro de boa qualidade, verde-gelo, picado e com irisão incipiente; diâm. da pança c. 136 mm. Inv. n.º 202. Tipo Isings 45. Est. I.
- 7 Garrafa quadrada, fragmento do fundo; 82 XIII 21/22 (4); vidro de boa qualidade, verde-gelo; picado. Inv. n.º 59. Tipo Isings 50. N. i.
- 8 *Id.* fragmento do fundo; 86 T 9 (3) tanque oeste; vidro de muito boa qualidade, verde-gelo; riscado. Inv. n.º 214. Tipo Isings 60. N. i.
Existem mais 3 fragmentos desta forma, de camadas remexidas.
- 9 Garrafa cilíndrica, fragmento da base; 84 T 7 (2); vidro de boa qualidade, verde-gelo; riscado. Inv. n.º 194. Tipo Isings 51. N. i.

(17) PLESNICAR-GEC, *Emona*, sep. 212, n.º 7, p. 185, Est. LIX-7, na mesma sepultura uma lucerna tipo «Firmalampe» Bailey N-IV, com marca YIBIANI, da segunda metade do séc. II (p. 102), e um frasco de vidro incolor tipo Isings 52 G.

(18) ISINGS, *Dated finds*, forma 56, p. 74-76.

(19) ID, *Ibid.*, p. 24; LITH, *Valkenburg*, p. 57.

- 10 Garrafa, fragmento do bordo; 82 IY 1 37 (1); vidro de boa qualidade, verde-gelo; muito riscado. Inv. n.º 52. Tipo Isings 50 ou 51. N. i.
- 11 *Id.*, fragmento da asa; 83 XX 50 (5); vidro de qualidade média, com muitas bolhas de ar alongadas, verde-gelo. Inv. n.º 105, relatório n.º 29. Tipo Isings 50 ou 51. Est. I.
- 12 *Id.*, fragmento do bordo; 86 XV 2 Banq; S.; verde-gelo. Inv. n.º 215. N. i.
Existem mais 4 fragmentos desta forma de camadas remexidas.
- 18 Jarro trilobado, fragmento do bordo e colo; 81 XIII 48/49 (3); vidro de qualidade média, verde-gelo; picado. Inv. n.º 25. Tipo Isings 56 A? Est. I.
- 14 *Id.*, fragmento do bordo e colo; 80 III? (2); vidro de qualidade média, filandrado, tingido de verde-gelo. Inv. n.º 177. Tipo Isings 56. Est. I.
Existe mais um fragmento dum jarro ou bilha de bocal trilobado de vidro verde/gelo.
- 15 Unguentário, fragmento do bordo e colo; 81 XIII 23 (6); vidro de boa qualidade, tingido de verde-gelo; irisação incipiente. Inv. n.º 43. Est. I.
Existe mais 1 fragmento desta forma, numa camada remexida, com diâm. c. 50 mm.

VIDRO TINGIDO

A tigela n.º 16 é comparável à forma Isings 12, que data do período de Tibério até aos Flávios ou mesmo dos fins do séc. i (20). A cor «fumada» do vidro concorda com esta cronologia.

Da mesma cronologia temos um frasco (n.º 17) de tipo Isings 14 (21). A autora data a forma da época de Tibério/Cláudio até aos meados do século seguinte; a qualidade e cor do vidro é para nós indicação dum fabrico no decorrer do séc. i.

- 16 Tigela, fragmento do bordo e ombro; 81 VIII 7 (1); bordo polido ao torno; vidro tingido de cinzento; diâm. 61 mm. Inv. n.º 29. Tipo Isings 12. Est. I.
- 17 Frasco, fragmento do bordo, colo e ombro; 83 IV-A (2); vidro de boa qualidade, levemente tingido de verde musgo, picado; diâm. do bordo 45 mm. Inv. n.º 184. Tipo Ising 14. Est. I.

(20) ISINGS, *Dated finds*, p. 27-30; LITH, *Valkenburg*, p. 48.

(21) ISINGS, *Dated finds*, p. 31-32.

VIDRO INCOLOR

TAÇAS E COPOS

SOPRADOS EM MOLDE

Encontramos fragmentos de várias taças sopradas em molde na *villa* de S. Cucufate. A forma mais simples, a do n.º 18, pode comparar-se com o n.º 162 de Conimbriga, aliás duma camada remexida (22), e também com uma tigela de Dura Europos (23). Esta última tem pé alto parecido com os nossos n.ºs 65-67. O autor propõe uma data no reinado do Cláudio, comparando a forma com a Dragendorff 33 em *terra sigillata* (24). No entanto, achamos uma data claudiana muito precoce para o n.º 18 e sugerimos uma cronologia dos Flávios até aos inícios do séc. m para melhor concordar com a do tipo Isings 81 com que está nitidamente relacionado (25). É um achado de uma camada da construção da parte urbana da *villa* III.

Uma taça de bordo boleado, n.º 19, parece uma peça de Conimbriga encontrada na canalização do foro flaviano (26). Esta peça de Conimbriga pode aliás datar do séc. n, abrangendo assim o uso desta canalização. O vidro de S. Cucufate é um achado residual, pois provém duma camada contemporânea da *villa* III.

Não temos a certeza de que o fragmento n.º 20 pertença a uma taça; pode ter sido o bordo dum frasco grande. Optamos todavia pela hipótese de uma taça, pois o diâmetro (112 mm.) parece-nos grande demais para um frasco ou jarro. Taças parecidas, moldadas, encontraram-se em Mulva na primeira metade do séc. n (27) e em Limburg, em sepulturas igualmente do séc. n (28). Trata-se de uma peça residual na camada de construção da parte urbana da *villa* III.

(22) *Fouilles de Conimbriga*, VI, p. 185, 190, Est. XL.

(23) CLAIRMONT, *Dura Europos*, n.º 95, p. 25, Est. III.

(24) Veja também ALARCÃO, *Balsa*, n.º 9, p. 241-242, Est. I.

(25) ISINGS, *Dated finds*, p. 97.

(26) ALARCÃO, *Comum*, p. 174, 181, Est. XXXIX.

(27) RADDATZ, *Mulva*, I, n.º 9, sep. 13, p. 62-63, fig. 20/3.

(28) ISINGS, *Limburg*, n.ºs 136, 137, p. 77-78, fi g. 17.

SOPRADOS

Dos cinco fragmentos de pés de copos ou tigelas, o primeiro, n.º 21, mais provavelmente pertencia a um copo alto da forma Isings 34 ou 35. Estas formas datam da segunda metade do séc. i, embora tenham continuado ainda durante o séc. m. Os exemplares de vidro incolor e fino, com pé dobrado, parecem dos períodos mais altos desta forma ⁽²⁹⁾. O n.º 21 encontra paralelo em Conimbriga na segunda metade do séc. i ⁽³⁰⁾. No entanto, temos que tomar em conta o «beaker» Vessberg B-11-β, dum tipo representado no espólio duma sepultura da época severiana em Limassol ⁽³¹⁾. O contexto arqueológico em que foi encontrado, uma camada de construção da parte urbana da *villa* III, pode indicar uma data mais avançada, se não for outra peça residual.

Podemos apresentar vários pés de cálices. O n.º 22 pode pertencer à forma Isings 86 ou 93; por isso, possivelmente data dos fins do séc. i até qualquer altura do séc. m ⁽³²⁾. Não obstante, esta cronologia lata talvez possa ser reduzida para apenas incluir o séc. II; a peça encontra paralelo em Conimbriga, no n.º 119 duma camada flaviana ⁽³³⁾. Na publicação dum pé semelhante de Alcácer do Sal não está indicada nem a cor, nem a qualidade do vidro, mas o autor confronta-o com o n.º 119 de Conimbriga, pelo que supomos que se trata dum vidro incolor. Foi encontrado na camada C-4, da segunda metade do séc. i até inícios do século seguinte ⁽³⁴⁾. Dado que o n.º 22 foi encontrado numa camada da construção da parte urbana da *villa* III, deve tratar-se outra vez duma peça residual. Outro fragmento, n.º 23, também dum cálice, mostra o pé mais alto. No entanto, a sua cronologia deve ser semelhante. O n.º 24 parece quase igual ao n.º 22.

Duma taça tipo Isings 87, n.º 25, resta-nos apenas o fundo com pé de argola. Esta forma tem cronologia a partir dos Flávios até

⁽²⁹⁾ *Id.*, *Dated finds*, p. 48-50.

⁽³⁰⁾ *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.º 144, p. 176, 182, Est. XXXIX.

⁽³¹⁾ VESSBERG, *Vindonissa*, forma B-11-β, grupo 3, p. 144, fig. 45-7 e 8; p. 199.

⁽³²⁾ ISINGS, *Dated finds*, p. 102, 110-111.

⁽³³⁾ *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.º 119, p. 174, 181, Est. XXXVIII; *Fouilles de Conimbriga*, I, n.º 921, p. 205, 209.

⁽³⁴⁾ SILVA, *Alcácer do Sal*, n.º 330, p. 155, 207, fig. 26.

Marco Aurélio, e a autora considera-a rara (35). Parece ser mais divulgada na Lusitânia, pois já temos conhecimento de três exemplares de Tróia (36). De Tipasa podemos citar um fundo paralelo da necrópole de Porte de Césarée, que data da época fláviana até à severiana (37).

O fragmento n.º 26 fazia parte de uma tigela tipo Isings 42, mais provavelmente da variedade «A» desta forma, que data da época flaviana e do séc. II (38). O nosso exemplar provém da camada de sedimento do tanque ocidental da *villa**

Finalmente, temos o fundo dum boião, n.º 27, que parece o fundo n.º 142 de Conimbriga proveniente da canalização trajana. O autor classifica-o fundo de «gobelet» (39).

BORDOS DE ARESTAS VIVAS

Copos e taças de vidro muito fino, incolor e com bordo de arestas vivas são relativamente abundantes entre os achados de S. Cucufate e encontram-se numa grande variedade quanto à forma da pança e do bordo.

Copos cilíndricos, de bordo em forma de S, às vezes decorados com linhas incisadas, estão representados pelos n.ºs 28 e 29. Os seus bordos podem ser confrontados com um copo de Tipasa dos meados até aos fins do séc. I (40). Esta última peça tem um pé alto, enquanto as de S. Cucufate mais provavelmente tomaram a forma dos muitos encontrados na Lusitânia: de fundo arredondado ou pé de bolacha. Podemos citar: Conimbriga n.º 133, numa canalização da época flaviana (41); n.ºs 18 e 19 de Balsa (42); dois exemplares de Valdoca (43),

(35) ISINGS, *Dated finds*, p. 104.

(36) ALARCÃO, *T*-oia*, p. 108.

(37) LANCEL, *Tipasa*, n.º 180, p. 90, Est. IX-2.

(38) ISINGS, *Dated finds*, p. 48-50; v. LITH, *Asciburgium*, p. 247.

(39) *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.º 142, p. 176, 182, Est. XXXIX.

(40) LANCEL, *Tipasa*, n.º 142, p. 76, Est. VIII-4.

(41) *Fouilles de Conimbriga*, VI, p. 175, Est. XXXIX.

(42) ALARCÃO, *Balsa*, n.ºs 18, 19, p. 144, 147, Est. IV.

(43) *Id.*, *Valdoca*, sep. 100, n.º 4 e sep. 98, n.º 8, p. 32-33, 57-59, Est. VII, XIV.

um deles (n.º 100-4) numa sepultura datada dos fins do séc. i ou do séc. ii ; n.º D 13,4 da necrópole de Santo André, numa sepultura dos fins do séc. i até inícios do século seguinte⁽⁴⁴⁾; outro de Faro ⁽⁴⁵⁾, e vários em Vila Viçosa, um dos quais numa sepultura que não deve ter sido fechada antes dos meados do séc. n ⁽⁴⁶⁾. Podemos concluir que estes copos datam da época flaviana e do séc. n, embora tenhamos que admitir que a forma genérica continuou durante todo o séc. m ⁽⁴⁷⁾. O n.º 28 foi encontrado na lixeira da *villa* I (i. e. segunda metade do séc. i), o n.º 29 deve ser peça residual numa camada de destruição da *villa* II.

Relacionado com estes últimos copos é o n.º 30, igualmente cilíndrico, mas de bordo em forma de S pouco acentuado. Podemos confrontá-lo com o copo n.º 173 [de Conimbriga, datado do séc. II ou III pelo autor ⁽⁴⁸⁾]. Uma peça semelhante provem numa sepultura dos sécs. III ou IV de Tournai ⁽⁴⁹⁾, e outro também de vidro completamente incolor, numa sepultura do séc. IV de Krefeld-Gellep ⁽⁵⁰⁾. Todavia, pensamos que o nosso copo pode ter sido soprado já nos últimos anos da época flaviana ou do séc. n, tal como as peças anteriores, das quais não difere muito. Este fragmento foi encontrado na lixeira associada ao edifício C no sector rústico ocidental, com material dos meados do séc. m em diante.

Taças com bordo igualmente em forma de S, mas de pança campaniforme (n.ºs 31 e 32), também devem ter cronologia semelhante: dos fins do séc. i até qualquer altura ainda mal definida no séc. II. Paralelos de camadas ou sepulturas datadas são: uma taça de Verulamium, numa camada dos anos 145-150 ⁽⁵¹⁾, outra de

⁽⁴⁴⁾ NOLEN, *St.º André*, p. 36, 149, Est. XX.

⁽⁴⁵⁾ ALARCÃO, *Alentejo e Algarve*, n.º 11, p. 13, Est. II.

⁽⁴⁶⁾ ID., *Vila Viçosa*, n.º 19, p. 12, Est. 3; veja também NOLEN, *Alto Alentejo*, p. 144.

⁽⁴⁷⁾ Cf. HARDEN, *Fishbourne*, n.º 57, p. 347, fig. 140, do período 3, i. e., de 100-270; NOELKE, *Gräber in Köln*, n.º 4 da sep. 2, p. 384-386, 417-418, dos fins do séc. in.

⁽⁴⁸⁾ *Fouilles de Conimbriga*, VI, p. 186, 190, Est. XLI.

⁽⁴⁹⁾ BRULET, *Tournai*, sep. 90, n.º 3, p. 92, Est. 19.

⁽⁵⁰⁾ PIRLING, *Krefeld-Gellep*, sep. 1203, n.º 1, p. 139, Est. 97-7.

⁽⁵¹⁾ CHARLESWORTH, *Verulamium*, III, n.º 108, p. 154-156, fig. 63/59.

Fishbourne com cronologia lata de c. 100 até c. 270⁽⁵²⁾, e finalmente urna de Valdoca, de pança ligeiramente mais carenada, duma sepultura dos fins do séc. i até à primeira metade do séc. n⁽⁵³⁾. É uma forma relativamente comum. Exemplares não datados encontram-se, por exemplo, em Vila Viçosa e Alcácer do Sal⁽⁵⁴⁾. Os dois fragmentos são de camadas de construção da parte urbana da *villa* III e da lixeira da *villa* I, respectivamente.

Outra variedade destas taças de bordo em forma de S tem parede recta, evasada, (n.^{os} 33-36), às vezes com linhas incisadas no ombro. A sua datação, mais uma vez, deve ser comparável à das anteriores. De Conimbriga existe uma peça semelhante, n.^o 131 da canalização do foro flaviano⁽⁵⁵⁾, enquanto outra de Krefeld-Gellep foi encontrada numa sepultura da I.^a metade do séc. iv⁽⁵⁶⁾. Todavia, esta última cronologia será difícil de aceitar para taças com a qualidade do vidro das de S. Cucufate, tanto mais quanto é certo que temos paralelos, como uma taça da necrópole de Santo André, duma sepultura dos fins do séc. i até inícios do século seguinte⁽⁵⁷⁾, ou outra duma sepultura de Valdoca dos fins do séc. i ou do séc. n⁽⁵⁸⁾. Apesar de tudo, a peça n.^o 36 deverá datar-se apenas a partir do séc. II ou no séc. III devido à sua parede ligeiramente mais espessa e à sua cor tingida de verde oliveira. Os n.^{os} 33 e 34 foram encontrados na lixeira da *villa* I e numa camada contemporânea da *villa* II, ou seja, na segunda metade do séc. i e nos inícios do séc. II até c. 360; o último é mais uma vez uma peça residual duma camada relacionada com a destruição do sector rústico no enfiamento das termas da *villa* II.

O n.^o 37 é fragmento dum copo parecido com os anteriores, todavia de pança arredondada, classificável na forma Isings 96, do

(52) HARDEN, *Fishbourne*, n.^o 58, p. 347, fig. 140.

(53) ALARCÃO, *Valdoca*, n.^o 8, sep. 198, p. 58-59, Est. XIV.

(54) ID., *Vila Viçosa*, n.^{os} 16, 18, 20, p. 9, 11, 12; Est. 3; ID., *Alcácer do Sal*, n.^o 35, p. 159, Est. III.

(55) *Fouilles de Conimbriga*, VI, p. 175, Est. XXXIX.

(56) PIRLING, *Krefeld-Gellep*, n.^o 1, sep. 538, p. 71, Est. 49/8.

(57) NOLEN, *Santo André*, n.^o G 3. 18, p. 40-41, 164, Est. LI.

(58) ALARCÃO, *Valdoca*, n.^o 4, sep. 100, p. 31-33, Est. VII.

séc. ni (59). Podemos confrontá-lo, no entanto, com achados dos fins do séc. i da necrópole de Santo André, dos fins do séc. i ou do séc. ii de Valdoca, e finalmente da segunda metade do séc. ii da necrópole de Emona (60). O fragmento, outra peça residual, foi encontrado nas cinzas da *hipocausto* da *villa* III.

O fragmento n.º 38 é duma taça de parede curvada e evasada, decorada de fios de vidro. Pode confrontar-se com Conimbriga tipo 128, encontrada em camadas trajanas e remexidas (61), e ainda com duas peças de Verulamium dum estrato dos anos 145-150 (62). É mais uma vez peça residual relacionada com a destruição do sector rústico no enfiamento das termas da *villa* II.

Uma taça ou copo com decoração de fio de vidro azul Caran d'Ache, n.º 39, talvez tenha um perfil parecido com o da peça anterior. Por causa do fio de vidro colorido, a sua cronologia não deve anteceder os meados do séc. n, para continuar durante todo o séc. ui. Um paralelo pode ser uma peça de Alcácer do Sal, que infelizmente foi recolhida fora de estratigrafia (63). A camada em que o nosso fragmento foi encontrado pode ser considerada contemporânea da *villa* III.

BORDOS POLIDOS AO FOGO

O bordo n.º 40, relativamente alto e tubular, parece o tipo Isings 44 A. Esta forma apenas está documentada em vidro colorido ou verde-gelo, e surge durante a época flaviana (64). Em Verulamium, taças de bordo tubular foram encontradas em todas as épocas, mas também na sua quase totalidade de vidro colorido ou

(59) ISINGS, *Dated finds*, p. 113-116.

(60) NOLEN, *Santo André*, n.º E 2. 7, p. 36-37, 153, Est. XXX; ALARCÃO, *Valdoca*, n.º 3 da sep. 128; p. 41-43, Est. X e n.º 4 da sep. 141, p. 45-48, Est. XII; PLESNICAR-GEC, *Emona*, n.º 3 da sepultura 18, p. 159, Est. V, encontrado em conjunto com uma lucerna tipo «Firmalampe» com marca de VIBIANI, da segunda metade do séc. ii (veja BAILEY, *British Museum*, II, p. 102).

(61) *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.º 128, p. 175, 182, Est. XXXIX.

(62) CHARLESWORTH, *Verulamium*, III, n.ºs 107 e 108, p. 156, fig. 63, 58 e 59.

(63) ALARCÃO, *Alcácer do Sal*, n.º 37, p. 159, 164, Est. III.

(64) ISINGS, *Dated finds*, p. 59-60; LITH, *Valkenburg*, p. 69-70.

tingido ⁽⁶⁵⁾. Alarcão não se atreveu a datar o exemplar desta forma em vidro incolor de Alcácer do Sal ⁽⁶⁶⁾.

Tanto a tigela n.º 41, de bordo revirado para dentro, como os n.ºs 42-44, de parede ligeiramente arredondada e bordo boleado, pertencem ao tipo Isings 85, com cronologia dos Flávios até meados do séc. ui ⁽⁶⁷⁾. Geralmente, os exemplares de bordo reentrante, como o nosso n.º 41, são considerados os primeiros deste tipo. Em Verulamium, um exemplar de parede arredondada apareceu numa camada da primeira metade do séc. iv; nesta estação, estas taças, de modo geral, encontram-se na época de 150/160 até 250 ⁽⁶⁸⁾. Em Farrobo apareceu uma taça Isings 85 B numa sepultura do período 150-250 ⁽⁶⁹⁾, enquanto outra sepultura com cronologia c. 90, de Paredes, deu dois exemplares ⁽⁷⁰⁾, e em Conimbriga havia um na canalização do foro flaviano ⁽⁷¹⁾. O n.º 41, de vidro tingido de verde e de qualidade apenas «média», pode pertencer aos finais da produção desta forma. O último fragmento pertence a uma camada com *terminus ante quem* nos meados do séc. m, no sector no enfiamento das termas. O n.º 42 surgiu numa camada relacionada com a construção da parte urbana da *villa* III e o n.º 43, ao nível duma passagem na parte rústica a sul do lagar.

Uma tigela, n.º 45, de pança sobre o cilíndrico, também pode ser classificada no tipo Isings 85. Encontra paralelo em Conimbriga, num cano do foro flaviano, datado dos anos c. 60 até 125 pelo autor ⁽⁷²⁾.

Outra taça, n.º 46, esta com decoração repuxada, pode igualmente considerar-se do tipo Isings 85. Em Conimbriga surgiu um fragmento com esta decoração, embora pertencente a um copo Isings 86 ⁽⁷³⁾. De Mulva podemos citar uma peça da segunda metade

⁽⁶⁵⁾ CHARLESWORTH, *Verulamium*, I, tipo V, p. 199-200.

⁽⁶⁶⁾ ALARCÃO, *Alcácer do Sal*, n.º 9, p. 156,162, Est. II.

⁽⁶⁷⁾ ISINGS, *Dated finds*, p. 101-103.

⁽⁶⁸⁾ CHARLESWORTH, *Verulamium*, III, n.º 116, p. 156-157, fig. 64, 66.

⁽⁶⁹⁾ ALARCÃO, *Farrobo*, n.º 3, sep. 13, p. 9, 17.

⁽⁷⁰⁾ PEREIRA, *Paredes*, n.ºs 16 e 17, p. 61, Est. III.

⁽⁷¹⁾ *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.º 124, p. 174, 181, Est. XXXIX.

⁽⁷²⁾ *Ibid.*, VI, n.º 123, p. 174, 181, Est. XXXIX.

⁽⁷³⁾ *Ibid* VI, n.º 187, p. 188, 191, Est. XLI.

do séc. ii (74), e de Alcácer do Sal existe mais um exemplar duma camada da segunda metade do séc. i até inícios do séc. n (75). O fragmento n.º 46 vem duma camada de ocupação do edificio B no sector rústico meridional, datada dos meados até aos fins do séc. n.

Podemos confrontar um fragmento com decoração de fio de vidro no ombro e com pança cilíndrica, n.º 47, com o n.º 175 de Gonimbriga (76); o autor compara esta com peças de Mulva do séc. n. Podíamos classificá-lo no tipo Isings 86, dos fins do séc. n e do séc. m(77); ou será ainda um copo tipo Isings 85? Copos desta forma, com decoração de fio de vidro, estão documentados no séc. III em Verulamium, Shakenoak e Karanis (78). Não obstante, o nosso exemplar deve datar dos fins do séc. I por ter sido achado na lixeira da primeira *villa*.

Vários fragmentos (n.ºs 48-53) de taças com bordo revirado e em forma de aba podem pertencer tanto ao tipo Isings 42 A como ao tipo 87. A sua cronologia deve caber dentro do período flaviano até fins do séc. n. Paralelos são três peças de Mulva, todas de sepulturas dos meados do séc. II (79), uma de Valdoca, duma sepultura da segunda metade do séc. II ou do séc. III (80) e duas de Conimbriga, de camadas remexidas (81). A última taça desta forma (n.º 53) é dum vidro ligeiramente tingido de verde maçã. Possivelmente tem cronologia um pouco mais baixa, apenas do séc. n ou mais tardia. São infelizmente todas achados residuais, associados com a construção da parte urbana da *villa* III (n.ºs 48, 49, 50, 52 e 53), e o enchimento da sala aquecida das termas (n.º 51).

Os n.ºs 54-58 também têm bordo revirado para fora; o bordo é todavia mais estreito. Todas estas peças foram ornadas com um fio

(74) RADDATZ, *Mulva*, I, n.º 5, sep. 13, p. 62, fig. 20-2.

(75) SILVA, *Alcácer do Sal*, p. 207.

(76) *Fouilles de Conimbriga*, VI, p. 186, 190, Est. XLI.

(77) ISINGS, *Dated finds*, p. 103.

(78) CHARLESWORTH, *Verulamium*, III, n.º 140, p. 158, fig. 65, 75; HARDEN, *Shakenoak*, II, n.º 112, p. 102, 104, fig. 44-55; HARDEN, *Karanis*, n.º 372, p. 144, Est. XV.

(79) RADDATZ, *Mulva*, n.º 7, sep. 9, p. 54, fig. 13; n.º lb, Sep. 10, p. 56, fig. 15-4; n.º 7, sep. 11, p. 59, fig. 17-8.

(80) ALARCÃO, *Valdoca*, n.º 11, sep. 5, p. 6-8, est. II.

(81) *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.ºs 165, 166, p. 186, 190, Est. XL.

de vidro no ombro ; enquanto as três primeiras têm pança tronco-cónica, as últimas duas conservam apenas o bordo, que aliás tem aspecto de pertencer a uma pança mais arredondada. Podíamos novamente classificá-las nos tipos Isings 42 ou 87; ou será que constituem variante da forma Isings 41 B, soprada em vidro incolor? ⁽⁸²⁾. De qualquer maneira, podemos datá-las da época flaviana ou do séc. II. Encontramos paralelos datados num grupo de taças de Gonimbriga, n.ºs 167-172, geralmente de camadas flavianas e trajanas ⁽⁸³⁾. Um bordo de Verulamium, igual aos n.ºs 57 e 58, dum estrato da primeira metade do séc. IV ⁽⁸⁴⁾. deve ter sido peça residual; pelo menos para as nossas taças, de vidro muito bom, fino e incolor, não podemos aceitar uma tal cronologia. Os n.ºs 54 e 58, da lixeira da primeira *villa*, são de cronologia mais alta; o n.º 55, contemporâneo da construção da segunda *villa*, ainda deve ter sido achado *in situ*, enquanto fragmentos residuais foram recolhidos no enchimento da sala aquecida das termas da *villa* II (n.º 56) e na construção da parte urbana da mesma *villa* (n.º 57).

FRAGMENTOS DECORADOS

Decoração incisa muito fina, num fragmento de forma indeterminável, n.º 59, encontra paralelos em Verulamium e Nida-Heddernheim. O primeiro data do séc. n ou m ⁽⁸⁵⁾. Welker atribui a este tipo de decoração incisa um *terminus ante quem* de 260 pelos mais tardar ⁽⁸⁶⁾.

Uma folha em barbotina, n.º 60, de fabrico muito perfeito e pormenorizado, pertencia provavelmente a um copo tipo Isings 86, do grupo «Flower and Bird» publicado por Barag. O autor sugere uma cronologia dos fins do séc. II e de todo o séc. m para esta decoração ⁽⁸⁷⁾. Não conhecemos um paralelo exacto para a folha de S. Cucufate. Um fragmento de Conimbriga é ainda o exemplo mais

⁽⁸²⁾ ISINGS, *Dated finds*, p. 57.

⁽⁸³⁾ *Fouilles de Conimbriga*, VI, p. 186, 190, Est. XL, XLI.

⁽⁸⁴⁾ CHARLESWORTH, *Verulamium*, III, n.º 135, p. 158, fig. 65-73.

⁽⁸⁵⁾ *Id.*, *Verulamium*, I, n.º 47, p. 208, fig. 77.

⁽⁸⁶⁾ WELKER, *Nida-Heddernheim*, II, n.º 87, p. 28-29, fig. 18.

⁽⁸⁷⁾ BARAG, «*Flower and Bird*», p. 66.

parecido ; todavia não mostra a nervura da própria folha, mas sim um padrão reticular ⁽⁸⁸⁾. Perguntamo-nos se esta folha poderá ser uma decoração moldada, para depois ser aplicada no próprio vaso. De Limburg existe um vaso com aplicações de conchas que Isings data dos fins do séc. m ⁽⁸⁹⁾. O n.º 60 é um achado associado à construção da *villa* III.

Um fragmento de decoração tipo «snake-thread», n.º 61, provavelmente fazia parte dum copo Isings 86. A decoração «snake-thread» está documentada em Conimbriga nas canalizações do foro flaviano e em camadas de destruição ⁽⁹⁰⁾. Geralmente, este tipo de copo data-se dos fins do séc. n e do séc. m.

É-nos impossível sugerir a forma original do fragmento n.º 62, com decoração aplicada. Trata-se de um fragmento chato, com meia-lua aplicada em vidro esbranquiçado. Apenas uma garrafa ou um frasco quadrado podia acomodar este caco. O vidro do próprio vaso, quase incolor, aponta para uma cronologia a partir do séc. n ; por outro lado, a aplicação de barbotina em cores diferentes foi usada a partir da idade antonina e durante o séc. m. A taça n.º 179 de Conimbriga também mostra uma decoração de barbotina, embora em forma de círculos de vidro incolor ⁽⁹¹⁾. A camada em que o fragmento residual, n.º 62, foi encontrado representa a destruição das casas 1 e 2 do sector rústico no enfiamento das termas.

O diâmetro (indeterminável com precisão) do fragmento facetado n.º 63 é largo demais para ter sido copo alto tipo Isings 21 ; talvez fosse uma taça arredondada ou prato covo. Este padrão de facetas enquadradas por linhas incisadas, de fabrico muito cuidado, encontra-se em dois vasos de Trier: o primeiro é um prato covo Isings 116, numa sepultura que também continha uma moeda de Cómodo; o outro é um achado avulso da forma Isings 96, do séc. iv⁽⁹²⁾. Também Clairmont publica duas peças, assim lapidadas, de

⁽⁸⁸⁾ *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.º 183, p. 188, 191, Est. XLI.

⁽⁸⁹⁾ ISINGS, *Limburg*, n.º 47, p. 18, 19, fig. 4.

⁽⁹⁰⁾ *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.ºs 185, 186, p. 188, 191, Est. XLI.

⁽⁹¹⁾ *IBID.*, VI, p. 187, 190 Est. XLI, XLVII.

⁽⁹²⁾ GOETHERT-POLASCHEK, *Trier*, n.º 65, p. 28, Est. 30; n.º 182, p. 54, Est. 38.

vidro incolor levemente tingido de verde. A cronologia dos fins do séc. II até inícios do século seguinte ⁽⁹³⁾ concorda largamente com a dum fragmento de Karanis do período C (inícios do séc. n até meados do séc. m) ⁽⁹⁴⁾. O séc. m talvez seja a cronologia mais indicada para o nosso fragmento de vidro incolor.

- 18 Taça soprada em molde, três fragmentos do bordo e da parede, dois dos quais se colam: 82 XIII-21/22 (3) cola com 82 XXIV 32 (3); muito boa qualidade de vidro, incolor; levemente corroído; diâm. 112 mm. Inv. n.º 56. Tipo Isings 81. Est. I.
- 19 *Id.*, fragmento do bordo e ombro; 81 XIV 18 (2) ; muito boa qualidade de vidro; com corrosão. Inv. n.º20. Est. I.
- 20 *Id.*, fragmento do bordo e da parede; 81 XII 28 (5); boa qualidade de vidro, quase incolor, ligeiramente tingido de verde ervilha, corrosão negra; diâm. 112 mm. Inv. n.º4. Est. I.
- 21 Copo, fragmento do pé alto, dobrado; 82 XIII 21/22 (3a), muito boa qualidade de vidro, incolor; picado e com irisão; diâm. do pé 54 mm. Inv. n.º91. Est. I.
- 22 Pé de cálice; 83 XIII 11/12 Banq. S. (3); muito boa qualidade de vidro, incolor; corrosão leitosa; diâm. 65 mm. Inv. n.º 135. Est. I.
- 28 *Id.*, 84 S 10 (1); muito boa qualidade de vidro, incolor; com corrosão e desfoliante; diâm. do pé 78 mm. Inv. n.º 149. Est. I.
- 24 *Id.*; 80 S 15 A (1); boa qualidade de vidro, incolor; leitoso e irisado; diâm. do pé 60 mm. Inv. n.º162. Est. I.
- 25 *Id.*, fragmento do pé anelar; 81 XII 22 (2) ; boa qualidade de vidro, tingido de verde ervilha; diâm. do pé 76 mm. Inv. n.º 41. Tipo Isings 87. Est. I.
- 26 *Id.*, fragmento do pé anelar maciço; 85 T 8 (2A); muito boa qualidade de vidro, incolor; irisão incipiente; diâm. do pé 50 mm. Inv. n.º 196. Tipo Isings 42. Est. I.
- 27 *Id.*, Boião?, fragmento do fundo; 83 Vili 27 Banq. S. (2); qualidade de vidro média, com fissuras, muito levemente tingido de verde musgo; diâm. do fundo 43 mm. Inv. n.º115. Est. I.
- 28 Copo cilíndrico, fragmento do bordo e da parede; 83 XIII 11/12 Banq. S. (4); muito boa qualidade de vidro, incolor; ligeiramente picado; diâm. 64 mm. Inv. n.º 122, relatório n.º 7. Est. II.
- 29 *id.*, fragmento do bordo e da parede; 80 III 33 (2); decoração de linhas incisas no bordo exterior; muito boa qualidade de vidro, incolor; levemente corroído; diâm. 64 mm. Inv. n.º 179. Est. II.
- 30 *id.*, fragmento do bordo e da parede; 84 XX 49 (4) ; muito boa qualidade de vidro, incolor; levemente picado e corroído; diâm. 79 mm. Inv. n.º 143, relatório n.º 28. Est. II.

Existe outro fragmento desta forma duma camada remexida.

⁽⁹³⁾ CLAIRMONT, *Dura-Europos*, n.ºs 275 e 278, p. 73-75, Est. XXVIII.

⁽⁹⁴⁾ HARDEN, *Karanis*, n.º 746, p. 248, Est. XX.

- 31 Taça campaniforme, dois fragmentos do bordo e da pança; 81 XIII 22 (3); decoração de linhas incisadas no bordo e ombro; muito boa qualidade de vidro, incolor; corrosão leitosa; diâm. 79 mm. Inv. n.º 11. Est. II.
- 32 *Id.*, fragmento do bordo e ombro; 82 XIII 11/12 (3); decoração de linhas incisadas no bordo e ombro, muito boa qualidade de vidro; incolor, picado e com corrosão leitosa; diâm. 122 mm. Inv. n.º 68. N. i.
Existe outro fragmento desta forma numa camada remexida.
- 38 Taça de parede recta e evasada, fragmento do bordo e da parede; 83 XIII 11/12 Banq. S. (5); decoração de linhas incisadas no ombro; muito boa qualidade de vidro, incolor; leitoso e levemente picado; diâm. c. 86 mm. Inv. n.º 113, relatório n.º 8, Est. II.
- 34 *Id.*, fragmento do bordo; 80 VIII 12 (4); muito boa qualidade de vidro, incolor; leitoso; diâm. 68 mm. Inv. n.º 167. N. i.
- 35 *Id.*, dois fragmentos do bordo e da parede; fora de estratigrafia; boa qualidade de vidro, incolor com algumas impurezas pretas muito pequenas; diâm. 72 mm. Inv. n.º 73. Est. II.
- 36 *Id.*, fragmento do bordo e da pança; 82 XIV 34 (2); muito boa qualidade de vidro, quase incolor; ligeiramente tingido de verde azeitona; levemente corroído. Inv. n.º 60. N. i.
Existe mais um fragmento desta forma numa camada remexida.
- 37 *Id.*, fragmento do bordo e da parede; 80 S 15 G (7); muito boa qualidade de vidro, incolor; picado, leitoso e com irisão. Inv. n.º 165, relatório n.º 18. Tipo Isings 96. N. i.
- 38 Taça de parede curva, fragmento do bordo e ombro; 82 XIV 34 (2); decoração de dois fios de vidro aplicados no bordo e ombro; boa qualidade de vidro, com uma fenda que atravessa a espessura da parede, quase incolor, ligeiramente tingido de verde oliveira; diâm. c. 90 mm. Inv. n.º 72. Est. II.
Existe outro fragmento desta forma numa camada remexida.
- 39 Taça ou copo com decoração de fio de vidro azul, fragmento do bordo e ombro; 84 XIV 22 Banq. S. (3); muito boa qualidade de vidro, incolor; picado. Inv. n.º 150. Est. II, VI.
- 40 Taça de bordo relativamente alto e tubular, fragmento do bordo e da parede; 86 S 3 (2 A); muito boa qualidade de vidro, incolor; picado, leitoso e irisado; diâm. 58 mm. Inv. n.º 203. Tipo Isings 44. Est. II.
- 41 Tigela de bordo revirado para dentro, fragmento do bordo e ombro; 81 XIV 3 (4); muito boa qualidade de vidro; incolor; picado e irisado na superfície interior e corroído no exterior; diâm. 118 mm. Inv. n.º 47, relatório n.º 24. Tipo Isings 85. Est. II.
- 42 Tigela de parede ligeiramente arredondada, fragmento do bordo e da parede; 81 XII 33 (3); muito boa qualidade de vidro, incolor; ligeiramente picado e corroído; diâm. 91 mm. Inv. n.º 33. Tipo Isings 85. Est. II.
- 43 *Id.* fragmento do bordo e ombro; 81 V A 6 (5); bordo interior e parede exterior polidos ao torno; vidro de qualidade média, quase incolor,

- ligeiramente tingido de verde azeitona; picado e com corrosão leve; diâm. c. 100 mm. Inv. n.º 17. Tipo Ising 85. N. i.
- 44 Taça de parede sinuosa, fragmento do bordo e da parede; 80 VIII 48 (3); muito boa qualidade de vidro, quase incolor; picado; diâm. c. 80 mm. Inv. n.º 171. Tipo Isings 85. Est. II.
Existem outros dois fragmentos desta forma de camadas remexidas.
- 45 Tigela sobre o cilíndrico; 79 IV 19 Banq. S.; bordo polido ao fogo e posteriormente ao torno, boa qualidade de vidro; riscado e com irisão; diâm. 112 mm. Inv. n.º 157, Tipo Isings 85. Est. II.
Existe outro fragmento desta forma de uma camada remexida.
- 46 Tigela com decoração repuxada, três fragmentos que não se unem; 83 X 22 (4); decoração de pérola(s) repuxada(s); boa qualidade de vidro, incolor; com corrosão e irisão leve; diâm. 92 mm. Inv. n.º 123, relatório n.º 27. Est. II.
- 47 Copo cilíndrico, fragmento do bordo e da parede; 83 XIII 11/1 Banq. S, (5); decoração de um fio de vidro no ombro; muito boa qualidade de vidro, incolor; corrosão incipiente; diâm. c. 70 mm. Inv. n.º 114, relatório n.º 9. Est. II.
- 48 Taça de bordo revirado em forma de aba, fragmento do bordo e ombro; 81 XIII 45/50 Banq.? (2); muito boa qualidade de vidro, incolor; levemente picado, leitoso; diâm. 114 mm. Inv. n.º 8. Tipo Isings 42 A/87. N. i.
- 49 *Id.*, dois fragmentos do bordo e da parede; 81 XIII 45/50 Banq.? (2); muito boa qualidade de vidro, incolor; leitosidade e irisão incipiente, levemente corroído; diâm. 106 mm. Inv. n.º 19. Tipo Isings 42 A/87. Est. II.
(Os n.ºs 48 e 49 pertencem a peças diferentes).
- 50 *Id.*, fragmento do bordo e da parede; 82 XIII 21/22 (2); muito boa qualidade de vidro, quase incolor, ligeiramente tingido de verde gelo; diâm. 121 mm. Inv. n.º 51. Tipo Isings 42 A/87. N. i.
- 51 *Id.*, fragmento do bordo e da parede; 80 S 15 B (7); decoração de um fio de vidro muito fino na pança; muito boa qualidade de vidro, incolor; leitoso e com irisão incipiente; diâm. 112 mm. Inv. n.º 159. Tipo Isings 42 A/87. Est. II.
- 52 *Id.*, fragmento do bordo; 80 XIII 44 (3); muito boa qualidade de vidro, incolor; leitoso e irisado; diâm. 126 mm. Inv. n.º 161. Tipo Isings 42 A/87, N. i.
- 58 *Id.*, fragmento do bordo; 82 XIII 21/22 (4); muito boa qualidade de vidro» quase incolor, ligeiramente tingido de verde maçã; irisado; diâm. 110 mm-Inv. n.º 77. Tipo Isings 42 A/87. N. i.
- 54 Taça tronco-cónica, fragmento minúsculo do bordo; 82 XIII 11/12 (5); decoração de um fio de vidro no ombro; muito boa qualidade de vidro, incolor; corrosão leve, leitosa. Inv. n.º 58, relatório n.º 3. Tipo Isings 42 A/87. N. i.

- 55 *Id.*, fragmento da pança; 83 XIII16/17 (3d) ; decoração de pelo menos três fios de vidro no ombro; muito boa qualidade de vidro, incolor; leitoso, irisado e muito picado; diâm. c. 70 mm. Inv. n.º 130, relatório n.º 10. Tipo Isings 42 A/87. Est. II.
- 56 *Id.*, fragmento do ombro; 80 S 15 B (4);: decoração de um fio de vidro no ombro; muito boa qualidade de vidro, incolor; leitoso irisado. Inv. n.º 163. Tipo Isings 42 A/87. N. i.
Existem outros três fragmentos desta forma numa camada remexida.
- 57 Taça de bordo revirado para o exterior, fragmento do bordo; 82 XIII 21/22 (2); decoração de um fio de vidro no bordo; muito boa qualidade de vidro, incolor; picado e irisado; diâm. c. 104 mm. Inv. n.º 62. Tipo Isings 42 A/87. Est. II.
- 58 *Id.*, três fragmentos do bordo que não se unem; 83 XIII 11/12 (5); muito boa qualidade de vidro, incolor; leitoso e picado; diâm. 74 mm. Inv. n.º 128, relatório n.º 6. Tipo Isings 42 A/87. Est. II.
Existe mais um exemplar, de uma camada remexida.
- 59 Taça com decoração incisa, fragmento da pança; 80 XIII 50 (1): muito boa qualidade de vidro, incolor; picado, leitoso e com corrosão. Inv. n.º 166. Est. III, VI.
- 60 Copo, folha de barbotina; 81 XIII 45/50 (2); decoração tipo «Flower and Bird»; muito boa qualidade de vidro, incolor; leitoso e irisado. Inv. n.º 46. Tipo Isings 86? Est. III, VI.
- 61 Copo com decoração tipo «snake-thread», fragmento do bojo; 82 XIII 21/22 (2b); decoração serpentiforme com padrão de linhas; muito boa qualidade de vidro, incolor; leitoso e com irisação incipiente. Inv. n.º 66. Tipo Isings 86. Est. III, VI.
Existe mais um pequeno fragmento com decoração tipo «snake-thread», este aliás liso, numa camada remexida.
- 62 Fragmento com meia lua aplicada em vidro esbranquiçado ; 81 XIV 13 (2); forma indeterminável (garrafa quadrada?) ; muito boa qualidade de vidro, quase incolor, muito levemente tingido de verde azeitona; ligeira corrosão. Inv. n.º 27. Est. III.
- 63 Prato ou tigela com decoração lapidada, fragmento da pança; 82 XIV 43 (1) ; boa qualidade de vidro, com uma fissura funda; leitoso e muito picado. Inv. n.º 89. Est. III, VI.

PRATOS

O pé moldado e alto n.º 64 pertencia, tal como os pratos a seguir, ao tipo Isings 80, da segunda metade do séc. n (95). Contudo,

(95) ISINGS, *Dated finds*, p. 96.

existem exemplares semelhantes em vidro tingido de verde (i. e. Vessberg «*Shallow bowl*», B-II-β) do séc. i ⁽⁹⁶⁾ ou dos fins daquele século até aos inícios do séc. n ⁽⁹⁷⁾, e exemplares incolores de camadas flavianas e trajânicas ⁽⁹⁸⁾. Assim, será mais prudente incluir também a época flaviana na cronologia destas peças. Isso concorda com a da lixeira da *villa* I, donde este fragmento foi retirado. Aliás, existem ainda mais dois fragmentos de fundos iguais encontrados na camada de sedimentos do tanque com *teminus post quem* de c. 360 (cf. inv. n.º 193, 84 T 7 (2) e inv. n.º 197, 85 T 8 (2 A)). O n.º 64 foi moldado em duas partes, a copa e o pé, que depois foram unidas. As duas camadas ainda são perceptíveis no fundo da peça.

O prato soprado em molde, n.º 65, com bordo em forma de aba, encontra vários paralelos em Conimbriga, um dos quais numa camada trajânica ("). Isings publica dois exemplares de Limburg encontrados numa sepultura do séc. n. Estes pratos têm o pé de argola alto como o nosso n.º 64 ⁽¹⁰⁰⁾. Também de Tipasa existe um prato paralelo do séc. II, embora de cor opalina ⁽¹⁰¹⁾. Outro exemplar, todavia mais fundo, foi encontrado em contexto dos fins do séc. i até inícios do séc. n. Trata-se do prato numa sepultura de Constância ⁽¹⁰²⁾. Price considera estes pratos de importação de Itália e de cronologia dos fins do séc. i até inícios do século seguinte ⁽¹⁰³⁾, o que está em concordância com o contexto arqueológico em que o n.º 65 foi encontrado: a construção da *villa* II, ou seja dos anos 130-150.

O tipo Isings 80 está classificado como «tigela». Pensamos, porém, que é legítimo incluir os pratos n.ºs 66-70 naquela forma. Trata-se de fragmentos de peças diferentes, todavia encontrados

⁽⁹⁶⁾ CLAIRMONT, *Dura Europos*, n.º 55-64, p. 18-20, Est. I.

⁽⁹⁷⁾ SILVA, *Alcácer do Sal*, n.º 323, p. 204-205, fig. 26.

^(98*) *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.ºs 112-115, p. 174, 181, Est. XXXVIII.

⁽⁹⁹⁾ *Ibid.*, VI, n.ºs 96, 97, p. 172, 180, Est. XXXVII.

⁽¹⁰⁰⁾ ISINGS, *Limburg*, n.ºs 138, 139, p. 78, fig. 17.

⁽¹⁰¹⁾ LANCEL, *Tipasa*, n.º 198, sep. 93, da necrópole de Porte de Césarée, p. 94, Est. IX, 3.

⁽¹⁰²⁾ ALARCÃO, *Constância*, n.º 3, p. 6, 8, fig. 6.

⁽¹⁰³⁾ PRICE, *Glass vessels in Southern Iberia*, p. 73, 80.

muito próximos uns dos outros. Isings coloca as tigelas tipo 80 na segunda metade do séc. n até aos inícios do séc. m ⁽¹⁰⁴⁾. Podemos contudo apontar uma peça de Alcácer do Sal dos fins do séc. i ou inícios do séc. seguinte ⁽¹⁰⁵⁾. Uma cronologia incluindo todo o séc. II e talvez os fins do século anterior será a mais indicada para a forma Isings 80, especialmente pelo facto de os nossos exemplares n.ºs 67 e 68 serem de uma camada contemporânea da construção da *villa* II, i. e. de c. 130-150.

Também podíamos considerar do tipo Isings 80 um prato soprado em molde e de bordo revirado para o exterior, n.º 71. Gompares-se com a forma do n.º 109 de Gonimbriga, onde exemplares parecidos foram recolhidos num cano do foro flaviano e em camadas mais tardias ⁽¹⁰⁶⁾. A respeito de outro paralelo de Alcácer do Sal, o autor declara que não deve ultrapassar o séc. m ⁽¹⁰⁷⁾. No entanto, propomos uma cronologia de fins do séc. i ou do séc. n para a forma, cronologia essa que concorda com a dos pratos acima descritos ; o n.º 71 é um dos primeiros deste fabrico, e foi recolhido na lixeira da *villa* I.

O n.º 72, semelhante aos pratos anteriores e também da forma Isings 80, embora de bordo boleado e parede arqueada, deve ter a cronologia do tipo genérico (fins do séc. i e séc. n). Parece ser um fragmento residual, pois apareceu numa camada da construção da *villa* III.

SOPRADOS

Os pés tubulares, n.ºs 73-75, pertencem aos tipos Isings 45 ou 97. O primeiro, do séc. i, é raro em vidro incolor, o último surge a partir dos fins do séc. II ⁽¹⁰⁸⁾. Sugerimos uma cronologia dos Flávios até fins do séc. m para estes fundos de pratos; assim, acompanham a dos pratos seguintes, aos quais podiam bem ter pertencido. O n.º 73 foi encontrado numa camada da construção da *villa* II (L. e de G. 130-

⁽¹⁰⁴⁾ ISINGS, *Dated finds*, p. 96.

⁽¹⁰⁵⁾ SILVA, *Alcácer do Sal*, n.º 328, p. 207, fig. 26 da camada C. 4.

⁽¹⁰⁶⁾ *Fouilles de Conimbriga*, VI, p. 173-174, Est. XXXVIII.

⁽¹⁰⁷⁾ ALARCÃO, *Alcácer do Sal*, n.º 4, p. 156, 162, Est. I.

⁽¹⁰⁸⁾ ISINGS, *Dated finds*, p. 60-61 ; 116-117.

-150) ; o n.º 74 em estrato contemporâneo da construção da *villa* III (c. 360), o n.º 75, no nível de sedimento do tanque (meados séc. iv até aos meados do séc. v).

Um prato covado (n.º 76), de bordo dobrado para o exterior e de parede sinuosa, deve classificar-se no tipo Isings 45, do período flaviano; mas a sua relação com a taça tipo 42 A não se pode negar ⁽¹⁰⁹⁾. Assim, pensamos que também o séc. II deve ser incluído na sua cronologia, especialmente levando a qualidade do vidro em consideração. Ou será ainda do séc. in, pois foi encontrado numa camada de construção da parte urbana da *villa* III.

Os pratos de bordo engrossado ao fogo, n.ºs 77-80, cabem dentro do mesmo tipo. Podemos confrontá-los com os pratos de Conimbriga n.ºs 159-161, datados pelo autor dos sécs. n e m; um deles, o n.º 159, foi encontrado na canalização do foro flaviano ^(110*). Uma cronologia dos ñs do séc. i até aos inícios do séc. m será a mais conveniente para este grupo de pratos e um pratedel (n.º 78). O n.º 80 é de vidro ligeiramente tingido de verde musgo; possivelmente tem uma datação mais baixa, i. e. no séc. n ou m. Três destas peças (n.ºs 77, 78 e 80) foram encontradas em camadas associadas com a construção da parte urbana da *villa* III.

Também podemos incluir o n.º 81 no mesmo tipo genérico. Trata-se de um prato com bordo de aba ondulado, tipo Isings 97, datado pela autora dos fins do séc. n ou do século seguinte. No entanto, Isings publica uma tigela da forma 42 A com bordo muito parecido e atribue-lhe uma cronologia a partir dos fins do séc. i ^(m). Um bordo ondulado semelhante, este igualmente numa tigela Isings 42 A, foi recolhido numa necrópole da época flávio-severiana em Tipasa ⁽¹¹²⁾; de época flaviana ou dos inícios do séc. n é a lixeira da primeira *villa* donde foi retirado o n.º 81.

O prato de bordo dobrado por baixo, n.º 82, pode ser classificado no grupo Vessberg «shallow bowl» B-II-a, com um

⁽¹⁰⁹⁾ ID., *ibid.*, p. 58-59; para a cronologia desta forma, Flávios-séc. n, veja também LITH, *Asciburgum*, p. 247.

^(nº) *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.º 159-161, p. 185, 189-190, Est. XL.

^(m) ISINGS, *Limburg*, n.º 46, p. 8, fig. 12.6.

⁽¹¹²⁾ LANCEL, *Tipasa*, n.º 180, p. 90, Est. IX. 2; da necrópole de Porte de Gésaréc.

exemplar documentado de c. 300 ⁽¹¹³⁾. O feitio do bordo, mais uma vez, pode ser confrontado com o da forma Isings 42 A, da época flaviana e do séc. n ⁽¹¹⁴⁾.

- 64 Prato soprado em molde, fragmento do pé; 82 XIII 11/12 (5); muito boa qualidade de vidro, incolor; leitoso, picado e com irisão e corrosão incipiente; diâm. c. 110 mm., alt. do pé 19 mm. Inv. n.º 57, relatório n.º 2. Tipo Isings 80, Est. III.

Existem mais três fragmentos de pés semelhantes de camadas remexidas, com diâm. de c. 80mm., 139 mm. e 140 mm. Altura dos últimos dois 18 mm.

- 65 Prato soprado em molde, bordo em forma de aba, cinco fragmentos que não se unem, do bordo, pança e fundo; 82 XIII 16/17 (3); boa qualidade de vidro, quase incolor, muito ligeiramente tingido de verde azeitona; leitoso devido a uma corrosão ligeira; diâm. 208 mm. Inv. n.º 100. Est. III.

Os seguintes 5 fragmentos representam peças diferentes; foram todavia encontrados muito próximos uns dos outros.

- 66 Prato soprado em molde, de bordo recto e decorado com sulco, fragmento do bordo; 82 XIII 16/17 Banq. E (?); muito boa qualidade de vidro, incolor; muito picado e leitoso. Diâm. c. 190 mm. Inv. n.º 63. Tipo Isings 80. N. i.

- 67 *Id.*, fragmento do bordo; 82 XIII 16/17 (3); muito boa qualidade de vidro, incolor; leitoso e picado; diâm. c. 180 mm. Inv. n.º 88. Tipo Isings 80. Est. III.

- 68 *Id.*, fragmento do bordo; 82 XIII 16/17 (3); decoração de um sulco fino, na parte superior do lábio; muito boa qualidade de vidro, incolor; irisão e ligeiramente picado; diâm. c. 180 mm. Inv. n.º 94. Tipo Isings 80. N. i.

- 69 *Id.*, fragmento do bordo; 83 XIII 16/17 Banq. S. (3b); decoração de um sulco fino na parte superior do lábio; muito boa qualidade de vidro, incolor; leitoso, picado e com irisão; diâm. 224 mm. Inv. n.º 104. Tipo Isings 80. N. i.

- 70 *Id.*, fragmento do bordo; 83 XIII 11/12 Banq. S. (3); decoração de uma ranhura fina na parte superior do lábio; muito boa qualidade de vidro, incolor; leitoso e picado. Inv. n.º 108. Tipo Isings 80. N. i.

Existem mais três fragmentos desta forma de camadas remexidas, dois deles com diâm. c. 240 mm.

⁽¹¹³⁾ VESSBERG, *Cyprus*, p. 129, 132, 196, fig. 42-10-13.

⁽¹¹⁴⁾ ISINGS, *Dated finds*, p. 58.

- 71 Prato de bordo revirado para o exterior, soprado em molde, fragmento do bordo; 83 XIII 11/12 (5); muito boa qualidade de vidro, incolor; leitoso, picado e com corrosão incipiente; diâm. c. 220 mm. Inv. n.º 103, relatório n.º4. Tipo Isings 80. Est. III.
- 72 Prato de bordo boleado, soprado em molde, fragmento do bordo e da parede; 81 XIII 22 (3); muito boa qualidade de vidro, incolor; picado e com irisão incipiente. Inv. n.º 10. Tipo Isings 80. Est. III.
- 78 Prato, fragmento do pé; 83 XIII 16/17 Banq. S. (3b); muito boa qualidade de vidro, incolor; leitoso, ligeiramente picado; diâm. do pé 158 mm., alt. do pé 7 mm. Inv. n.º 101. Tipo Isings 45 ou 97. Est. III.
- 74 *Id.*, fragmento do pé; 80 XIII 44 (3); muito boa qualidade de vidro, incolor; leitoso e ligeiramente picado; diâm. do pé 220 mm., alt. do pé 11 mm. Inv. n.º160. Tipo Isings 45 ou 97. N. i.
- 75 *Id.*, fragmento do pé tubular; 85 T 9 (2) : boa qualidade de vidro, incolor; diâm. do pé c. 100 mm. Tipo Isings 45 ou 97. Est. III.
Existe mais um fragmento semelhante com diâm. de c. 100 mm.,
duma camada remexida.
- 76 Prato covo de bordo dobrado para o exterior, fragmento do bordo e da parede; 82 XIII 21/22 (3); bordo e parede polidos ao torno; muito boa qualidade de vidro, incolor; leitoso, picado e com irisão incipiente; diâm. c. 140 mm. Inv. n.º81. Tipo Isings 45. Est. III.
Existe mais um fragmento semelhante com diâm. c. 180 mm.,
duma camada remexida.
- 77 Prato de bordo boleado, fragmento do bordo; 82 XIII 6/7 Banq. E (3); muito boa qualidade de vidro, incolor; ligeiramente picado, irisado; diâm. c. 230 mm. Inv. n.º 65. N. i.
- 78 Pratel, fragmento do bordo dum prato covo; 82 XIII 6/7 (3); muito boa qualidade de vidro, incolor; ligeiramente picado e irisado; diâm. 122 mm. Inv. n.º 82. N. i.
Existem mais dois exemplares desta forma, de camadas remexidas.
- 79 *Id.*, fragmento do bordo; 81 VIII 17 (1); boa qualidade de vidro; leitoso e com corrosão. Inv. n.º 32. Est. III.
- 80 *Id.*, fragmento do bordo; 81 XIII 45/50 (2); sobarba polida ao torno; boa qualidade de vidro; incolor, muito levemente tingido de verde musgo; ligeiramente irisado e picado; diâm. c. 160 mm. Inv. n.º 48. Est. III.
Existem mais cinco fragmentos de pratos semelhantes com diâm.
entre c. 140 e 175 mm.
- 81 Prato de bordo de aba ondulada, fragmento do bordo; 82 X11111/12(6); muito boa qualidade de vidro, incolor; ligeiramente picado e com irisão incipiente; diâm. c. 230 mm. Inv. n.º 87, relatório n.º 5. Tipo Isings 97. Est. III.

- 82 Prato de bordo dobrado para baixo, fragmento do bordo; 83 XIII 6/7 Banq. S. (1); boa qualidade de vidro; leitoso e picado; diâm. c. 320 mm. Inv. n.º 116. Est. III.

Existe mais um prato desta forma com diâm. de c. 240 mm., numa camada remexida.

GARRAFAS E FRASCOS

Surgiram três fragmentos de garrafas ou frascos quadrados (n.ºs 83-85), tipo Isings 50 ou 62, em vidro incolor. A sua cronologia deve acompanhar a dos exemplares de vidro verde-gelo, dos fins do séc. I até aos inícios do séc. III. O contexto arqueológico em que foram encontrados vai da destruição do edifício A na parte rústica meridional (*terminus ante quem* de 130/150, n.º 85) até à destruição da sala 14 da parte rústica oriental a sul do lagar (meados do séc. V, n.º 84).

Não nos foi possível determinar a forma exacta destas peças. A forma quadrada parece ser muito rara em vidro incolor. Em Chipre encontramos uma garrafa pequena quadrada de vidro «incolor/verde-gelo» ⁽¹¹⁵⁾, enquanto Price apresenta vários exemplares, igualmente do Oriente ⁽¹¹⁶⁾. Quanto aos frascos tipo Ising 62, somente encontramos um paralelo na bibliografia ao nosso alcance, este de Conimbriga, em vidro «légèrément fumé» dum estrato trajânico ⁽¹¹⁷⁾. Se o facto de as peças serem sopradas, em lugar de sopradas em molde (método mais vulgar para fazer formas quadradas), tem consequências cronológicas, ainda é cedo para o dizer, dada a carência de paralelos.

- 83 Garrafa quadrada, fragmento de fundo; 81 XIII 16/17 (5); boa qualidade de vidro, quase incolor, muito levemente tingido de verde sombrio; riscado pelo uso e irisado. Inv. n.º 2. Tipo Isings 50 ou 62. N. i.
- 84 *Id.*, fragmento do fundo; 84 V 10/6 Banq. SW. /V A 6 Banq. S. (3); decoração de círculos concêntricos no fundo exterior; boa qualidade de vidro, quase incolor, muito levemente tingido de verde musgo; corrosão acastanhada. Inv. n.º 145. Tipo Isings 50 ou 62. N. i.

⁽¹¹⁵⁾ VESSBERG, *Cyprus*, jug A-IV-a, n.º de inv. 1540, p. 149, fig. 74-5.

⁽¹¹⁶⁾ PRICE, *Roman square bottles*, p. 32.

⁽¹¹⁷⁾ *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.º 80, p. 170, 179, Est. XXXVI.

- 85 *Id.*, fragmento do fundo; 84 X 3 Banq. S. (2/3) ; qualidade de vidro média, incolor; leitoso e muito picado. Inv. n.º 153, relatório n.º 26. Tipo Isings 50 ou 62. Est. IV.

BOIÕES E UNGUENTÁRIOS

Dois unguentários, com forma de boião (n.ºs 86 e 87), de bordo dobrado sobre si, são do tipo muito comum Isings 68, e por isso essencialmente do séc. n (118). O n.º 86, achado residual, provém duma camada de construção da *villa* III, o n.º 87, duma camada dos anos 130/150 até fins do séc. n no sector rústico meridional.

Dois boiões, n.ºs 88 e 89, têm bordo revirado para fora e de arestas vivas, essencialmente diferente do bordo dobrado da forma Isings 68. Consequentemente, preferimos classificá-los como uma variante, de tamanho reduzido, do tipo Isings 94, que aparece na sua maioria durante a época flaviana e o séc. n (119). O n.º 89, da lixeira da primeira *villa*, data dos fins do séc. I.

Muito parecido com estas últimas duas peças é o n.º 90, este todavia de bordo polido ao torno e decorado com ranhuras incisas. A inclinação da parede dá ideia de que a pança podia ter sido menos arredondada, antes semelhante ao copo tipo xiii-6 de Verulamium (120). Dois fragmentos deste tipo foram encontrados em camadas de 150-155/160 e 270-275. Tanto de Verulamium, como de Fishbourne, estão documentados mais exemplares semelhantes: de c. 170-180 (121) e dum período mais extenso, ou seja de c. 100-270 (122). A nosso ver, este não nos obriga a estender a cronologia destes boiões para abranger a primeira metade do séc. m; incluir ao menos os inícios deste século será todavia o mais prudente, especialmente porque o fragmento fazia parte duma camada relacionada com a construção da parte urbana da *villa* III.

(118) ISINGS, *Dated finds*, p. 88-89.

(119) *Id.*, *Ibid.*, p. III; WELKER, *Nida-Heddernheim*, I, n.º 297, p. 119-121, Est. 17.

(120) CHARLESWORTH, *Verulamium*, I, p. 206, 208, fig. 77.46.

(121) *Id.*, *Verulamium*, III, n.º 95, p. 155, fig. 63.47.

(122) HARDEN, *Fishbourne*, n.º 56, p. 347, fig. 140.

- 86 Unguentário, fragmento do bordo e ombro; 81 XIII 23 (4); qualidade de vidro média, tingido de verde musgo; ligeiramente picado; diâm. 34 mm. Inv. n.º 26. Tipo Isings 68. Est. IV.
- 87 *Id.*; fragmento do bordo e ombro; 82 X 27 (2); boa qualidade de vidro, incolor; muito ligeiramente riscado; diâm. c. 43 mm. Inv. n.º 67. Tipo Isings 68. N. i.
- Existe mais um fragmento dum unguentário desta forma numa camada remexida.
- 88 Boião, fragmento do bojo e ombro; 81 XIII 48 / XIV 3 Banq. N. (4); qualidade de vidro invisível devido à corrosão negra; quase incolor, ligeiramente tingido de verde sombrio. Inv. n.º 34. Tipo Isings 94. N. i.
- 89 *Id.*, fragmento do bordo e ombro; 82 XIII 11/12 (5); bordo de arestas vivas, polido ao torno; muito boa qualidade de vidro, incolor; leitoso e muito picado; diâm. 59 mm. Inv. n.º 53, relatório n.º 1. Tipo Isings 94, Est. IV.
- 90 *Id.*, fragmento do bordo; 82 XIII 21/22 (4); bordo de arestas vivas, polido ao torno; decoração de linhas incisadas na sobarba; boa qualidade de vidro, com uma fenda em toda a espessura da parede, incolor; ligeiramente picado e irisado; diâm. c. 70 mm. Inv. n.º 80. Est. IV.

VIDRO VERDE

As peças de vidro verde de S. Cucufate constituem um conjunto muito mais homogêneo que o de vidro incolor. E proporcionalmente menor o número de formas representadas, mesmo levando em conta a reduzida quantidade de fragmentos (um total de 96, contra 165). Enquanto a grande variedade das taças e pratos de vidro incolor atesta uma habilidade artesanal invulgar, as presentes peças de vidro verde têm aspecto de um fabrico em série; as variantes que existem quase sempre fazem parte de uma tipologia muito reduzida (i. e. taças Isings 96, pratos Isings 116 ou 117). Desta falta de diferenças significativas resulta que as formas, em geral, têm sobrevivência longa, mas também que as cronologias latas já não impõem a busca de muitos paralelos.

Temos que chamar a atenção para o facto de, na sua quase totalidade, os fragmentos de vidro verde de camadas não remexidas terem aparecido em estratos relacionados com a construção, ocupação ou destruição da última *villa*, por outras palavras, dum período entre c. 360 e os meados do séc. v. Apenas uma taça (n.º 103), um prato (n.º 118), e três fragmentos de formas inde-

termináveis (Inv. n.º 286, 80 III 23 (2), provavelmente numa taça; n.ºs 287 e 288, ambos da camada 80 III 38 (2), e ambos fragmentos de pratos) podem relacionar-se com a destruição da *villa* II que igualmente data dos meados do séc. iv. Não temos um único fragmento de vidro verde a que possamos atribuir uma cronologia mais alta.

TAÇAS E COPOS

Um fragmento dum pé de cálice, n.º 91, pode bem ser da forma Isings 112, dos fins do séc. iii e do séc. iv⁽¹²³⁾.

O n.º 92 é um fragmento do pé dum copo Isings 109, provavelmente do séc. iv ou posterior⁽¹²⁴⁾.

O fundo numa lâmpada, n.º 93, encontra paralelos em Conimbriga, em estratos da segunda metade do séc. iv e do séc. v⁽¹²⁵⁾. O tipo, eventualmente, já começou a ser usado nos inícios do séc. iv⁽¹²⁶⁾ e perdurou até ao séc. vii⁽¹²⁷⁾.

BORDO DE ARESTAS VIVAS

Todas as taças de vidro verde de camadas não remexidas de S. Cucufate têm bordo de arestas vivas; quase todas podem ser classificadas ou são ao menos aparentadas com o tipo 96 de Isings. Existem ligeiras divergências nos pormenores da forma do bordo ou curvatura da parede, mas estes pormenores não são relevantes em termos da cronologia, que começa na segunda metade ou nos fins do séc. iii, tem o seu período de expansão durante o séc. iv e, pelo menos em Marselha, continuava na primeira metade do séc. seguinte⁽¹²⁸⁾. As taças desta forma de S. Cucufate apareceram

⁽¹²³⁾ ISINGS, *Dated finds*, p. 141.

⁽¹²⁴⁾ *Id.*, *Ibid.*, p. 136-138.

⁽¹²⁵⁾ *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.ºs 229 e 230, p. 196, 202, Est. XLIII.

⁽¹²⁶⁾ ALARCÃO, *Vidros de Conimbriga*, n.ºs 250, 252, 253, p. 131-133, Est. X.

⁽¹²⁷⁾ FOY, *Marseille*, n.º 111, do período 2 B, fase 3/4, p. 290, fig. 4.

⁽¹²⁸⁾ ISINGS, *Dated finds*, p. 113-116; FOY, *Marseille*, n.ºs 1-7 do período 1, p. 290, fig. 1.

apenas em estratos ligados à época da última *villa*, ou seja, a partir dos meados do séc. iv; faltam por completo nos estratos associados à *villa* II.

O primeiro grupo, taças de copa arqueada, bordo em forma de S, n.ºs 94 e 95, do tipo Isings 96, pode confrontar-se com taças de Trier dos inícios até meados do séc. IV⁽¹²⁹⁾. Também a necrópole de Krefeld Gellep deu várias taças deste tipo em sepulturas datadas: uma, dos anos a seguir a 337; outra, da primeira metade do séc. IV⁽¹³⁰⁾. Finalmente, podemos citar um exemplar de Mulva dos meados do mesmo séc.⁽¹³¹⁾. Estas taças também existem com base côncava ou pé de argola numa necrópole dos fins do séc. iv até o séc. v no Luxemburgo⁽¹³²⁾. A posição estratigráfica do fragmento n.º 94 foi provavelmente mal observada; este vidro não terá sido achado na camada (4), que corresponde à primeira época do sector rústico no enfiamento das termas. O n.º 95 provém da destruição das termas da *villa* III.

A taça n.º 96 mostra a parede sensivelmente mais bulbosa, mas, apesar disso, pensamos que é ainda classificável, como o grupo anterior, no tipo Isings 96. Encontra paralelo em Trier, também nos inícios ou meados do séc. iv⁽¹³³⁾, e vários em Maastricht, estes associados com material do séc. iv⁽¹³⁴⁾.

Mais numeroso é um grupo de taças tronco-cónicas, de parede muito evasada, n.ºs 97-102. Talvez seja mais prudente classificá-las apenas «aparentadas» com Ising 96. Não diferem muito, porém, do tipo anterior, e a sua cronologia igualmente não pode ser muito divergente. De Gonimbriga, a peça mais parecida é o n.º 102, datada por Alarcão no séc. iv por comparação com um grupo de taças de Wint Hill⁽¹³⁵⁾. De Tournai, podemos citar um paralelo de datação mal definida («Baixo Império»), que mostra

⁽¹²⁹⁾ GOETHERT-POLASCHEK, *Trier*, n.ºs 169 e 172 da forma 49a, p. 50-59, Est. 38.

⁽¹³⁰⁾ PIRLING, *Krefeld Gellep*, n.º 10, sep. 147, p. 29, Est. 17.2; *Id.*, *Neue Funde aus Krefeld Gellep*, n.º 4, sep. 2907, p. 37, fig. 6.

⁽¹³¹⁾ RADDATZ, *Mulva*, I, n.º 1, sep. 2, p. 39, 48-49, fig. 7.

⁽¹³²⁾ WILHELM, *Luxembourg*, n.ºs 96, p. 25-26, 77; n.º 101, p. 26, 82.

⁽¹³³⁾ GOETHERT-POLASCHEK, *Trier*, n.º 156, p. 50, Est. 38.

⁽¹³⁴⁾ LITH, *Maastricht*, n.ºs 5 e 6, p. 52, figs. 3 e 4.

⁽¹³⁵⁾ *Fouilles de Conimbriga*, VI, p. 194.

uma variedade desta forma com pé tubular alto⁽¹³⁶⁾. Os n.ºs 97-99, 101 e 102 são todos de estratos contemporâneos da construção da *villa* III, ou seja, de c. 360 d. C. O n.º 100 foi encontrado nas cinzas do *praefurnium* daquela *villa*. Para melhor dizer, trata-se de vidros do período entre c. 360 e meados do séc. v.

O terceiro e último grupo desta forma, n.ºs 103-107, consiste em taças ou copos de parede mais aprumada, até cilíndrica, do tipo Isings 96. Dada a exiguidade dos fragmentos, devemos considerar a possibilidade de um ou mais deles pertencerem a um copo alto ou lâmpada tipo Isings 106 B, que a autora data da segunda metade do séc. iv ⁽¹³⁸⁾. Alarcão formula a hipótese de que esta forma menos cónica seja mais divulgada no norte da Europa, enquanto as taças cónicas (n.ºs 97-102) teriam sido de preferência usadas na Lusitânia e possivelmente em toda a bacia mediterrânica ⁽¹³⁹⁾. O autor data um exemplar encontrado em Conimbriga, aliás, fora de estratigrafia, do séc. iv e, possivelmente, incluindo o séc. v ⁽¹⁴⁰⁾. Na verdade, uma taça parecida apareceu num estrato da segunda metade do séc. v em Marselha ⁽¹⁴¹⁾. Harden considera esta forma já existente no princípio do séc. iv e até comum a partir do reinado de Constantino ⁽¹⁴²⁾. Contudo temos que tomar em conta que os n.ºs 103 e 105 estavam associados a material da destruição da *villa* II e da construção da *villa* III, i. e. a partir de c. 360. O n.º 104 vem duma camada que representa a utilização da sala 2 do sector rústico oriental.

BORDO POLIDO

O bordo polido do n.º 108 pode ser indicação dum fabrico nos primeiros anos da forma Isings 96 ⁽¹⁴³⁾, ou seja, na segunda metade

⁽¹³⁶⁾ ISINGS, *Dated finds*, tipo 108, p. 134-135.

⁽¹³⁷⁾ BRULET, *Tournai*, n.º 4, sep. 16, p. 39, 66, Est. 8.

⁽¹³⁸⁾ ISINGS, *Dated finds*, p. 113-114, 126-127.

⁽¹³⁹⁾ ALARCÃO, *Alentejo*, p. 104.

⁽¹⁴⁰⁾ *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.º 225, p. 195-196, 202, Est. XLIII.

⁽¹⁴¹⁾ FOY, *Marseille*, n.º 50, do período 2 A, phase 2, p. 290, fig. 3.

⁽¹⁴²⁾ HARDEN, *Karanis*, p. 156.

⁽¹⁴³⁾ ISINGS, *Dated finds*, p. 113-116.

do séc. in, anterior às taças que acabamos de examinar. Em contrapartida, também é possível que represente o fabrico mais cuidadoso verificável desde os fins do séc. iv, depois duma produção inferior durante o decorrer deste séc. .

- 91 Cálice, fragmento do pé; 80 S 14 F (2); vidro de boa qualidade, verde sombrio; picado e com irisão. Inv. n.º 183. Tipo Isings 112? Est. IY.
- 92 Copo, fragmento do pé; 86 S 7 (1); vidro de qualidade média, tingido de verde musgo; diâm. 62 mm. Inv. n.º 207. Tipo Isings 109 A. Est. IY.
- 93 Fundo de lâmpada em forma de copo alto; 84 XIV 21 Banq. E (2) ; vidro de qualidade média, verde sombrio ; picado e com irisão incipiente. Tipo Isings 106 D. Est. IV.
- 94 Taça, fragmento do bordo e da parede; 81 XIV 13 (4); sobarba ligeiramente polida ao torno; vidro de boa qualidade, tingido de verde musgo; riscado; diâm. c. 100 mm. Inv. n.º 30. Tipo Isings 96. Est. IV.
- 95 Tacinha, fragmento do bordo e da parede; 81 XIII 43/48 (3) ; vidro de boa qualidade, tingido de verde musgo; embaciado do lado exterior devido à corrosão, diâm. 62 mm. Inv. n.º 37. Tipo Isings 96. Est. IV.
- 96 Taça, fragmento do bordo e da parede; 84, fora de estratigrafia; vidro de boa qualidade, tingido de verde musgo. Inv. n.º 144. Tipo Isings 96. Est. IV.
- Existem mais dois exemplares desta forma, um deles com c. 90 mm. de diâm.
- 97 *id.*, fragmento do bordo e da parede; 81 VIII 17 (3); qualidade de vidro muito boa, verde musgo; embaciado devido a estar muito picado. Inv. n.º 12. Aparentada com o tipo Isings 96. N. i.
- 98 *id.*, fragmento do bordo e da parede; 81 XIII 44/49 (4); bordo biselado e polido ao torno no exterior; boa qualidade de vidro, com algumas impurezas muito pequenas, verde ervilha; riscado e irisado, com uma área de corrosão acastanhada; diâm. 126 mm. Inv. n.º 9, relatório n.º 16. Aparentada com o tipo Isings 96. Est. IV.
- 99 *id.*, dois fragmentos do bordo e da parede; 81 XIII 48 / XIV 3 (4) ; bordo polido ao torno do lado exterior; boa qualidade de vidro, verde ervilha; irisado e com uma área de corrosão negra; diâm. c. 110 mm. Inv. n.º 15. Aparentada com o tipo Isings 96. Est. IV.
- 100 *id.*, fragmento do bordo; 81 XIV 3 (7); bordo biselado, polido ao torno do lado exterior; qualidade de vidro média, verde azeitona; ligeiramente riscado pelo uso ; diâm. 129 mm. Inv. n.º 35, relatório n.º 23. Aparentada com o tipo Isings 96. N. i.

- 101 *Id.*, fragmento do bordo e da parede; 80 Vili 36 (3) ; bordo biselado; qualidade de vidro média, verde musgo; riscado pelo uso; diâm. 118 mm. Inv. n.º 14. Aparentada com o tipo Isings 96. N. i.
- 102 *Id.*, fragmento do bordo e da parede; 80 Vili 41 (4); qualidade de vidro média, verde musgo, riscado pelo uso. Inv. n.º 178, relatório n.º 15. Aparentada com o tipo Isings 96. N. i.
Existem mais dois exemplares desta forma, um deles com c. 120 mm. de diâm.
- 103 *Id.*, fragmento do bordo e da parede; 81 XIII 48 / XIV 3 (4) ; qualidade de vidro média, verde sombrio; ligeiramente picado e riscado; diâm. 81 mm. Inv. n.º 49. Tipo Isings 96/106. Est. IV.
- 104 *Id.*, fragmento do bordo e ombro; 82 IV 40 Banq. E. (3); boa qualidade de vidro, com alguns pontinhos negros; verde musgo, embaciado do lado exterior pela corrosão incipiente; diâm. c. 90 mm. Inv. n.º 92, relatório n.º 32. Tipo Isings 96/106. Est. IV.
- 105 *Id.*, fragmento do bordo; 83 XIII1/2 Banq. S. (1/2); bordo polido ao torno do lado exterior; qualidade de vidro média, verde musgo; irisado; diâm. c. 88 mm. Inv. n.º 134. Tipo Isings 96/106. N. i.
- 106 *Id.*, fragmento do bordo; 80 III 32 Banq. ? (2); qualidade de vidro média, verde musgo; ligeiramente picado; diâm. 108 mm. Inv. n.º 175. Tipo Isings 96/106. N. i.
Existe mais um exemplar desta forma com 91 mm. de diâm.
- 107 *Id.*, fragmento do bordo e da parede; 82 XIV 25 (3) ; verde ervilha; diâm. 112 mm. Inv. n.º 83. Tipo Isings 96/106. Est. IV.
Existem mais dois exemplares desta forma, um deles com 112 mm. de diâm.
- 108 *Id.*, fragmento do bordo; 81 VIII-17 (2), tingido de verde musgo; diâm. c. 90 mm. Inv. n.º 16. Tipo Isings 96. Est. IV.

PRATOS

Os pratos de vidro verde podem ser divididos de acordo com a tipologia de Isings. De camadas não remexidas existem oito fragmentos de pratos pouco fundos do tipo Isings 116 e dez de pratos covos que devem caber no tipo Isings 117. Em qualquer dos dois grupos há uma nítida maioria de pratos de bordo polido ao fogo, embora se encontrem também exemplares cujo bordo não foi assim acabado. Os bordos de arestas vivas encontram-se com mais

frequência no séc. vi ; já durante o decorrer daquele século podemos ver um melhoramento na técnica dos ateliers, o que se traduz, entre outros pormenores, num polimento do bordo ao fogo. Por isso, pensamos que, geralmente, as peças de arestas vivas devem antedatar as de bordo polido.

BORDO DE ARESTAS VIVAS

Pratos da forma Isings 116 podem ter parede de carena arredondada, n.ºs 109-112, ou hemisférica, n.ºs 113 e 114. A cronologia das peças lisas, proposta por Isings, vai da segunda metade do séc. iv até aos inícios do séc. v ou ainda até mais tarde, enquanto Harden sugere uma datação a partir dos fins do séc. m para as peças com decoração gravada ⁽¹⁴⁴⁾. Na realidade, dois dos nossos pratos (n.ºs 109 e 111) foram encontradas em estratos da construção da *villa* III com *terminus post quem* de c. 360 e os outros dois provêm de camadas de destruição das termas; pelo menos em S. Cucufate, esta forma não deve antedatar os meados do séc. iv. Esta é a forma que muitas vezes foi decorada com cenas gravadas, e de facto temos um fragmento pequeno ornado com volutas gravadas proveniente duma camada remexida (n.º 125). Os n.ºs 113 e 114 parecem duma variante pouco funda e relativamente rara do tipo Isings 116. Está documentada num *villa* de Trier da segunda metade do séc. iv, enquanto Harden data vários exemplares com decoração gravada da primeira metade daquele século ⁽¹⁴⁵⁾. Finalmente, um prato semelhante de Krefeld-Gellep tem *terminus post quem* de 341 d. C. ⁽¹⁴⁶⁾. O n.º 113 é duma camada de destruição das termas; on.º 114, da utilização da sala 2 do sector rústico oriental.

⁽¹⁴⁴⁾ ID., *Ibid.*, p. 143-144; HARDEN, *Masterpieces of glass*, n.ºs 95, 96, p. 72-74.

⁽¹⁴⁵⁾ GOETHERT-POLASCHEK, *Trier*, n.ºs 61-63, p. 27-28, 349, fig. 6; HARDEN, *Glass of the Caesars*, n.ºs 117 e 119, p. 210-212, 214-215.

⁽¹⁴⁶⁾ PIRLING, *Neue Funde de Krefeld-Gellep*, n.º 2 da sep. 3040, p. 39, fig. 85.

BORDO POLIDO OU DE ARESTAS VIVAS

Na escavação da *villa* de S. Cucufate encontraram-se dez fragmentos de pratos covos, tipo Isings 117, aliás provavelmente todos duma variante lisa isenta das depressões típicas daquela forma. É conhecida tanto com bordo de arestas vivas (n.^{os} 115 e 116), como com bordo polido ao fogo (n.^{os} 117-120). Os pratos de bordo polido, de um modo geral, mostram-se ligeiramente boleados no interior. O polimento podia apontar para uma cronologia a partir dos meados do séc. iv e no séc. v, enquanto os outros porventura começaram um pouco mais cedo, i. e., nos fins do séc. m, e não continuaram além do séc. iv ⁽¹⁴⁷⁾. Em Marselha, a quase totalidade dos pratos de arestas vivas data da primeira metade do séc. v; todavia, ainda na segunda metade do séc. vii se encontra um exemplar de bordo deste tipo ⁽¹⁴⁸⁾. Para uma explicação concisa sobre os pratos desta forma veja *Fouilles de Conimbriga*, VI, p. 193-196. São todos fragmentos associados com a destruição da *villa* II (n.^o 118) ou com a construção, utilização e destruição da *villa* III, i. e. do período a partir de c. 360 até inícios do séc. v. Temos dois (n.^{os} 115 e 119) da época de utilização e destruição da sala 2 do sector rústico orientai, e um de uma camada de destruição do lagar (n.^o 116). Além disso, outro exemplar desta forma (85 Tanq(2)) provém da camada de sedimento do tanque, i. e. c. 360 — meados do séc. v.

É difícil de classificar o n.^o 120. Será taça ou pratel? Optamos por pratel. Tanto pelo bordo como pela inclinação da parede assemelha-se às peças de maior tamanho do grupo anterior. A sua cronologia também deve ser idêntica.

Apresentamos os fragmentos n.^{os} 121-123 apenas para completar a gama das formas encontradas em S. Cucufate. No total, existem sete bordos neste grupo, todos pequenos demais para se determinar o perfil completo.

Também o fragmento n.^o 124 podia ser um prato parecido com os anteriores. Trata-se duma peça quase incolor, de forma um

⁽¹⁴⁷⁾ ISINGS, *Dated Finds*, p. 126, «bordos de arestas vivas são muito comuns no séc. iv».

⁽¹⁴⁸⁾ FOY, *Marseille*, n.^{os} 13-21, p. 290, fig. 1; n.^o 98, p. 290, fig. 3.

pouco divergente, pertencente ao tipo Isings 116 B. A sua parede é sinuosa e o bordo polido decorado com linhas finas incisas no exterior. Comparáveis são os pratos n.ºs 204 e 205 de Conimbriga, para os quais Alarcão propôs uma cronologia na primeira metade do séc. IV até o séc. V⁽¹⁴⁹⁾. O fragmento deve antedatar o ano 360, pois foi encontrado numa camada de enchimento do poço no peristilo da segunda *villa*.

O fragmento pequeno n.º 125 com decoração gravada encontra paralelo de Conimbriga, numa camada de destruição do criptopòrtico⁽¹⁵⁰⁾.

- 109 Prato, fragmento do fundo e da carena; 81 XIII 48/49 (7) ; parede exterior polida ao torno; boa qualidade de vidro, com algumas pequenas impurezas pretas, verde ervilha, ligeiramente picado no exterior; diâm. máximo preservado 192 mm. Inv. n.º 21, relatório n.º 17. Tipo Isings 116 Est. IV.
- 110 *Id.*, fragmento do bordo e da parede; 81 XIV 3/4 (4); parede exterior polida ao torno; boa qualidade de vidro, verde ervilha, ligeiramente riscado; diâm. c. 180 mm. Inv. n.º 39, relatório n.º 21. Tipo Isings 116. N. i.
- 111 *Id.*, fragmento do bordo e ombro; 80 VIII 36 (3) ; parte superior da parede exterior polida ao torno; qualidade de vidro média, verde musgo, riscado pelo uso. Inv. n.º 169, relatório n.º 13. Tipo Isings 116. N. i.
- 112 *Id.*, fragmento do bordo e da parede; 80 XIV 4 (3) ; bordo biselado; qualidade de vidro média, verde musgo, riscado pelo uso e com corrosão incipiente de lado interior; diâm. c. 240 mm. Inv. n.º 170, relatório n.º 22. Tipo Isings 116. N. i.
- 113 *Id.*, fragmento do bordo e da parede; 81 XIV 3 (3); parte superior da parede exterior polida ao torno; qualidade de vidro boa, verde ervilha, picado no exterior e com áreas de corrosão acastanhada; diâm. c. 180 mm. Inv. n.º 36, relatório n.º 20. Tipo Trier 14. Est. IV.
- 114 *Id.*, fragmento do bordo e da parede; 82 IV 40 Banq. E (3) ; bordo exterior polido ao torno; vidro de boa qualidade, com algumas pequenas impurezas pretas, verde ervilha, embaciado e irisado na parede exterior; diâm. 178 mm. Inv. n.º 90, relatório n.º 33. Tipo Trier 14. Est. IV.
- 115 *Id.*, fragmento do bordo e da parede; 82 IV 40 Banq. E (3) ; bordo polido ao torno; qualidade de vidro média, verde ervilha, riscado; diâm. 192 mm. Inv. n.º 96, relatório n.º 34. Tipo Isings 117. Est. IV.

⁽¹⁴⁹⁾ *Fouilles de Conimbriga*, VI, p. 194, Est XLII.

⁽¹⁵⁰⁾ *ibid.*, n.º 244, p. 197, Est. XLIV, XLVIII

- 116 *Id.*, dois fragmentos do bordo e da parede; 82 IV 40 Banq. E. (2) ; exterior do bordo polido ao torno; vidro de boa qualidade, com algumas pequenas impurezas pretas, verde ervilha, picado no exterior; diâm. 192 mm. Inv. n.º 97, relatório n.º 30. Tipo Isings 117. N. i.
(Os n.ºs 115 e 116 pertencem a peças diferentes).
- 117 *Id.*, dois fragmentos do bordo e da parede 81 VIII 17 (2); vidro de muito boa qualidade, tingido de verde maçã. Inv. n.º 5. Tipo Isings 117. N. i.
- 118 *Id.*, fragmento do bordo e da parede; 81 VIII 22 (2); qualidade de vidro média, levemente tingido de verde azeitona, muito picado; diâm. c. 210 mm. Inv. n.º 6, relatório n.º 11. Tipo Isings 117. Est. V.
- 119 *Id.*, fragmento do bordo e ombro; 81 IV 50 (2) ; bordo polido ao torno do lado exterior; vidro de boa qualidade, verde musgo, muito picado na parede exterior; diâm. c. 130 mm. Inv. n.º 31, relatório n.º 35. Tipo Isings 117. Est. V.
- 120 *Id.*, dois fragmentos do bordo e da parede ; 83 XX 34 Banq. S. (2) cola com 84 XX 48 (1); bordo polido ao fogo e posteriormente ao torno; vidro de boa qualidade, esverdeado. Inv. n.º 129. Tipo Isings 117. Est. V.
Existem mais três fragmentos de pratos desta forma, com 161, c. 200 e 220 mm. de diâm. de camadas remexidas.
- 121 *Id.*, fragmentos do bordo e ombro dum prato covô; 82 XIV 25 (3) ; vidro de boa qualidade, verde ervilha, filandrado, leitoso e com irisão. Inv. n.º 84. Est. V.
- 122 *Id.*, dois fragmentos do bordo; 83 Vili 27 Banq. S. (2) cola com 83 XIII 11/12 Banq. S. (1); vidro de muito boa qualidade, verde azeitona, riscado e picado. Inv. n.º 102. N. i.
- 123 *Id.*, fragmento do bordo e ombro dum prato covô; 79 VII 49 Banq. (?); vidro de boa qualidade, tingido de verde musgo, muito picado e riscado. Inv. n.º 158. Est. V.
Existem mais quatro fragmentos de pratos desta forma, com diâm. entre c. 140/160 e 200 mm., de camadas remexidas.
- 124 *Id.*, fragmento do bordo e da parede; 81 Vili 16 (2); exterior do bordo polido ao torno e decorado com linhas finas incisadas; vidro de muito boa qualidade, tingido de verde musgo; picado, irisado e com corrosão. Inv. n.º 22. Tipo Isings 116 B. Est. V.
- 125 *Id.*, fragmento da pança; 83 XIV 38 Banq. S (1) ; decoração gravada, vidro de boa qualidade, verde musgo. Inv. n.º 257. Tipo Isings 116 ou 117. Est. V, VI.

FRASCOS E BILHAS

Frascos de vidro incolor e asa azul surgem em várias épocas. Um pequeno fragmento duma asa azul, n.º 126, não pode ser datado com qualquer grau de segurança. Calvi publica um jarrinho de vidro branco opaco, ornado com duas asas e um cordão no gargalo em vidro azul, do séc. i ou da primeira metade do séc. n, enquanto von Saldern data ainda do séc. iv um frasco da forma Isings 124 B, também de asa azul ⁽¹⁵¹⁾. O vidro incolor do bojo do nosso frasco talvez limite a sua cronologia aos sécs. n-inícios ou meados do iv. O fragmento (achado residual?) foi retirado duma camada de instalação da sala 23 do sector rústico oriental, uma camada de c. 360 d. C.

A decoração de um cordão de vidro na sobarba de frascos ou garrafas surge nos tipos Isings 120-123, e 126-127, geralmente dos fins do séc. m e do séc. iv ⁽¹⁵²⁾. Gostaríamos de propor uma cronologia nos fins do séc. m ou nos inícios do século seguinte para o n.º 127, de vidro quase incolor com cordão azul. Não encontramos paralelo exacto ou de cronologia certa para esta peça; de modo geral, a maior parte dos frascos assim decorados é de vidro verde e vem de contextos do séc. iv. O vidro incolor de qualidade média do nosso frasco pode ser indicação duma cronologia mais alta. O seu contexto arqueológico não parece ter sido correctamente observado: a camada 81-IV-40 (4) inclui tanto o enchimento para nivelamento do lagar, que aponta para uma cronologia de meados do séc. II, como o nível duma passagem entre o lagar e o celeiro, passagem mantida desde meados do séc. n até meados do iv d. C.

O vidro de cor verde ervilha da outra bilha com cordão na sobarba (n.º 128) aponta para uma cronologia mais baixa, no séc. iv ou até mais tarde. O feito do gargalo pode ser confrontado com o das bilhas n.ºs 293 e 294 de Verulamium, dos fins do séc. m e inícios do século seguinte, ou com o de outra de Conimbriga, da segunda metade do séc. iv ⁽¹⁵³⁾.

⁽¹⁵¹⁾ CALVI, *Aquileia*, n.º 4, p. 23, 25, Est. I; SALDERN, *Oppenländer*, n.º 683, p. 232.

⁽¹⁵²⁾ ISINGS, *Dated finds*, p. 149-154, 156-158.

⁽¹⁵³⁾ CHARLESWORTH, *Verulamium*, III, n.ºs 293, 294, p. 170, fig 68-145 e 146; *Fouilles de Conimbriga*, n.º 234, p. 197, 203, Est. XLIII.

Não conseguimos encontrar paralelo para o bocal de bilha n.º 129, igualmente com decoração de cordão de vidro, mas com lábio dobrado. A sua cronologia não deve ser muito diferente da da peça anterior.

Outro frasco com cordão saliente na sobarba (n.º 130) conserva parte do bojo bulboso, decorado com um fio de vidro muito fino em espiral. Pertence ao tipo Isings 121 B dos fins do séc. m e do séc. iv (154). Todavia não podemos esquecer que a decoração de fio de vidro em espiral já está documentada desde os fins do séc. i-inícios do séc. II (155), que o rolo de vidro na sobarba está presente na necrópole de Ermona no período Flávios-Antoninos, e que Fremersdorf data um frasco muito semelhante, também de vidro incolor, já da segunda metade do séc. m (156). Paralelos de Trier vêm de sepulturas da primeira e da segunda metade do séc. iv (157).

Queremos apenas mencionar dois fragmentos pequenos de jarros ou bilhas (n.º 131 e outro com inventário n.º 28). O contorno dos bordos não deixa dúvidas de que se trata de bocais trilobados, aliás de formas indetermináveis. Apenas a cor do vidro, tingido de verde ervilha, e o contexto arqueológico do n.º 131 (enchimento da sala aquecida das termas, c. 360), dão-nos indicação duma cronologia no Baixo Império. Parece que os habitantes de S. Cucufate tinham uma certa preferência pelas bilhas trilobadas durante todas as épocas da sua ocupação.

- 126 Fragmento de uma asa; 81 IV 40 Banq. S (4); asa de vidro de má qualidade com inúmeras bolhas de ar alongadas e relativamente grandes, verde gelo escuro; um resto minúsculo do bojo indica que este era de vidro incolor; ligeiramente picado. Inv. n.º 42, relatório n.º 31. N. i.
- 127 Frasco, fragmento do bordo; 81 IV 40 (4); qualidade de vidro média, quase incolor com cordão em vidro azul celeste; picado; diâm. 86 mm. Inv. n.º 18. Est. V.
- 128 *Id.*, fragmento do bordo; 81 XIII 48 / XIV-3 (1)/(2); vidro de boa qualidade, tingido de verde ervilha, cordão torcido do mesmo tom. Inv. n.º 23 Est. V.

(154) ISINGS, *Dated finds*, p. 152.

(155) NOLEN, *Santo André*, n.º E 5.19, p. 40,157, Est. XXXVI.

(156) FREMERSDORF, *Fadenuflage*, n.º 39, 182, p. 69-70, Est. 100.

(157) GOETHERT POLASCHEK, *Trier*, n.º 1254, sep. 246, p. 204, Est. 23; n.º 1255, sep. 207, p. 204, Est. 23, 68.

- 129 *Id.*, fragmento do bordo com dobra; 83 XIV 23/24 Banq. S (1); vidro de boa qualidade, tingido de verde musgo. Inv. n.º 119. Tipo Isings 121? Est. V.
- 130 *Id.*, vários fragmentos do bordo e bojo; 82 XXIV 27 (4); vidro de boa qualidade, vidro quase incolor, muito levemente tingido de verde musgo; irisado e com corrosão incipiente no interior; diâm. do bordo 71 mm., diâm. máx. do bojo c. 124 mm. Inv. n.º 98. Est. V.
- 131 Bilha trilobada, fragmento do bordo e colo; 80 S 15 B (5); vidro de boa qualidade, levemente tingido de verde ervilha, irisado e muito picado. Inv. n.º 180. N. i.

ACHADOS DIVERSOS

CONTAS DE COLAR

A estação de Velsen, ocupada nos anos c. 15-c. 55, não deu nem uma conta de faiança em forma de melão, mas proporcionou 27 contas de vidro de várias cores e feitios⁽¹⁵⁸⁾. De Valkenburg, situado bastante próximo de Velsen, apenas duas podem ser datadas no período la (c. 40-c. 47); a maior parte destas contas (nove) vem de camadas dos anos c. 47-60, quatro dos anos c. 71-c. 120 e apenas mais cinco até ao fim da estação, ou seja, c. 260. Van Lith conclui que as contas decoradas aos gomos datam, ao menos no oeste dos Países-Baixos, essencialmente do período Cláudio-Flávios⁽¹⁵⁹⁾. De Asciburgium, contudo, estão documentadas muitas destas contas com cronologia na primeira metade do séc. i. Parece que a sua difusão naquela época era ainda limitada⁽¹⁶⁰⁾, e por isso gostaríamos de propor uma cronologia cláudio-trajânica para a conta n.º 132 de S. Cucufate.

A conta n.º 133 é dum tipo publicado por Haevernick. Os dois orifícios, típicos para todas estas contas almofadadas, ou decoradas com máscaras ou outros esquemas decorativos, levam a autora a sugerir o seu uso em braceletes. Levanta-se, porém, um problema porque estas contas têm sido geralmente encontradas como peças

⁽¹⁵⁸⁾ LITH, *Velsen*, p. 6, 50.

⁽¹⁵⁹⁾ *Id.*, *Valkenburg*, p. 28.

⁽¹⁶⁰⁾ *Id.*, *Asciburgium*, p. 275-278.

únicas, e não nos conjuntos que uma pulseira partida deixava. A cronologia sugerida vai desde o último quartel do séc. m até ao séc. iv e ainda mais tarde ⁽¹⁶¹⁾.

PULSEIRAS

De S. Cucufate existem seis fragmentos de pulseiras de vidro preto, igualmente divididas entre os três tipos conhecidos: decoradas de golpes verticais (n.º 134), golpes diagonais (n.º 135) e lisas. São difíceis de datar. Harden observa, a propósito dos braceletes de Karanis, que as peças de vidro preto parecem ser da época romana, enquanto os exemplares de vidro em cores mescladas se encontram nos estratos tanto pré- como pós-romanos. Naquela estação foram encontradas a partir dos inícios do séc. n até aos séc. iv e v⁽¹⁶²⁾. O n.º 134 foi recolhido na camada de sedimento do tanque ocidental da *villa*.

«NADELKÖPFER»

Concordamos com Haevernick que estes objectos pequenos são leves demais para serem usados como cossoiros. O n.º 136 pesa apenas 2,1 gramas. A hipótese de servirem para decorar as varetas parece ser mais aceitável. Contudo, se fôr assim, porque não se preservou qualquer indicação ou resto da vareta que estava moldada no interior do orifício ? Será porque a vareta era metálica ? Por enquanto não é possível determinar-lhes a cronologia ⁽¹⁶³⁾. O nosso exemplar estava associado com a destruição da sala 1 do sector rústico oriental da *villa* III.

MARCAS DE JOGO

Foram encontradas quatro marcas de jogo em vidro na *villa* de S. Cucufate, três do tipo mais simples, redondo e achatado (Inv.

⁽¹⁶¹⁾ HAEVERNICK, *Trilobitenperlen*, p. 265-276, figs. 1-5.

⁽¹⁶²⁾ HARDEN, *Karanis*, p. 283.

⁽¹⁶³⁾ HAEVERNICK, *Nadelköpfe*, p. 140.

n.º 71 em vidro branco leitoso com diâm. de 26 mm.; invent. n.º 78 de vidro preto com diâm. de 14/15 mm. ; invent. n.º 147 de vidro azul ultramarino com diâm. de 30 mm), e um, n.º 137, de forma oval e secção tronco-cónica. As marcas não são datáveis. O exemplar de S. Cucufate é um achado do pavimento do edifício B do sector rústico meridional, que data da segunda metade do séc. n.

VIDRO DE JANELA

É de estranhar que não tenha sido encontrado nem um único fragmento de vidro de janela na escavação da *villa* de S. Cucufate.

- 132 Conta de faiança em forma de melão; 84 T 9 (4); vestígios de azul Caran d'Ache na superfície; diâm. 12-15 mm., alt. 11,5 mm. Inv. n.º 217. Est. V, VI.
- 133 Conta com decoração de golpes finos criando um padrão de almofada; 80 111-29 (1); preto. Inv. n.º 182. Est. V, VI.
- 134 Fragmento de pulseira com golpes verticais; 84 T 3 (2); vidro preto; muito levemente riscado (pelo uso?) ; diâm. interior c. 60 mm., largura 8-11 mm., espessura 3-4 mm. Inv. n.º 191. Est. V.
- 135 Fragmento de pulseira lisa; 84 S 12 (10); vidro preto; irisado e com corrosão incipiente; diâm. interior 58 mm., largura 10-11 mm., espessura 6 mm. Inv. n.º 151. Est. V.
- 136 «Nadelköpfe» em forma de espiral; 84 IV 14 (4); vidro verde pistácio; diâm. 16 m., alt. 7 mm., peso 2,1 gr. Inv. n.º 152. Est. V, VI.
- 137 Marca de jogo ovalada, de secção tronco-cónica, quase inteira; 83 XV 30 (3); vidro verde gelo; diâm. 24 mm., larg. 19 mm., alt. 16 mm. Inv. n.º 126. Est. V.

APENDICE

Tivemos conhecimento do importante artigo de S. M. E. van Lith e K. Randsborg sobre a distribuição e evolução das formas do vidro romano quando o presente trabalho já estava no prelo *. Consequentemente, não pudemos adoptar uma nomenclatura

* VAN LITH (S.M.E.) e RANDSBORG (K.), *Roman Glass in the West: A Social Study*, em «Berichten van de Rijksdienst voor Oudheidkundig Bodemonderzoek», 35, 1985, p. 413-532.

concordante com a daquele estudo estatístico. Na seguinte tabela tentamos, porém, apresentar uma síntese dos vidros de S. Cucufate adaptada às normas propostas pela Dr.^a van Lith. A autora divide as formas em vários grupos, consoante o seu uso. A, peças para servir à mesa: A-1, tigelas e pratos para servir comidas; A-2 copos e taças para beber; A-3, jarros, para servir bebidas; B, peças para armazenar alimentos: B-1, garrafas para guardar e, eventualmente, servir líquidos; B-2, urnas e frascos para guardar comidas. C, unguentários e balsamários para guardar unguentos, óleos finos, condimentos, etc. Seguimos, tanto quanto possível, os critérios de van Lith para integração das formas de Isings nestes grupos. Por consequência, tivemos que juntar, por exemplo, várias «taças» de vidro incolor com as «tigelas» do grupo A-1, ou os «pratos covos» das formas Isings 116 e 117 também com as «tigelas» do grupo A-1.

Comparando a distribuição das formas de S. Cucufate com as médias das *villae* estudadas por van Lith, podemos destacar as seguintes observações :

- A percentagem dos pratos, em S. Cucufate, é muito mais elevada durante o Alto Império, isso devido aos muitos pratos de vidro incolor, especialmente moldados, que se encontraram na *villa* alentejana.
- A percentagem de copos e taças do grupo A-2 não é muito diferente durante o Alto Império; mas enquanto a percentagem de copos parece aumentar no decorrer dos séculos nas outras *villae*, em São Cucufate, pelo contrário, são as taças que se encontram com mais frequência no Baixo Império.
- As percentagens de jarros e garrafas não diferem.
- A categoria B-2, vasilhas para guardar comidas, está completamente ausente da *villa* de S. Cucufate (veja nota 5).
- Existem muito poucos *unguentários* na *villa* alentejana.
- Em S. Cucufate, as peças de ir à mesa constituem a quase totalidade (86,5%) dos achados de vidro, enquanto para as *villae* do norte da Europa a média desta percentagem é de 68% apenas. Van Lith sugere que uma elevada percentagem de peças do grupo A (as peças mais caras) será indicação de uma relativa riqueza da estação (p. 435). Nós perguntámo-nos

se, no caso de S. Cucufate, não será o contrário: indicação da falta de meios financeiros, e da opção pelas urnas e potes em cerâmica comum.

Talvez as taças abertas n.ºs 97-102 devessem, de acordo com os critérios da Dr.^a van Lith (p. 417, 420), classificar-se como «tigelas» e ser, por isso, incluídas no grupo A-1. Resolvemos não estabelecer diferença entre estas e as demais peças da forma Isings 96 enquanto não conhecermos as formas exactas das taças Isings 96 incluídas naquele estudo estatístico. Um cálculo rápido indica que a percentagem de «tigelas» aumentaria para 54% e a das taças diminuiria até 23,5 % das formas em vidro verde, se contássemos estas «taças» junto com as tigelas do grupo A-1. Para a ocupação total da *villa*, as percentagens dos grupos A-1 e A-2 seriam 51% e 28%, respectivamente, ainda mais divergentes das das *villae* em geral.

DISTRIBUIÇÃO DAS FORKAS

	A-1		A-2		A-3	B-1	B-2	C		Total
	Tigelas	Pratos	Copos	Taças	Jarros	Garrafas	Urnas/frascos	Unguentários	Boízes	
ALTO IMPÉRIO										
Vidro Colorido séc. I	1		1							2
Vidro Verde/Gelo 2ª set. I-inic. III	1	2			3	17		2		25
Vidro Tingido séc. I				1	1					2
Vidro Incolor Flávios-fins (?) II	26 ¹	39	8 ²	31 ³	2 ⁴	3	0 ⁵		6	115
Total	28	41	9	32	6	20		2	6	144
(%)	(19.5)	(28.5)	(6)	(22)	(4)	(14)		(1.5)	(4)	
TOTAL	69		41		6	20		8		
(%)	(48)		(28.5)		(4)	(14)		(5.5)		
BAIXO IMPÉRIO										
Vidro Verde 2ª set. II-inic. VI	31 ⁶	2 ⁷	3 ⁸	25	10				1	72
(%)	(43)	(2.5)	(4)	(34)	(14)				(1.5)	
TOTAL	33		28		10			1		
(%)	(45)		(39)		(14)			(1.5)		
Ocupação da villa										
Total	59	43	12	57	16	20		2	7	216 ⁹
(%)	(27.5)	(20)	(5.5)	(26.5)	(7.5)	(9)		(1)	(3)	
TOTAL	102		69		16	20		9		
(%)	(47)		(32)		(7.5)	(9)		(4)		
Média para villae	(24)		(36)		(8)	(17)	(2)	(11)		

(1) Incluímos nesta categoria a tigela de grande tamanho n.º 41, da forma Isings 85, o grupo dos n.ºs 54-58, e mais um fragmento duma camada remexida

(2) Os n.ºs 60, 61 e 63, mais um fragmento com decoração de serpentina, (não publicado), fazem parte deste grupo.

(3) Incluímos o n.º 40 da forma Isings 44 por ser muito pequeno e de parede apumada; também os n.ºs 57, 58 e outro exemplar parecido duma camada remexida.

(4) São dois fragmentos de asas incolores não publicados.

(5) O fragmento de fundo n.º 85, incluído no grupo B-1, deveria talvez ser incluído nesta categoria.

(6) De acordo com as indicações dos autores, contámos todos os pratos covos das formas Isings 116 e 117 neste grupo.

(7) Trata-se de apenas dois pratos pouco fundos, n.ºs 113 e 114.

(8) Faz parte deste grupo a lâmpada n.º 93.

(9) O número total de peças de forma determinável, apresentado no artigo, podia ser aumentado com 22 fragmentos cuja forma genérica (por exemplo, fragmentos de taças de vidro incolor, pratos de vidro verde, pratos moldados, etc.) era reconhecível.

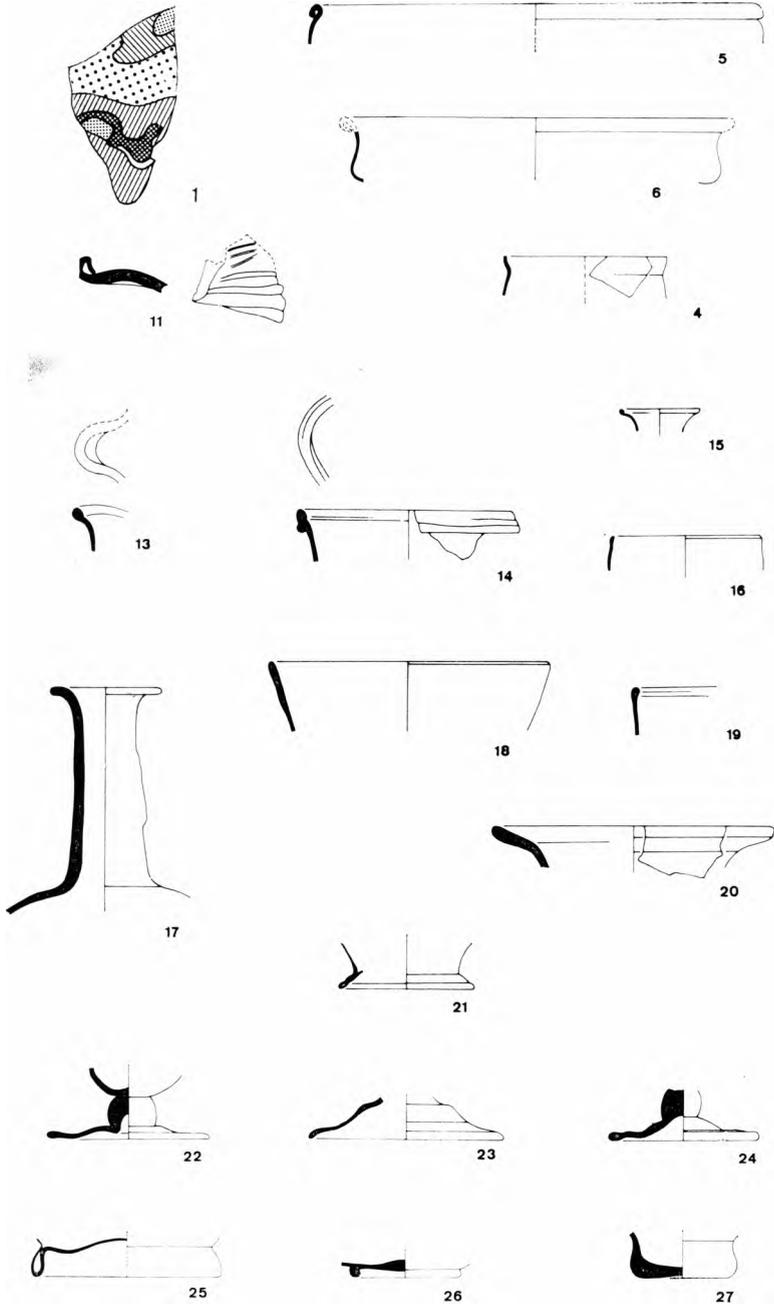
BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO (A. e J. de) — *Vidros romanos de Conimbriga*, Conimbriga, 1965.
(= ALARCÃO, *Vidros de Conimbriga*).
- *O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel)*, «Conimbriga» V, 1966, p. 7-104. (= ALARCÃO, *Valdoca*).
- *Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa*, «Conimbriga», VI, 1967, p. 1-45. (= ALARCÃO, *Vila Viçosa*).
- ALARCÃO (J. de) — *Vidros romanos de museus do Alentejo e Algarve*, «Conimbriga» VII, 1968, p. 7-39. (= ALARCÃO, *Alentejo e Algarve*).
- *Comenda da Igreja*, «Biblos», XII, 1973, p. 3-5. (= ALARCÃO, *Comenda da Igreja*).
- *A Necrópole de Monte Farrobo (Aljustrel)*, «Conimbriga», XIII, 1974, p. 5-32. (= ALARCÃO, *Farrobo*).
- *Vidros romanos do Alentejo no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa)*, «Conimbriga», XVII, 1979, p. 101-112. (= ALARCÃO, *Alentejo*).
- *Vidros do Castelo de Alcácer do Sal*, «Setúbal Arqueológica», IV, 1978, p. 155-170. (= ALARCÃO, *Alcácer do Sal*).
- *Roman glass from Troia (Portugal)*, «Annales du 8ème Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre», (Londres-Liverpool, 18-25 Sept., 1979), Liège, 1981, p. 105-110. (= ALARCÃO, *Troia*).
- ALARCÃO, J. de et alii. — *Fouilles de Conimbriga, VI, Céramiques diverses et verres*, Paris, 1976. (= *Fouilles de Conimbriga, VI*).
- BAILEY (D. M.) — *A Catalogue of the lamps in the British Museum, II, Roman lamps made in Italy*, London, 1980. (= BAILEY, *Roman lamps*).
- BARAG (D.) — «*Flower and bird*» and *snake-thread glass vessels*, «Annales du 4ème Congrès des Journées Internationales du Verre (Ravenne-Venise, 13-20 mai, 1967)», Liège, s. d., p. 55-56. (= BARAG, *Flower and Bird*).
- BERGER (L.)—*Römische Gläser aus Vindonissa* (Veröffentlichungen des Gesellschaft pro Vindonissa, IV), Bâle, 1960. (= BERGER, *Vindonissa*).
- BRULET (R.) et COULON (G.) — *La Nécropole Gallo-Romaine de la Rue Perdue à Tournai*, Louvain, 1977. (= BRULET, *Tournai*).
- CALVI (M. C.) — *I vetri romani del Museo di Aquileia*, Aquileia, 1968. (= CALVI, *Aquileia*).
- CHARLESWORTH (D.) — *Roman Square Bottles*, «J.G.S.», VIII, 1966, p. 26-40. (= CHARLESWORTH, *Roman square bottles*).
- *The glass*, in FRERE, (S.) — *Verulamium excavations*, I (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 28), Oxford, 1972, p. 196-215. (= CHARLESWORTH, *Verulamium, I*).
- *The Glass*, in FRERE, (S.) — *Verulamium Excavations*, III, London, 1984. (= CHARLESWORTH, *Verulamium, III*).
- CLAIRMONT (Ch. W.) — *The Excavation at Dura Europos, Final Report*, IV, Part V, *the Glass Vessels*, New Haven, 1963. (= CLAIRMONT, *Dura Europos*).

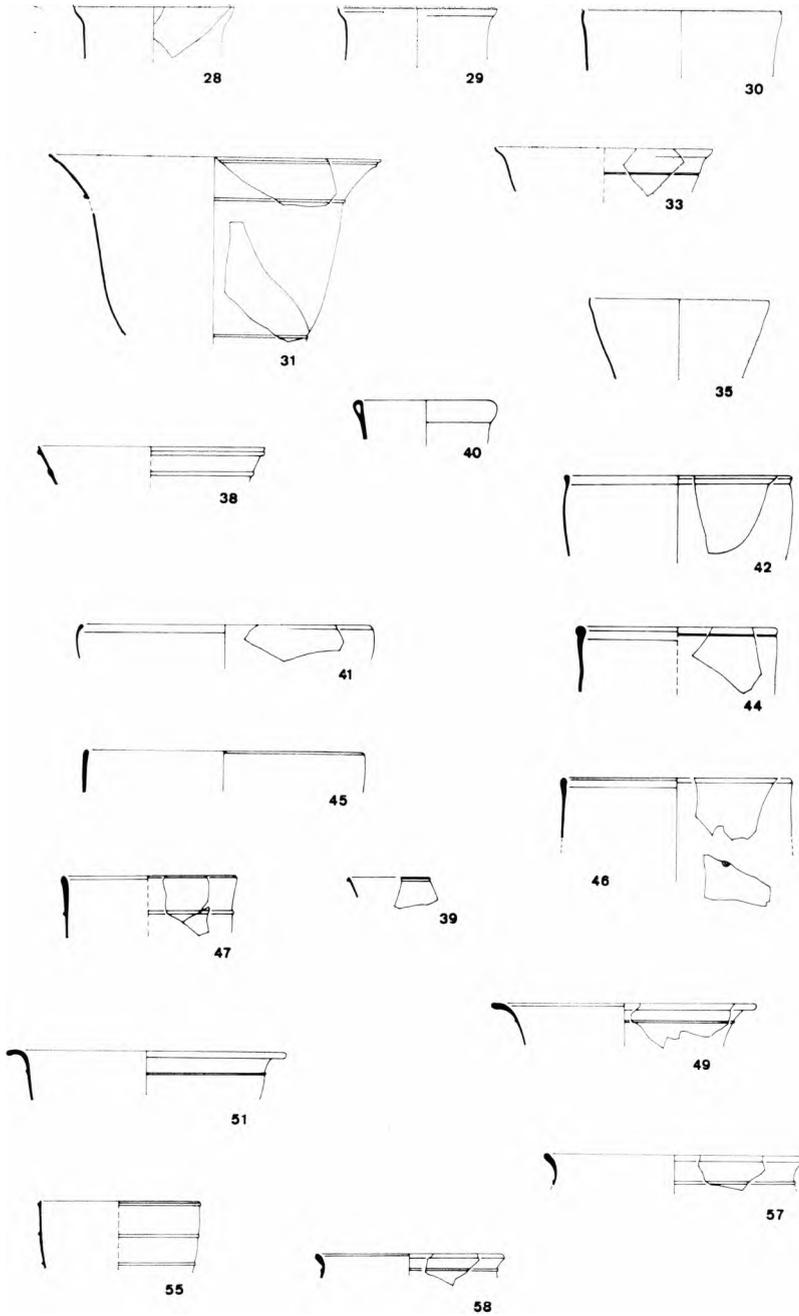
- CZURDA-RUTH (B.)**—*Die römischen Gläser vom Magdalensberg* (Kärntner Museumschriften, 65, Archäologische Forschungen zu den Grabungen auf dem Magdalensberg, 6). (= CZURDA-RUTH, *Magdalensberg*).
- FOY (D.) et BONIFAY (M.)**—*Elements d'évolution des verreries de l'Antiquité tardive à Marseille d'après les fouilles de la Bourse (1980)*, «Revue Archéologique de Narbonnaise», tome XVII, 1984, p. 289-308. (= FOY, *Marseille*).
- FREMERSDORF (F.)** — *Römische Gläser mit Fadenaufgabe in Köln*, Cologne, 1959 (= FREMERSDORF, *Fadenaufgabe*).
- GOETHERT-POLASCHEK (K.)** — *Katalog der römischen Gläser des Rheinischen Landesmuseum Trier* (Trierer Grabungen und Forschungen, IX), Mainz am Rhein, 1977. (= GOETHERT-POLASCHEK, *Trier*).
- HAEVERNICK (T. E.)** — *Nadelköpfe vom Typ Kempten*, «Germania», 50, 1972 p. 136-148. (= HAEVERNICK, *Nadelköpfe*).
- *Trilobitenperlen, Beiträge zur Glasforschung*, in *Die wichtigsten Aufsätze von 1980 bis 1981*, Mainz am Rhein, 1981, p. 265-276. (= HAEVERNICK, *Trilobitenperlen*).
- *Antike Glasarmringen und ihre Herstellung*, in *Beiträge zur Glasforschung. Die wichtigsten Aufsätze von 1938 bis 1981*, Mainz am Rhein, 1981. (= HAEVERNICK, *Glasarmringe*).
- HENDERSON (A. M.)** — *The Glass*, in **BUSHE-FOX (J. P.)** — *Fourth Report on the excavations of the Roman Fort at Richborough, Kent*, (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 16), London, 1949. (= HENDERSON, *Richborough*).
- HARDEN (D. B.)**—*Roman Glass from Karanis found by the University of Michigan Archaeological Expedition in Egypt 1924-29*, University of Michigan Studies, Humanistic Series, 41, Ann Arbor, 1936. (= HARDEN, *Karanis*).
- *The Glass*, in **BRODRIBB (A. C. C.) et alii** — *Excavations at Shakenoak Farm, part II*, Oxford, 1971, p. 98-108. (= HARDEN, *Shakenoak Farm II*).
- *The Glass*, in **CUNLIFFE (B.)**—*Excavations at Fishbourne, 1961-1969*, (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 27), Leeds, 1971. (= HARDEN, *Fishbourne*).
- *Glass of the Caesars*, Milan, 1987. (= HARDEN, *Glass of the Caesars*).
- HARDEN (D. B.)**, et alii — *Masterpieces of Glass*, London, 1968.
- ISINGS (C.)**—*Roman glass from dated finds*, (Archaeologica Traiectina, II), Groningen, 1957. (= ISINGS, *Dated finds*).
- *Roman glass in Limburg*, Groningen, 1971. (= ISINGS, *Limburg*).
- LANCEL (S.)** — *Verrerie antique de Tipasa*, Paris, 1967. (= LANCEL, *Tipasa*).
- LITH (S. M. E. van)** — *Römisches Glas aus Velsen*, «Oud. Med.», LVIII, 1977, p. 1-62. (= LITH, *Velsen*).
- *Römisches Glas aus Valkenburg Z. H.*, «Oud. Med.», LIX-LX, 1978-1979, p. 1-150. (= LITH, *Valkenburg*).
- *Glas aus Asciburgium*, «Rheinische Ausgrabungen 23, Beiträge zur Archäologie des Römischen Rheinlands», IV, 1983, p. 211-282, Est. 88-98. (= LITH, *Asciburgium*).

- Late Roman and early Merovingian glass from a settlement site at Maastricht (Dutch South Limburg)*, part I, «J.G.S.», 29, 1987, p. 47-59. (= LITH, *Maastricht*).
- NO ELKE (P.) — *Reiche Gräber von einem römischen Gutshof in Köln*, «Germania», 62-2 (1984), p. 373-423. (= NOELKE, *Köln*).
- NOLEN (J. U. SMIT) — *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*, Lisboa, 1985. (= NOLEN, *Alto Alentejo*).
- NOLEN (J. U. SMIT) e DIAS (L. P.) — *A necrópole de St.º André, Parte II, Os materiais*, «Gonimbriga», XX, 1981, p. 33-178. (= NOLEN, *St.º André*).
- OLIVER (A. Jr.) — *Early Roman Faceted Glass*, «J. G. S.», XXVI, 1984, p. 35-58. (= OLIVER, *Faceted glass*).
- PEREIRA (M.^a A. HORTA) — *O Dolium Cinerário, com skyphos vidrado a verde, da Necrópole de Paredes (Alenquer)*, «Conimbriga», IX, 1970, p. 45-74. (= PEREIRA, *Paredes*).
- PIRLING (TL) — *Das römisch-fränkische Gräberfeld von Krefeld-Gellep*, Berlin, 1966. (= PIRLING, *Krefeld-Gellep*).
- Neue Funde römischer Gläser aus Krefeld-Gellep*, «Kölner Jahrbuch für Yor- und Frühgeschichte», IX, 1967-1968, p. 34-42. (= PIRLING, *Neue Funde*).
- PLESNIČAR-GEC (L.) — *The Northern Necropolis of Emona*, Ljubljana, 1972. (= PLESNIČAR-GEC, *Emona*).
- PRICE (J.) — *Glass vessel production in Southern Iberia in the first and second centuries A. D. A survey of the archaeological evidence*, «J. G. S.», 29, 1987, p. 30-39. (= PRICE, *Southern Iberia*).
- RADDATZ (K.) — *Mulva I, Die Grabungen in der Nekropole in den Jahren 1957 und 1958*, Deutsches Archäologisches Institute, Madrid, 1973. (= RADDATZ, *Mulva, I*).
- SALDERN (A. von) et alii — *Gläser der Antike Sammlung Erwin Oppenländer*, Mainz am Rhein, 1974. (= SALDERN, *Oppenländer*).
- SILVA (G. TAVARES DA) et alii — *Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979)*, «Setúbal Arqueológica», VI-VII, 1980-81, p. 149-218. (= SILVA, *Alcácer do Sal*).
- STERN (E. M.) — *Antikes Glas in der Südtürkei*, «Glastechnische Berichte», voi. 57, 1984. (= STERN, *Südtürkei*).
- VESSBERG (O.) — *The Swedish Expedition, Voi. IV, part 3, The Hellenistic and Roman periods in Cyprus*, Stockholm, 1956. (= VESSBERG, *Cyprus*).
- WELKER (E.) — *Die römischen Gläser von Nida-Heddernheim*, Schriften des Frankfurter Museums für Vor- und Frühgeschichte, III, Frankfurt am Main, 1974.
- Die römischen Gläser von Nida-Heddernheim, II*, Schriften des Frankfurter Museums für Vor- und Frühgeschichte, VIII, Bonn, 1985. (= WELKER, *Nida-Heddernheim, II*).
- WILHELM (E.) — *La verrerie de Vépoque romaine au Musée d'Histoire et d'Art, Luxembourg*, Luxembourg, 1969. (= WILHELM, *Luxembourg*).

EST. I



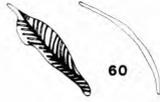
Esc. 1:3 excepto n.º 1.



Est. III



59



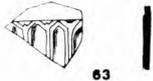
60



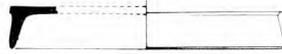
61



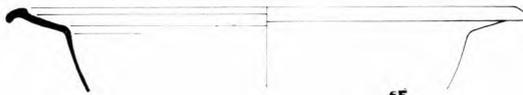
62



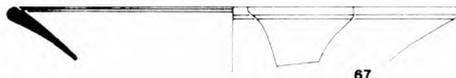
63



64



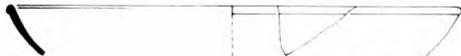
65



67



71



72



73



75



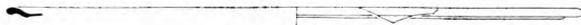
76



79



80

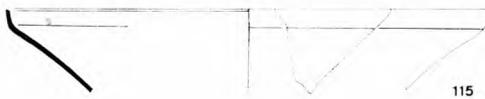
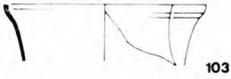
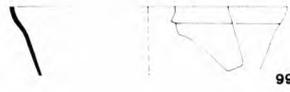
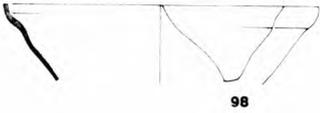
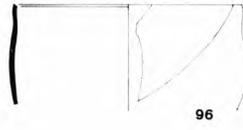
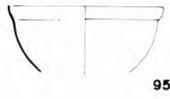
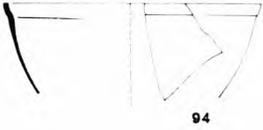
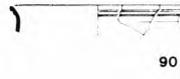
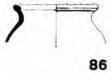


81

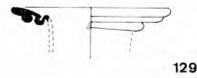
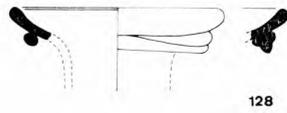
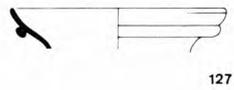
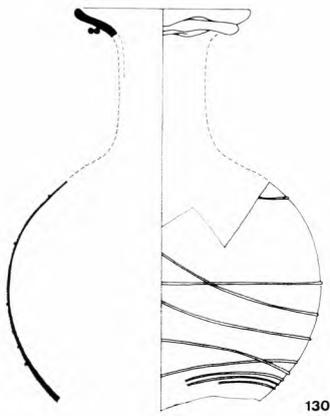
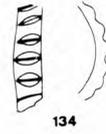
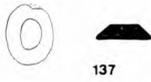
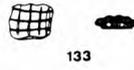
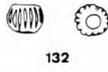
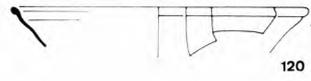
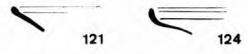
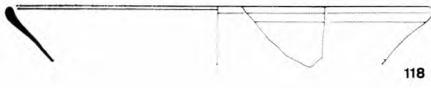


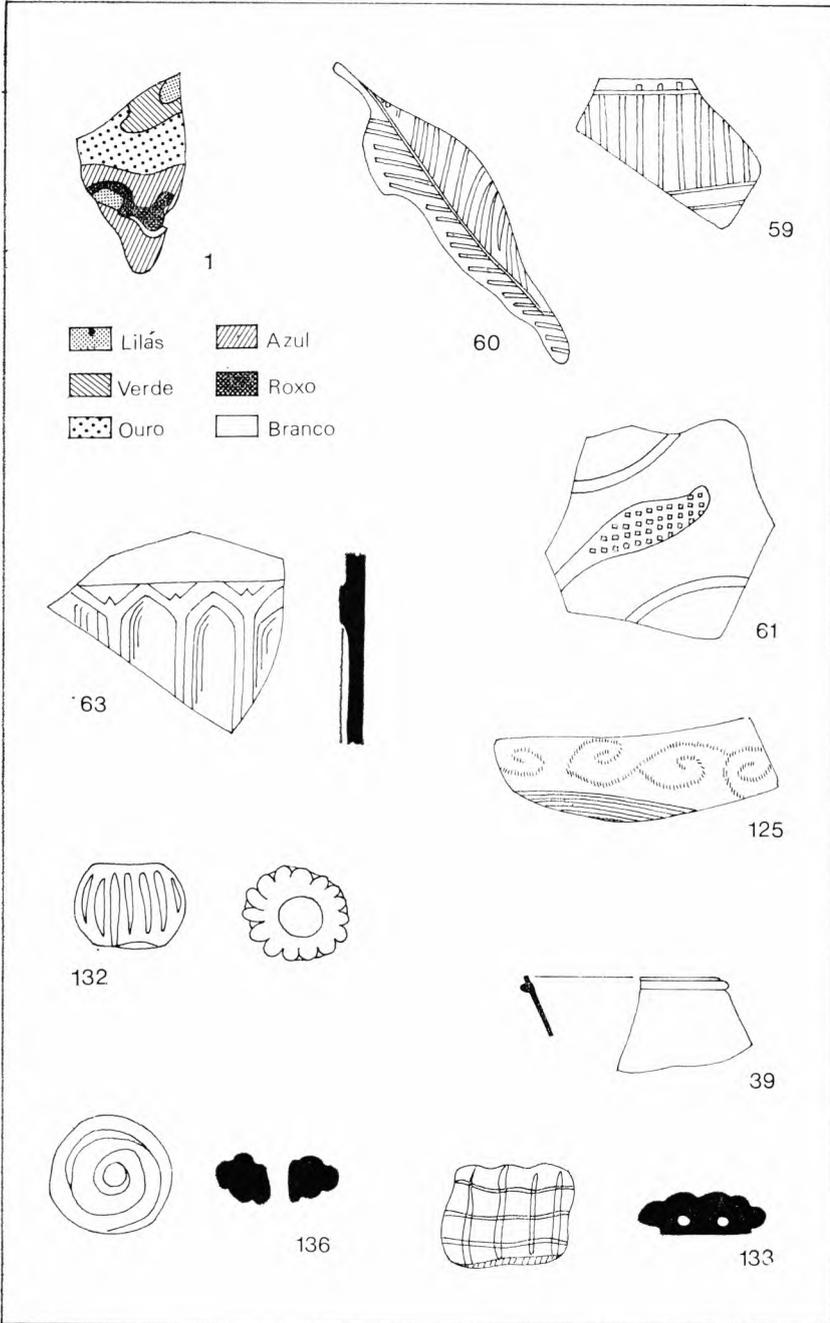
82

Esc. 1:3



EST. V





Esc. 1: 1

(Página deixada propositadamente em branco)

JEANNETTE U. SMIT NOLEN

Colaboradora do Museu Monográfico de Conimbriga

A *VILLA* ROMANA DO ALTO DO CIDREIRA (CASCAIS)

— OS MATERIAIS

Conimbriga, XXVII (1988), p. 61-140

RESUMO: Publicam-se os materiais encontrados numa pecmena *villa* a norte de Cascais (com excepção dos achados metálicos). Dado que o sítio, no topo de uma colina, sofreu forte erosão e foi ainda lavrado durante séculos, não se pôde registar qualquer estratigrafia significativa. Decidiu-se, por isso, apresentar os materiais sob a forma de um catálogo, de modo a que o leitor possa ter uma visão global dos diferentes materiais, das suas formas e tipos e, sobretudo, das suas quantidades relativas, nesta *villa*. As cerâmicas recolhidas testemunham uma modesta ocupação desde os meados do séc. I d.C., com um aumento da população e do seu nível económico no séc. n, até momento mal definido da Alta Idade Média.

Fez-se um esforço para reconhecer e distinguir as cerâmicas do Baixo Império das pós-romanas, mas infelizmente pouco se pode avançar a partir destes achados sem estratigrafia.

São de salientar as quantidades apreciáveis de «*sigillata* clara» especialmente do tipo A e a quase total ausência de «*sigillata* hispânica» dos centros produtores do Ebro. Isto sugere abastecimento por rotas marítimas, com exclusão quase total de comércio com o interior. A quantidade considerável de almofarizes e alguidares de cerâmica comum sugere a existência de qualquer pequena indústria ou comércio local.

SUMMARY: The non-metallic finds from a small Roman *villa*, situated just North of Cascais (Portugal) are here presented. As the site, on the crest of a hill, had suffered severe erosion and, moreover, had been ploughed for several centuries, it proved impossible to recuperate any stratigraphy during its excavation. Therefore, it was decided to present the material in the form of a simple catalogue in order to give the reader an overview of the different materials, their forms and types, and especially their relative

quantities, available and used in such a provincial *villa*. The ceramics encountered attest to a tentative, small occupation from the middle of the first century A.D., with an increase in the population and its monetary means during the second century until an, as yet ill defined, moment in the early middle ages.

An effort was made to recognize and define the late- and post-Roman coarseware, but unfortunately not much could be learned from these, unstratified, pottery finds. To be noted are: the large quantities of «*terra sigillata chiara*», especially type «A», and the wellnigh absence of «*terra sigillata hispànica*» from the production centres in the Ebro valley. Indications probably of strong maritime commercial ties to the almost exclusion of overland commerce. The relative amount of large coarseware bowls found may suggest that a small shop functioned here during some period of the *villa's* existence.

**A VILLA ROMANA
DO ALTO DO CIDREIRA (CASCAIS)
— OS MATERIAIS**

INTRODUÇÃO

Ao apresentar o espólio da *villa* do Alto do Cidreira, é a falta absoluta de estratigrafia que nos impede tirar quaisquer conclusões cronológicas. Podemos apenas sugerir os limites cronológicos da sua ocupação, que são todavia muito latos e mal definidos. À falta de datação segura para a cerâmica comum, restam-nos os escassos fragmentos de «paredes finas», «*terra sigillata*» e vidro para datar a primeira época de habitação no Alto do Cidreira. Esta escassez de material datável do séc. i faz-nos pensar que a *villa* foi um modesto estabelecimento naquela época e que a maior afluência de ocupantes só se registou no decorrer do séc. n.

A relativa abundância de «*terra sigillata clara*» atesta, pelo contrário, em nosso entender, maior ocupação e um maior poder económico a partir dos meados do séc. n e até, pelo menos, ao séc. v. A cerâmica pós-romana é prova duma persistência humana mais ou menos contínua durante muitos séculos. Não é possível, porém, determinar até quando é que o local foi habitado : a cerâmica comum medieval é, geralmente, a «enteada» de qualquer escavação arqueológica, de maneira que está mal publicada; o *corpus* de formas e fabricos com cronologias seguramente documentas é ainda muito rudimentar, pelo que se torna difícil encontrar paralelos para os nossos achados.

Adoptamos o termo «pós-romana» exactamente por estarem ainda tão mal definidos os vestígios materiais da época medieval.

A existência de formas quase iguais, a que podemos atribuir quer uma cronologia romana, quer pós-romana, faz-nos pensar que a presença humana no Alto do Cidreira deve ter sido efectivamente contínua, talvez com número variável de ocupantes.

Um conjunto tão pobre em perfis completos não merece uma publicação com tipologia própria. Faremos uma apresentação em forma de «catálogo» dos vários fabricos e formas encontrados, para dar uma panorâmica de toda a gama de cerâmica fina e comum de que os habitantes do Alto do Cidreira se serviram, durante os muitos séculos da sua ocupação. E como, além disso, é quase impossível separar com segurança absoluta as pastas comuns da época tardo-romana das da Idade Média, enumerá-las-emos todas num catálogo que abrange tanto a ocupação romana como a pós-romana.

Apontaremos no catálogo outras peças com perfil semelhante para darmos uma ideia não só da quantidade em que cada tipo está representado, como também, no caso da cerâmica comum, das várias pastas e tamanhos em que foi fabricada. Pensamos ter incluído aqui todos os tipos e formas representados pelos vários milhares de cacos retirados da escavação do Alto do Cidreira, e só não podemos dar uma certeza absoluta por causa do estado extraordinariamente fragmentado da cerâmica.

Tentámos atribuir uma cronologia às formas de cerâmica comum e às suas variantes, mas, dadas as suas características regionais, não nos pareceu válido procurar muitos paralelos fora da Lusitânia. Por isso, citámos, sempre que possível, peças semelhantes encontradas no território actualmente português. Tivemos, todavia, que recorrer também à bibliografia mais conhecida sobre a cerâmica comum do Norte do Império para encontrar paralelos convenientes. Tal circunstância não implica, em nosso entender, uma ligação comercial com as províncias romanas do Norte; sublinha, isso sim, a falta de ligações intensas com outras zonas geográficas, designadamente no interior da Lusitânia. As relações comerciais reconhecem-se, aliás, na presença relativamente abundante de «*terra sigillata clara*».

Por serem pouco numerosos, começaremos por apresentar os objectos de osso, os vidros e as lucernas. Os pesos de tear e de pesca encontram-se no final do estudo sobre a cerâmica comum.

Serão usadas as seguintes abreviaturas no texto :

- c. —circa;
- diâm. — diâmetro;
- n. i. — não ilustrado;
- TSG —«*terra sigillata clara*»;
- TSH —«*terra sigillata hispânica*»;
- TSS —«*terra sigillata sud-gálica*».

As abreviaturas bibliográficas encontram-se enumeradas na bibliografia, no final deste estudo.

Cada peça será identificada pelo seu número de inventário e pelo número do quadrado em que foi achada: p. ex., a panela n.º 7 com o n.º de inventário 18-HH-5 é a décima oitava peça inventariada do quadrado H H-5. A indicação «sup 81» ou «sup 82» refere-se a achados superficiais dos anos 1981 e 1982.

As cores atribuídas às cerâmicas são as das *Muriseli Soil Color Charts* (Maryland, 1975), embora antecedidas dos nomes tradicionalmente usados.

TERRACOTA

Uma pequena máscara, encontrada pela Sr.^a Maria Coelho na parte mais alta da estação do Alto do Cidreira, foi adquirida por Guilherme Cardoso e, em seguida, oferecida ao Museu-Biblioteca dos Condes de Castro Guimarães (1).

Máscara de um negro. Achado de superfície, sem n.º de inventário. Alt. total 22 mm, largura máxima preservada 24 mm, grossura da parede entre 11 mm no queixo e 4,5 mm na testa. Pasta micácea, medianamente fina com muitos pontinhos de óxido de ferro, alguns grãos, relativamente largos, de quartzo e feldspato, de cor ocre amarelada (Munsell 8,75 YR 7/6).

A máscara foi moldada em meio molde: do lado de dentro mantêm-se visíveis as dedadas do oleiro. O fabrico é muito cuidado e pormenorizado, por exemplo os contornos dos olhos são bem *

P) Cf. BRANCO, *Mini-máscara*.

marcados, enquanto as pupilas e as narinas foram nitidamente cavadas no barro ainda maleável.

Três orifícios, dois na testa e outro no lado esquerdo da boca, podiam ter servido para pendurar ou fixar a peça. No interior deles, são visíveis os riscos da broca com que a máscara foi furada depois da sua cozedura. Não podemos afirmar se estes buraquinhos são antigos ou se foram feitos durante os anos em que a peça esteve na posse de Maria Coelho. A parte da cara está marcada com muitos riscos finos — resultado duma escova dura numa tentativa da Sr.^a Coelho para limpar a peça depois de a ter encontrado ?

É difícil dizer para que servia esta peça, até porque não temos qualquer indicação sobre se se trata da metade duma cabecinha inteira ou se se trata apenas da parte frontal que servia de decoração aplicada sobre qualquer outra peça. O tema da máscara de negro é muito frequente na Antiguidade, e tem antecedentes na arte grega, onde se encontram máscaras de vários tipos, especialmente ligadas com a comédia no teatro (2). No British Museum não existe nada de semelhante na sua grande colecção de terracotas (3), e não conseguimos identificar paralelos na bibliografia ao nosso alcance. Uma cronologia da segunda metade do séc. i ou do séc. n não estará longe da verdade, mas apenas podemos citar o tema da máscara de negro noutros materiais. Lucernas do tipo «Firmalampe» (Dressel/Lamboglia 5 C) são muitas vezes decoradas com máscaras de negro no disco. Datam dos fins do séc. i e do século seguinte. Lucernas de bronze em forma de cabeça de negro também se encontram desta época (4), e dois vasos de vidro em forma de cabeça de negro foram achados em Pompeios (5).

(2) BUDISCHOVSKY, *Le thème du nègre*, p. 195.

(3) Agradecemos a gentileza do Doutor D. M. Bailey por prontamente nos ter fornecido esta informação.

(4) BUDISCHOVSKY, *Le thème du nègre*, Est. XII, p. 197.

(5) I SINGS, *Dated Finds*, forma 78 A, p. 93.

OBJECTOS DE OSSO

- 1 8-sup-82 Dado, 6 mm de lado. Est. I.

Dados em osso encontram-se em muitas estações romanas e em camadas de todas as épocas. Os exemplares mais perfeitos têm, como o nosso, os pontos distribuídos de maneira que a soma dos lados opostos dá sempre sete. Dois exemplares de Verulamium datam dos inícios do séc. m e meados do séc. iv. Cf. FRERE, *Verulamium*, III, n.ºs 284, 285, p. 73-74, fig. 32.

- 2 9-HG-23 Lígula. Comprimento máx. conservado 189 mm. Est. I.

A lígula conserva apenas a base da própria espátula. O outro lado deste instrumento cosmético ou médico termina numa ponta bastante afiada. A espátula podia servir tanto como conta-gotas como para misturar cosméticos, pomadas, unguentos ou até tintas de pintar (6). É impossível atribuir uma datação a estes instrumentos de uso diário. Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, n.ºs 265-268, p. 146-147 e 149, Est. XXXVI: lígulas encontradas em depósitos flavianos, trajânicos e tardios.

- 3 9-IH-12 Tabuinha de tecelagem. Fragmento. Altura preservada 35 mm, largura máxima preservada 16 mm, espessura máxima preservada 7,5 mm. Est I.

Uma peça comparável, ainda inédita, provém de Torre da Palma (7) sem qualquer indicação do seu contexto arqueológico. Esta tem a forma de leque do nosso exemplar, repetida na parte inferior, e três orifícios de cada lado. Na nossa peça, conservam-se indicações de três destas aberturas que serviam para passar os fios na tecelagem de cordão. Geralmente, estas tabuinhas consistem em pequena-s placas de forma triangular ou quadrada, de bronze ou osso(8). Contudo, também existiam exemplares decorados, tal como havia «separadores», agulhas e cossoiros com decoração gravada.

(6) BLIQUEZ, *Greek and Roman Medicine*, p. 13.

(7) Museu Nac. de Arqueologia e Etnologia, invent. n.º 10.001.1138.79.

(8) PONTE, *Fiação*, p. 133-147, p. 137-138.

Outro fragmento parecido, inédito, da sepultura 22 de Tróia ⁽⁹⁾ tem a parte superior quase igual ao nosso e a parte inferior muito estragada. Esta peça foi encontrada em conjunto com um fundo de vidro que apresenta uma «coroa» de pequenos pés repuxados, pertencente a um copo de forma rara datável do séc. n até inícios do séc. ui ^(10 11). Também um prato de TSC «C», e outro de TSC «D» estão marcados como provenientes da mesma sepultura. O autor Hayes data a forma de «C» dos anos c. 260-320, e o prato de «D» da primeira metade do séc. v ou mais tarde ⁽ⁿ⁾. É óbvio (e de lamentar) que não podemos confiar no inventário desta sepultura. Mesmo que a sepultura tenha sido fechada já no séc. m, o fragmento da tabuinha podia ter tido uma sobrevivência relativamente longa.

É mais que provável que os três exemplares por nós conhecidos tenham sido esculpidos pelo mesmo artesão.

4 45-1 H-16 Separador de tear. Comprimento preservado 167 mm. Est. I.

As dimensões e a decoração deste separador são muito semelhantes às dos muitos encontrados em Conimbriga e publicados com uma explicação sucinta da sua utilidade. Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, n.ºs 181-190, p. 53-54, Est. XII.

5 109-HH-25 Agulha. Fragmento do corpo e buraco. Comprimento preservado 34 mm. Est. I.

G Sup 77 Agulha. Fragmento do corpo e buraco. Comprimento preservado 57 mm. Est. I.

Estas agulhas, com decoração de círculos concêntricos, são comparáveis aos n.ºs 73, 75 e 76 das escavações antigas de Conimbriga, e a outra encontrada numa camada de destruição da chamada «ínsula do vaso fático» nas escavações luso-francesas, todas, infelizmente, sem cronologia associada ⁽¹²⁾. Cf. PONTE, *Fiação*, n.ºs 73, 75 e 76, p. 138, 139, 144, Est. IV; *Fouilles de Conimbriga*, VII, n.º 310, p. 80-81, Est. XII.

⁽⁹⁾ Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, invent. n.º 983.579.35.

⁽¹⁰⁾ *Fouilles de Conimbriga*, VI, p. 189, 191, Est. XLI.

⁽¹¹⁾ HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 48-B, p. 67; forma 67, p. 116.

⁽¹²⁾ Existem mais dois fragmentos de agulhas assim decoradas e cinco de agulhas lisas ou alfinetes com comprimento preservado entre os 10 e 42 mm.

VIDRO

O espolio de vidro exumado do Alto do Cidreira é muitíssimo pobre. O terreno, tão remexido e lavrado, se nos deixou a cerâmica em fragmentos pequenos, quase pulverizou o vidro. De entre essas autênticas «migalhas» destacam-se as seguintes peças :

- 1 16-II-1 *Pyxis* (?), fragmento do bordo e da parede. Soprado em molde. Vidro transparente de boa qualidade, com poucas bolhas de ar pequenas, cor de âmbar, filandrado e com leve irisão. Diâm. do bordo c. 50 mm. Est. II.

A classificação deste fragmento como forma de uma *pyxis* é problemática. O bordo, de secção quadrada, concorda com o tipo; todavia, é de diâm. reduzido. A forma, Isings 22, geralmente tem diâm. de c. 100 mm, ou mais, e os exemplares publicados de modo geral foram fabricados de vidro azul ou verde esmeralda. Datam de meados do séc. i (13). Van Lith apresenta vários exemplares datáveis a partir do reinado de Augusto até à época flávia (14). A qualidade do vidro e a cor do nosso fragmento sempre indicam uma datação do séc. i. Cf. FREMERSDORF, *Blaugrüne Glas*, n.ºs N 866 e N 867, com diâm. de c. 70 mm, p. 37, Est. 69, datados do séc. i; BERGER, *Vindonissa*, n.º 35, p. 27, Est. 3-35, 17-6, com diâm. de 82 mm, da época de Tibério.

- 2 85-GH-1 Garrafa ou frasco, fragmento da asa com nervuras longitudinais. Vidro verde gelo, com bolhas de ar, picado e com leve irisão. N. i.

Esta asa pertencia, mais provavelmente, a uma garrafa de forma Isings 50 ou 51. As garrafas existem com asas de duas nervuras a partir do reinado de Cláudio; o uso de asas com multinervuras, como neste caso, torna-se comum em meados do séc. II (15). A forma perdura até inícios do séc. III (16).

(13) ISINGS, *Dated Finds*, forma 22, p. 38.

(14) VAN LITH, *Asciburgium*, p. 240.

(15) ISINGS, *Dated Finds*, formas 50 e 51, p. 63-69.

(16) VAN LITH, *Valkenburg*, p. 77.

- 3 21-FG-24 Taça, fragmento do bordo e da parede. Vidro incolor de boa qualidade, picado e com irisão, leitoso e esfoliado. Bordo polido ao fogo. Diâm. c. 90 mm. Forma Isings 85 ⁽¹⁷⁾. Est. II.

A qualidade do vidro e a forma apontam para uma datação dos fins do séc. i até, quando muito, os inícios do séc. m. A forma Isings 85 encontra-se numa sepultura de c. 90 d. C., em Paredes e ainda nos meados do séc. m em Verulamium. Cf. PEREIRA, *Paredes*, n.ºs 16 e 17, p. 61, Est. III ; CHARLESWORTH, *Verulamium*, 3, n.º 116, p. 156-157, fig. 64-66; ALARCÃO, *Farrobo*, n.º 3, sepultura 13, p. 9,17, Est. II.

- 4 22-FG-24 Pé de argola, fragmento. Qualidade de vidro idêntica ao anterior. Diâm. c. 44 mm. N. i.

Será possível que este fragmento, encontrado no mesmo quadrado, aliás num nível mais alto de c. 40 cm, faça parte da taça n.º 3?

- 5 87-GH-1 Taça, fragmento do bordo e da parede. Forma e qualidade de vidro como o n.º 3. Picado e com irisão. Diâm. c. 80 mm. N. i.
- 6 44-IH-16 Copo ou boião. Fragmento da base. Vidro incolor de boa qualidade, irisado e esfoliado. Est. II.

É difícil de adivinhar a forma completa deste fragmento. Podia ser um copo alto, talvez até decorado com depressões; outra possibilidade é pertencer a um boião. Seja como for, a qualidade do vidro aponta para uma cronologia a partir dos fins do séc. i até meados do séc. m. Cf. WELKER, *Nida-Heddernheim*, I, n.º 285, p. 123. Est. 17. Veja também HARDEN, *Recensão sobre Nida-Heddernheim*, p. 189-190; HAYES, *Ontario-Glass*, n.º 187, p. 65, fig. 6 datada «possivelmente» do séc. II ; ALARCÃO, *Vidros de Conimbriga*, n.º 135, p. 89, Est. V.

- 7 8-IH-12 Copo cónico. Fragmento da pança. Vidro verde musgo, de boa qualidade, com algumas bolhas de ar pequenas, irisado, picado e com leve corrosão. Soprado em molde com decoração em forma de favo de mel. Forma Isings 107 A. Est. II.

(17) ISINGS, *Dated Finds*, forma 85, p. 101-103.

Infelizmente não conseguimos encontrar paralelo da Lusitânia para este copo de forma vulgar mas de decoração pouco divulgada. Isings apenas cita um exemplar bem datado dos meados do séc. iv (18). De Marselha podemos indicar dois fragmentos de vidro verde com decoração moldada, que, aliás, apresenta temas cristãos. São fragmentos de cronologia tardia: fins do séc. v e séc. vi (19). A qualidade e cor do vidro do n.º 7 concordam com uma cronologia a partir do séc. iv ; existe, portanto, a possibilidade de este ser um vidro de período francamente tardo-romano.

Encontramos duas qualidades de vidro de janela na estação do Alto do Cidreira.

A primeira está representada pelo fragmento 88-GH-1, de vidro verde-relva-amarelado (espessura no centro; 4 mm. N. i.). Este fragmento tem superfície lisa dum lado e é áspero do outro, prova de que foi fundido sobre um molde ainda em estado líquido. Eram estas a técnica e a cor do vidro de janela nos sécs. i e n (20)

Os outros fragmentos (89-GH-1, 90-GH-1 e 12-HH-3, N. i.), de vidro incolor e espessura entre 2 e 2,5 mm, devem datar dos sécs. ni ou iv. Parece tratar-se de vidro soprado, que foi posteriormente aplanado num forno relativamente brando, ficando liso nas duas superfícies (21).

Três fragmentos (88-GH-1, 89-GH-1 e 12-HH-3) conservam o bordo arredondado e ligeiramente levantado que é característico do vidro de janela romano de todas as épocas.

PAREDES FINAS

A ausência quase completa de «paredes finas» no Alto do Cidreira constitui a base da nossa hipótese acerca da escassa presença humana no local durante o séc. i. São os seguintes os dois

(18) ID., *ibid.*, forma 107 A, p. 133.

(19) FOY, *Marseille* (1980), N.ºs 70 e 79, do período 2-A, fases 3 e 4, p. 290-296, fig. 3.

(20) CHARLESWORTH, *Hemel Hempstead*, p. 203.

(21) ID., *ibid.*, p. 203-204.

fragmentos identificados, mais um com aspecto de ser imitação de «paredes finas» em cerâmica comum.

- 1 1-Sup-77 Taça da forma Mayet LUI, fragmento do bordo e da parede. Diâm. 45 mm. Est II.

A pasta branca (10 YR 8/2,5) é do fabrico mais grosseiro de Mérida, ou seja, do grupo 2-a que estabelecemos para a necrópole de Santo André ⁽²²⁾. O engobe é baço e fino, de cor laranja (2,5 YR 7/8) e não foi aplicado no fundo interior da peça, o que, conforme Mayet notou, era corrente para estas taças situadas cronologicamente na segunda metade do séc. i ⁽²³⁾. Cf. MAYET, *Parois Fines*, n.º 621, p. 114, 115, Est. LXXIV.

- 2 1-GH-1 Tigela (?), fragmento minúsculo de bojo. Pasta igual à peça anterior. Engobe alaranjado (2,5 YR 6/8) com brilho metálico e quase cinzento do lado interior. N. i.
- 3 10-HH-15 Copo ou púcaro de bordo em forma de aba descaída. Fragmento do bordo. Diâm. 118 mm. Est. II.

A pasta ocre (7,5 YR 8/4) é muito fina, com abundância de palhetas pequenas de mica, pontinhos castanhos de hematite e escassos grãos angulosos de quartzo. Uma aguada também muito fina e de cor ocre (7,5 YR 8/5) talvez se deva apenas ao alisamento com água da parede. O dorso do bordo foi brunido com uma pedrinha ou instrumento similar. Embora a pasta se pareça com as pastas depuradas de «paredes finas» do melhor fabrico, não conhecemos fabrico a que esta peça possa ter pertencido. A forma do bordo em aba curta faz lembrar os púcaros ou copos asados mais requintados da época flávia ou de inícios do séc. n. Cf. NOLEN, *Alto Alentejo*, n.º* 180-183, p. 72-73, 191, Est. XXV.

⁽²²⁾ NOLEN, *Santo André*, p. 60.

⁽²³⁾ MAYET, *Parois Fines*, forma LUI, p. 114.

TERRA SIGILLATA SUDGÁLICA

Os quinze fragmentos de TSS encontrados na escavação do Alto do Cidreira representam apenas sete formas diferentes. Constitui um conjunto pobre, em comparação com a TSC ou a TSH, o que reflecte não apenas a pobreza mas também, e sobretudo, a escassa ocupação da estação durante o séc. i, visto que a TSS deixou de ser importada para o território português depois dos anos 70/80 (24). A ausência total de peças decoradas é mais uma indicação da relativa modéstia dos habitantes da *villa* no séc. i.

Dado que não se conserva uma única marca, foi-nos impossível atribuir os diversos fragmentos aos muitos oleiros da Gália. Embora as pastas não sejam bons indicadores de proveniência, podemos designar a área de fabrico sem grande hesitação. Ensaiámos uma tal separação de proveniências numa tentativa de estabelecer as vias mais importantes de comércio durante o séc. i da nossa era. Assim, pensamos poder reconhecer o fabrico da região de La Graufesenque em todos os fragmentos, com exclusão completa da importação de Montans (25). Mais uma vez nos encontramos perante o que é normal para as estações da Lusitânia: foi sobretudo Graufesenque que conseguiu dominar o nosso mercado.

A única forma representada por mais do que uma só peça é Dragendorff 15/17.

Pratos da forma Dragendorff 15/17

- 1 2-HG-19 Fragmento da base. Diâm. do pé 80 mm. Est. II.
- 2 3-GH-19 Fragmento da parede e do bordo. Diâm. do bordo 142 mm. Est. II.

Trata-se de dois pratos diferentes, ambos de pasta laranja-rosada, engobe homogéneo, pouco brilhante, cor de tijolo e ligeiramente manchado no caso do n.º 2. Os perfis e a qualidade do

(24) *A propos des céramiques de Conimbriga*, p. 41.

(25) Agradecemos à Dr.ª Conceição Lopes a assistência prestada na escolha e determinação da *terra sigillata* sudgálica.

engobe acetinado destes pratos permitem datá-los da época cláudia ou, o mais tardar, do tempo de Vespasiano. Cf. *Fouilles de Conimbriga*, IV, n.º 193, p. 94, 104, Est. XXVII, com marca de LENTINVS do período pré-flávio.

- 3 22-HG-10 Fragmento do bordo e da parede. Pasta laranja-rosada, fina e dura, com calcite em partículas finas. Engobe grosso e baço, cor de tijolo, estalado na parede exterior. Diâm. 156 mm. Est. II.

O perfil aberto indica uma data mais avançada relativamente aos dois pratos anteriores: talvez os inícios da época flávia. Cf. *Fouilles de Conimbriga*, IV, n.ºs 199-201, p. 93, 104-105, Est. XXVII, de camadas remexidas.

Outras formas encontradas

- 4 23-HH-10 Prato da forma Dragendorff 18, fragmento do bordo e da parede. Pasta vermelha clara, pouco esponjosa, com calcite em partículas finas. Engobe espesso e medianamente brilhante, vermelho. Diâm. 160 mm. Est. II.

O perfil aberto torna-se comparável aos pratos de Conimbriga datados do reinado de Vespasiano. Cf. *Fouilles de Conimbriga*, IV, n.ºs 232, 224, p. 93, 107, Est. XXIX.

- 5 1-HG-22 Taça da forma Dragendorff 24/25, fragmento do bordo e da parede. Pasta fina e dura com pequenos pontinhos de calcite, laranja rosada. Engobe cor de tijolo, pouco espesso, brilhante e aderente. Diâm. c. 90-100 mm. Est. II.

A ausência de decoração de «guiloché» no bordo é rara nesta forma; a ranhura tanto no exterior como no dorso do bordo é, todavia, frequente na produção gálica. Cf. *Fouilles de Conimbriga*, IV, n.º 168, p. 92, 101, Est. XXV; NOLEN, *Santo André*, E 5,13, p. 48, 133-134, encontrado num enterramento dos fins do séc. I ou inícios do séc. II.⁶

- 6 15-II-1 Prato da forma Dragendorff 36, fragmento do bordo. Hestos de decoração de folhas de água de barbotina. Pasta compacta e limpa, com apenas pontinhos raros de calcite, laranja acastanhada. Engobe espesso e aderente, medianamente brilhante, cor de tijolo. N. i.

Esta forma, rara em Conimbriga com apenas seis exemplares registados foi, naquela estação, datada da época flávia. Fazia parte do conjunto «A» do esquema de serviços flávios estabelecido por Vernhet ⁽²⁶⁾. Cf. *Fouilles de Conimbriga*, IV, n.ºs 175, 176, p. 92, 102, Est. XXV.

- 7 4- e 5-GH-19 Taça da forma Dragendorff 33, dois fragmentos do bordo e bojo que não se colam. Pasta dura um pouco esponjosa, todavia limpa, rosada. Engobe espesso e medianamente brilhante, vermelho alaranjado. N. i.

A pequenez dos fragmentos não nos deixa determinar se a taça tinha ou não um pequeno ressalto entre a pança e a base. Parece que um ressalto é indicativo duma cronologia pré-flávia ⁽²⁷⁾. A forma, porém, não se torna abundante antes do período de Domiciano-Nerva e ainda continua a ser produzida durante o séc. m ⁽²⁸⁾. O engobe e a pasta do nosso exemplar apontam para uma cronologia flávia.

Ainda podemos assinalar os seguintes n.ºs, de forma irreconhecível

- 8 5-FG-24 Fragmento de pé e base duma tigela ou taça. N. i.
9 I-IH-21 Fragmento de pé dum prato. N. i.

TERRA SIGILLATA HISPÂNICA

Os fragmentos de TSH do Alto do Cidreira podem dividir-se em três grupos: a *sigillata* do ambiente comercial de Andújar, a do vale do Ebro e, finalmente, a TSH tardia.

O primeiro (dezassete fragmentos) forma um conjunto homogéneo, de pasta relativamente grosseira com abundância de calcite, cuja cor vai desde o amarelo alaranjado (Munsell 6,25 YR 7/6) ao

⁽²⁶⁾ VERNHET, em BÉMONT, *La terre sigillée gallo-romaine*, p. 100.

⁽²⁷⁾ *Fouilles de Conimbriga*, IV, p. 92.

⁽²⁸⁾ OSWALD, *Margidunum*, p. 5 e 8.

laranja acastanhado (Munsell 2,5 YR 5/6). O engobe, geralmente vermelho (Munsell 10 YR 5/6) ou cor de tijolo (Munsell 1,25 YR 4/8), é espesso, baço ou mostrando um leve brilho ⁽²⁹⁾. Tudo isso é característico da produção da área de Andújar e, por isso, deve situar-se cronologicamente entre os anos 30/40 e a segunda metade do séc. II ⁽³⁰⁾. Entre os achados reconhecíveis deste fabrico, figura o prato da forma Dragendorff 15/17, tal como aconteceu com a TSS, embora a forma mais numerosa seja a taça da forma Dragendorff 27. Estão representadas cinco peças, mas apenas duas delas merecem ser ilustradas.

Tigela da forma Dragendorff 27

- 1 9-HI-7 Fragmento do bordo e da carena. Diâm. c. 90 mm. Est. II.
 2 13-HH-15 Fragmento da carena. N. i.
 a l-GH-25 Fragmento do bordo. Diâm. do bordo c. 120 mm. N. i.

Trata-se de três tigelas grandes de bordo aberto e carena mal definida. Estas são características indicativas de uma cronologia da segunda metade do séc. II. Cf. MAYET, *Sigillées Hispaniques*, Vol. I, p. 45-56, vol. II, n.ºs 32, 35, 36, Est. XXIV.

- 4 IO-FG-34 Tigela mais provavelmente da forma Dragendorff 27, fragmento da base. Pé bem definido, de perfil triangular. Diâm. do pé 48 mm. Est. II.

Esta tigela, como as precedentes, será de tamanho grande e de cronologia avançada. Um grafito no fundo exterior *A(nii?)*, marca do utente, é comparável a vários encontrados na cerâmica comum do museu de Vila Viçosa ⁽³¹⁾ e outro de Conimbriga ⁽³²⁾. Cf. MAYET, *Sigillées Hispaniques*, n.ºs 34, 36, Est. XXIV.

⁽²⁹⁾ A cor e a qualidade das pastas e dos engobes apenas serão indicadas quando divergirem desta norma.

⁽³⁰⁾ T. S. H. *Terra Sigillata Hispanica, Monografias del Museo Arqueológico Nacional*, Tomo I, n.º 2, Madrid 1983, p. 163-164.

⁽³¹⁾ NOLEN, *Alto Alentejo*, n.º 51, p. 178., Est. LVII (de escala 1:3).

⁽³²⁾ *Fouilles de Conimbriga*, II, p. 127, n.º 150.

- 5 3-FG-34 Fragmento da base. Pé baixo de secção triangular, porém mal definido. Diâm. do pé 35 mm. Est. II.

Ainda que o diâm. do pé corresponda a uma tigela mais pequena que as anteriores, o pé baixo e mal definido é, mais uma vez, indicativo duma cronologia já do séc. n.

Outras formas encontradas

- 6 6-Sup-81 Fragmento da base. Pé muito baixo. Diâm. 70 mm. Est. II.

A parede grossa e a moldura mal definida são indicativos de uma cronologia avançada, ou seja, fins do séc. i até meados do séc. II (33). Cf. MAYET, *Sigillées Hispaniques*, vol. I, p. 45, vol. II, n.º 10, Est. XXII.

O segundo grupo de TSH consta apenas de quatro fragmentos, de pasta vermelha clara (Munsell 10 R 6/6-7/6), fina e compacta, com muitos pontinhos pequenos de calcite. O engobe, de cor de tijolo (Munsell 10 R 5/8) ou vermelho alaranjado (Munsell 1,75 YR 5/6), é delgado e tem um certo brilho. Este tipo de fabrico sugere uma origem no vale do Ebro, no ambiente comercial de Trício. A quantidade de fragmentos, muito inferiores aos de Andújar, é de notar. Estas quantidades relativas são nitidamente opostas ao que se tem verificado noutras estações portuguesas que conheceremos, como, por exemplo, Conimbriga ou Santo André. Será que a exportação de Andújar se efectuou por via marítima para melhor abastecer as *villae* e cidades costeiras ?

- 7 4-FG-24 Fragmento com decoração estampada, provavelmente da forma Dragendorff 37. Motivo: uma flor, tipo malmequer, dentro dum círculo. Est. II.

Neste fabrico, a forma Dragendorff 37 é geralmente datada desde os fins do séc. i até aos meados do séc. n, não estando ainda

(33) Encontrámos mais três fragmentos de taças desta forma.

documentada a sua suposta continuação para além deste período ⁽³⁴⁾. Cf. *Fouilles de Conimbriga*, IV, n.º 131, p. 159-160, Est. XLI, dos fins do séc. i até aos meados do séc. ii ; MAYET, *Sigillées Hispaniques*, vol. II, n o 638, Est. CXLVII, vol. I, p. 90.

8 7-HG-23 Taça da forma Dragendorff 33, fragmento do bordo. N. i.

9 2-HH-22 Taça de forma indeterminável, fragmento da base. N. i.

O último grupo reconhecido na TSH do Alto do Cidreira consta de dois fragmentos de fabrico tardio. A sua proveniência é ainda desconhecida, talvez seja também o vale do Ebro ⁽³⁵⁾.

10 3-IH-21 Taça da forma Dragendorff 37, fragmento do bojo. Pasta compacta e limpa, com poucos grãos pequenos de quartzo e mica, de cor laranja-claro (Munsell 2,5 YR 7/8). Engobe muito gasto (não temos qualquer indicação se também existia no interior). Decoração de grinaldas de chaveirões. Est. II.

Este motivo de decoração é frequente, embora não seja o mais usado na forma 37 tardia. Cf. MEZQUIRIZ, *Terra Sigillata Hispánica*, Est. 197-42, uma taça de Navarra com engobe somente na parede exterior (voi. I, p. 290); Est. 199-47, outra taça de Navarra sem engobe na base interior (voi. I, p. 290); Est. 281-2, cuja cronologia indicada pela qualidade do engobe e pelo motivo da decoração, cabe no séc. iv (voi. I, p. 411); ID., *Pompado*, II, motivo J 3, fig. 30 de Arcedianato, 1965, Sector C.F., Estrado II, dos séc. iv e iv (p. 19); MAYET, *Sigillées Hispaniques*, a decoração assemelha-se ao segundo estilo decorativo (p. 259), a pasta e engobe concordam com o tipo B (p. 250).

11 15-HH-10 Fragmento da pança de forma desconhecida. N. i.

A qualidade e cor da pasta e o engobe deste fragmento integram-se no grupo «A» da classificação da TSH tardia de Mayet, cf. *Sigillées Hispaniques*, vol. I, p. 250.

⁽³⁴⁾ MAYET, *Sigillées Hispaniques*, vol. I, p. 84-85.

⁽³⁵⁾ ID., *ibid.*, vol. I, p. 283.

TERRA SIGILLATA CLARA

Em flagrante contraste com o que acontece com a TS sudgálica ou hispânica, o Alto do Cidreira apresenta uma colecção de TSC rica e diversificada em fabricos e pastas. Isso não só fala a favor da ocupação mais intensa durante o séc. n e seguintes, mas também das vias marítimas e do comércio que ligavam a costa ocidental de Lusitânia ao Norte de África, zona de origem da TSC «A», «C» e «D».

«Terra Sigillata Clara A»

De TSC «A» encontramos um total de 61 fragmentos, representando, pelo menos, cinco formas diferentes. A pasta é, regra geral, bem classificada, com muitos grãos pequenos e angulosos de quartzo. A sua cor varia entre o laranja-avermelhado (Munsell 1,25 YR 7/8) e o vermelho-claro (Munsell 10 R 6/8). O engobe, espesso e na maioria das peças bem preservado, mostra uma superfície com borbulhas pequeníssimas (o dito aspecto de «casca de laranja»), quanto a cor é mais avermelhada do que a da pasta, variando do laranja/cor de tijolo (Munsell 1,25 YR 5/8) ao vermelho-claro (Munsell 10 R 6,5/8) ⁽³⁶⁾.

As formas documentadas por fragmentos classificáveis são as seguintes:

Tigela da forma Hayes 3

- 1 2-IG-22 Fragmento do bordo. Engobe muito gasto. O fragmento pequeno não conserva qualquer indicação da decoração de barbotina frequente nestas tigelas. Diâm. 112 mm. N. i.

Cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, n.º 109, p. 23-25, fig. 2, da primeira metade do séc. n.

⁽³⁶⁾ Somente será indicada a cor da pasta e/ou do engobe quando divergir da norma dos respectivos fabricos.

Tigela da forma Hayes 6B?

- 2 1-FG-24 Fragmento da base com pé de argola. Diâm. do pé c. 60 mm. Est. III.

Cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, n.ºs 16, 17, p. 29-31, fig. 3, da segunda metade do séc. II.

Taças da forma Hayes 9

- 3 2-FG-24 Forma 9 A, fragmento pequeno da pança com decoração de «guilhoché». N. i.
 4 13-FG-24 Forma 9 A, fragmento pequeno da pança com decoração de «guilhoché». N. i.
 5 12-FG-24 Forma 9 B, fragmento do bordo com decoração de dois sulcos. Pasta laranja (2,5 YR 6/8), engobe laranja-claro (2,5 YR 7/8). Diâm. c. 160 mm. Est. III.

Cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 9 A, p. 35-37, fig. 4, com cronologia de c. 100-160 e posterior; forma 9 B, p. 35-37, fig. 4, da segunda metade do séc. II.

Taças da forma Hayes 14 A

- 6 3-Sup-81 Dois fragmentos da parede e da base. Pasta cinzento acastanhada (2,5 YR 4/1), engobe espesso com brilho leve, laranja (2,5 YR 5,6/8), manchada de cinzento escuro. Est. III.
 7 2-zona polícia Três fragmentos da parede e da base. Pasta laranja Munsel 2,5 YR 6/8, engobe quase completamente gasto. Diâm. c. 240 mm. Est. III.
 8 3-zona polícia Dois fragmentos da parede e da base. Pasta laranja Munsel 2,5 YR 6/8, engobe completamente desaparecido. N. i.
 9 4-zona polícia Fragmento do bojo. Pasta laranja (Munsel 2,5 YR 6/8), engobe completamente desaparecido no exterior, fino e baço no interior. N. i. ⁽³⁷⁾.

Cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 14 A, p. 39, 41, fig. 6, com cronologia de meados do séc. II.

⁽³⁷⁾ Existem mais sete fragmentos de bordos e dois de bases da forma Hayes 14 A.

Pratéis da forma Hayes 16

- 10 31-HH-10 Fragmento da parede e da base. Pasta laranja (2,5 YR 6/8), engobe fino e baço, muito estragado, ligeiramente mais escuro do que a pasta. Diâm. c. 140 mm. N. i.
- 11 2-HH-25 Fragmento da parede e da carena. Diâm. 148 mm. Est. Ili*
- 12 4-HH-25 Dois fragmentos da parede e da carena. Diâm. 142 mm. Est. III.

Cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 16, p. 41-42, fig. 6, com cronologia sugerida da segunda metade do séc. II e posterior.

Pratos da forma Hayes 27

- 13 6-HH-3 Fragmento do bordo. Pasta laranja (2,5 YR 5/8), engobe laranja-claro (2,5 YR 7/8). Est. III.
- 14 8-HH-25 Fragmento do bordo. Pasta laranja (2,5 YR 6/8), engobe laranja-claro (2,5 YR 7/8). N. i. ⁽³⁸⁾.

Cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 27, p. 49-51, fig. 8, cronologia sugerida: c. 160-220.

O final do fabrico de TSC «A» e a sua transição para o de «D» está documentado no Alto do Cidreira por:

- 15 1-HH-8 Prato da forma Hayes 32/58 (?). Fragmento da base. Pasta corno a da TSC «A», vermelha clara (10 R 6/7), engobe típico para o fabrico «A» e aplicado dos dois lados, espesso e com aspecto de «casca de laranja», de cor vermelho-clara (10 R 6/8). Est. III.

É de notar que a forma desta base se assemelha à que se passou a usar nos primeiros pratos do fabrico de TSC «D». Cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 32/58, p. 95-96, fig. 14, cronologia de fins do séc. m-inícios do séc. v.

⁽³⁸⁾ Existem mais dois fragmentos de pratos desta forma.

«Terra Sigillata Clara C»

A «C» também foi muito procurada e usada pelas gentes que habitaram o Alto do Cidreira. Exumámos aí 46 fragmentos desse tipo de cerâmica (infelizmente são poucos os fragmentos de bordos), cuja gama de formas deve ter sido, porém, bastante limitada, uma vez que apenas nos foi possível reconhecer pratos das formas Hayes 50 e 58. A pasta da maior parte dos fragmentos está conforme às normas já conhecidas, ou seja: uma pasta limpa, compacta, com apenas escassos grãos muito pequenos de quartzo. A cor situa-se dentro dos vários tons de laranja (Munsell 2,5 YR 6/8-7/8) ou vermelho-claro (Munsell 10 R 6/9-7/8). O engobe, fino, geralmente com pouco brilho, é aderente; mas, devido a ser uma película delgada, encontra-se muitas vezes gasto ou até mesmo desapareceu. A sua cor acompanha a da pasta.

Pratos da forma Hayes 50

- 16 1-HH-3 Forma 50 A, fragmento da parede. Lábio biselado. Engobe muito gasto, pouco brilhante, vermelho-claro. Diâm. c. 300 mm. Est. III.
- 17 2-HH-8 Forma 50 B, fragmento da parede. Lábio arredondado. N. i. ⁽³⁹⁾.

Cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 50 A, p. 69-73, fig. 12, cronologia de 230/360; forma 50 B, p. 69-72, fig. 12, cronologia de 350-400 e posterior.

Prato da forma Hayes 58 A

- 18 1-II-3 Fragmento do bordo e da parede. Bordo decorado com ranhuras finas. Diâm. c. 360 mm. Est. III ⁽⁴⁰⁾.

Cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 58 A, p. 93-95, fig. 14, cronologia: de 290/300-375.

⁽³⁹⁾ Existem mais três fragmentos de bordos desta forma.

⁽⁴⁰⁾ Existem mais três fragmentos pequenos de bordos da mesma forma.

Também a transição da TSG «C» para a «D» está assinalada no Alto do Cidreira. Vários fragmentos de bordos da forma Hayes 58 mostram uma pasta que, embora menos depurada que a da TSC «C», apresenta, no entanto, ainda melhor qualidade que a «D» evoluída, enquanto o engobe, fino e baço (e. g., n.º 14-HH-15 n. i.), ou com um brilho leve (e. g., 24-IH-21 n. i.), continua pelo menos na sobeira do bordo (41).

«Terra Sigillata Clara D»

A forma Hayes 58 B de TSC «D» representa a primeira importação deste tipo de cerâmica. A pasta, com muitos grãos de tamanho pequeno ou médio, de quartzo e inclusões de calcite, tem uma variedade lata de tons, desde o laranja-claro (Munsell 2,5 YR 6/8) até ao vermelho-claro (Munsell 10 R 7/8) e a cor de tijolo (Munsell 10 R 5/8). As peças mais escuras, às vezes manchadas por causa das temperaturas elevadas e da falta de controlo sobre a circulação do ar no forno, pertencem geralmente às formas mais tardias. O engobe também varia muito na sua cor, embora o laranja (Munsell 2,5 YR 6/8) seja a cor mais corrente, especialmente nas peças de cronologia mais alta. A aplicação de engobe foi quase sempre numa camada fina, com aspecto baço ou de pouco brilho.

A abundância relativa de TSC «D» (38 fragmentos) é prova da persistência e intensidade do povoamento do Alto do Cidreira até ao período romano tardio.

Pratos da forma Hayes 58 B

Quase todos os fragmentos desta forma encontrados no Alto do Cidreira apresentam engobe nos dois lados da parede. O bordo está sempre decorado com, pelo menos, duas ranhuras finas (42).

(41) Trata-se de dois fragmentos do bordo e mais alguns da pança, pequenos demais para serem ilustrados.

(42) Além das peças enumeradas, há ainda cinco fragmentos desta forma.

- 19 14-HH-10 Dois fragmentos do bordo e da parede. Engobe laranja (2,5 YR 5/8) nos dois lados da parede. Diâm. c. 360-380 mm. Est. III.
- 20 4-HH-15 Fragmentos do bordo e da parede. Pasta vermelho-claro (10 YR 6,5/8), engobe do mesmo tom. Diâm. c. 320 mm. N. i.
- 21 1-11-16 Fragmento do bordo e da parede. Desprovido de engobe no exterior da pança. Diâm. c. 300 mm. Est. III.

Cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 58 B, p. 93-96, fig. 14, cronologia de c. 290/300-375.

Pratos da forma Hayes 59 B

- 22 1-HH-2 Fragmento do bordo e da parede. Pasta cor de tijolo (10 R 5/8), engobe vermelho (10 R 5/6), aplicado apenas no bordo e no lado interior da pança. Diâm. c. 294 mm. Est. IV ⁽⁴³⁾.

Cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 59 B, p. 96-100, fig. 15, cronologia de c. 320-420.

Pratos da forma Hayes 61

Os pratos desta forma relativamente tardia já representam um fabrico um tanto degenerado. A pasta, laranja acastanhada (Munsell 2,5 YR 5/6), bastante esponjosa e groseira, contém abundantes grãos de quartzo e também feldspato, mica, glóbulos de óxido de ferro e calcite. O engobe, laranja acastanhado (2,5 YR 5,5/6) ou avermelhado (1,25 YR 6/8), é espesso e aderente e, em muitos dos casos, queimado e manchado de cinzento escuro (10 R 3/1). Em metade das peças, o engobe não foi aplicado na parede exterior, mas apenas sobre o bordo.

- 23 4-IH-12 Forma 61 B, fragmento do bordo e da parede. Diâm. c. 340 mm. Est. IV.
- 24 3-IH-17 Forma 61 B, fragmento do bordo e da parede. Restaurado na Antiguidade com um gato. Est. IV.

⁽⁴³⁾ Desta forma existem mais três fragmentos de bordos, dois dos quais de pasta e engobe em tons de vermelho, o outro em tons de laranja.

Estes dois pratos, mais dois de igual perfil, fazem parte da produção mais tardia desta forma. A sua cronologia deve caber nos fins do séc. IV ou na primeira metade do séc. v. Cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 61 B, p. 100-107, figs. 16 e 17; ID., *Supplement*, p. 516.

Pratos da forma Hayes 67

Hayes distingue três grupos diferentes nesta forma, cada um deles com fabrico típico e cronologia diferente. Pelos bordos (não se conservam os fundos decorados) podemos reconhecer dois destes fabricos entre os três fragmentos desta forma achados no Alto do Cidreira.

- 25 26-IH-21 Fragmento do bordo. Engobe baço, laranja (2,5 YR 5,5/8). Diâm. c. 420 mm. Est. IV.

Este prato pode ser integrado no primeiro grupo, datável da primeira metade do séc. iv.

- 26 5-HH-15 Fragmento do bordo. Engobe espesso, laranja avermelhado (1,25 YR 5/8). Diâm. c. 280 mm. Est. IV.

Outro fragmento (1-sup-81) tem engobe mais fino, de um laranja mais vivo (2,5 YR 6/8). Estes dois fragmentos pertencem ao terceiro grupo desta forma, cuja cronologia se situa a partir dos meados do séc. v. Cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 67, p. 112-116, fig. 19.

Tigela da forma Hayes 67/71

- 27 91-HH-25 Fragmento do bordo. Pasta laranja-claro-rosada (2,5 YR 7/6) vestígios de engobe muito fino e baço, laranja-rosado. Duas ranhuras na parte superior do bordo. Diâm. c. 162 mm. N. i.

Cf. HAYES, *Supplement*, p. 485 e 503; *Fouilles de Conimbriga*, IV, n.ºs 70-74, p. 264-265, Est. LXX, cronologia: séc. iv? (p. 270).

Tigela da forma Hayes 73 A

- 28 4-IH-17 Fragmento do bordo, não conservando, porém, os entalhes característicos desta forma. Diâm. 160 mm. Est. IV.

Cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 73 A, p. 122-124, fig. 21, cronologia: c. 420-475; *Fouilles de Conimbriga*, IV, n.º 87, p. 257-258, Est. LXXI, uma tigela parecida, também sem entalhes no bordo, mas de fabrico TSC «C».

Travessa da forma Hayes 76 B

- 29 23-1H-31 Fragmento do bordo e da parede. Pasta e engobe (este com brilho leve) de cor laranja-avermelhado (1,25 YK 6/8). Diâm. 486 mm. Est. IV.

Cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 76, n.ºs 6 e 7, p. 124-125, fig. 21; ID., *Supplement*, forma 76 B, p. 485-486, 504, cronologia: inícios do séc. v; *Fouilles de Conimbriga*, IV, n.ºs 93 e 95, p. 265-266, 277, Est. LXXII

Prato covo da forma Hayes 103 B

- 30 1-II-I Fragmento do bordo. Diâm. c. 320 mm. Est. IV.

Cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 103 B, p. 157-160, fig. 29, cronologia: c. 500-575.

Travessa da forma Hayes 104 A

- 31 4-sup-81 Fragmento do bordo. Diâm. c. 350 mm. Est. IV.

Cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 104 A, p. 160-166, figs. 29 e 30, cronologia: c. 530-580, ou a partir dos meados do séc. v (*Fouilles de Conimbriga*, IV, p. 270).

(44) HAYES, *Late Roman Pottery*, p. 115.

Pratos ou travessas de forma indeterminável

- 32 1-HH-12 Fragmento do fundo com decoração estampada. Pasta laranja rosada (2,5 YR 6/6), muito bem classificada, com inclusões muito abundantes (especialmente de quartzo) em fracção pequena. Engobe espesso, baço, de cor vermelho-amarelada (1,25 YR 5/6) apenas no lado de dentro. Est. IV.

A decoração estampada é dos tipos Hayes 36 e 69, ambos encontrados nas formas Hayes 61, 64 ou 67, com cronologia entre c. 350 e 450 (HAYES, *Supplement*, p. 516).

- 33 9-HH-25 Fragmento do fundo com decoração estampada. Pasta laranja amarelada (3,75 YR 7/8), semelhante à da peça anterior. Engobe muito fino mas aderente, do mesmo tom da pasta. Est. IV.

Cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, p. 218-219; ID., *Supplement*, decoração do estilo A, de cronologia entre c. 320 e c. 450.

«Late Roman C»

Chegaram até nós três fragmentos de bordos de pratos da forma Hayes 3 C e 3 E, do fabrico TSC de origem fócense. A pasta calcítica de cor laranja (2,5 YR 6-7/8) dos nossos exemplares assemelha-se, de resto, a este tipo de cerâmica dito «Late Roman C».

- 34 2-HH-3 Forma 3 C, fragmento do bordo. Vestígios de engobe na parede interior. Diâm. c. 236 mm. Est. IV.
- 35 10-HI-7 Forma 3 C, fragmento do bordo. N. i.
- 36 Sup-77 Forma 3 E, fragmento do bordo decorado com «guilhocé» fino. Est. IV.

Cf. HAYES, *Supplement*, p. 525-526. ID., *Late Roman Pottery*, forma 3 C, p. 329, 333 e 337, fig. 67-7, com cronologia entre c. 460-490; forma 3 E, p. 331, 333, fig. 68-16, dos inícios do séc. iv.

SIGILLATA CINZENTA PALEOCRISTÃ

O razoável poder económico dos habitantes do Alto do Cidreira na época tardo-romana, já citado (p. 3), também se documenta com os dois fragmentos de «*sigillata* cinzenta paleocristã» importada da Gália.

Trata-se de um prato e de uma tigela, de pasta cinzenta-clara (10 YR 6/2), muito fina, compacta, com algumas inclusões muito pequenas de mica, visíveis com lupa de mão. As peças foram acabadas com um engobe delgado e brilhante, em cinzento muito escuro (N 3), no caso do prato, e cinzento escuro (10 YR 4/1), na tigela.

A «*sigillata* cinzenta paleocristã» foi produzida na Gália a partir dos fins do séc. iv e durante todo o séc. v, continuando, talvez, a sua produção no séc. vi; todavia, a data final deste fabrico ainda não foi determinada (45). O certo é que, no séc. v, começou a substituir a «*terra sig illia ta*» tardia e, no fundo, este tipo de cerâmica pode ser considerado uma continuação da TSC «B» (46). Havia vários centros de produção na Gália meridional; situavam-se dois na região de Narbona, merecendo Marselha um lugar especial, porque exportava os seus produtos em grandes quantidades para muitos territórios, designadamente a Hispânia (47). Hayes considera estes fabricos não só de origem mas também de cronologias diferentes; concorda, contudo que a datação das duas primeiras fases (originárias de Narbona e de Marselha) deve situar-se, respectivamente, na segunda metade do séc. iv e no séc. v, devido à semelhança da decoração com a da TSC «D» da mesma época (48).

É, para nós, impossível saber a qual dos dois fabricos os nossos fragmentos pertencem; não podemos, por isso, precisar, por enquanto, a sua cronologia.

(45) RIGOIR, *Grises et Orangées*, p. 177.

(46) ID., *ibid.*, p. 179.

(47) RIGOIR, *Les Dérivées*, p. 35-36 e 40. Em Portugal, a «*terra sigillata* cinzenta» foi, até agora, assinalada em Tróia, Conimbriga e Póvoa de Cós (cf. MAIA, *Troia*, p. 412).

(48) HAYES, *Late Roman Potery*, p. 403.

Prato da forma Rigoir 8

- 1 5-IH-12 Fragmento do bordo e da parede. Diâm. indeterminável.
Est. IV.

Cf. RIGOIR, *Sigillée Grise*, n.º 144, p. 26, Est. VII ; HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 61 A/B, n.º 26, p. 105-107, fig. 17. Este prato de TSC «D» tem essencialmente a forma do nosso e, sendo uma peça de transição, deve datar dos fins do séc. iv (HAYES, *Supplement*, p. 516).

- 2 6-IH-16 Fragmento do bordo e da parede, com decoração estampada.
Diâm. 130 mm. Est. IV.

A decoração está estampada em duas faixas: a superior, de rodela com raios no centro e pontilhado à volta de círculos concêntricos; a inferior, de estrelas de David. Não conseguimos encontrar paralelos exactos para estes punções na gama de «terra sigillata cinzenta paleocristã» publicada. As rodela podem ser confrontadas com o motivo n.º 533 de Rigoir, encontrado, por exemplo, numa peça de Elche — só que esse motivo apresenta doze raios, enquanto que o nosso tem dezasseis. A estrela de David parece ser motivo raro na produção de «terra sigillata paleocristã»⁽⁸⁹⁾. Apenas encontramos desenho semelhante na «terra sigillata Late Roman C» usada durante os anos 440-490. Cf. RIGOIR, *Sigillée Grise*, p. 1-91 ; forma 6, p. 25-26; motivo n.º 39, p. 43; RIGOIR, *Les Dérivées*, p. 33-68; motivo n.º 553, p. 46-47; HAYES, *Late Roman Pottery*, motivo n.º 6a, do grupo II, p. 349 e 351, fig. 73.

LUCERNAS

Encontrámos apenas cinco fragmentos de lucernas, dos quais só três são mais ou menos reconhecíveis e classificáveis quanto à forma. Trata-se de fragmentos pequenos; não queremos, todavia, deixar de anotar a sua presença.

⁽⁸⁹⁾ RIGOIR, *Grises et Orangées*, p. 203-204, o autor admite desconhecer o motivo no período paleocristão.

- 1 9-IH-16 Fragmento da orla, com decoração de óvulos. Pasta fina, ocre (7,5 YR 7/4), engobe mal preservado, laranja-acastanhado. Est. II.

Este fragmento pertencia possivelmente à forma Deneauve V A ou V D, ou ainda ao tipo Dressel/Lamboglia 16, todos eles datáveis do séc. i. Cf. DENEAUVE, Carthage, n.º 474, p. 136. Est. L ; n.ºs 624, 629, p. 156,157, Est. LXIII.

- 2 15-HH-5 Fragmento da orla e da asa. Asa perfurada com três ranhuras longitudinais. Vestígios de decoração de pérolas na orla. Pasta laranja-amarelada (5 YR 7/6), limpa e dura, sem engobe. N. i.

Estamos confrontados com o fragmento de uma lucerna da forma Dressel, Lamboglia 30 A ou B do séc. m. Cf. ALARCÃO, Lucernas romanas, n.ºs 27 e 28, p. 77, 85, Est. IV e V.

- 3 19-HG-24 Fragmento de um bico alongado. Pasta grosseira, cinzenta (N 5,5/0), sem engobe. N. i.

O bico alongado aponta para uma cronologia do séc. m ou iv.

CERÂMICA FINA BRANCA

Entre a cerâmica fina do Alto do Cidreira existem doze fragmentos de peças pequenas e bem modeladas numa pasta branca semelhante à pasta mais grosseira do fabrico emeritense de «paredes finas». A raridade destas peças, a qualidade da pasta e a sua modelação sugerem um fabrico talvez nas oficinas que produziam a própria cerâmica de «paredes finas» na região de Mérida.

A pasta é também comparável à pasta H-2 da cerâmica procedente das necrópoles elvenses, sobre cuja possível origem e fabrico já nos debruçamos⁽⁵⁰⁾. Sugerimos então, como hipótese, que este fabrico se situaria, provavelmente, nos sécs. n e m. Temos que admitir, agora, a possibilidade de também nos finais do séc. i se

⁽⁵⁰⁾ NOLEN, *Alto Alentejo*, cf. o capítulo sobre as pastas e os n.ºs 137 e 138, p. 62-63, Est. XVIII.

tornearem já peças deste tipo, a par com a própria cerâmica de «paredes finas». A bilha n.º 1, por exemplo, tem o bordo com dobra típico já do séc. i. Esta pasta «branca» de tons beje muito claros caracteriza-se pela sua cor consistente (10 YR 9/2-8/3). Trata-se de um barro fino, com abundantes grãos angulosos de quartzo, pequeníssimas inclusões de minerais ferromagnesianos, algumas de mica, feldspato e cerâmica moída, e vários pontinhos de hematite. A cerâmica moída não está presente em quantidades suficientes para se poder falar de desengordurante.

De forma reconhecível são:

- 1 6-HH-8 Bilha de bordo com uma dobra, fragmento do gargalo. Diâm. 66 mm. Est. II.

Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 459, p. 86, Est. XXII, uma bilha com duas asas da época flávia; n.º 508, p. 90 e 92, Est. XXIV, em cerâmica siltosa dos sécs. i e n ; SANTROT, *Aquitaine*, n.º 403, p. 178, uma bilha encontrada em Saintes, datável dos anos 50-80.

- 2 13-HH-25 Mortarium pequeno ou prato covo, fragmento do bordo. Diâm. 238 mm. Est. II.

Cf. ALARCÃO, *Cerâmica aparentada com PF*, n.º 49, p. 104, Est. III. Este fabrico tem integralmente uma cronologia da segunda metade do séc. i. *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.º 47, p. 74 e 76, Est. XVIII, uma peça encontrada na canalização do foro flávio.

- 3 3-GH-1 Tigela ou lamparina, fragmento do bordo. Diâm. interior do bocal 78 mm. Est. II.
- 4 4-GH-1 Púcaro, fragmento do bordo. Diâm. 78 mm. Est. II.

Parece-nos tratar-se de um púcaro pequeno com duas asas, semelhantes aos tipos 1-a e 1-b de Vila Viçosa ⁽⁵¹⁾. As duas peças do tipo 1-a foram torneadas na pasta H, comparável à deste púcaro.

(51) **ID.**, *ibid.*, púcaros dos tipos 1-a e 1-b, p. 68-69, Est. XXI.

A cronologia sugerida para os dois púcaros do Alto Alentejo é a segunda metade do séc. i ou a primeira metade do séc. n.

- 5 5-GH-1 Asa(s) com sulco longitudinal, dois fragmentos isolados. N. i.
- 6 2-GH-1 Fundo de bilha pequena, taça ou púcaro. Diâm. do pé 34 mm. N. I.

Este fundo e a(s) asa(s) possivelmente faziam parte do púcaro n.º 4.

A pasta, também branca, do seguinte vaso é essencialmente diferente da das seis peças anteriores :

- 7 90-GH-1 Malga ou *mortarium* pequeno, fragmento do bordo reentrante. Diâm. c. 138 mm. Est. II;

A pasta branca (2,5 Y 9/2) é esponjosa, de boa classificação, com abundantes elementos não argilosos, constituída na sua maioria por quartzo em grãos rolados de tamanho médio. Ocorre também o feldspato, glóbulos ferruginosos, grãos pequenos de minerais ferro-magnesianos e grãos polimineralizados. A pasta assemelha-se à dos «almofarizes de importação» de Conimbriga ⁽⁵²⁾.

CERÂMICA COMUM

AS PASTAS E OS ACABAMENTOS

O exame à lupa de mão das pastas utilizadas no fabrico de cerâmica «comum» encontrada no Alto do Cidreira levou-nos a concluir que a maioria das peças são provenientes da mesma zona ou até das mesmas olarias. Elevada percentagem (c. 70%) dos fragmentos inventariados foi fabricada a partir de pastas parecidas e relacionadas (são as pastas do nosso grupo 1). Os restantes vasos

(52) *Fouilles de Conimbriga*, VI, p. 71-72, trata-se de almofarizes, porém, de formas não comparáveis à n.º 7, da época flávia e trajânica.

representam, pelo menos, três fabricos diferentes, qualquer um deles sem significado numérico e, por isso, comercial, para a população da *villa*. Apenas podemos sugerir com certo grau de confiança a proveniência de dois fragmentos (n.º 53, prato de bordo reentrante, e 20-IH-21, um fragmento pequeno inédito dum jarro asado de colo apumado — cf. n.º 72 da cerâmica comum). A sua pasta abundante em minerais ferro-magnesianos aponta para uma origem algures no Alto Alentejo ⁽⁵³⁾. A escassez de peças desta pasta (tipo A na classificação elaborada para a cerâmica «comum» do Alto Alentejo) sublinha o que já dissemos acima (p. 4): a falta de relações comerciais entre a costa ocidental e o interior da Lusitânia.

Ainda que não possamos localizar os barreiros que deram os barros das pastas do grupo 1 e, por isso, se desconheça, por enquanto, o lugar da fabricação da maior parte da cerâmica usada na *avilla* do Alto do Cidreira, podemos ter a certeza de que uma tal quantidade de louça não era transportada de muito longe.

Foi-nos possível identificar os seguintes tipos diferentes de barros usados no fabrico da presente colecção de cerâmica «comum» :

Tipo 1

Trata-se de pastas depuradas a partir de um barro recolhido não muito longe da rocha-mãe. Os grão sub-angulosos ou subulados indicam que a matéria-prima sofreu uma certa acção de transporte pelas águas, embora a presença de abundante mica em algumas das peças deste grupo seja índice da desintegração recente da rocha-mãe.

Todas as pastas deste grupo se reconhecem pela presença de quartzo dominante entre os componentes não-argilosos. Encontramos também pouco feldspato e escassos grãos polimineriais (especialmente no tipo 1-a) e/ou cerâmica moída.

O grupo é divisível consoante a depuração que o barro sofreu nas mãos do oleiro :

1-a Pasta francamente grosseira, com abundantes inclusões não-argilosas, medianamente ou mal classificada, dura e esponjosa.

⁽⁵³⁾ NOLEN, *Alto Alentejo*, p. 23-24; *Id.*, *Santo André*, p. 70.

A sua cor é laranja acastanhada (Munsell 3,75 YR-5 YR 5/6) ou castanha (Munsell 7,5 YR 4/2) até cinzenta escura (Munsell 7,5 YR 3/0) e, nalguns casos, laranja amarelada (Munsell 5 YR 7/7). São 76 os fragmentos desta pasta inventariados⁽⁵⁴⁾, dos quais 27 apresentam uma maior concentração de cerâmica moída e oito mostram elevado teor de mica, geralmente moscovítica. Parece ter sido a pasta preferida para modelar os potes de cozinha.

Existem ainda mais dez fragmentos numa variedade clara desta pasta (cf. o prato n.º 59 e a panela n.º 14).

1-b É a pasta mais encontrada. Sensivelmente mais fina que 1-a, com muitas inclusões não-argilosas, de tamanho médio, bem ou medianamente classificada, dura e compacta ou pouco esponjosa. A cor anda à volta do laranja-acastanhado (Munsell 5 YR 5/6), ou, mais raramente, variações desta cor que podem ir desde o laranja (Munsell 2,5 YR 6/8), ocre-alaranjado (Munsell 7,5 YR 6/5) até ao castanho escuro-alaranjado (Munsell 5 YR 4/3-4/6). Entre os 114 fragmentos examinados, encontramos alguns com abundância de pequeníssimos pontinhos de mica. Das 77 panelas inventariadas, 31 foram torneadas com esta pasta.

1-c Pasta mais depurada, com poucas inclusões não-argilosas de tamanho pequeno, bem classificada, pouco esponjosa, um tanto branda, de cor laranja (Munsell 2,5-5 YR 6/8) ou ocre-alaranjado (Munsell 6,25 YR 6/4). Foram registados 43 fragmentos desta pasta, e encontramos, mais uma vez, alguns cacos (13) com abundância de mica.

1-d Pasta comparável à 1-b, mas com cerâmica moída em quantidades que indicam um adicionamento intencional, de maneira que se pode falar de «desengordurante» para conseguir uma pasta menos plástica e mais resistente. Registamos 36 fragmentos nesta pasta.

⁽⁵⁴⁾ As quantidades indicadas na distribuição das várias pastas referem-se aos fragmentos (geralmente bordos, 403 ao todo) inventariados. Não fizemos um estudo nem um cálculo numérico das pastas de todos os cacos recolhidos.

1 - b/d Outra pasta comparável à 1-b ou à 1-d, mas com reduzida quantidade de cerâmica moída. Aqui já não se trata de «desengordurante», mas sim de sujidade não intencional da olaria ⁽⁵⁵⁾. Classificamos 26 fragmentos desta pasta.

Tipo 2

2- a Pasta feldspática, usada de preferência para a fabricação de cântaros e dólios das épocas tardo- e pós-romanas. Trata-se de uma pasta bastante grosseira, mal ou medianamente classificada, em que o feldspato é o ingrediente mais característico e abundante. Apresenta-se em grãos de tamanho variável desde o pequeno até ao grande. O quartzo é em menor quantidade, apresentando grãos sub-rolados até sub-angulosos. Encontram-se também, por vezes, cerâmica moída e grãos polimineralizados em quantidades significativas. É uma pasta dura, áspera, cozida a temperaturas geralmente altas, dando tons de laranja claro (Munsell 3,75 YR 7/6) até o castanho escuro alaranjado (Munsell 5 YR 4/4), sendo, porém, mais frequente o laranja acastanhado (Munsell 5 YR 5/6). Reconhecemos 22 fragmentos nesta pasta.

2-b Pasta relacionada tanto com o tipo 2-a como com o 1-a. A quantidade de feldspato presente coloca-a entre as duas; a textura, classificação e outros ingredientes não-argilosos aproximam-na da pasta 2-a. A cor dos 19 fragmentos registados varia, mais uma vez, entre o laranja escuro (Munsell 2,5 YR 4/8) e o laranja-acastanhado (Munsell 3,75 YR 5/6), embora existam três fragmentos do bordo de um prato (e. g., n.º 50 com engobe vermelho), cuja cor é o ocre (Munsell 7,7 YR 7/4).

⁽⁵⁵⁾ A quantidade deste elemento faz pensar, todavia, que não se trata apenas de simples sujidade da olaria. Não há dúvida que o ambiente de trabalho foi diferente durante o amassar das duas pastas (1-b e 1-b/d). Será que a pasta 1-b/d saiu com mais «grog» nos dias em que se varria o chão e andava poeira no ar?

Tipo 3

Pasta branda em que o elemento não-argiloso mais significativo é a cerâmica moída. Também existem muitos grãos rolados de quartzo, índice de que se trata de uma pasta transportada. Encontram-se poucos grãos de feldspato e/ou mica, enquanto a quantidade total de elementos não-argilosos pode ser desde «pouca» até «muita». A classificação é, regra geral, boa e a cor laranja-amarelada (Munsell 3,75 YR 7/8), que em dois dos seis bordos classificados (dois pratos, dois almofarizes e duas bilhas) se tornou cinzenta em forno redutor.

Tipo 4

O barro que constitui a matéria-prima desta pasta era uma argila parecida com a da pasta 1, embora transportada pelas águas numa distância considerável antes de ser depositada no barreiro.

4-a Pasta grosseira, mal classificada, esponjosa e não muito dura. O elemento não argiloso mais significativo encontrado é, mais uma vez, o quartzo, embora aqui, ao contrário do que se passa com a pasta 1-a, em grãos francamente rolados. Difere daquela também na ausência quase total de minerais ferromagnesianos. Nos casos em que se tornou difícil diferenciar os dois fabricos (1-a e 4), o nosso critério classificativo assentou no teor destes ditos «máficos». Esta pasta pode incluir raro feldspato, grãos polimineralizados, e/ou «grog». Num total de 156 exemplares, encontramos 3 fragmentos com maior quantidade de cerâmica moída, e quatro outros mostram abundância de mica.

A cor é geralmente bastante escura: laranja-acastanhado (Munsell 5 YR 5/6) com os bordos reduzidos de cinzento escuro (Munsell 5 YR 4/1) ou mesmo preto (Munsell 5 YR 2,5/1).

4-b Versão mais depurada e mais lavada da pasta anterior. Os elementos não-argilosos são «poucos» ou «raros», de tamanho pequeno e bem classificados. Os constituintes são os mesmo da 4-a, com ausência quase total de grãos polimineralizados. Contámos sete fragmentos desta pasta com as características acima descritas.

Outros cinco apresentam uma pasta levemente diferente, usada de preferência para potes de colo aprumado, onde se revela uma presença mais elevada de mica. Existem ainda mais dois fragmentos com «muita» cerâmica moída. As peças desta pasta (14 no total) foram geralmente cozidas num forno redutor para conserguir uma cor acinzentada escura (Munsell 10 YR 3/2).

Além dos exemplares fabricados nestas pastas existem ainda três peças (cf. o testo n.º 19, o pote n.º 93 e um fragmento inédito) feitas numa pasta com desengordurante abundante, constituído por cerâmica moída branca.

Fizemos uma tentativa de reconhecer e apontar quais as peças da época tardo- ou pós-romana. Foi uma tentativa que fizemos com muita hesitação e sem grande êxito; por isso, não nos atrevemos a apresentar um catálogo restrito para estes vasos, supostos tardios; consideramos menos arriscado integrá-los no catálogo geral da cerâmica comum. Como já deixámos dito, a bibliografia sobre a cerâmica desta época é ainda muito reduzida, enquanto as formas, de um modo geral, parecem continuar desde os fabricos do Baixo Império até os primeiros séculos medievais (à excepção dos potes n.ºs 92-99 e dos cântaros n.ºs 103-107). Apenas pudemos observar as pastas, acabamentos e outros aspectos do fabrico. Assim reconhecemos quatro características que talvez sejam indicadores de um fabrico tardo- ou pós-romano :

A Um leve alisamento especialmente do bordo, com subsequente cozedura num forno relativamente quente, de maneira que as peças têm uma textura dura e o bordo reduzido de cor acinzentada ⁽⁶⁶⁾.

B A superfície externa reduzida, de forma que as peças parecem ter levado uma aguada negra muito leve. Este efeito deve-se mais provavelmente ao alisamento da superfície, possivelmente apenas com as mãos molhadas, antes de os vasos serem cozidos, e à

⁽⁵⁶⁾ Cf. os n.ºs 3, 55, 75, 79, 87, 92 e 98.

circunstância de, no final desta cozedura, sofrerem uma atmosfera redutora ⁽⁵⁷⁾.

0 Uma aguada ou um engobe avermelhado ou acastanhado que difere deste acabamento encontrado em vasos da época romana ⁽⁵⁸⁾.

D A pasta do tipo 2 ⁽⁵⁹⁾.

AS FORMAS*

PANELAS

De todas as formas de cerâmica «comum» encontradas na estação do Alto do Cidreira, a panela de bordo dobrado sobre o ombro é a mais típica e a mais frequente. A forma genérica apresenta diversas variantes, sempre, porém, com o bordo relativamente largo e virado para o exterior. Foram utilizadas para servir à mesa ou, no caso das peças mais grosseiras, para cozinhar, talvez sopas ou outras comidas com molho.

Ainda que alguns dos paralelos estejam munidos com duas asas, não podemos admitir que as panelas do Alto do Cidreira fossem asadas, dada a ausência total de asas entre os achados integráveis nesta categoria; nem sequer encontrámos vestígios do seu arranque nas centenas de fragmentos examinados. Os paralelos citados para estas panelas são geralmente atribuídos ao Alto Império, desde a época de Cláudio, mas também encontramos vários exemplares do Baixo Império. Estes, mais os três fragmentos de pastas «tardo- ou pós-romanas» (n.ºs 2, 3 e 6), indicam uma sobrevivência e uma

* Dado que estas peças de cerâmica «comum» são ilustradas quase integralmente, o leitor pode verificar no desenho o tamanho do fragmento e a parte do vaso que abrange. Por isso, não incluímos informação sobre este ponto como fizemos no caso das cerâmicas finas. O diâm. indicado é sempre o do bordo, se nada for referido em contrário. Quando falta esta dimensão, o fragmento é pequeno demais para a determinar.

⁽⁵⁷⁾ Cf. os n.ºs 2, 6, 24, 20, 30, 35, 00, 93, 94, 90, 97, 100 e 107.

⁽⁵⁸⁾ Cf. os n.ºs ¹⁸⁾ 70 g 95.

⁽⁵⁹⁾ Cf. os n.ºs 07, 70, 94 e 103-105.

duradoura utilização desta forma. Parece-nos, contudo, ainda prematuro e arriscado tentar delinear uma evolução no perfil destas panelas, especialmente porque dispomos, por enquanto, apenas dos bordos e não há um único vaso com perfil completo. Com o material desta estação somente pudemos estabelecer uma tipologia da forma em questão o mais pormenorizada possível a fim de que, no futuro, seja possível definir uma evolução.

A pasta preferida para o fabrico das panelas era a 1-b, com 31 exemplares do total de 77 bordos inventariados; 20 peças foram torneadas nas pastas 1-a ou 1-c.

Panelas de bordo simples, dobrado para o exterior

- 1 29-HH-10 Pasta 1-b, diâm. 185 mm. Est. V.
- 2 29-GH-1 Pasta 1-b. Superfície negra, fabrico tardo ou pós-romano (B). Diâm. 176 mm. Est. V.
- 3 67-GH-1 Pasta 1-a. Provavelmente de fabrico tardo-romano (A). Diâm. 162 mm. Est. V ⁽⁶⁰⁾.

Não nos é possível indicar paralelos da época tardo-romana para esta forma; antes pelo contrário, as peças que podemos citar indicam uma cronologia no Alto Império. Cf. DYSON, *Cosa*, LS 18, p. 142-143, fig. 56, do depósito 25 C 11, dos fins do séc. i-meios do séc. II (p. 139); SILVA, *Alcácer do Sal*, n.º 303, p. 201, fig. 24, da segunda metade do séc. i-inícios do séc. II; MEZQUIRIZ, *Pompado*, II, n.º 8, fig. 73, de Arcedianato, Sector D-E, estrato V, dos fins do séc. I.

Panelas de bordo ligeiramente engrossado, dobrado para o exterior, formando aba horizontal

- 4 40-HH-25 Pasta 1-c micácea. Diâm. 192 mm. Est. V ⁽⁶¹⁾.

Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 415, p. 84, Est. XX, da cerâmica do Alto Império, encontrado em estratos trajânicos; MESQUIRIZ,

⁽⁶⁰⁾ Outros exemplares semelhantes (de pasta 1-b) têm entre 182 e 188 mm de diâm. (três peças), ou de 210 a 222 mm (duas peças).

⁽⁶¹⁾ Quatro exemplares semelhantes (de pasta 1-b) têm diâm. entre 196 e 220 mm.

Pompetelo, II, n.º 94, fig. 118, da Plaza de San José, estrato IV, do séc. i, encontrado, contudo, com moedas tardo-romanas.

Panels como a anterior, mas de bordo francamente engrossado e parede geralmente aprumada

- 5 65-GH-1 Pasta 1-b. Diám. 270 mm. Est. V.
- 6 11-HG-24 Pasta 1-b, superfície negra. Fabrico tardo ou pós-romano (B).; Diám. 220 mm. N. i.
- 7 18-HH-5 Pasta 1-c. Diám. 122 mm. Est. V (62).

Trata-se de urna forma já conhecida do séc. n. Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 600, p. 93-95 e 99, Est. XXVIII, da cerâmica alaranjada fina do Alto Império, encontrada em níveis trajânicos.

Panels de bordo engrossado e dobrado para o exterior, formando urna aba descaída

- 8 1-HH-5 Pasta 1-b. Ftanhura na parte superior do bordo. Diám. 152 mm. Est. V (63).

Panels de bordo engrossado, dobrado para o exterior e cavado na parte superior

- 9 3-HH-8 Pasta 1-a com elevada presença de cerâmica moída. Diam. 194 mm. Est. V (64).

Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 353, p. 79, Est. XVII, da cerâmica alaranjada média do Alto Império, encontrado em canos da época fJávia; NOLEN, *Santo André*, n.º I 2-11, p. 109-110, Est. LVII, de uma sepultura dos primeiros anos do séc. n (p. 134).

(62) Outros exemplares semelhantes (de pasta do grupo 1 e de 4-b) têm diám. entre c. 158 e c. 270 mm (cinco peças) ou de c 120 mm (duas peças).

(63) Outros exemplares semelhantes (de pasta do grupo 1) têm diám. entre 180 e 220 mm (nove peças) ou de 148 a 168 mm (seis peças).

(64) Cinco exemplares semelhantes (de pastas do grupo 1) têm entre 156 e c. 200 mm de diám.

Panels de bordo ligeiramente engrossado, dobrado para o exterior e coin canelura(s) na parte superior

10 2-11-1 Pasta 1-b. Diâm. c. 180 mm. Est. v⁽⁶⁵⁾.

Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 352, p. 79, Est. XVII, da cerâmica alaranjada, de meados do Alto Império, encontrado em estratos trajânicos e do séc. iv; DYSON, *Cosa*, LS 20, p. 143, fig. 56, do depósito 25 CI, dos fins do séc. i até inícios do séc. m (p. 139).

Panels com bordos de secção semicircular

11 39-HH-25 Pasta 1-b. Diâm. 142 mm. Est. V⁽⁶⁶⁾.

Cf. DYSON, *Cosa*, LS 22, p. 143, fig. 56, do depósito 25 CI, dos fins do séc. i até inícios do séc. m (p. 139).

Panels com bordo de secção amendoada

12 106-HH-25 Pastai. Diâm. c. 160 mm. Est. V⁽⁶⁷⁾.

Cf. MEZQUIRIZ, *Pompaelo* //, n.º 1, fig. 51, de Arcedianato, sector A, estrato III, do séc. m.

Panels de bordo dobrado sobre o ombro

13 27-IH-21 Pasta 1-a, com elevado teor de cerâmica moída. Diâm. 172 mm. Est. VI.

lá 6-IH-16 Pasta de uma variedade clara de 1-a (laranja-rosada clara 2,5 YB 7/6, veja infra o prato n.º 59). Diâm. 168 mm. N. i.

Ambas apresentam pastas grosseiras e cozidas a temperaturas elevadas num forno mal regulado, de maneira que a superfície está

⁽⁶⁵⁾ Dois exemplares semelhantes (de pasta 1-a) têm diâm. de 148 mm ou diâm. indeterminável.

⁽⁶⁶⁾ Cinco exemplares semelhantes (de pastas do grupo 1) têm diâm. entre 140 e 214 mm.

⁽⁶⁷⁾ Outros exemplares semelhantes (de pastas 1-a e de uma variedade clara desta, cf. a panela n.º 14) têm diâm. entre 186 e c. 200 mm (duas peças).

manchada e áspera. Podemos atribuir-lhes uma cronologia do Baixo Império, embora com antecedentes no Alto Império ⁽⁶⁸⁾.

Panela ou terrina de bordo pequeno, dobrado para o exterior formando aba horizontal ou descaída.

- 15 21-GH-1 Pasta 1-b. Diâm. 138 mm., alt. reconstituída 96 mm. Est. VI⁽⁶⁹⁾.

Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 694, p. 110-111, Est. XXXIII, de cerâmica calcítica tardo-romana, encontrado em níveis dos sécs.

III-V.

TACHOS

Outra forma aberta que fazia parte da louça da cozinha antiga era o tacho com moldura ou ranhura no dorso do bordo para assentamento do testo. Na escavação do Alto do Cidreira encontrámos bordos de apenas três exemplares e um único fragmento do bordo de um testo. O tacho para cozidos parece, pois, ter sido pouco usado no Cascais romano.

Tacho de bordo amendoado e cavado no dorso

- 16 12-HH-10 Pasta 1-d. Diâm. 240 mm. Est. VI.

Cf. PERICHON, *Céramiques Domestiques*, tipo 5-d, p. 93, Est. 36-2, do segundo período de Roanne Gilbertès, i. e, do último terço do séc. i a. C.; NOLEN, *Alto Alentejo*, n.º 414, p. 108, 213, Est. XL, com cronologia sugerida da segunda metade do séc. i, até inícios do séc. II; MAYET, *Sigillées Hispaniques*, n.º 194 da forma Dragendorff 44, p. 75, Est. LXXII, uma forma que Mayet data à volta dos meados do séc. II.

⁽⁶⁸⁾ SILVA, *Alcácer do Sal*, n.º 305, p. 201, fig. 24, da segunda metade do séc. i ou inícios do séc. II. Dois exemplares semelhantes (de pastas 1-a e 1-b) têm diâm. de 189 mm ou diâm. indeterminável.

⁽⁶⁹⁾ Três exemplares semelhantes (de pastas 1-b e 4-a) têm diâm. entre 144 e 173 mm.

Tacho de bordo alto, soerguido, com sulco fundo no dorso

17 6-II-16 Pasta 1-a micácea. Diám. 202 mm. Est. VI.

Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.^{os} 732 e 733, p. 112-114, Est. XXXV, XXXVI, de grés, tardo-romano; o n.^o 732 de níveis do séc. v. Esta forma também se encontra na época medieval, na Gália; Cf. BAZZANA, *Santa Fé*, n.^o 104, p. 295, ñg. 31-3 ; n.^o 176, p. 309, fig. 46-2. Vários destes paralelos ainda conservam os arranques de duas asas; o nosso fragmento n.^o 17 é pequeno demais para se assegurar se era ou não asado.

Tacho de bordo amendoado com sulco no topo (para segurar o testo?)

18 78-GH-1 Pasta 1-b, aguada avermelhada, queimada cinzenta na parede exterior. Fabrico tardo- ou pós-romano (C). Diám. c. 260 mm. Est. VI.

Esta forma tem antecedentes na época romana, tanto na cerâmica comum como na TSC «D». Cf. VEGAS, *Comum*, tipo 5, n.^o 5, p. 22-25, fig. 6, de Barcelona, dos sécs. II-III; HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 197, p. 209, fig. 36, dos fins do séc. n até meados do séc. ni ; MESQUIRIZ, *Pompaelo*, II, n.^o 61, fig. 108, de Plaza de San José, estrato III, urna camada remexida da época tardo-romana; *Id.*, *ibid*, n.^o 85, fig. 117, de Plaza de San José, estrato IV, do séc. i, embora encontrado associado a moedas tardo-romanas.

TESTO

O fragmento da tampa n.^o 19 (pasta única com desengordurante constituído por cerâmica branca moída, veja o pote n.^o 93) é pequeno demais para lhe acertar a inclinação; por isso, não podemos apresentar um perfil fidedigno. Era de forma cônica, de bordo simples arredondado, forma que, por ter sido utilizada durante toda a época romana, não justifica a citação de paralelos com cronologia delimitada. Também se documenta, na Idade Média, na Gália. Cf. NOLEN, *Santo André*, vários exemplares, p. 100-101; AZUAR RUIZ, *Castillo del Rio*, n.^o 69, p. 318, fig. 11.

SUPORTE

Os fundos dos tachos e das panelas eram, frequentemente, arredondados. Para lhes dar estabilidade usavam-se, às vezes, argolas redondas de cerâmica. Suportes deste tipo eram também utilizados nos fornos das olarias para separar as diferentes peças e assegurar, assim, uma melhor circulação do calor. O nosso exemplar não mostra a descoloração que seria de esperar numa peça que ia ao forno repetidamente. Estes suportes são pouco frequentes e, enquanto vasos sem pé moldurado, têm, muitas vezes, origem pré-romana; não é pois, de estranhar que os dois paralelos encontrados na bibliografia portuguesa sejam também peças de cronologia alta. A pasta de argola de Alto do Cidreira, no entanto, não nos parece pré-romana mas sim do Alto Império.

20 1-HH-22 Pasta 1-b. Diâm. 164 mm. Est. VI.

Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.º 46, p. 8 e 10, Est. II, de cerâmica pré-romana pintada; SANTOS ROCHA, *Figueira*, n.º 165, p. 65, Est. XVIII; n.ºs 255 e 256, Est. XXIII.

TERRINAS

Enquanto as panelas e os tachos são formas abertas que foram usadas na cozinha e que até podiam ir ao lume durante a preparação das refeições, as terrinas, de forma aparentada mas de fabrico mais requintado, serviam para levar a comida à mesa. Todas as terrinas encontradas no Alto do Cidreira são de um tipo semelhante, cujo bordo lembra o das panelas. Era, todavia, uma forma pouco procurada, se atendermos a que nos restam fragmentos de apenas cinco exemplares. Ou será que, na humilde *villa* cascaense, as panelas em que a comida foi cozinhada iam também à mesa para a servir?

Terrinas de bordo descaído para o exterior

- 21 10-IH-12 Pasta 1-b, decoração brunida na pança. Diâm. 192 mm. Est. VI.
- 22 2-IH-16 Pasta 1-d. Diâm. 186 mm. Est. VI⁽⁷⁰⁾.

Cf. GOSE, *Gefüsstypen*, n.^{os} 494 e 495, p. 42, Est. 47, a primeira de Trier e datada do último terço do séc. i, a segunda também de Trier e datada do primeiro terço do séc. II; NOLEN, *Santo André*, n.º C 5-4, p. 109-110, Est. VII, de um enterramento dos últimos anos do séc. i (p. 131).

TIGELAS

As tigejas relativamente grandes encontradas com uma certa frequência no Alto do Cidreira serviam, talvez, tal como as panelas, para preparação e simultaneamente para servir a comida, neste caso comida fria, não cozinhada.

A par das formas aqui representadas, acharam-se mais três peças de bojo arredondado (pasta 1-b e c), decoradas com ranhuras finas. Mas delas apenas nos restam fragmentos de pança pequenos demais para lhes podermos desenhar o perfil.

É de notar que as tigelas carenadas são as mais frequentes e que a sua forma baixa e aberta faz lembrar a forma Hayes 14 de TSC «A».

Tigelas carenadas de lábio biselado

- 23 28-IH-16 Pasta 2-b, bem depurada. Diâm. 170 mm. Est. VI⁽⁷¹⁾.

Cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 14 A, p. 39-41, fig. 66-14, dos meados do séc. II; SANTROT, *Aquitaine*, n.º 139, p. 94, com

(70) Outros exemplares semelhantes (de pastas 1-d, 2 e de uma pasta única, dura, em que a mica constitui o elemento não argiloso dominante, vide o prato n.º 61) têm diâm. de c. 260 mm (duas peças, das quais uma possivelmente tardo- ou pós-romana), ou indeterminável (uma peça).

(71) Outro exemplar de pasta 1-b tem diâm. não determinável, e um terceiro, de pasta 1-c, tem c. 150 mm de diâm.

cronologia indicada da segunda metade do séc. i; VEGAS, *Comum*, tipo 9, n.º 4, p. 35-37, fig. 11, com decoração brunida: esta peça, encontrada em Polentia, tem cronologia associada da segunda metade do séc. m ou do séc. iv; ALARCÃO, *Comum*, n.º 627, p. 93-94 e 106, Est. XXIX, da cerâmica alaranjada fina do Baixo Império, encontrado nos canos das termas trajânicas e em níveis do séc. v.

Tigelas carenadas de bordo boleado e arredondado

- 24 6-HH-2 Pasta 1-c. Superfície negra, fabrico tardo ou pós-romano (B).
Diâm. 234 mm. Est. VII ⁽⁷²⁾.

Cf. SANTROT, *Aquitaine*, n.º 159, p. 100; esta forma foi documentada em Bordéus numa pasta grosseira, datável dos anos 70-90, e também numa pasta depurada, de Plassac, dos sécs. iv e v.

Tigelas carenadas com bordo em forma de aba soerguida

- 25 27-HH-25 Pasta 1-d, engobe laranja-acastanhado (5 YR 6/6) na parte superior do bordo. Diâm. 154 mm. Est. VII ⁽⁷³⁾.
- 2G 62-GH-1 Pasta 1-a, superfície negra, fabrico tardo ou pós-romano (B).
Diâm. 144 mm. N. i.

Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 456, p. 986, Est. XXII, da cerâmica calcítica do Alto Império, encontrada numa camada flávia. Também semelhantes são as formas Dragendorff 46 em TSH dos meados até aos fins do séc. n ou a forma Hayes 70 em TSC «C» tardia de inícios do séc. v (cf. HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 70, n.º 7, p. 119, fig. 20).

⁽⁷²⁾ Outro exemplar semelhante, de pasta 4-a micéica, tem diâm. de 196 mm, e é de fabrico tardo- ou pós-romano.

⁽⁷³⁾ Também encontramos dois fragmentos minúsculos (ambos de pasta 1-b) de um bordo sobre o quadrado, talvez pertencentes a uma ou duas tigelas carenadas (diâm. indeterminável, n. i.).

Tigela carenada com pe alto, moldurado

27 6-HG-23 Pasta 2-a, bem classificada. Diâm. 140 mm. Est. VII.

Esta tigela faz lembrar a forma Dragendorff 33 em TS que geralmente tem cronologia da segunda metade do séc. i; mas também foi encontrada em Conimbriga em depósito trajânicos (cf. *Fouilles de Conimbriga*, IV, p. 185).

Tigelas de perfil arredondado

28 14-HG-24 Pasta 1-b/d, parede exterior alisada. Diâm. c. 180 mm. Est. VII ⁽⁷⁴⁾.

E mais provável que esta peça seja de fabrico tardo-romano. Estas tigelas, de forma corrente, deviam ter tido boa procura em todas as épocas, romana ou pós-romana.

ALMOFARIZES E ALGUIDARES

Enquanto as tigelas eram usadas para preparar e/ou apresentar comidas em quantidade relativamente pequena, os alguidares e almofarizes, de tamanho geralmente bastante maior, serviam na cozinha para amassar, lavar hortaliças, lavar louça ou até roupa, e para todos os outros fins a que, hoje em dia, se destinam, os alguidares de plástico. Foram achados no Alto do Cidreira muitos exemplares, ou melhor, fragmentos que representam muitos exemplares, de maneira que poderíamos interrogar-nos acerca da existência local de alguma pequena indústria artesanal na época romana. Uma simples peixaria já podia explicar a presença de, ao menos, vinte e sete almofarizes ou alguidares numa estação relativamente pequena.

Apenas um destes almofarizes (n.º 37) apresenta vestígios de vertedoiro que, sem dúvida outros devem ter tido.

⁽⁷⁴⁾ Dois exemplares semelhantes (de pasta 1-b e de uma pasta única com desengordurante de cerâmica branca moída) têm 176 e 198 mm de diâm.

**Almofarizes com bordo em forma de aba horizontal
ou ligeiramente curvada**

- 29 21-HH-5 Pasta 1-d. Diâm. não determinável. Est. VII
- 30 14-GH-1 Pasta 1-b, superfície negra. Fabrico tardo ou pós-romano (B).
Diâm. 360 mm. Est. VII ^(7h).

Cf. DIOGO, *Enchurrasqueira e Ceba*, n.º 4, p. 214, Est. III, encontrado nos fornos de vale da Ceba, junto com ânforas das formas Dressel 14/Beltrán IV e Almagro 51-C dos séc. i e n, e m-iv, respectivamente. Para o n.º 29 em especial: ALARCÃO, *Comum*, n.ºs 390 e 391, p. 81-82, Est. XVIII, XXI, da cerâmica calcítica do Alto Império, encontrado em camadas flávias. Para o n.º 30 em especial: MEZQUIRIZ, *Pompaelo*, II, n.º 19, fig. 76, de Arcedianato, sector F-G, estrato II, dos sécs. iv e v.

Um almofariz de bordo como o n.º 29, mas de parede recta (27-HH-10, n. i.) encontra paralelo num exemplar procedente de Sutri, datável dos anos 60-70 ⁽⁷⁶⁾, e num outro da Aquitânia dos sécs. II e III ⁽⁷⁷⁾.

Almofariz de bordo em forma de aba soerguida

- 31 27-IH-16 Pasta 1-b. Diâm. 430 mm. Est. VII ⁽⁷⁸⁾.

Cf. ALMEIDA, *Monte Mozinho*, 1974, n.º3, p. 22, Est. VII; vide também: MEZQUIRIZ, *Pompaelo*, II, n.º 19, fig. 76, de Arcedianato, sector FG, estrato II, dos sécs. iv e v, citado sob n.º 29.

⁽⁷⁵⁾ Existem outros exemplares semelhantes (de pastas 1-ced, 4-a e b) de c. 300 a c. 400 mm de diâm. (três peças, uma das quais com aguada negra (?) de fabrico tardo- ou pós-romano) e outros três de diâm. indeterminável.

⁽⁷⁶⁾ VEGAS, *Común*, tipo 13, n.º 4, p. 41-43, de Sutri, com cronologia de c. 60-70.

⁽⁷⁷⁾ SANTROT, *Aquitaine*, n.º 189, p. 112-113, encontrado em vários sítios, com cronologia desde o séc. i até ao séc. III.

⁽⁷⁸⁾ Três exemplares semelhantes (de pastas 1-b e d) têm entre 290 e c. 360 mm de diâm.

Almofariz de bordo engrossado

82 37-IH-21 Pasta 1-c. Diâm. 421 mm. Est. VII.

Cf. DIOGO *et alii*, *Enchurrasqueira*, n.º 41, p. 13, Est. V, de um conjunto de material datado entre os meados do séc. I e os meados do séc. II (p. 6).

Almofariz de bordo em forma de aba boleada

88 36-IH-16 Pasta 1-d. Diâm. c. 426 mm. Est. VII.

Almofarizes de bordo em secção de «T», frequentemente decorado com ranhuras ou sulcos na parte superior

84 8-FG-24 Pasta 1-b. Diâm. 285 mm. Est. VII.

35 II-HH-25 Pasta 1-a, superfície negra, fabrico tardo-romano (B).
Diâm. c. 420 mm. N. i.

36 12-HH-25 Pasta 1-c. Diâm. c. 330 mm. Est. VII.

Cf. para o n.º 34: VEGAS, *Común*, tipo 7, n.º 9, p. 28-34, fig. 10, de Tarragona, com cronologia da segunda metade do séc. IV; ALARCÃO, *Comum*, n.ºs 926, 926 C e 927, p. 126-127, Est. LUI, de cerâmicas quartzíticas e calcíticas com ilite, dos sécs. IV e V, encontrados em níveis da ocupação visigótica; MEZQUIRIZ, *Pómpetelo*, II, n.º 10, fig. 87, de Arcedianato, sector K, estrato I, encontrado com material tardo-romano até medieval (p. 132). Cf. para os n.ºs 35 e 36: SANTROT, *Aquitaine*, n.º 186, p. 111, da segunda metade do séc. I, n.º 205, p. 117, da segunda metade do séc. I (da Alemanha) até ao séc. II (de Inglaterra); ALARCÃO, *Comum*, n.º 688 e 689, p. III, Est. XXXII, de cerâmica calcítica, encontrados em depósitos do séc. V; MEZQUIRIZ, *Pompaelo*, II, n.º 20, fig. 102, da Plaza de San José, estrato II, um estrato remexido tardo-romano/medieval (p. 195).

(79) Três exemplares semelhantes (de pastas 1-b e d, 4-a micácea) têm entre c. 320 e c. 420 mm de diâm.

Almofarizes de bordo em secção de «T» achatado, com vertedoiro

87 23-GH-24 Pasta 2-b. Diâm. c. 360 mm. Est. VII.

Este é, como dissemos, o único almofariz do Alto do Cidreira em que foi possível reconhecer o vertedoiro. Cf. SANTROT, *Aquitaine*, n.º 207, p. 117-118, de Bordéus, da segunda metade do séc. i; STUART, *Gewoon Aardewerk*, tipo 210, B, n.º 350, p. 77-79, Est. 21, de c. 70-105; ALMEIDA, *Monte Mozinho*, 1974, n.º 1, p. 12, Est. IX.

Alguidar de parede recta, bordo em forma de aba curta

88 1-GH-20 Pasta 1-d. Diâm. 370 mm. Est. Vili⁽⁸⁰⁾.

Cf. ALMEIDA, *Monte Mozinho*, 1974, n.º 11, p. 16, Est. VII.

Alguidares semelhantes, aliás de bordo mais pequeno⁽⁸¹⁾ encontram paralelos dos fins do séc. i até meados do séc. II na Cartuja. Cf. SERRANO RAMOS, *Cartuja*, n.ºs 41 e 43, p. 247, 257, fig. 6.

Alguidar de parede ligeiramente reentrante

39 97-HH-25 Pasta 3. Diâm. 210 mm. Est. Vili⁽⁸²⁾.

Será este um «tacho» da forma 722 de Conimbriga? Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 722, p. 113, Est. XXXV, de uma camada do séc. V.

PÚCAROS E COPAS

As terrinas e tigelas utilizavam-se para servir comidas sólidas, enquanto estes vasos mais pequenos levavam à mesa molhos e outros alimentos líquidos, além de servirem para beber água ou vinho.

⁽⁸⁰⁾ Outro exemplar semelhante (de pasta 1-b/d) tem c. 320 mm de diâm.

⁽⁸¹⁾ Existem três exemplares de diâm. entre c. 200 e c. 340 mm.

⁽⁸²⁾ Outro exemplar, também de pasta 3, tem diâm. de 188 mm.

Existem púcaros (de colo constricto) e copas (de bocal relativamente mais largo) de variadas formas, ligeiramente diferenciadas pelo feitio do bordo, mas, sem dúvida, de uso igual.

Púcaros de duas asas e bordo arqueado para o interior

- 40 16-HH-25 Pasta 1. Diâm. 71 mm. Est. Vili.
41 4-IH-21 Pasta 1-a com elevado teor de cerâmica moída, vestígios de engobe avermelhado. Diâm. c. 100 mm. N. i. ⁽⁸³⁾.

Cf. NOLEN, *Santo André*, n.ºs 2 e 3 da sepultura C 3, p. 87-88, Est. V, de um enterramento datável da segunda metade do séc. i até aos inícios do séc. n (p. 139); ID., *Alto Alentejo*, tipo púcaros 1-b, p. 69, Est. XXI, datado dos fins do séc. i ou da primeira metade do séc. II.

Púcaro de bordo contracurvado

- 42 14-IH-21 Pasta 1-c micácea. Diâm. 116 mm. Est. Vili ⁽⁸⁴⁾.

Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 497, p. 90-91, Est. XXIII, de cerâmica siltosa do séc. i e inícios do séc. n, encontrado em estratos trajânicos: NOLEN, *Santo André*, n.º C 8-5-a e F 3-8, p. 90-91, Est. X e XLIV, ambos de enterramentos dos fins do séc. i ou inícios do século seguinte (p. 133); ID., *Alto Alentejo*, tipo púcaros 3-c, n.º 204, p. 75, Est. XXVII, de cronologia muito incerta desde a segunda metade do séc. i até possivelmente ao séc. iv.

Copa de bordo recto e evasado

- 43 10-II-1 Pasta 4-a, com elevada presença de cerâmica moída. Diâm. 124 mm. Est. Vili.

Esta copa tem bojo relativamente baixo em comparação com peças semelhantes do Alto Alentejo ou de Conimbriga; parece nitidamente de ambiente comercial diferente daquelas regiões.

⁽⁸³⁾ Outro exemplar semelhante (de pasta 1-b) tem 112 mm de diâm.

⁽⁸⁴⁾ Outro exemplar semelhante (de pasta 1-b/d) tem 78 mm de diâm.

A forma genérica podia ser confrontada com: *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.º 1-c, p. 61-63, Est. XIV, de cerâmica com engobe branco do período de Cláudio-Trajano; NOLEN, *Santo André*, n.º I 1-2, p. 90-91, Est. LV, de um enterramento da segunda metade do séc. I ou dos inícios do século seguinte (p. 132).

Copa de bordo em forma de aba curta horizontal, colo alto

44 6-GH-14 Pasta 1-c. Diâm. c. 100 mm. Est. Vili.

Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 55, p. 93-96, Est. XXV, de cerâmica alaranjada fina do Alto Império, encontrado fora de contexto datável; NOLEN, *Alto Alentejo*, tipo púcaros 1-f, p. 72-73, Est. XXVI, com cronologia indicada da época flávia e da primeira metade do séc. II.

COPOS

O copo de bojo alto era uma forma relativamente frequente no Alto do Cidreira. A sua ocorrência numérica não é tão elevada como, por exemplo, a das tigelas; em comparação, porém, com outras estações parece ser uma das formas mais típicas no presente conjunto de cerâmica comum. Residirá aqui a explicação para a ausência de copos de vidro, «paredes finas» ou «*terra sigillata*»? Infelizmente, só podemos apresentar dois exemplares; os restos dos outros dez estão de tal maneira esmigalhados que nos foi impossível reconhecer-lhes o perfil com certo pormenor.

Copos altos de bordo amendoado

45 24-HH-5 Pasta 1-c. Diâm. 84 mm. Est. Vili.

46 17-IH-17 Pasta 1-c. Diâm. c. 90 mm. Est. Vili ⁽⁸⁵⁾.

Os paralelos de Conimbriga datam de vários períodos: o copo, forma tão útil, parece ter sido fabricado em todas as épocas daquela

⁽⁸⁵⁾ Seis exemplares semelhantes (de pastas do grupo 1) têm diâm. entre 82 e c. 90 mm.

cidade. Tirando esses, não encontramos formas parecidas noutras colecções publicadas de cerâmica da Lusitânia. Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 1, 31, 200 e 933, as primeiras três peças encontradas em estratos flávios e/ou trajânicos, a última de «fabrico tardo-romano», vide p. 43-44, 45-46, 62 e 132, Est. I, II, X, e LUI; MEZQUIRIZ, *Pompado*, II, n.º 26, fig. 76, de Arcedianato, sector F-G, estrato II, dos sécs. IV e v.

Existem ainda dois bordos de copos ou potinhos:

- 47 107-HH-25 Pasta 1-b. Bordo espalhado com diâm. de c. 30 mm. N. i. ⁽⁸⁶⁾.
- 48 7-HH-10 Pasta 1-b. Bordo de rolo com diâm. de c. 110 mm. N. i.

PRATOS, TRAVESSAS E FRIGIDEIRAS

Visto que não nos foi possível reconstituir o perfil completo de um único prato do Alto do Cidreira, não podemos ter a mínima certeza quando é que um bordo preservado pertencia a um prato ou a uma frigideira com fundo raso e queimado pelo fogo. As frigideiras tinham, em geral, bordo envasado de maneira que, no grupo dos n.ºs 51-54 ou 62-66, algumas das peças podiam ter sido levadas ao lume. No entanto, podemos apontar o grande predomínio nesta estação de pratos com bordo envasado, seja devido a uma contracurva da parede (n.ºs 51-55), seja devido ao lábio engrossado do lado interior (n.ºs 49, 50, 57, 62, 63, 65 e 66).

Como já anotámos na publicação dos pratos de Santo André e dos provenientes das necrópoles alto-alentejanas ⁽⁸⁷⁾, a cronologia das suas formas é ainda muito imprecisa e duvidosa. Os paralelos que podemos apresentar agora continuam a dar épocas largas para o uso das respectivas formas. Temos de concluir que cada tipo genérico tinha a sua utilidade própria, e que, enquanto obedecia a este fim, continuava a ser procurado durante uma época muito lata. As peças de fabrico tardo- e pós-romano são testemunhos da continuação das formas básicas.

⁽⁸⁶⁾ ALARCÃO, *Comum*, n.ºs 512 e 513, p. 90-92, Est. XXIV.

⁽⁸⁷⁾ NOLEN, *Santo André*, p. 97; **Id.**, *Alto Alentejo*, p. 81.

Separámos os pratos, pratos e travessas segundo o critério arbitrário do tamanho. São pratos as peças com diâm. até 150 mm; os pratos vão de 150 até 250 mm de diâm. máximo, e as travessas têm aquela medida a partir de 250 mm.

Pratos de parede oblíqua e lábio simples, arredondado, como os tipos 4-7 de Santo André ⁽⁸⁸⁾, ou os tipos 4 e 5 do Alto Alentejo ⁽⁸⁹⁾, quase não se encontram entre a cerâmica do Alto do Cidreira. Apenas oito peças ⁽⁹⁰⁾ entre os 64 bordos inventariados podem ser classificados como tais.

Pratéis de bordo engrossado e descaído para o exterior

- 49 74-GH-I Pasta 1-b, diâm. 138 mm. N. i.
 50 6-IH-17 Pasta 2-b, de cor ocre, vestígio de aguada alaranjada. Diâm. c. 148 mm. Est. Vili ⁽⁹¹⁾.

Os paralelos que conseguimos mostram, aliás, o lado interior do bordo biselado. Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 485, p. 90-91, Est. XXIII, de cerâmica siltosa do séc. i e inícios do séc. n. encontrado em estratos trajânicos, n.º 632, p. 93-94 e 106, Est. XXIX, decerâmica alaranjada fina tardo-romana, encontrado em níveis do séc. v; NOLEN, *Santo André*, tipo 2, n.º E 5-8 e I 3-2, de sepulturas datadas dos fins do séc. i-inícios do séc. n (vide p. 93, 132-133, Est. XXXV e LVII) ; MEZQUIRIZ, *Pompado*, II, n.º 84, p. 206, fig. 117, de Plaza de San José, estrato IV, do séc. i, encontrado todavia com moedas tardo-romanas.

Travessas e pratos de parede reentrante

- 51 50-GH-I Pasta 1-a, engobe vermelho (10 R 4/5), fino e baço, nos dois lados da parede. Diâm. c. 280 mm. N. I.

⁽⁸⁸⁾ *Id.*, *Santo André*, p. 94-96.

⁽⁸⁹⁾ *Id.*, *Alto Alentejo*, p. 86-87, Est. XXXV-XXXVII.

⁽⁹⁰⁾ N.º 60 e três peças semelhantes, mais quatro fragmentos pequenos de bordos não classificáveis.

⁽⁹¹⁾ Outro exemplar, de pasta 1-a, tem diâm. de c. 120 mm

- 52 51-GH-I Pasta 1-a, com alto teor de cerâmica moída e de mica. Diâm. 260 mm, alt. 99 mm. Est. Vili.
- 53 54-GH-I Pasta com abundância de minerais ferro-magnesianos (de origem alentejana?), engobe cor de tijolo (10 YR 4,5/8), grosso e brilhante na parede interior e no exterior do lábio. Diâm. c. 320 mm? N. i.
- 54 57-GH-I Pasta 1-b. Ranhura funda e torta na parede interior a 16-17 mm do remate. Diâm. não determinável. Est. Vili.
- 55 15-GH-24 Pasta 1-d, vestígios de aguada avermelhada? Bordo ligeiramente engrossado no interior. Fabrico tardo-romano (A/C). Diâm. 278 mm. Est. Vili (92).

Cf. NOLEN, *Alto Alentejo*, tipo pratos 6-a, p. 87-88, Est. XXXI, com cronologia sugerida da segunda metade do séc. i até aos inícios do séc. ni ; ALARCÃO, *Valdoca*, n.º 2 da sepultura 26, p. 17-18, Est. Ili, encontrado em conjunto com uma taça de «paredes finas» decorada de fiadas verticais de mamilos, esquema de decoração que nós datámos da época de Nero-Vespasiano (cf. NOLEN, *Recensão*, sobre MAYET, *Parois Fines*, p. 196); MEZQUIRIZ, *Pompado*, II, n.º 14, 15, p. 115, fig. 62, de Arcadianato, encontrado no estrato II em conjunto com TSH tardia.

Os pratos n.ºs 51 e 53 com engobe avermelhado fazem também lembrar o fabrico de «pompejanisch-roten Platten» e as suas imitações: cf. *Fouilles de Conimbriga*, VI, tipo C, n.ºs 16, 17 e 18, p. 52-55, Est. XII datado, na sua maioria, do séc. i ; DYSON, *Cosa*, LS 39 e 40, p. 146, fig. 58, dos depósitos 25 D II e 25 B II, dos fins do séc. i até aos inícios do séc. m (p. 139), ambos estes pratos com engobe avermelhado na parede interior. A forma repete-se também na produção de TSC «A» da segunda metade do séc. n e primeira metade do séc. m: HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 181, p. 200-201, fig. 35.

Pratos semelhantes, todavia de bordo menos reentrante e parede mais apumada, estão representados por quatro fragmentos

(92) Doze exemplares semelhantes (de pastas do grupo 1 e de 2-b, dos quais dois de fabrico tardo- ou pós-romano, um com aguada alaranjada) têm entre 220 e 280 mm de diâm., e mais cinco (de pastas do grupo 1) têm 310 a 356 mm de diâm.

pequenos: pastas 1-a micácea, 1-b, 3 e uma pasta única com desengordurante de cerâmica moída; têm diâm. entre c. 160 e c. 240 mm. N. i.

Aparentadas com este grupo de pratos e travessas são as:

Travessas de parede recta, bordo reentrante

56 71-HH-25 Pasta 1-a. Diâm. 240 mm. Est. Vili ⁽⁹³⁾.

Cf. CAEIRO, *Vaiamonte*, sepultura 7, n.º 4, p. 237-238. Est. LUI; a sepultura 7 foi datada dos finais do séc. i ou do primeiro quartel do séc. n.

Travessas e pratos de bordo boleado, às vezes com ranhuras ou sulcos na parte superior

57 12-IH-21 Pasta 1-a com elevada presença de cerâmica moída. Diâm. c. 240 mm. Est. IX ⁽⁹⁴⁾.

Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 640, p. 107, Est. XXX, datado séc. v; SANTROT, *Aquitaine*, n.º 45, p. 60, com cronologia larga da segunda metade do séc. i de Bordéus, da segunda metade do séc. II da Bretanha e Alemanha, e até ao séc. iv da Alemanha e Alto Garona.

Pratéis de bordo boleado

58 72-GH-1 Pasta lb/d. Diâm. 132 mm. Ext. IX ⁽⁹⁵⁾.

Cf. SANTROT, *Aquitaine*, n.º 45 já citado a propósito do prato n.º 57.

⁽⁹³⁾ Outro exemplar semelhante (pasta 2-a) tem c. 320 mm de diâm.

⁽⁹⁴⁾ Três exemplares semelhantes (de pastas 1-a e d) têm 154, c. 260 e 276 mm de diâm.

⁽⁹⁵⁾ Outro exemplar semelhante (de pasta 1-b) tem 144 mm de diâm.

Travessas de parede arqueada, lábio ligeiramente engrossado do lado interior

- 59 36-HH-25 Pasta 1-a, embora de cor divergente (castanho-claro-avermelhado, 10 YR 5/4). Diâm. c. 320 mm. Est. IX ⁽⁹⁶⁾.

Cf. SANTROT, *Aquitaine*, n.º 43-a, "p. 59, do período 40-80: este prato tem um acabamento de engobe vermelho pompeiano. Uma cronologia do séc. i e da primeira metade do séc. n para estas travessas abrangeria, pelo menos, parte do período da sua fabricação; temos, todavia, que tomar em linha de conta que a sua duração pode muito bem ter continuado até uma época mais tardia, já que Gose publica outro prato parecido datável da primeira metade do séc. IV ⁽⁹⁷⁾.

Pratos e travessas de parede oblíqua, bordo boleado do lado interior

- 60 2-HI-7 Pasta 1-b. Diâm. c. 200 mm. Est. IX ⁽⁹⁸⁾.

Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 641, p. 107, Est. XXIX, de cerâmica alaranjada fina da época tardo-romana, encontrado em estratos do séc. v; DYSON, *Cosa*, n.ºs LS 33-35, p. 144-145, fig. 57, dos depósitos 25 I, CII e A III respectivamente de fins do séc. i-inícios do séc. ui (p. 139).

Pratos de parede oblíqua, bordo pequeno, bicudo no dorso

- 61 II-IH-21 Pasta única em que, dos ingredientes não argilosos, predomina uma abundância de mica de tamanho muito fino, cor cinzenta muito escura (7,5 YR 3/0), parede exterior polida. Diâm. 162 mm. Est. IX ⁽⁹⁾.

Cf. NOLEN, *Alto Alentejo*, tipo pratos 2-b, n.º 221, p. 83, Est. XXVIII, da segunda metade do séc. i e do séc. II; *Id.*, *Santo André*,

⁽⁹⁶⁾ Três exemplares semelhantes (de pasta do grupo 1) têm entre 242 e 288 mm de diâm.

⁽⁹⁷⁾ GOSE, *Gefäßstypen*, n.º 480, p. 41, Est. 46, de Trier.

⁽⁹⁸⁾ Três exemplares semelhantes (de pastas 1-b e d) têm entre c. 200 e 280 mm de diâm.

⁽⁹⁾ Outro exemplar semelhante (pasta 1-b) tem diâm. não determinável.

n.º E 5-15, do tipo 2, p. 93, 156, Est. XXXVI, de uma sepultura dos fins do séc. i-inícios do séc. n (p. 133-134); CAEIRO, *Vaiamonte*, n.º 7 da sepultura 5, p. 235-236, Est. LUI, encontrado com peças de TS dos finais do séc. i ou inícios do séc. n; ALARCÃO, *Comum*, n.º 635 A, p. 93-94 e 106, Est. XXIX, de cerâmica alaranjada fina da época tardo-romana, encontrado em níveis do séc. iv e v. Parece que um prato deste tipo com bordo revirado para o interior, para impedir que o líquido se derramasse, teve uso e procura durante muitos séculos.

Pratos de parede oblíqua, bordo alto e bicudo, virado para o interior

- 02 15-IH-21 (Cola com 15-II-1 n. p.) Pasta 1-a com alto teor de cerâmica moída. Diâm. 204, altura 52 mm. Est. IX.
- 03 53-GH-1 Pasta 1-b, aguada avermelhada fina, na parede interior, reduzido cinzento (pelo uso como frigideira?) no lado exterior. Fabrico tardo-romano (C). N. i. (10º).

Cf. NOLEN, *Alto Alentejo*, tipo pratos 3-e, especialmente os n.º 249 e 250, p. 85, Est. XXIX, com cronologia sugerida da segunda metade do séc. i até o séc. iv; BIGARD, *Vauchuse*, n.º 74, dos estratos 00-01, sondagem III, p. 9, fig. IX-I, trata-se de um prato de «*terra sigillata* cinzenta paleocristã», forma Rigoir 8, encontrado em contexto cronológico dos sécs. v e vi. Estes paralelos apontam para um longo uso destes pratos de bordo bicudo. No entanto, a preponderância de formas semelhantes encontradas em contextos dos sécs. IV e v, e o fabrico tardo-romano do n.º 63 fazem-nos pensar que a maioria dos exemplares do Alto do Cidreira cabem nos últimos séculos da ocupação romana e talvez mesmo nos inícios do período pós-romano. Esta suposição é reforçada pela cronologia de c. 325-400/420 da forma Hayes 61 A de TSC «D» (101) da qual o prato n.º 63 com aguada avermelhada pode muito bem ser uma imitação regional tardia.

(10º) Três exemplares semelhantes (de pasta 1-b) tem diâm. entre 204 e c. 270 mm.

(101) HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 61 A, p. 100-107, fig. 17-4 e 17-7.

Prato covo de parede oblíqua, lábio bicudo

04 7-GH-1 Pasta 1-d de textura branda. Diâm.172mm. Est. IX.

Não podemos menosprezar a possibilidade de o n.º 64 ser parecido com os n.ºs 289 e 290 do tipo dos pratos 8-c da tipologia que elaborámos para a cerâmica romana das necrópoles alto-alentejanas. Este tipo faz lembrar a forma de TSH Dragendorff 15/17 tardia dos secs, in e IV ⁽¹⁰²⁾.

Travessas de parede recta, bordo amendoado e revirado para o interior

65 5-HH-5 Pasta 1-b. Diâm. 266 mm. Est. IX⁽¹⁰³⁾.

Cf. MEZQUIRIZ, *Pompado*, II, n.º 16, p. III, fig. 56, de Arcedianato, sector B, estrato III, com cronologia do séc. m; NOLEN, *Alto Alentejo*, tipo pratos 3-a, n.º 239, p. 84, Est. XXIX, com diâm. de apenas 156 mm, cronologia sugerida dos fins do séc. i ou do séc. II ; ALARCÃO, *Comum*, n.º631, p. 103-106, Est. XXIX, de cerâmica alaranjada fina tardo-romana, encontrada em estratos do séc. V. A carena entre a parede exterior e o bordo de vários exemplares deste tipo repete-se na travessa n.º 13 da forma Hayes 61A em TSC «D» datada entre c. 225 e 400/420 ⁽¹⁰⁴⁾.

Travessa do tipo anterior, todavia de bordo mais alongado

66 13-HH-16 Pasta 1-c micácea. Diâm. c. 340 mm? Est. IX.

Não encontramos paralelos exactos para esta travessa; apenas podemos referir uma peça semelhante : cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 645,

⁽¹⁰²⁾ NOLEN, *Alto Alentejo*, tipo pratos 8-c, p. 89, Est. XXXII.

⁽¹⁰³⁾ Três exemplares semelhantes (de pastas 1-a e b/d) têm entre 268 e 320 mm de diâm. Um deles é de fabrico tardo- ou pós-romano. Dois exemplares (pasta 4-a) com diâm. de c. 300 e 320 mm. têm aspecto de serem de fabrico tardo- ou pós-romano.

⁽¹⁰⁴⁾ HAYES, *Late Roman Pottery*, forma 61-A, p. 100-107, fig. 13-3.

p. 93-94 e 197, Est. XXX, de cerâmica alaranjada fina tardo-romana, encontrada em estratos do séc. v.

Travessa de parede aberta e achatada, bordo em forma de cunha

67 9-FG-24 Pasta 2-a, fabrico tardo-romano (D). Diâm. c. 290 mm. Est. IX.

Esta travessa faz lembrar formas em TSC «D», sem ter, no entanto, paralelo exacto naquele fabrico. As formas 99 e 103 da tipologia de Hayes, do séc. v até ao terceiro quartel do séc. vi serão as mais parecidas ⁽¹⁰⁵⁾. Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 643 A, p. 103-107, Est. XXX, de cerâmica alaranjada fina tardo-romana.

Travessa de bordo arredondado, cavado no dorso

68 3-11-3 Pasta 1-a com elevada presença de cerâmica moída e mica. Diâm. 346 mm. Est. IX.

Travessa de parede arqueada, bordo engrossado e achatado

69 19-HH-10 Pasta 4-a. Diâm. c. 260 mm. Est. IX.

Não conseguimos encontrar paralelos para as travessas n.º 68 ou 69; por isso, não podemos sugerir datação para elas. Não queremos, todavia, deixar de as apresentar por serem de formas elegantes, um tanto mais aperfeiçoadas que outras encontradas com mais frequência.

BILHAS E JARROS

As bilhas e jarros para servir água à mesa estão escassamente documentados entre o espólio cerâmico exumado da *Villa* do Alto do

⁽¹⁰⁶⁾ ID., *ibid.*, forma 99, p. 152-155, fig. 28; vide também: ID., *Supplement*, p. 516, e *Fouilles de Conimbriga*, IV, p. 270; forma 103, p. 157-160, fig. 29; MARTIN, *Formes Inédites*, forma NV, VI, p. 104, fig. 4-1, dos fins do séc. v até à primeira metade do séc. vi.

Cidreira, designadamente se compararmos com a sua abundância, que já anotámos, nas necrópoles do Alto Alentejo ⁽¹⁰⁶⁾. A frequência das bilhas é comparável à de Conimbriga; não temos, porém, testemunho idêntico ao grande número de jarros encontrados naquela cidade. Podemos perguntar-nos: qual era a vasilha usada para levar as bebidas à mesa ?

O estado de conservação das bilhas e jarros do Alto do Cidreira é mesmo lamentável, de maneira que nos será impossível ilustrar as formas representadas. Por essa mesma razão também não podemos agrupar as diferentes peças; apenas será possível enumerá-las, anotando as suas características mais salientes.

Bilhas de bocal afunilado

Nesta categoria estão incluídas as bilhas de gargalo afunilado, embora de bordos muito divergentes.

- 70 4-HG-23 Pasta 2-a, vestígios de engobe ou aguada acastanhada. Fabrico tardo-romano (C/D). Diâm. 96 mm. Est. IX.

Cf. MEZQUIRIZ, *Pompaelo*, II, n.º 12, p. 115, de Arcedianato, sector C, estrato II, dos sécs. iv e v. Será que este suposto «funil» era, de facto, o bocal de uma bilha semelhante ao n.º 70 ?

- 71 7-HI-7 Pasta 3, aguada ligeiramente mais clara que a pasta (5 YR 6/8). Diâm. c. 90 mm. Est. IX.

Esta bilha, mais duas de diâm. indeterminável ⁽¹⁰⁷⁾, de gargalo quase recto e bordo engrossado, pode ser confrontada com várias do séc. II de Verulamium, ou outra de Cartuja numa cronologia um pouco mais alta ⁽¹⁰⁸⁾. Cf. FRERE, *Verulamium*, III, n.ºs 1995, 2000 e 2004, p. 208, fig. 83; SERRANO RAMOS, *Cartuja*, n.º 93, p. 252, fig. 11.

⁽¹⁰⁶⁾ NOLEN, *Santo André*, p. 74; ID., *Alto Alentejo*, p. 35.

⁽¹⁰⁷⁾ São estes os n.ºs 60-GH-1 de pasta 1-c e 24-IH-16 de pasta 1-a.

⁽¹⁰⁸⁾ O autor afirma que se trata de uma bilha asada; todavia, o desenho publicado não apresenta qualquer indicação das asas.

Encontramos fragmentos de três jarros de bocal largo no Alto do Cidreira, um dos quais é de fabrico tardo-romano ^(109 **).

As bilhas de bocal constricto e trilobado estão representadas por seis bordos ^(no), enquanto temos fragmentos de três jarros trilobados ^(m).

O púcaro/jarro estabelece a ligação entre o grupo dos jarros e os dos potes. Era usado para preparar sopas, servir água ou somente para guardar água na cozinha? O aspecto queimado da peça n.º 72 faz pensar que ia ao lume, pelo menos para aquecer água, e talvez com sopas ou outros alimentos líquidos.

Jarro asado, de colo aprumado e alto

72 30-IH-16 Pastai. Diâm. do bordo 114 mm. Est. IX.

É mais provável que este jarro estivesse munido com uma só asa; é de fabrico tardo-romano ⁽¹¹²⁾. Cf. ALARCÃO, *Comum*, vários púcaros de grés do Baixo Império, por exemplo n.ºs 822, 827, 830, 837, 842, p. 112-113 e 119-120, Est. XLII-XLIII.

POTES E URNAS

Outra forma de cerâmica «comum», muito frequente entre o espólio do Alto do Cidreira, é o pote. No entanto, geralmente apenas nos restam pequenos fragmentos dos bordos, bojos e fundos. Consequentemente, somos mais uma vez obrigados a apresentar um conjunto de vasos aparentados, mas com grande variedade na forma, sem podermos assinalar uma possível evolução cronológica nem apontar eventuais contactos comerciais.

⁽¹⁰⁹⁾ São os n.ºs 28-HH-25, pasta 1-a, diâm. 116 mm; 59-GH-1, pasta 1-b/d, diâm. 122 mm; 29-HH-25, pasta 1-a, com vestígios de aguada ou engobe fino avermelhado, n. i.

^(no) De pasta 1-b: os n.ºs 8-sup-82, 98-HH-25, este último de fabrico tardo- ou pós-romano com superfície negra; de pasta 1-a: os n.ºs 105-HH-25 e 24-GH-1; de pasta 1-b/d: o n.º 8-IH-21/II-1, e de pasta 4-a o n.º 5-HH-22.

^(m) De pasta 1-a: o n.º 9-II-1; de pasta 1-c: o n.º 8-HH-3; e de pasta 1-d: o n.º 17-HG-25.

⁽¹¹²⁾ Existem mais quatro exemplares semelhantes (de pastas 1-a e 4-a e b), e o n.º 20-IH-21 de uma pasta com abundantes minerais ferro-magnesianos (veja o capítulo sobre as pastas, p. 33).

Potes de bordo em forma de aba soerguida e gargalo baixo

- 78 IO-IH-21 Pasta 1-a com alto teor de cerâmica moída e mica. Parede exterior brunida. Diâm. 110 mm. Est. X.
- 74 70-GH-1 Pasta 2-b. Diâm. 180 mm. Est.X.
- 75 61-GH-1 Pasta 1-a com muita cerâmica moída. Fabrico tardo-romano (A). Diâm. 198 mm. Est. X ⁽¹¹³⁾.

Cf. GOSE, *Gefäßstypen*, n.º 530, p. 45, Est. 53, de Oberaden da época augustana; ALARCÃO, *Comum*, n.º 403, p. 81, 83, Est. XIX, de cerâmica calcítica do Alto Império, encontrado em camadas flávias. Estes dois paralelos apontam para uma cronologia alta, o que está em contradição com o n.º 75 de cerâmica tardo-romana.

Pote de bordo em forma de aba soerguida

- 76 30-GH-1 Pasta 1-b. Diâm. 132 mm. Est.X.

Potes de bordo recto e eyasado

- 77 20-IH-16 Pasta 4-a. Diâm. c. 140 mm. Est.X.
- 78 27-GH-1 Pasta 1-d. Diâm. c. 120 mm. N. i.
- 79 21-HH-25 Pasta 1-b, aguada avermelhada, negra na parede exterior. Fabrico tardo-romano (A). Diâm. 154 mm. Est. X ⁽¹¹⁴⁾.

O aspecto mais característico deste potes são as ranhuras finas existentes tanto no dorso como na sobarba do bordo. Todavia, não pensamos que se trate de uma decoração intencional, mas sim de uma falta de alisamento por parte do oleiro. Podíamos citar paralelos de todas as épocas para esta forma corrente e simples.

Aparentado com os potes de bordo recto e evasado é um vaso grande com uma moldura saliente no ombro :

⁽¹¹³⁾ Nove exemplares semelhantes (de pastas 1-a e b, 2-a e b, 4-a) têm diâm. entre 110 e 192 mm.

⁽¹¹⁴⁾ Quatro exemplares semelhantes (de pastas do grupo 1 e 4-a) têm diâm.entre 156 e 178 mm (um dos quais também de superfície negra, de fabrico tardo- ou pós-romano).

80 32-HH-10 Pasta 1-b. Diâm. c. 200 mm. Est. X.

Cf. SANTROT, *Aquitaine*, n.º 236-a, p. 130, com decoração incisa ao pente; de Gironde, dos meados do séc. i até aos inícios do séc. in; de Paris, dos meados do séc. n. FRERE, *Verulamium*, III, n.ºs 255-257, p. 214, fig. 85, do séc. n.

Potes de bordo contracurvado, com ressalto no colo

81 9-Sup-81 Pasta 1-b micácea. Diâm. 126 mm. Est. X ⁽¹¹⁵⁾.

O ressalto encontra-se em muitos dos potes, tanto do Alto corno do Baixo Império, publicados por Alarcão. Cf. ALARCÃO, *Comum*, muitos dos potes de cerâmica calcícita do Alto Império: n.ºs 403 A, 403 B, 403 C, 408 A, 409, p. 81-83, Est. XIX; ou outros, de grés, do Baixo Império: n.ºs 885, 885 A, p. 112-113, Est. XLVIII.

Potes de bordo pequeno, contracurvado

82 23-IH-16 Pasta 1-b. Diâm. 158 mm. Est. XI ⁽¹¹⁶⁾.

Potes de bordo engrossado e aberto

Cinco fragmentos de bordos desta forma ⁽¹¹⁷⁾ podiam ser assim classificados; a exiguidade dos casos não permite, porém, que se desenhe um perfil fidedigno.

Potes de bordo pequeno, dobrado para o exterior

83 21-IH-21 Pasta 1-a. Diâm. c. 160 mm. Est. XI ⁽¹¹⁸⁾.

Cf. SANTROT, *Aquitaine*, n.º 316, p. 148, de Bordéus, do período 40-80, e da Gália, Alemanha, Suíça e Espanha, do princípio do séc. i

⁽¹¹⁵⁾ Dois exemplares semelhantes (de pastas 1-b) têm respectivamente diâm. de 149 mm e indeterminável.

⁽¹¹⁶⁾ Dez exemplares semelhantes (de pastas do grupo 1) têm entre c. 110 e c. 180 mm de diâm., dois dos quais (64-GH-I e II-HG-25) de fabrico tardo- ou pós-romano, o último com aguada avermelhada na parede interior.

⁽¹¹⁷⁾ São os seguintes n.ºs: II-HH-10, 83-HH-25, 4-HG-22, 21-IH-12. e 19-IH-17.

⁽¹¹⁸⁾ Seis exemplares semelhantes (de pastas do grupo 1 e 4-a) têm diâm. entre 136 e 240 mm (um deles é de fabrico tardo- ou pós-romano).

até ao séc. ii; STUART, *Gewoon Aardewerk*, n.º 292 do tipo 201 A, p. 71-72, Est. 19, que o autor confronta com o n.º 530 da tipologia de Gose; Stuart anota a sua presença em camadas de 15/12-12/8 a. C. em Oberaden, e até ao ano 539, em Trier.

Potes de bordo pequeno, amendoado, revirado para o exterior e cavado ou com sulco na parte superior

- 84 13-IH-13 Pasta 1-a. Forma tardo-romana? Diâm. 176 mm. Est. XI ⁽¹¹⁹⁾.

Pote com bordo curto, em forma de aba horizontal

- 85 62-HH-25 Pasta 1-a, vestígios de decoração pintada de bandas horizontais de 10 a 50 mm de largura, agora de cor cinzenta. Diâm. 204 mm. Est. XI.

A decoração e a cozedura deste pote fazem-nos pensar que seja de fabrico tardo- ou pós-romano ⁽¹²⁰⁾.

Potes com bordo engrossado em forma de aba curta

- 86 2-HH-10 Pasta 1-c com elevada presença de cerâmica moída. Diâm. c. 140 mm. Ext. XI.
- 87 3-HH-15 Pasta 1-c, aguada avermelhada, reduzida para cinzento no bordo, fabrico tardo-romano (A). Diâm. c. 176 mm. Est. XI ⁽¹²¹⁾.

Potes de bordo amendoado e oblíquo

- 88 19-IH-21 Pasta 1-b. Diâm. c. 170 mm. Est. XI ⁽¹²²⁾.

Cf. SERRANO RAMOS, *Cartuja*, n.º 43, p. 248, 257, fig. 7, dos fins do séc. i até meados do séc. n.

⁽¹¹⁹⁾ Cinco exemplares semelhantes (de pastas 1-a e b, 1-b e 4-a) têm diâm. entre 150 e c. 180 mm, dos quais dois também de fabrico tardo- ou pós-romano.

⁽¹²⁰⁾ Outros potes (pasta 1-a e b, 4-a) de formas semelhantes à do n.º 85, mas sem decoração pintada, têm entre 148 e 174 mm de diâm. (quatro peças das quais 4-a e 1-b, de fabrico tardo- ou pós-romano).

⁽¹²¹⁾ Oito exemplares semelhantes (de pastas do grupo 1, 2-b e 4-a) têm diâm. entre 142 e c. 180 mm (dois dos quais de fabrico tardo- ou pós-romano).

^[122] Doze exemplares semelhantes (de pastas do grupo 1 e 2-b) têm entre 138 e 192 mm de diâm. (dois ou mais de fabrico tardo- ou pós-romano).

**Potes de colo aprumado, pasta cinzenta fina micácea,
superfície alisada**

89 63-HH-26 Pasta 4-b. Diâm. 116 mm. Est. XI ⁽¹²³⁾.

Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 877, p. 123, Est. XLVII, de camadas do séc. V e de destruição; MEZQUIRIZ, *Pompado*, II, n.º 22, fig. 50, p. 106, de Arcedianato, sector A, estrato II, dos sécs. IV e V.

Aparentado com os potes anteriores é o seguinte de fabrico tardo-romano, mais grosseiro.

90 5-HH-8 Pasta 1-a com muita cerâmica moída. Superfície negra, alisada, baça. Fabrico tardo-romano (B). Este pote podia ter sido asado (cf. n.º 72). Diâm. reconstituído c. 133 mm. Est. XI.

Potes de bordo pequeno, aprumado

91 79-HH-25 Pasta 1-b. Diâm. 122 mm. Est. XII ⁽¹²⁴⁾.

Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 403 A, p. 81 e 83, Est. XIX, de cerâmica calcítica do Alto Império, encontrado nos canos flávios e trajânicos das termas; MEZQUIRIZ, *Pompeio*, II, n.º 22, fig. 58, p. 112, de Arcedianato, sector B, estrato IV, dos fins do séc. I-inícios do séc. II, N.º 92, p. 207, fig. 118, de Plaza de San José, estrato IV, do séc. I, todavia encontrado em conjunto com moedas tardo-romanas.

Os seguintes potes são todos de fabrico tardo- ou pós-romano. Não é só a pasta dura, geralmente muito grosseira, que indica a cronologia tardia, também os perfis dos bordos, muitas vezes com ranhuras e molduras finas, e as paredes relativamente delgadas são características da produção do período de transição dos fins da época romana para os primeiros séculos medievais.

(123) Dois exemplares semelhantes da mesma pasta têm 68 e 90 mm de diâm.

⁽¹²⁴⁾ Seis exemplares semelhantes (de pastas 1-a, 2-b e 4-a) têm entre 98 e 160 mm de diâm. (dois, de pasta 4-a, são de fabrico tardo- ou pós-romano).

**Potes de bordo pequeno, revirado para o exterior
e cavado na sobarba**

- 92 7-HH-3 Pasta 1-a com muita cerâmica moída. Fabrico tardo-romano (A). Diâm. 142 mm. Est. XII.
- 93 24-HG-24 Pasta única com desengordurante constituído por cerâmica branca moída (veja o texto n.º 19), superfície negra. Fabrico tardo ou pós-romano (B). Diâm. 74 mm. Est. XII ⁽¹²⁵⁾.

Cf. HENZEL, *Condorcet*, G 38-3, p. 346, Est. XVIII-13;
MEZQUIRIZ, *Pompado*, II, n.º 83, fig. 109, de Plaza de San José, estrato III, uma camada remexida dos séc. II-IV (p. 196 e 202).

Pote de parede em forma de «S», bordo cavado do dorso

- 94 10-HG-23 Pasta 2-a, superfície negra. Fabrico tardo ou pós-romano (B/D). Diâm. 230 mm. Est. XII.

**Pote de bordo amendoado, biselado no exterior
e ligeirattiente envasado**

- 95 4-HH-3 Pasta 1-b, vestígios de engobe fino, avermelhado do lado interior do bordo, reduzido e, por isso, cinzento na parede exterior. Fabrico tardo ou pós-romano (C). Diâm. c. 136 mm. Est. XII.

Pote de bordo amendoado e bicudo, decorado com ranhuras

Anas salientes

- 96 71-GH-1 Pasta 1-c, vesígios de aguada negra. Fabrico tardo ou pós-romano (B). Diâm. 118 mm. Est. XII.

**Pote pequeno de bordo soerguido e ombro decorado
com ranhuras finas salientes**

- 97 25-GH-1 Pasta 1-c, superfície negra. Fabrico tardo ou pós-romano (B). Diâm. c. 120 mm. Est. XII ⁽¹²⁶⁾.

⁽¹²⁵⁾ Três exemplares semelhantes (de pastas 1-a, 2-b, um deles com superfície negra) têm 128, 180 ou 98 mm de diâm. respectivamente.

⁽¹²⁶⁾ Outro exemplar semelhante (pasta 4-a), tem um diâm. não determinável.

Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 887, p. 123, Est. XLVIII, encontrado em níveis do séc. v; HENZEL, *Condorcet*, G 44-14, p. 346, Est. XIX-2. Do mesmo tipo genérico, sem ser bem igual ao n.º 97, podemos citar: BOGARD, *Vaucluse*, sondaze III, couche 08-11, p. 8, fig. VIII-16, dos séc. v e vi.

**Pote pequeno de gola envasada e lábio engrossado,
decoração de ranhuras finas salientes**

98 5-HH-10 Pasta 1-a, superfície negra. Fabrico tardo- ou pós-romano (A). Diâm. c. 100 mm. Est. XII.

Potes de gola envasada

99 3-HH-2 Pasta 1-b. Diâm. 68 mm. Est. XII ⁽¹²⁷⁾.

Cf. MEZQUIRIZ, *Pompaelo*, II, n.º 23, p. 120, fig. 69, de Arcedianato, sector D-E, estrato II, dos sécs. iv e v.

Relacionadas com os potes são as urnas que frequentemente tomam a forma de potes grandes. A escavação do Alto do Cidreira apenas nos deu fragmentos de uma urna asada e dois bordos de urnas ou potes grandes. Estes últimos têm perfis comparáveis:

**Urna ou talha pequena com bordo engrossado
e virado para o exterior**

100 23-HH-25 Pasta 1-a. Diâm. 305 mm. Est. XII ⁽¹²⁸⁾.

Urna com duas asas, colo apumado

101 7-IH-21 Pasta 1-b. Diâm. 160 mm. Est. XII.

É de estranhar que não encontremos paralelo para esta urna na bibliografia ao nosso alcance.

⁽¹²⁷⁾ Outro exemplar semelhante de uma pasta única, bem depurada, tem c. 80 mm de diâm.

⁽¹²⁸⁾ Outro exepmlar semelhante de fabrico tardo- ou pós-romano (pasta 2-b), tem diâm. de c. 300 mm.

CANTAROS E DÓLIOS

Da grande quantidade de cântaros de fabricos tardios encontrados no Alto do Cidreira podemos deduzir que a localização num alto determinou a necessidade de ir buscar a água necessária para a vida quotidiana, ao menos na época tardo- ou pós-romana. À excepção do n.º 102 podemos dividir os cântaros em dois grupos, nitidamente distintos em função da forma e da pasta. O primeiro inclui as ânforas e as ânforas/cântaros da época romana que serão apresentadas por G. Cardoso em posterior publicação⁽¹²⁹⁾. O segundo grupo, da idade tardo- ou pós-romana, mostra mais variedade no contorno do bocal, embora também constitua conjuntos homogéneos devido às pastas utilizadas.

Cântaro de colo alto, cilíndrico, lábio arredondado

102 16-IH-12 Pasta 1-b/d micácea. Decoração de grupos de linhas verticais brunidas. Conserva-se apenas o arranque de uma asa (provavelmente a única). Diâm. c. 110 mm. Est. XIII.

Não encontramos paralelo para este cântaro da época romana.

Os seguintes cântaros são integralmente de fabrico tardo ou pós-romano, muitos deles de uma pasta feldspática, cozida a temperatura elevada, e de parede relativamente delgada. Na campanha de 1987, na *villa* romana do Monte de Cegonha (concelho de Vidigueira), peças (ainda inéditas) muito semelhantes aos n.ºs 103 e 104, foram encontradas numa lixeira com cerâmica vidrada, tipo «corda seca» do séc. xn. Estes são munidos com duas asas de fita largas que arrancam do gargalo e assentam na parte mais larga da pança.

Cântaros de colo alto, bordo engrossado e cavado na sobarba

103 5-HG-23 Pasta 2-a. Fabrico tardo- ou pós-romano (D). Diâm. 156 mm. Est. XIII⁽¹³⁰⁾.

⁽¹²⁹⁾ As ânforas e ânforas/cântaros serão incluídas no relatório final dos trabalhos arqueológicos efectuados nesta *Villa*.

⁽¹³⁰⁾ Outro exemplar semelhante (pasta 2-b) tem 150 mm de diâm.

Cf. NEURU, *Carthage*, n.º 36, p. 202, Est. VI, uma ânfora do tipo «Spatheion» de um depósito do séc. v. A forma tem antecedentes no séc. in ou mais cedo: cf. SANTROT, *Aquitaine*, n.º369, p. 166: o autor cita um exemplar da segunda metade do séc. i, outros dois dos fins do séc. ii ou do séc. m.

**Cântaros de colo alto, evasado, bordo amendoado
ou arredondado**

104 33-IH-16 Pasta 2-a, alisamento ou aguada fina, reduzida para cinzento na parede exterior. Fabrico pós-romano (D). Diâm. 182 mm. Est. XIII⁽¹³¹⁾.

Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 856 B, p. 121, Est. XLV, do «grés» tardo-romano, encontrado em estratos dos sécs. IV e V; BAZZANA, *Santa Fé*, n.º 5, p. 177, fig. 1, da Idade Média.

Cântaros de colo alto, evasado, bordo arqueado para o exterior

105 29-IH-16 Pasta 2-a, aguada acastanhada. Fabrico pós-romano (D). Diâm. 174 mm. Est. XIII⁽¹³²⁾.

Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 856 A, p. 121, Est. XLV, do «grés» tardo-romano, encontrado em camadas do séc. v, e em níveis de destruição do período suevo-visigótico.

Os cântaros apresentados a seguir, torneados num barro não feldspático, ao contrário do que aconteceu com as peças anteriores, também datam da época tardo- ou pós-romana. Por motivo da pasta utilizada, e também devido à diferença da forma e ao tamanho reduzido, pensamos que devem estar ligados a um ambiente comercial diferente.

(^m) Três exemplares semelhantes (n.ºs 12 e 13-IH-17, 2-II-16), embora de bordo arredondado, todos da pasta 2-a, têm entre c. 120 e 180 mm de diâm. ; dois deles mostram uma superfície negra.

(¹³²) Outro exemplar de perfil igual (pasta 2-a, superfície negra) tem c. 200 mm de diâm., embora um terceiro (pasta 1-a), com bordo biselado, tenha diâm. mais pequeno, de 152 mm.

**Cântaros de gargalo alto, aiunilado, bordo virado
para o exterior**

- 106 73-GH-1 Pasta 1-b, superfície negra. Fabrico tardo- ou pós-romano (B).
Diâm. 86 mm. Est. XIII.
- 107 26-HH-25 Pasta 1-b, superfície negra. Fabrico tardo- ou pós-romano
(B). Diâm. 112 mm. Est. XIII ⁽¹³³⁾.

Os dólios do Alto do Cidreira agrupam-se em dois tipos: o primeiro, de bordo contracurvado e da pasta feldspática (pasta 2); o outro, com bordo dobrado sobre o ombro e de pastas 1-a ou 4-a. Esta divisão possivelmente tem origem na sua cronologia: os primeiros encontram paralelos no séc. I e em estratos remexidos do séc. V em Conimbriga; quanto aos últimos, podemos confrontá-los com peças do séc. V ou de datação um pouco duvidosa entre c. 50 e 150.

Dólios de bordo revirado para o exterior, pasta feldspática

- 108 45-GH-1 Pasta 2-a. Diâm. indeterminável. Est. XIV.
- 109 1-HG-19 Pasta 2-a. Arranque de asa com uma dedada preservada num
fragmento do bojo. Grafito «D» no ombro. Diâm. c. 310 mm. Est. XIV ⁽¹³⁴⁾.
- 110 92-HH-25 Pasta 2-a. Diâm. c. 368 mm. Est. XIV.

Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.ºs 293-310, p. 71-73, Est. XIV-XV : são talhas semelhantes aos nossos n.ºs 108 e 109, de pasta originária de Pombal-Barracão, encontradas em camadas augustano-trajânicas; n.º 326, p. 77, Est. XV pode ser confrontado com o dólido n.º 110 e n.ºs 702, 710 (este último especialmente parecido com o n.º 109), p. 110-112, Est. XXXIV: são três talhas de cerâmica alaranjada quartzítica, de cerâmica calcítica, e de cerâmica alaranjada grosseira respectivamente; as três de camadas do séc. V, mas de destruição e, por isso, de cronologia incerta (cf. *Fouilles de Conimbriga*, I, p. 178-179).

⁽¹³³⁾ Outros exemplares semelhantes (de pastas 1-b e c) têm diâm. entre 88 e 125 mm.

⁽¹³⁴⁾ Outra peça de pasta 2-a, com bordo de rolo, tem diâm. de 368 mm.

Dólios de bordo dobrado sobre o ombro

111 6-HH-9 Pastal-a. Diâm. do interior do bordo 264 mm. Est. XIV ⁽¹³⁵⁾

Cf. ALARCÃO, *Comum*, n.º 709, p. 112, Est. XXXIV, de cerâmica alaranjada grosseira, encontrado em depósitos de destruição do séc. v; n.º 928, p. 127, Est. LII, de cerâmica calcítica com ilite, do período tardo-romano, também encontrado num depósito de destruição do séc. v; VEGAS, *Común*, tipo 49, n.º 6, p. 118, fig. 42, de Tarragona, do séc. v.

Restos de sete exemplares desta forma foram achados fora de estratigrafia, perto de Enchurrasqueira, no vale do rio Sado ⁽¹³⁶⁾. Estes fornos parecem, contudo, ter funcionado entre meados do séc. i e o séc. iv ⁽¹³⁷⁾.

PESOS**PESOS DE TEAR**

Na publicação dos pesos de tear do Alto do Cidreira seguimos a tipologia estabelecida para os pesos de Conimbriga por A. M. Alarcão e F. Mayet ⁽¹³⁸⁾.

Ao contrário do que acontece em Conimbriga e noutras estações, por exemplo Tiro de Cañón ⁽¹³⁹⁾, a presente colecção está dividida quase igualmente entre os pesos de forma rectangular e de forma piramidal (três da primeira e quatro peças da segunda categoria, mais um exemplar de forma indeterminável), enquanto esta última forma era a preferida em Conimbriga. Todavia, um grupo como o presente de, apenas, oito exemplares é pequeno demais

⁽¹³⁵⁾ Um exemplar semelhante (pasta 4-a) tem diâm. no interior do bordo de 274 mm, enquanto um terceiro (pasta 1-a) é de diâm. indeterminável.

⁽¹³⁶⁾ DIOGO et alii, Enchurrasqueira, 1984, n.ºs 27-33, p. 11-12, Est. III.

⁽¹³⁷⁾ ID., *ibid.*, p. 6.

⁽¹³⁸⁾ Fouilles de Conimbriga, VII, p. 55-57.

⁽¹³⁹⁾ *Ibid.*, p. 60, fig. 2; BENAVENTE, Tiro de Cañón, p. 123-132, onde entre os pesos de forma documentada podemos contar 22 exemplares trapezoides ou troncopiramidais, contra apenas dois rectangulares.

para daí se deduzirem conclusões tipológicas. Um ou dois orifícios não parece ter qualquer significado cronológico em Conimbriga nem entre as colecções de pesos do Vale do Ebro publicadas. Baseado nestes conjuntos, Benavente concluiu que a preferência por pesos de um só ou dois orifícios deve ser exactamente isso, uma preferência tradicional de vizinhança ⁽¹⁴⁰⁾. É de notar que entre os pesos do Alto do Cidreira figuram seis de uma e apenas um de duas aberturas, e que este último é o exemplar que também se destaca do conjunto quanto ao seu peso. Também temos que chamar a atenção para o peso n.º 3 do tipo invulgar II: é dum só orifício, enquanto em Conimbriga os cinco exemplares desta configuração todos são perfurados com duas aberturas. Os nossos exemplares com altura completa preservada têm 105 (n.º 1) e 97 (n.º 5) mm de altura, o que concorda com os achados de Conimbriga que, na sua maioria, medem entre 85 e 110 mm ⁽¹⁴¹⁾. Quanto ao peso das peças, o das de tamanho médio (grupo B) situa-se à volta de 395-400 gramas em Conimbriga ⁽¹⁴²⁾, enquanto que, dos quatro pesos inteiros do Alto do Cidreira, três (n.os 1, 3, 5) têm entre 328 e 334 gramas e apenas um (n.º 4, a que falta um fragmento, e por isso, parte do seu peso) atinge 527 gramas. Aqui está nitidamente representado o tear de dois tipos de fios, mas não necessariamente dois teares diferentes.

Concordamos com as autoras da publicação dos pesos de tear provenientes de Conimbriga quanto à sua observação de que todas as peças com grafitos semelhantes necessariamente devem datar da mesma época restrita ⁽¹⁴³⁾. Não concordamos, porém, inteiramente com a sugestão de que apenas a forma I poderia ter durado além da época de Trajano ⁽¹⁴⁴⁾, enquanto todas as outras são do período cláudio- ou flávio-trajânico. Pode ser um fenómeno ilusório, talvez devido à estratigrafia mais bem preservada daquela época. Quatro dos nossos pesos (n.os 1, 2, 4, e mais um exemplar fragmentado não inventariado) foram moldados em pastas feldspáticas parecidas com a pasta de tipo 2, usada na sua maioria para tornear os dólios e

⁽¹⁴⁰⁾ BENAVENTE, *op. cit.*, p. 133-134.

⁽¹⁴¹⁾ *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 57.

⁽¹⁴²⁾ *Ibid.*, p. 57.

⁽¹⁴³⁾ *Ibid.*, p. 61.

⁽¹⁴⁴⁾ *Ibid.*, p. 63.

cântaros da época tardia (infra p. 35). Será isso uma indicação de fabrico igualmente tardio destes pesos das formas I, III e VI ? Sem dúvida que também se tecia durante o Baixo Império e no período tardo ou pós-romano.

Forma I (paralelepípedo de secção rectangular)

- 1 1-HG-18 Um orifício. Pasta 2-a, laranja (Munsell 2,5 YR 6/8), sulco à volta do orifício. Alt. 105 mm, larg. 53-50 mm, espes. 35 mm, peso 330 gr. Levemente gasto na parte inferior, indicando que foi usado na fila superior do tear. Est. XV.
- 2 26-HH-5 Um orifício. Pasta 4-a, laranja escuro (Munsell 2,5 YR 4,8) Fragmento da parte superior. Larg. 49 mm, espes. 32 mm. N. i.

Esta é a forma mais numerosa em Conimbriga e ali datada a partir dos Flávios por um período ainda mal definido (¹⁴⁵).

Forma II (Paralelepípedo de secção quadrada)

- 3 II-HH-3 Um orifício. Pasta 2-b, laranja (Munsell 2,5 YR 5/8) —cinzento acastanhado. Alt. 104 mm, larg. 53 mm, espes. 43 mm, peso 328 gr. Uma marca em forma de cruz. Est. XV.

Esta marca também está assinalada em sete pesos de Conimbriga, seis exemplares da forma VI, um dos quais dum estrato claudiano, os outros de camadas de destruição do séc. v (¹⁴⁶).

Forma VI (Frente trapezoide, rectangular de lado)

- 4 1-HG-23 Dois orifícios. Pasta 2-a, cinzento escuro avermelhado (Munsell 5 YR 4/2) para castanho avermelhado (2,5 YR 4/4). Alt. 100 mm, larg. 68-73 mm, espes. 49 mm. Falta um fragmento da base, peso preservado 515 gr. Est. XV.
- 5 2-HG-23 Um orifício. Pasta 4-a, laranja (Munsell 5,5/8). Alt. 101 mm, larg. 63-64 mm, espes. 33 mm, peso 334 gr. Est. XV.

(¹⁴⁵) *Ibid.*, p. 63. Existe ainda um fragmento da parte superior dum peso desta forma com um só orifício.

(¹⁴⁶) *Ibid.*, n. os 237,5 da forma III, p. 72, Est. XV, numa camada flávia; 256,1, p. 74, Est. LXIV-2.

- 6 8-IH-16 Um orifício. Pasta 4-a, vermelho/laranja acastanhado (Munsell 10 R 5/6 — 5 YR 6/6). Fragmento da parte superior, larg. ao nível do orifício 50 mm, espes. 33 mm. Grafito de duas linhas paralelas correndo em diagonal. N. i.

Em Gonimbriga esta forma está datada do período flávio-trajânico ⁽¹⁴⁷⁾.

- 7 Sup-81. Fragmento da parte inferior dum peso pequeno de forma desconhecida. Pasta 1-a, laranja (Munsell 2,5 YR 5,5/8). Grafito preservado em que possivelmente se pode ler um M. N. i.

Será isso a marca M de *M[aelonis]*, da oficina que forneceu tantos pesos a Conimbriga durante o período Cláudio-Flávios ? ⁽¹⁴⁸⁾.

PESOS CIRCULARES

Geralmente os pesos circulares são considerados pesos de rede da pesca. Não há qualquer indicação que desminta este uso para os dois exemplares do Alto do Cidreira: a abertura central é larga e gasta. No entanto, será melhor, no futuro, ter consciência de que esta finalidade ainda não está perfeitamente documentada, e procurar indicações de outros usos que estes pesos (também) possam ter tido. O facto de um exemplar quase igual ter sido encontrado em Torre de Palma ⁽¹⁴⁹⁾ e outro semelhante em Conimbriga, duas estações bem longe do mar ou de rios significativos, é, para nós, indícios de que nem sempre terão servido para fundar a rede de pesca.

- 8 18-IH-16 Pasta 3, laranja amarelado (Munsell 5 YR 7/8). Dimensão máx. 84 mm, espes. 27 mm. Parece ser cortado duma maneira muito rude dum *imbrex*. Est. XV.

⁽¹⁴⁷⁾ *Ibid.*, p. 64. Existe ainda um peso desta forma, incompleta e muito fragmentada, de um único orifício.

⁽¹⁴⁸⁾ *Fouilles de Conimbriga*, II, p. 184-186.

⁽¹⁴⁹⁾ Trata-se de uma peça inédita do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, n.º de inventário 10001.5900.82.

- 9 19-IH-16 Pasta única, com cerâmica moída, mica e grânulos de óxido de ferro, laranja acastanhado (Munsell 5 YR 6/6). Falta quase metade da peça, espes. 19 mm. Parece ter sido cortado do fundo dum pote. Est. XV.

Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, n.º 380, p. 202, 203, Est. LVI; SILVA, *Alcácer do Sal*, n.º 223,, p. 188, fig. 18 dum nível da Idade do Ferro.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO (A. M.) e MARTINS (A. N.), *Cerâmica aparentada com «Paredes Finas» de Mérida*, «Conimbriga», XV, 1976, p. 91-109. (= ALARCÃO, *PF de Mérida*).
- ALARCÃO (A. M.) e PONTE (S. da), *As lucernas romanas do Paço Ducal de Vila Viçosa*, «Conimbriga», XV, 1976, p. 73-91. (= ALARCÃO, *Lucernas romanas*).
- ALARCÃO (J. de), *Sepultura Luso-romana descoberta no concelho de Constância*, «Museu», 2.^a série, n.º10, 1966, p. 5-12. (= ALARCÃO, *Constância*).
- , *A Necrópole de Monte Farrobo (Aljustrel)*, «Conimbriga», XIII, 1974, p. 5-32. (— ALARCÃO, *Farrobo*).
- , *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*, Coimbra, 1974. (= ALARCÃO, *Comum*).
- , *Vidros do Castelo de Alcácer do Sal*, «Setúbal Arqueológica», IV, 1978, p. 155-170. (= ALARCÃO, *Alcácer do Sal*).
- , *Roman Glass from Troia (Portugal)*, «Annales du 8^{ème} Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre» (Londres-Liverpool, 18-25 Septembre, 1979), Liège, 1981. (= ALARCÃO, *Troia*).
- ALARCÃO (J. de) e (A. M.), *Vidros romanos de Conimbriga*, Conimbriga, 1965 (= ALARCÃO, *Vidros de Conimbriga*).
- , *O espólio da necrópole de Valdoca (Aljustrel)*, «Conimbriga», V, 1966, p. 7-104. (— ALARCÃO, *Valdoca*).
- ALARCÃO (J. de) e ÉTIENNE (R.), *Fouilles de Conimbriga*, I, «L'Architecture», Paris, 1977. (= *Fouilles de Conimbriga*, I).
- ALARCÃO (J. de) et alii, *Fouilles de Conimbriga*, VI, *Céramiques Diverses et Verres*, Paris, 1976. (= *Fouilles de Conimbriga*, VI).
- , *Fouilles de Conimbriga*, VII, *Trouvailles Diverses et Conclusions Générales*, Paris, 1979. (= *Fouilles de Conimbriga*, VII).
- ALMEIDA (e. A. FERREIRA de), *Escavações no Monte Mozinho (1974)*, Penafiel, 1974. (= ALMEIDA, *Monte Mozinho*).
- A propos des Céramiques de Conimbriga*, «Conimbriga», XIV, 1975, p. 5-224.

- AZUAR RUIZ (R.), *Excavaciones en el recinto fortificado arabe denominado «Castillo del Rio» (Aspe-Alicante), Campaña 1979*, «Noticiario Arqueológico Hispanico», 15, 1983, p. 299-340. (= AZUAR RUIZ, *Castillo del Rio*).
- BAZZANA (A.) e CLIMET (S.), *El yacimiento medieval de Santa Fé de Clivia (Valencia)*, «Noticiario Arqueológico Hispanico», 18, 1984, p. 257-339. (= BAZZANA, *Santa Fé*).
- BÉMONT (C.) e JACOB (J.-P.), ed. *La terre sigillée gallo-romaine, Lieux de production du haut Empire; implantations, produits, relations*, Paris, 1986. (= BÉMONT, *Terre sigillée gallo-romaine*).
- BENAVENTE (J.), JUSTE (N.), PERALES (M.^a), PICAZO (J.) e SANCHO (A.), *Tiro de Cañón, Fusayolas y pondera*, «Kalathos», vol. 5-6, 1985-86, p. 118-137. (= BENAVENTE, *Tiro de Cañón*).
- BERGER (L.), *Römischer Glässer aus Vindonissa*, (Veröffentlichungen der Gesellschaft pro Vindonissa, IV), Basileia, 1960. (= BERGER, *Vindonissa*).
- BLIQUEZ (L. J.), *Greek and Roman Medicine*, «Archaeology», 34-2, 1891, p. 11-17.
- BORGARD (P.), *Le Village de la Colline du Chateau à Fontaine de Vaucluse (Vaucluse), Un site de U Antiquité Tardive (V-VI^{ème} Siècle)*, «Bulletin Archéologique de Provence» 13, 4^{ème} trimestre, 1984, p. 1-14. (= BORGARD, *Vaucluse*).
- BRANCO (D. Antonio de Castello), FERREIRA (O. da Veiga) e CARDOSO (G. Pereira), *Descoberta de uma mini-máscara de «terra cota» na estação lusitano-romana do Alto da Cidreira (Cascais)*, em «Estudos Italianos em Portugal», n.ºs 33-34-35, 1970-1971-1972, p. 99-104. (= BRANCO, *Mini-máscara*).
- BUDISCHOVSKY (Marie-Christine), *Le thème du nègre dans l'Adriatique à l'époque romaine* «Hommages à Maarten J. Vermaseren», vol. I, Leiden, 1978, p. 191-207. (= BUDISCHOVSKY, *Le thème du nègre*).
- CAEIRO (J. O. da Silva), *O espólio da Herdade do Reguengo, Vaiamonte*, AP, série III, VII-IX, 1974-1977, p. 227-241. (= CAEIRO, *Vaiamonte*).
- , *A sepultura n.º 3 da necrópole da Herdade do Reguengo (Vaiamonte)*, «Setúbal Arqueológica», IV, 1987, p. 203-210. (= CAEIRO, *Vaiamonte sep. 3*).
- , *O espólio arqueológico da Herdade do Reguengo (Vaiamonte)*, «Conimbriga», XVIII, 1979, p. 115-121. (= CAEIRO, *Espolio arqueológico*).
- CHARLESWORTH (C.), *The Glass*, em FREERE (S.), *Verulamium Excavations I*, (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 28) Oxford, 1972, p. 196-215. (= CHARLESWORTH, *Verulamium I*).
- , *The Glass*, em FREERE (S.), *Verulamium Excavations*, III, (Oxford University Committee for Archaeology, Monograph N.º I). (= CHARLESWORTH, *Verulamium*, III).
- , *The Glass*, em NEAL (D. S.), *The excavation of the Roman villa in Gadebridge Park, Hemel Hempstead*, 1963-8, (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, n.º XXXI, London, 1974, p. 203-207. (= CHARLESWORTH, *Hemel Hempstead*).

- DELGADO (H.), MAYET (F.) e ALARGÃO (A. Moutinho), *Fouilles de Conimbriga, IV, Les Sigillées*, Paris, 1975 (= *Fouilles de Conimbriga, IV*).
- DENEAUVE (J.), *Lampes de Carthage*, Paris, 1969. (= DENEAUVE, *Carthage*).
- DIOGO (A. M. Dias), *Fornos de Ânforas do Monte de Enchurrasqueira e do Vale da Cepa — Notícia preliminar*, «Conimbriga», XXII, 1983, p. 211-215. (= DIOGO, *Enchurrasqueira e Cepa*).
- DIOGO (A. M. Dias) et alli, *O material dos fornos romanos da Enchurrasqueira no Museu do Mar*, Cascais, Série Arqueológica, 1, Cascais, 1984. (= DIOGO, *Enchurrasqueira*).
- DYSON (S. L.), *Cosa, The utilitarian pottery*, *Memoirs of the American Academy in Rome*, XXXIII, Rome, 1976. (= DYSON, *Cosa*).
- ETIENNE (R.), FABRÉ (G.) e LEVEQUE (P. e M.), *Fouilles de Conimbriga, II, Épigraphie et Sculpture*, Paris, 1976. (= *Fouilles de Conimbriga, II*).
- FREMERSDORF (F.), *Das Naturfarbene sogenannte Blaugrüne Glas in Köln*, Colonia, 1958. (= FREMERSDORF, *Blaugrüne Glas*).
- FRERE (S.), *Verulamium Excavations I*, (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 28), Oxford, 1972. (= FRERE, *Verulamium I*).
- , *Verulamium 111*, London, 1985. (= FRERE, *Verulamium 111*).
- GOSE (E.), *Gefässtypen römischen Keramik im Rheinland* (Bonner Jahrbuch, 1), Kevelaer, 1950. (= GOSE, *Gefässtypen*).
- HARDEN (D. B.), The Glass, em HAWKES (C. F. C.) e HULL (M. R.), *Camulodunum, First report on the excavations at Colchester, 1930-1939*, Oxford, 1947, p. 287-307. (= HARDEN, *Camulodunum*).
- , Recensão sobre WELKER (E.), *Nida-Heddernheim*, em «Antiquaries Journal», LVIII, part I, p. 189-190. (= HARDEN, *Becensão*).
- HAYES (J. W.), *Late Boman Pottery*, London, 1972. (= HAYES, *Late Boman Potery*).
- , *Supplement to Late Boman Potery*, London, 1980. (= HAYES, *Supplement*).
- , *Boman and Pre-Boman Glass in the Boyal Ontario Museum*, Toronto, 1975. (= HAYES, *Ontario Glass*).
- HENSEL (W.) et alli, *La Céramique Médiéval de Condorcet, Contribution à F étude d'un village déserté des Baronnie [Drôme]*, «Archéologie Médiéval», V, 1975, p. 307-369. (= HENSEL, *Condorcet*).
- ISINGS (G.), *Boman glass from dated finds*, (Archaeologica Traiectina, II), Groningen, 1957. (= ISINGS, *Dated finds*).
- LANCEL (S.), *Verrerie antique de Tipasa*, Paris, 1967. (= LANCEL, *Tipasa*).
- LITH (S. M. E. Van), *Komischen Glas aus Valkenburg*, Z. H., em «Oudheidkundige Mededelingen uit het Rijksmuseum van oudheden te Leiden», LIX-LX, 1978-1979. (= LITH, *Valkenburg*).
- , *Glas aus Asciburgium*, em «Rheinische Ausgrabungen», 23, Beiträge zur Archäologie des römischen Rheinlands, IV, 1983, p. 211-281. (= LITH, *Asciburgium*).
- MAIA (M. G. Pereira), «*Sigillata*» (*Paleocristã*) cinzenta de Tróia de Setúbal, «Setúbal Arqueológica», II-III, 1976-1977, p. 411-418. (= MAIA, *Tróia*).

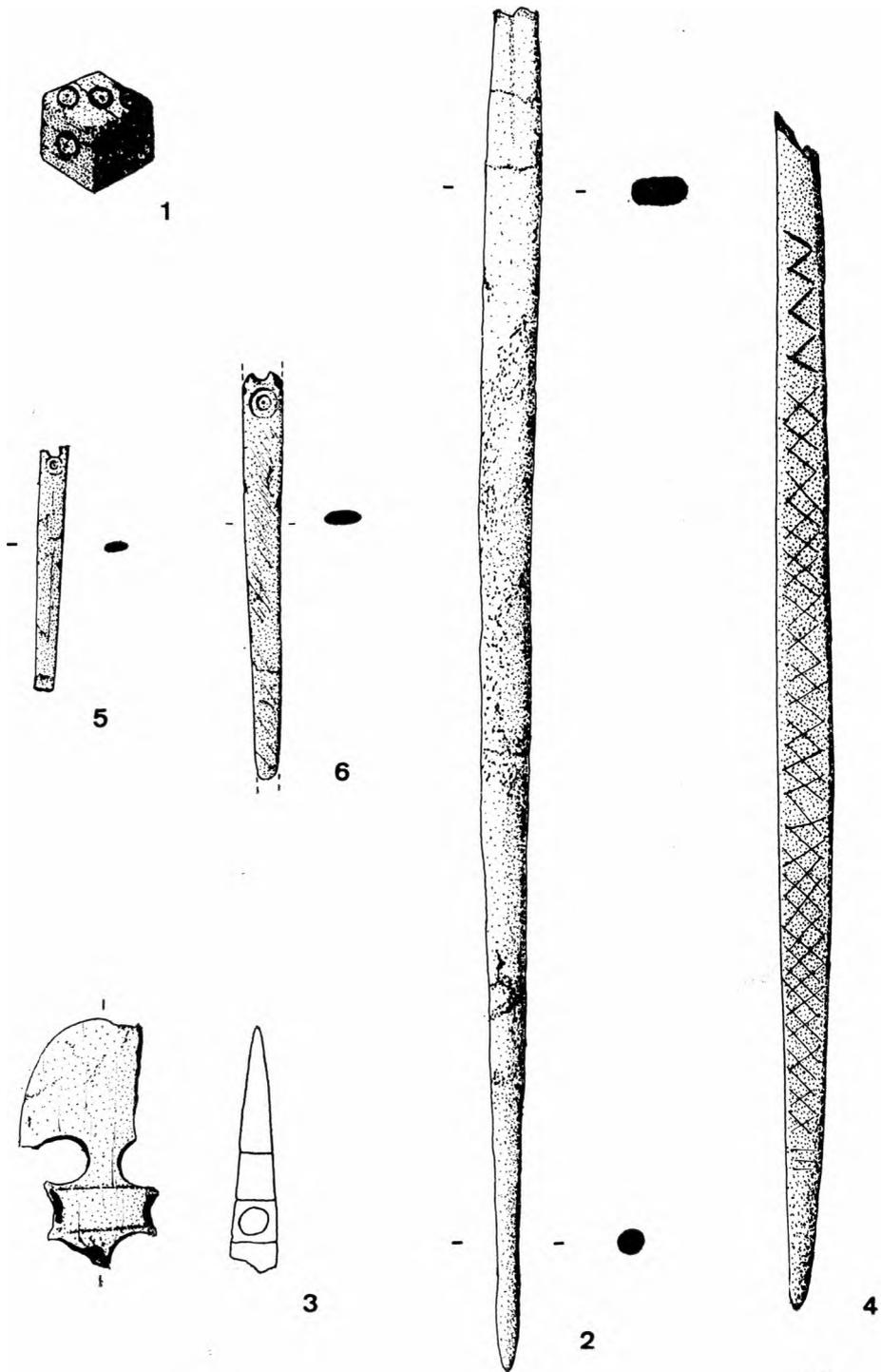
- MAY ET (F.), *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*, Paris, 1975. (= MAYET, *Parois fines*).
- , *Les Céramiques Sigillées Hispaniques, contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*, Paris, 1984. (= MAYET, *Sigillées Hispaniques*).
- MENZEL (H.), *Antiken Lampen im Römisch-Germanischen Zentralmuseum zu Mainz*, Mainz, 1969. (= MENZEL, *Lampen*).
- MESQUIRIZ (M. A. de Catalán), *Terra Sigillata Hispanica*, I e II, Valência, 1961. (= MEZQUIRIZ, *Hispanica*).
- , *Pompaelo*, II, (Excavaciones en Navarra, IX), Pamplona, 1978. (= MEZQUIRIZ, *Pompaelo*, II).
- NEURU(L.) et alii, *Late Roman Pottery; a fifth century deposit from Carthage*, «Antiquités Africaines», 16, 1980, p. 195-211. (= NEURU, *Carthage*).
- NOLEN (J. U. Smit), *Recensão sobre MAYET, Parois fines*, «Conimbriga», XV, 1976, p. 189-197. (NOLEN, *Recensão*).
- , *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*, Lisboa, 1985. (= NOLEN, *Alto Alentejo*).
- NOLEN (J. U. Smit) et DIAS (L. F.), *A necrópole de St.º André, parte II, Os materiais*, «Conimbriga», XX, 1981, p. 33-178. (= NOLEN, *Santo André*).
- OSWALD (F.), *The Terra Sigillata (Samian Ware) of Margidunum*, Nottingham, 1948, (= OSWALD, *Margidunum*).
- PERICHON (R.), et alii, *Céramiques Domestiques Gauloises et Gallo-Romaines du Nord Est du Massif Central. Essai de Typologie*, «Archéologie», 6, St. Étienne, 1977. (= PÉRICION, *Céramiques domestiques*).
- PEREIRA (M.^a A. Horta), *O Dolium Cinerário com Skyphos vidrado a verde da Necrópole de Paredes (Alenquer)*, «Conimbriga», IX, 1970, p. 45-74. (= PEREIRA, *Paredes*).
- PONTE (S. da), *Instrumentos de Fiação, Tecelagem e Costura de Conimbriga*, «Conimbriga», XVIII, 1978, p. 134-146. (= PONTE, *Fiação*).
- RIGOIR (J.), *La Céramique Paléochrétienne Sigillée Grise*, «Provence Historique», X, 1960, p. 1-91. (= RIGOIR, *Sigillées grise*).
- , *les Sigillées Paléochrétiennes Grises et Orangées*, «Gallia», XXVI, 1968, Fase. 1, p. 177-244. (= RIGOIR, *Grises et Orangées*).
- RIGOIR (J. e Y.), *Les dérivées des sigillées paléochrétiennes en Espagne*, RSL, XXXVII, 1972, p. 33-68. (— RIGOIR, *Les dérivées*).
- ROCHA (S.), *Estações pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira*, Coimbra, 1971. (= ROCHA, *Figueira*).
- SANTROT (M.-H. e J.), *Cerâmiques Communes Gallo-Romaines d'Aquitaine*, Paris, 1979. (= SANTROT, *Aquitaine*).
- SERRANO RAMOS (E.), *Cerâmica Común del Alfar de Cartuja (Granada)*, «Baetica» (Estudios de Arte, Geografía e Historia), I, Málaga, 1978, p. 243-271. (= SERRANO RAMOS, *Cartuja*).
- SILVA (C. Tavares da) et alii, *Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979)*, «Setúbal Arqueológica», VI-VII, 1980-81, p. 149-218. (= SILVA, *Alcácer do Sal*).

- STUART (P.), *Gewoon Aardewerk uit de Romeinse Legerplaats en de bijbehorende Grafvelden te Nijmegen*, (Beschrijving van de verzameling in het Rijksmuseum G. M. Kam te Nijmegen, VI), Leiden, 1977. (= STUART, *Gewoon Aardewerk*).
- , *Een Romeins grafveld uit de eerste eeuw te Nijmegen. Onversierde terra sigillate en gewoon aardewerk*, (Beschrijving van de verzameling in het Rijksmuseum G. M. Kam te Nijmegen), Leiden, 1977. (= STUART, *Romeins Grafveld*).
- T. S. H. *Terra Sigillata Hispánica*, Monografías del Museo Arqueológico Nacional, 2, 1983, «Boletín del Museo Arqueológico Nacional», Madrid, 1, 2, 1983. (= T. H. S.).
- VEGAS (M.), *Cerámica común romana del Mediterráneo Occidental*, (Publicaciones eventuales, 22), Barcelona, 1973. (= VEGAS, *Común*).
- VESSBERG (O.), *The Swedish Expedition, vol. IV, part 3, The Hellenistic and Roman periods in Cyprus*, Stockholm, 1956. (= VESSBERG, *Cyprus*).
- WELKER (E.), *Die römischen Gläser von Nida-Hedernheim*, (Schriften des Frankfurter Museums für Vor- und Frühgeschichte, III), Frankfurt am Main, 1974. (= WELKER, *Nida-Hedernheim*).



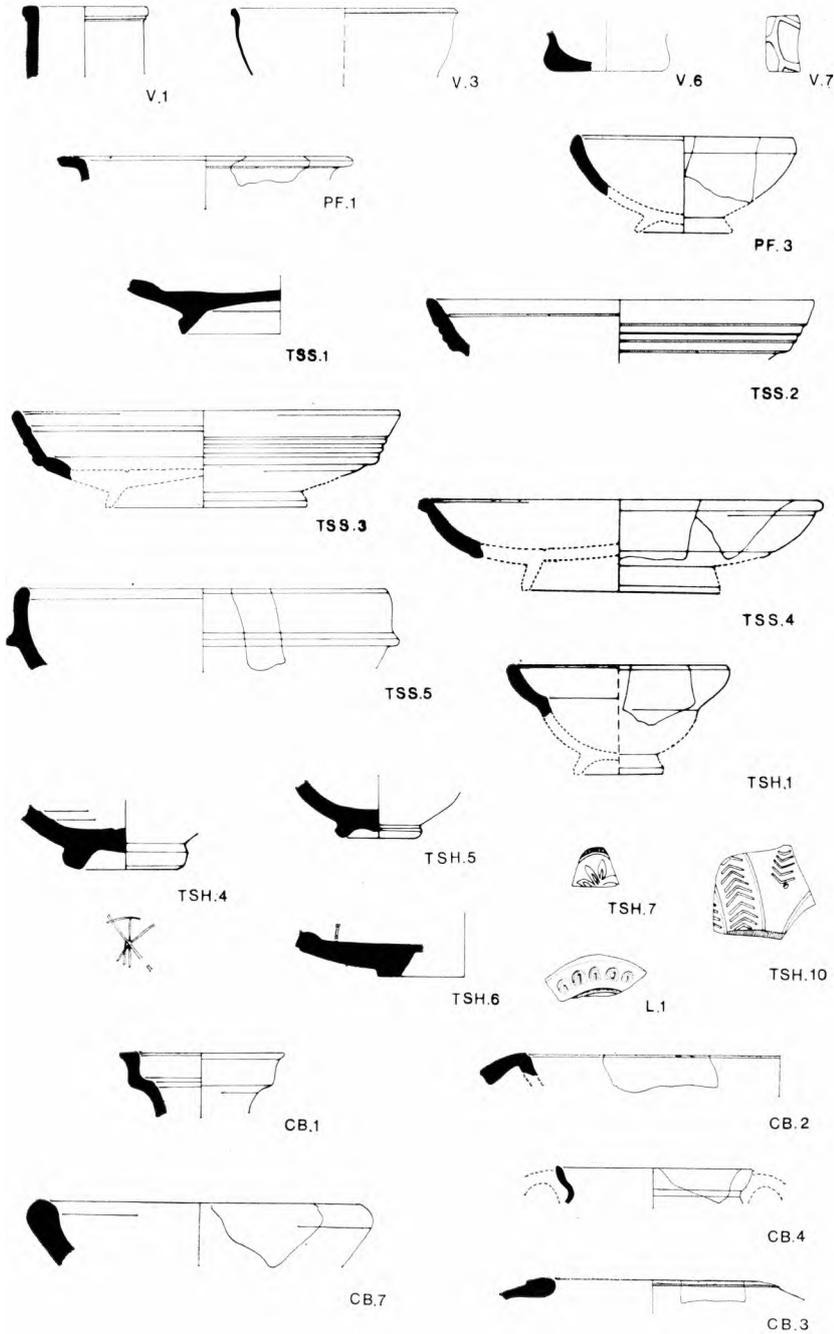
FIG. 1—Minimáscara do negro

Est. I



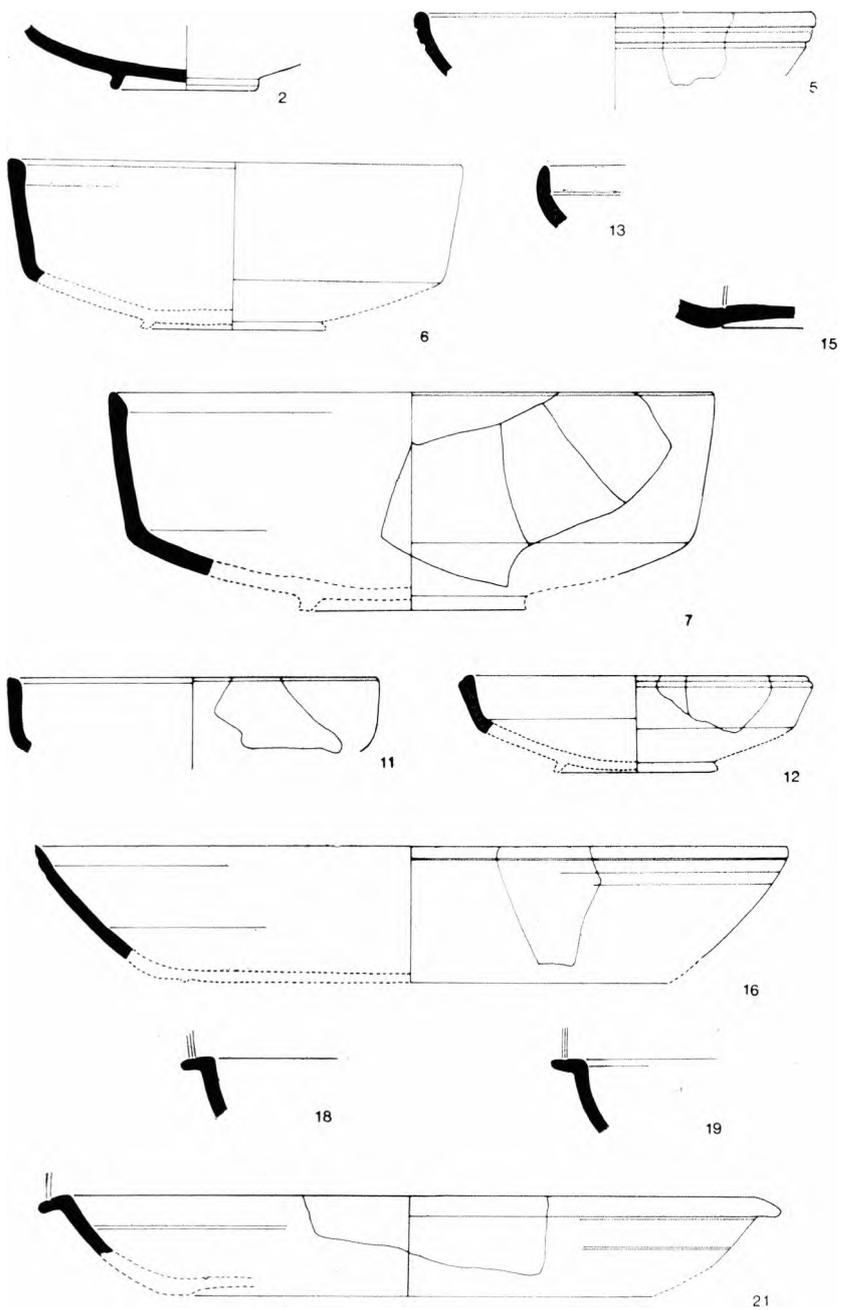
Objetos de osso n.ºs 1-6

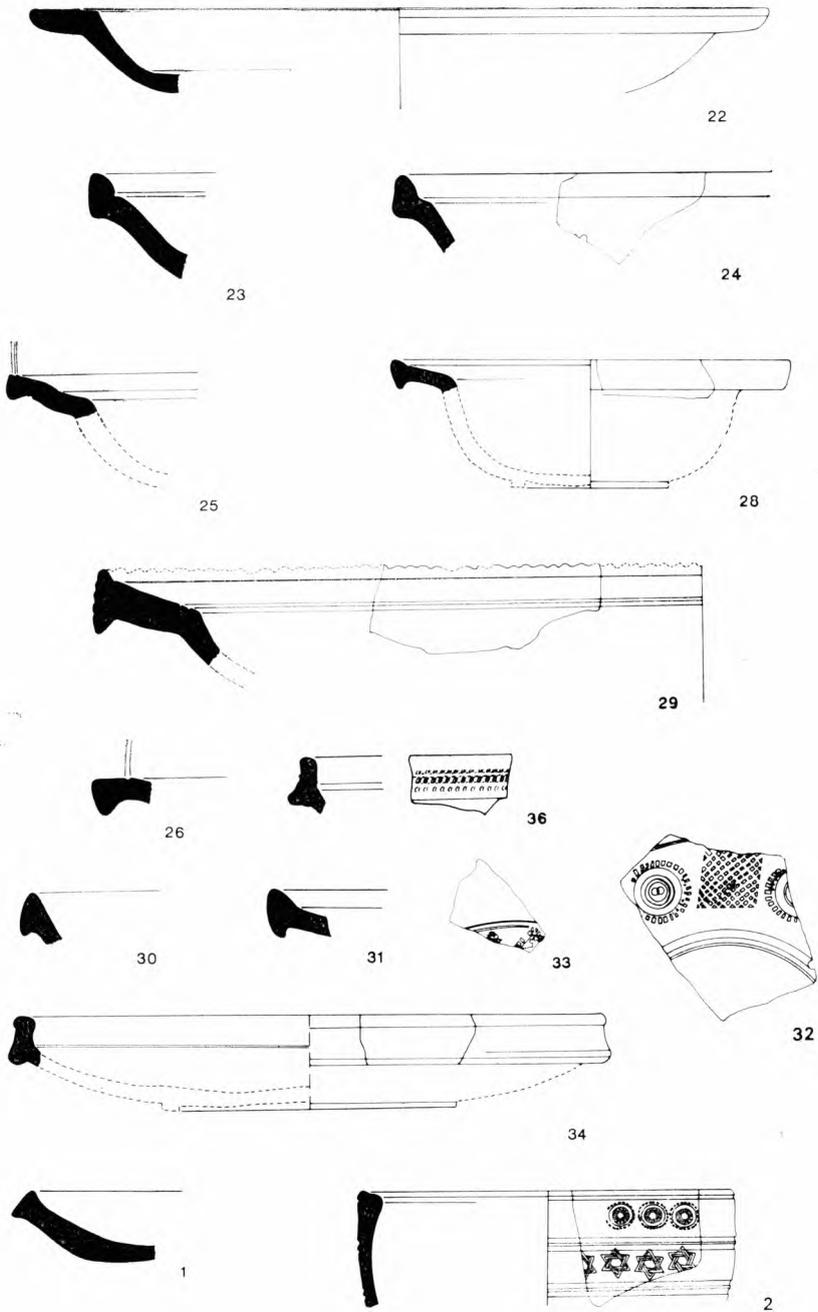
Esc. 1: 1



Vidro (V) n.ºs 1, 3, 6 e 7 ; «paredes finas» (PF) n.ºs 1 e 3; *Terra Sigillata* sudgálica (TSS) n.ºs 1-5; *Terra Sigillata* Hispânica (TSH) n.ºs 1, 4-7 e 10; lucerna (L) n.º 1; Cerâmica Branca (CB) n.ºs 1-4 e 7

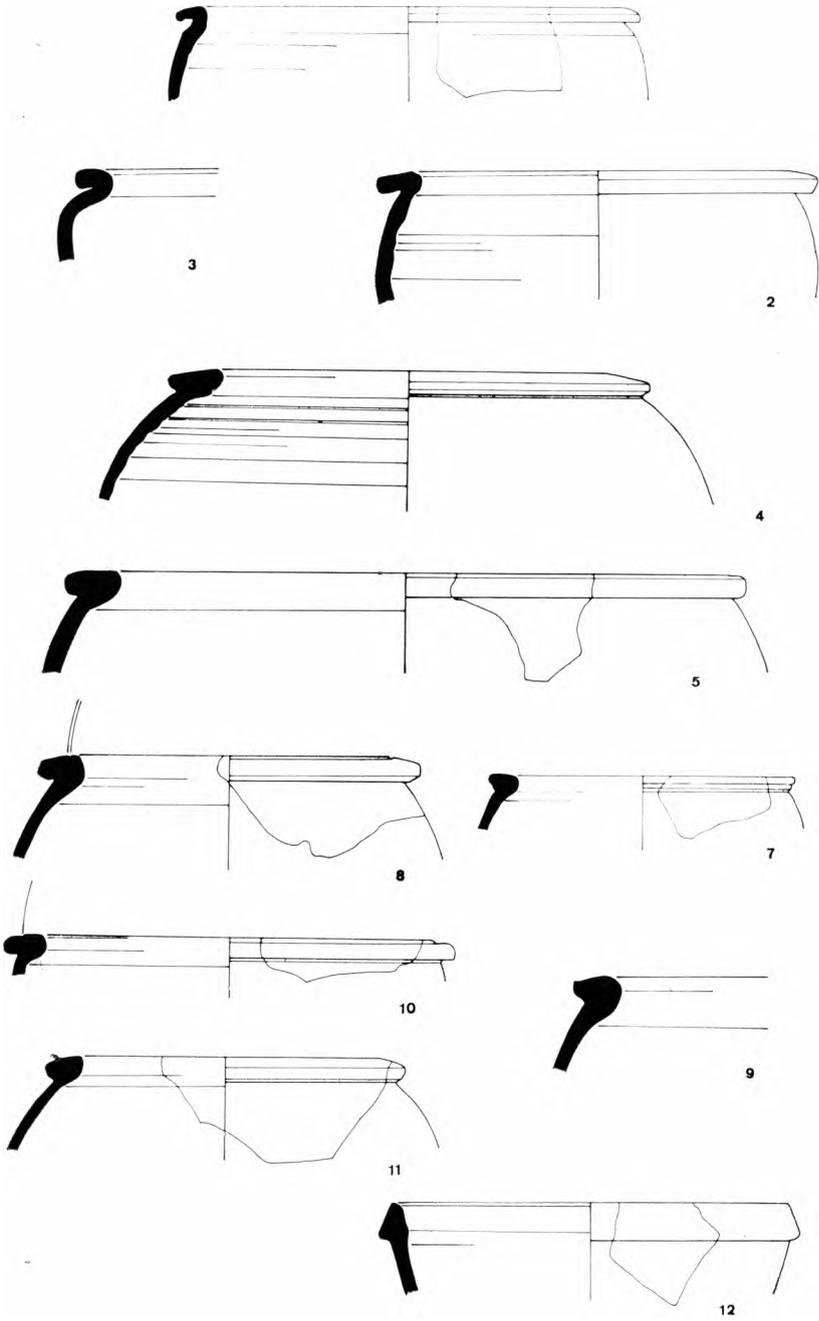
Est. III





Terra Sigillata Clara n.ºs 22-26; *Sigillata Cinzenta Paleocristă* n.ºs 1 e 2

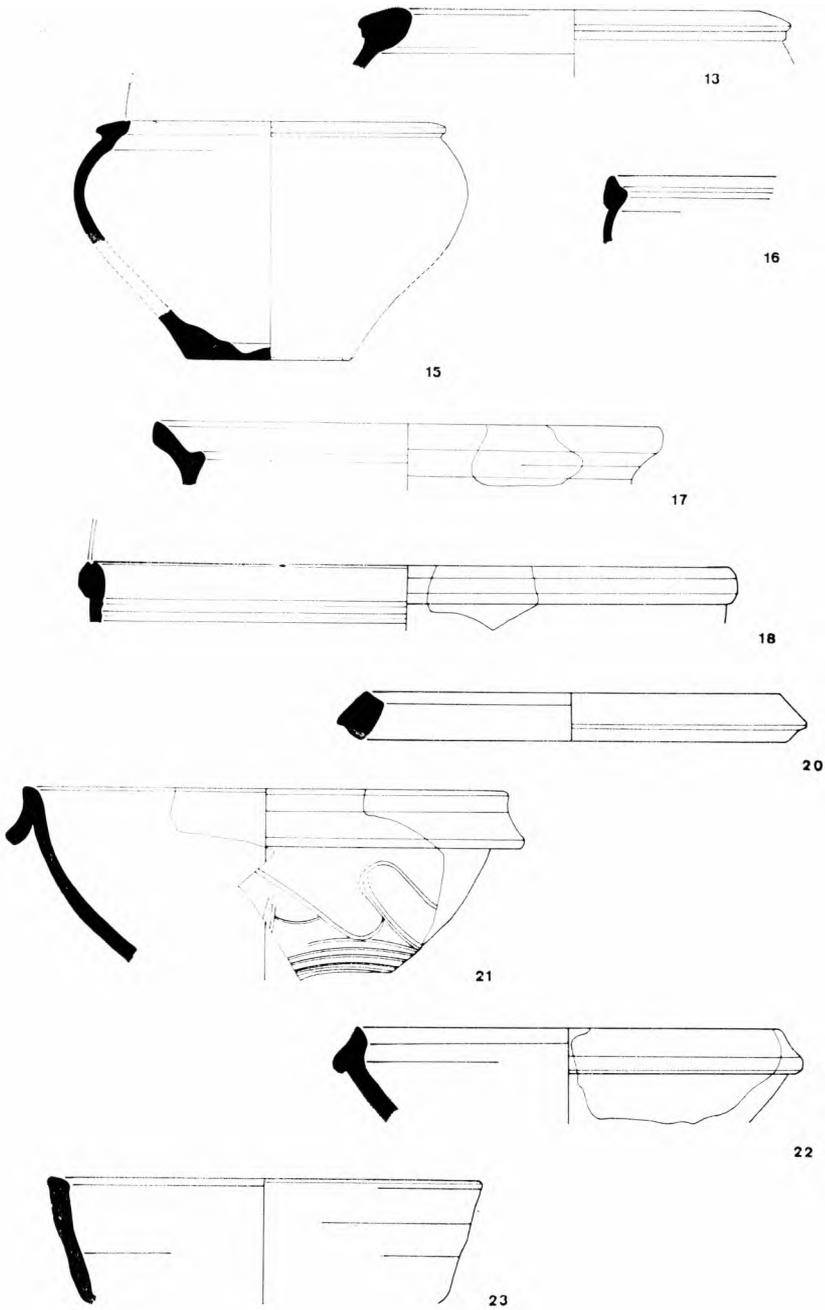
Est. V



Cerâmica comum; painéis n.ºs 1-12

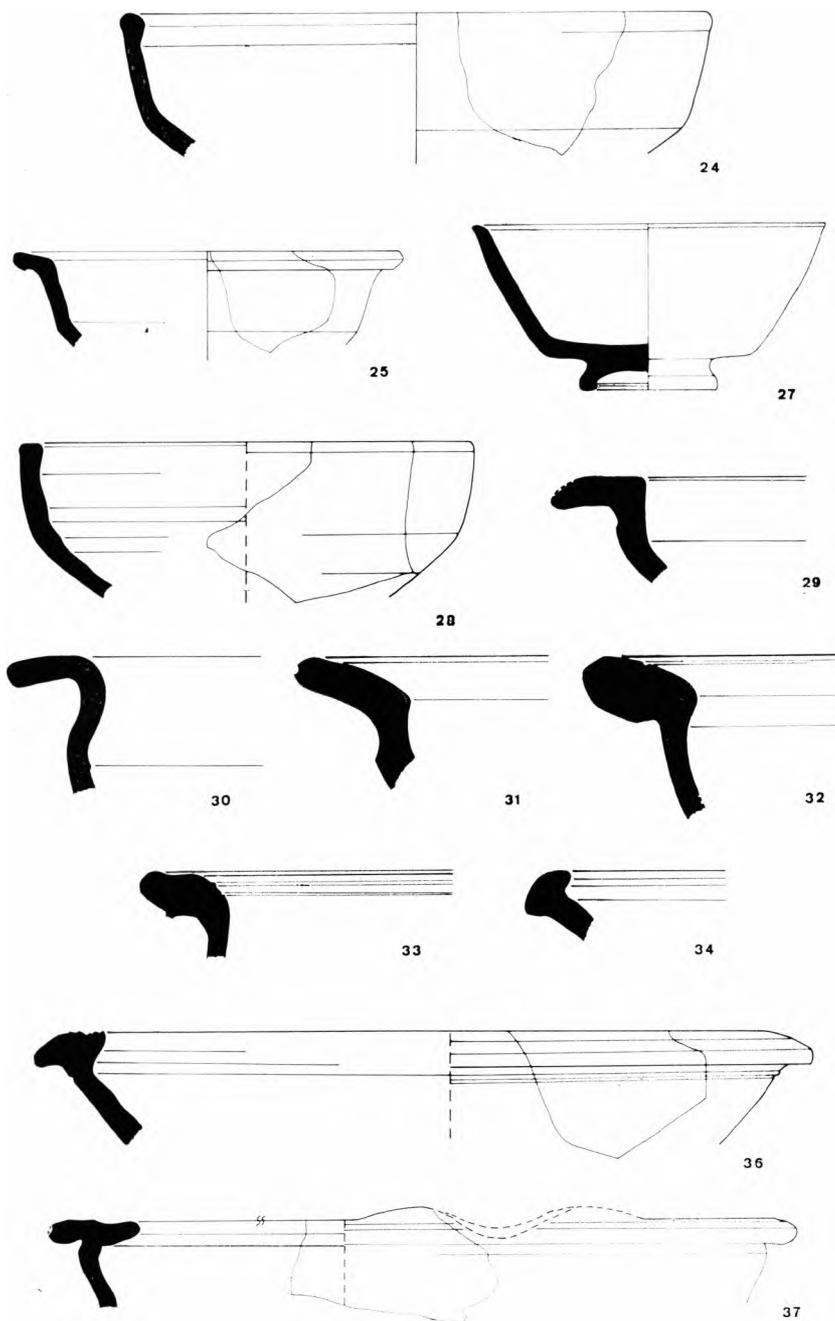
Esc. 1: 3

Est. VI

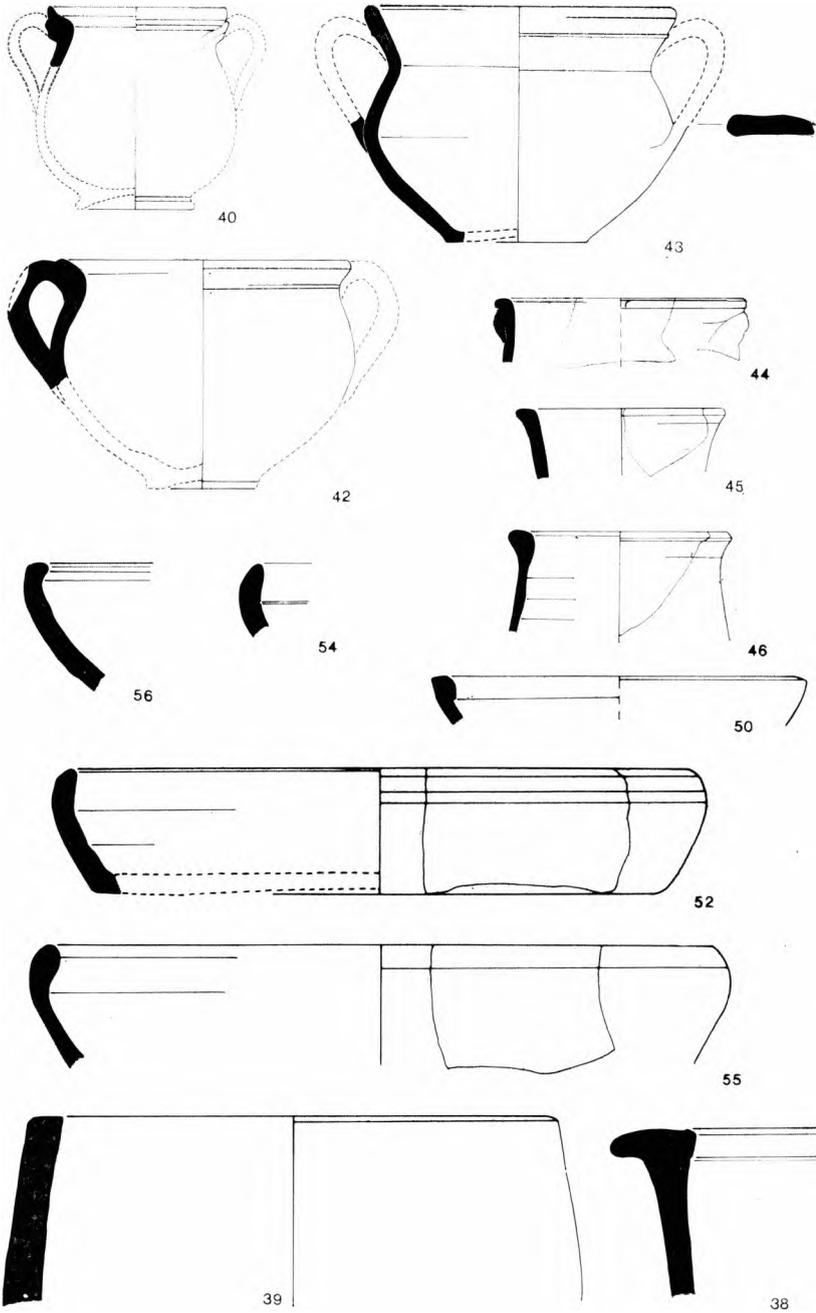


Cerâmica comum: panelas n.ºs 13-18; suporte n.º 20; terrinas n.ºs 21 e 22;
tigela n.º 23 Esc. 1:3

Est. VII



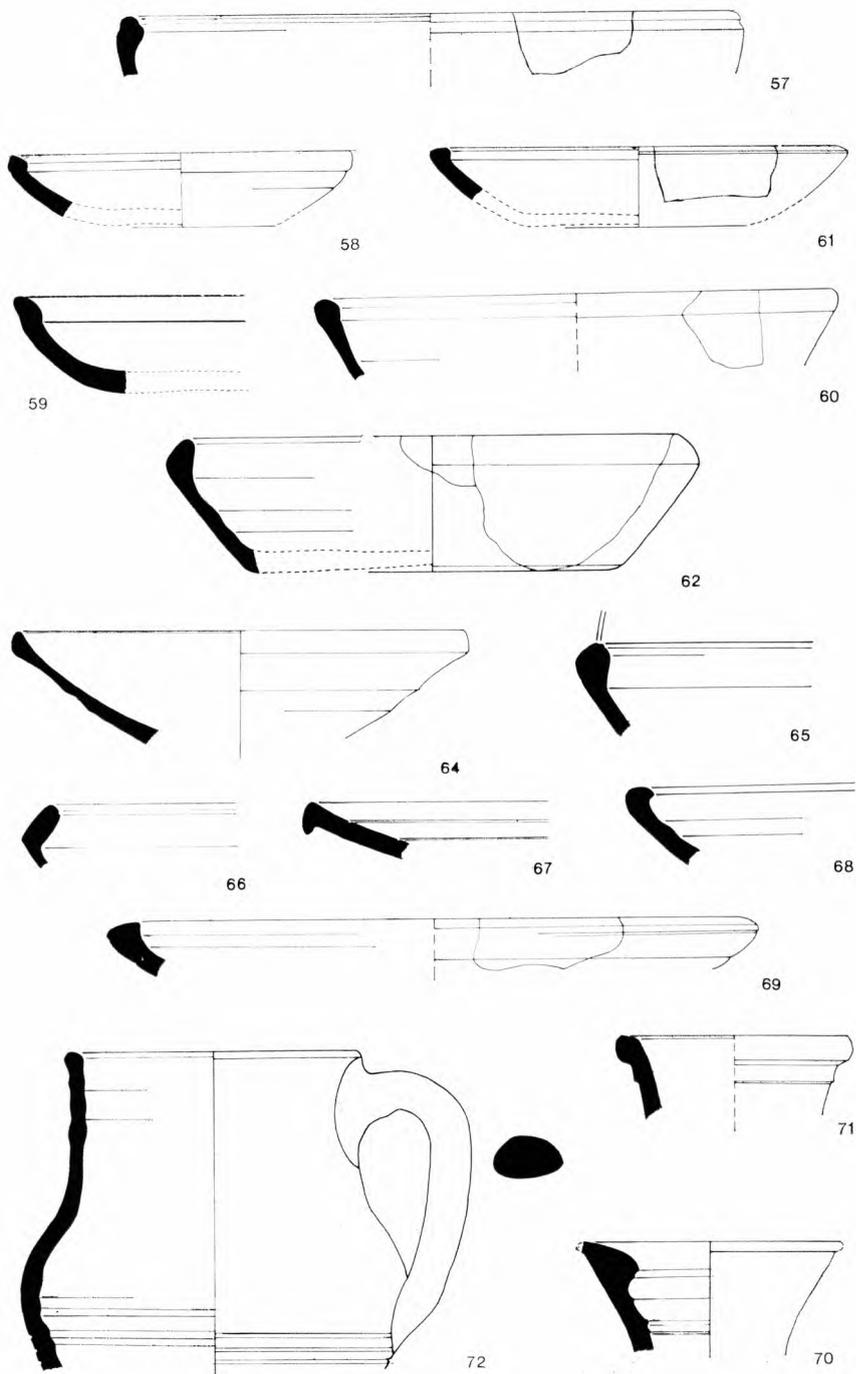
Cerâmica comum: tigelas n.ºs 24-28; almofarizes n.ºs 29-37



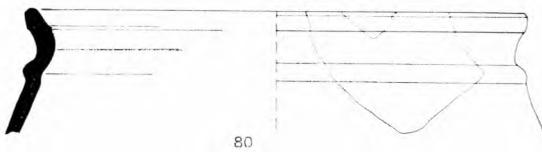
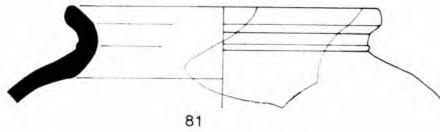
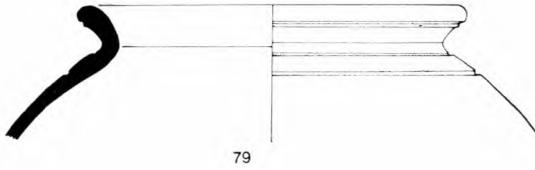
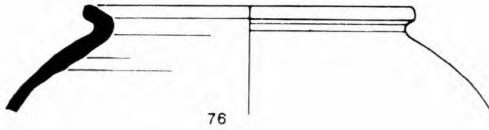
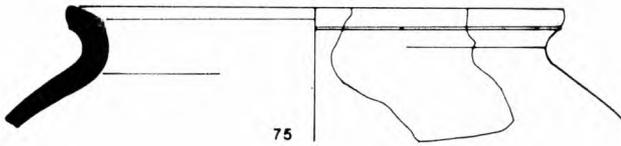
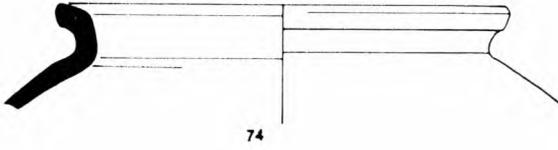
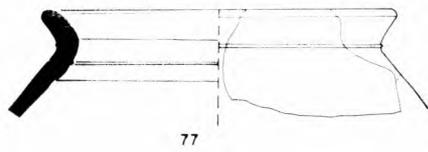
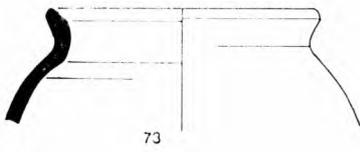
Cerâmica comum: almofarizes n.ºs 38 e 39; púcaros n.ºs 40-44; copos n.ºs 45,46; pratos n.ºs 50-56

Esc. 1:3

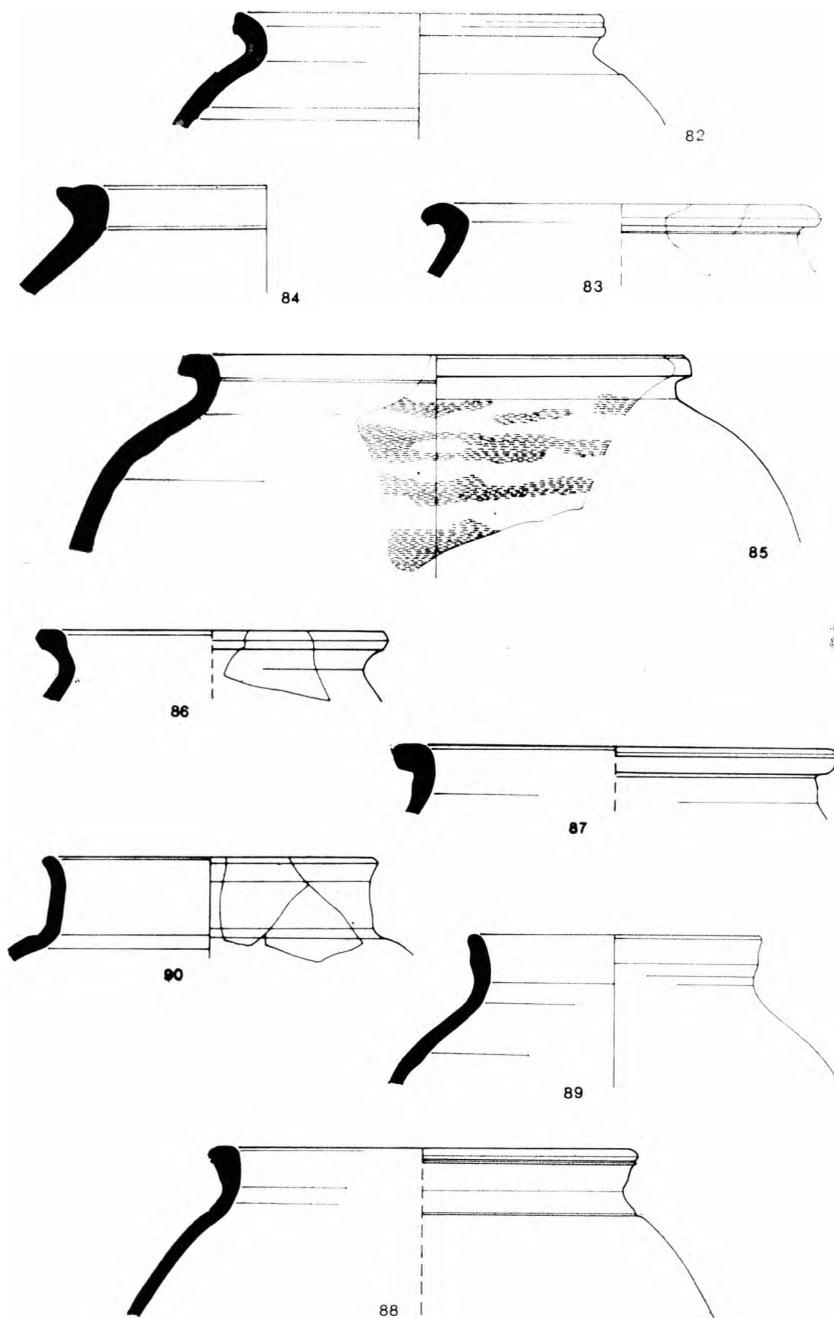
Est. IX



Cerâmica comum: pratos n.ºs 57-69; bilhas n.ºs 70 e 71 ; jarro n.º 72 Esc. 1: 3

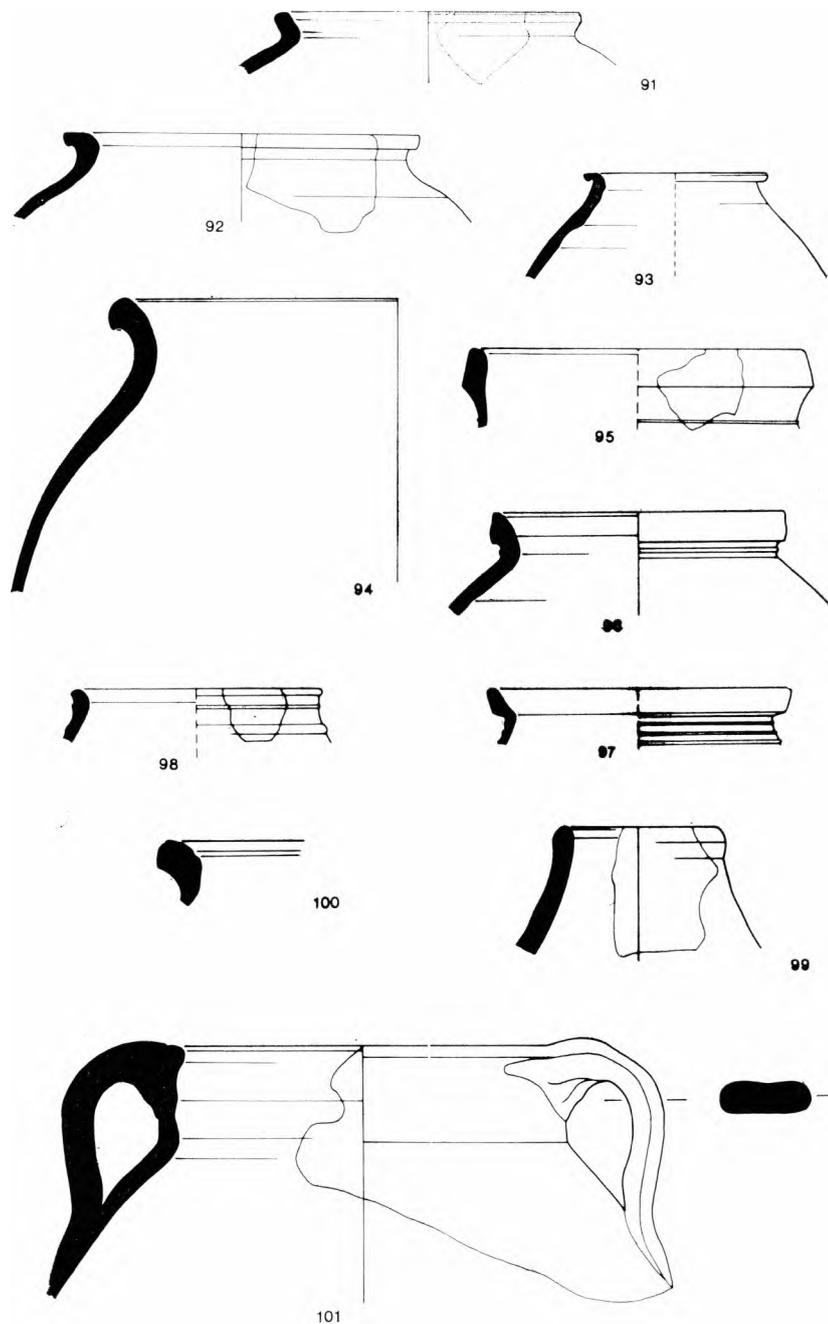


Est. XI



Cerâmica comum: potes n.ºs 82-90

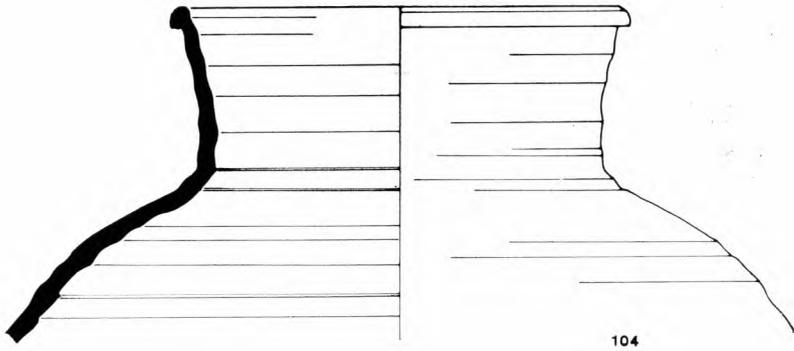
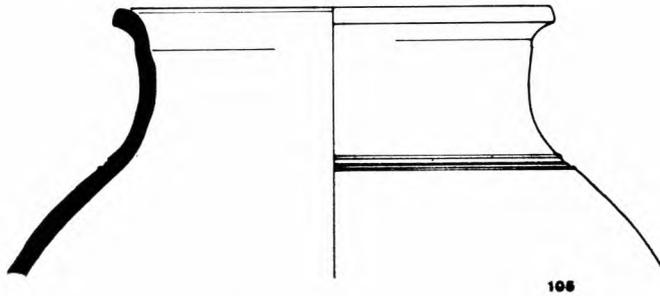
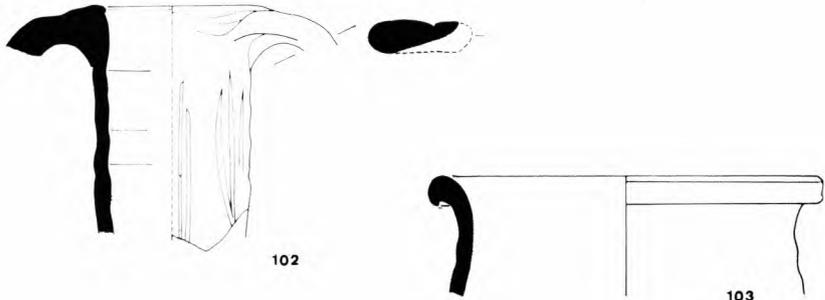
Esc. 1: 3



Cerâmica comum : potes n.ºs 91-99 ; urnas n.ºs 100 e 101

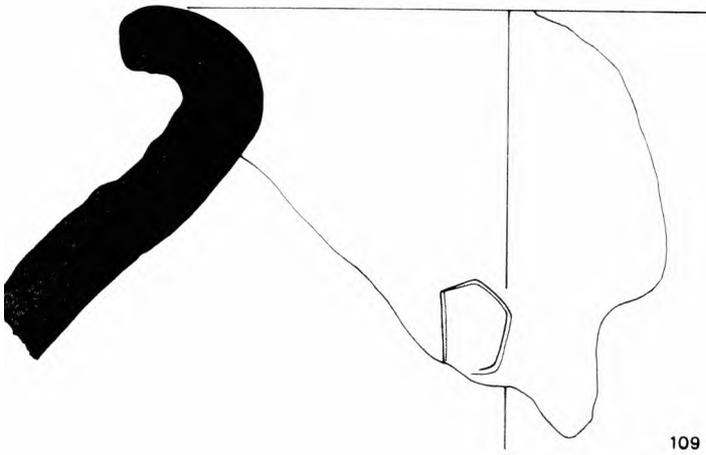
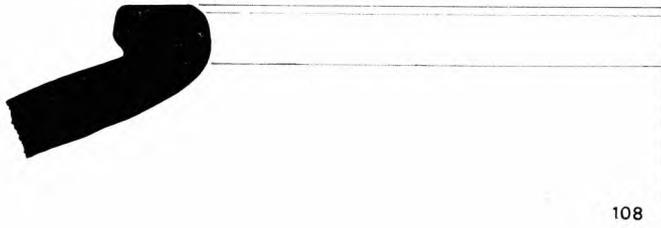
Esc. 1: 3

Est. XIII



Cerâmica comum. Cântaros n.ºs 102-107

Esc. 1: 3



Est. XV



Pesos de tear n.ºs 1 e 3-5 e de pesca (?) n.ºs 8 e 9

JOSÉ CORELL VICENT

Professor da Universidade de Valencia (Espanha)

EL EPITAFIO POETICO DE L. IVLIVS APTVS (MÉRTOLA, PORTUGAL)
«Conimbriga», XXVII (1988), p. 141-151

RESUMO : Reexamina-se a problemática formal levantada por um epitáfio em verso proveniente de Mértola, no sul de Portugal. O autor dá nova leitura dalgumas das palavras, identifica numa das expressões uma passagem de Marcial e apresenta do texto uma interpretação mais correcta.

RÉSUMÉ : L'Auteur fait la révision — surtout du point de vue formel — des problèmes posés par un épitaphe métrique trouvé à Myrtilis (Conventus Pacensis), au sud du Portugal. Il y identifie un passage du poète latin Martial et présente, pour cela, une interprétation plus correcte que les antérieures.

(Página deixada propositadamente em branco)

EL EPITAFIO POETICO DE L. IVLIVS APTVS (MÉRTOLA, PORTUGAL)

Del epitafio de *L. Iulius Aptus*, aparecido en Mértola y publicado por Vasconcelos en 1929, se han ocupado varios autores (1). No obstante, considero oportuno volver sobre el mismo por dos razones fundamentalmente. En primer lugar, no se ha observado que el epitafio recoge una cita literal de Marcial. En segundo lugar, parece incorrecta la lectura que se ha hecho de la l. 5. Se podría añadir también que no se ha hecho todavía un estudio detallado del epitafio desde el punto de vista filológico y literario.

Se trata de un ara de piedra caliza gris (mármol de Trigaches) con base y cornisa adornada con frontón y volutas (2). La rotura de

(9) José Leite de VASCONCELOS, *Epigrafia do Museu Etnológico [Belém]*, AP 28, 1927/29, 225 pp ss. núm. 35; ID., AP 29, 1930/31, p. 225; AE 1933, núm. 24; S. MARINER BIGORRA, *Inscripciones hispanas en verso*, Barcelona-Madrid, 1952, p. 220 núm. 9; J. W. ZARKER, *Studies in the Carmina Latina Epigraphica*, Princeton, 1958, núm. III; T. Scarlat LAMBRINO, *Catalogue des inscriptions latines du Musée L. de Vasconcelos*, AP, III série, I, 1967, pp. 136 s., núm. 52; C. MAGUEIJO, *Uma inscrição métrica do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia*, AP III série, IV, 1970, p. 116; J. VIVES, *Inscripciones latinas de la España romana*, Barcelona, 1971/72, núm. 5814 (= ILEÏt); José D'ENCARNAÇÃO, *Inscrições romanas do Conventus Pacensis. Subsídios para o estudo da romanização*, Coimbra, 1984, pp. 160 ss. núm. 98 con fotografía; cf. J. MANGAS, *Esclavos y libertos en la España romana*, Salamanca, 1971, p. 333; P. CUGUSI, *Aspetti letterari dei Carmina Latina Epigraphica*, Bolonia, 1985, p. 202.

(2) En la descripción del soporte y en las dimensiones del mismo, sigo a J. D'ENCARNAÇÃO, *o. c.*, pp. 161 s.

la esquina inferior izquierda no afecta a la inscripción. Se conserva en el Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, de Lisboa, con el núm. E 6404.

Dimensiones: 94 X 45 X 33-36 cm.

Letras: 1. 1: 4,7 cm.; 1. 2: 3,5 cm.; 1. 3-6: 1,7 cm.

El texto es (cf. fig. 1) :

L(ucio) Iulio Apto

Gallio patronus.

Itala me genuit tellus, Hispania textit.

Lustris quinque fui, sexta peremit hiemps.

5 *Ignotus cunctis, hospes, qui hac sede iacebam,*

omnia qui nobis, hic dedit et tumulum.

Variantes: 1. 3 *Hispaniae exii* Vasconcelos, AP 28 1927/29; *Hispania exil* ILER; 1. 5 *hospesque* Vasconcelos, AP 29, 1930/31, Mariner, Zarker, Lambrino, Magueijo, ILER, Encarnação; 1. 6 *omnia* Vasconcelos, Mariner; *o[m]nia* Magueijo; *omnia* Encarnação; *no[b]i[s]* Vasconcelos, Mariner, Magueijo, ILER; *tumulum* Encarnação.

Se usa interpunción triangular en las 1. 1-2. La *ordinatio* del texto está muy cuidada: en el *praescriptum*, centrado y con letras de mayor tamaño que las de la parte poética, aparecen los nombres del homenajeado y del dedicante en las 1. 1 y 2 respectivamente. Los cuatro versos han sido distribuidos cada uno en una línea y ordenados ostensiblemente en dísticos mediante el sangrado de los pentámetros. Las letras, estrechas y alargadas, se aproximan a la escritura actuaria. Por la tipología del monumento y la forma de las letras, puede datarse hacia finales del siglo n d. C. ⁽³⁾.

El texto, como es habitual en las inscripciones poéticas, consta de dos partes: una en prosa, en la que figuran los nombres y la condición del homenajeado y del dedicante, la otra en verso.

⁽³⁾ Esta es la datación que le atribuye J. D'ENCARNAÇÃO, *o. c.*, p. 162.

L. 1-2: *L(ucio) Iulio Apto / Gallio patronus.*

La condición de liberto de *Aptus* ⁽⁴⁾, aunque no se indica en su nominación, resulta patente por el término *patronus* aplicado a *Gallio*, el dedicante ⁽⁵⁾. Este era, probablemente, de origen itálico, como su liberto, ya que el *cognomen Gallio* se encontraba extendido, sobre todo, en el norte de Italia ⁽⁶⁾. En Hispania tan solo aparece en otras dos inscripciones de Lusitania (GIL II 73, 323) y en una de la Bética (CIL II 2008).

El hecho de que los patronos honraran a sus libertos con epitafios fue muy frecuente desde los tiempos de la República hasta el siglo IV d. C. ⁽⁷⁾.

L. 3 : *Itala me genuit tellus, Hispania textit.*

Obsérvese la triple aliteración a distancia (*Itala... tellus... textit*) y el sentido metafórico de *textit* ‘cubrió’, es decir, ‘dio sepultura’, en clara antítesis con *genuit* ⁽⁸⁾. Aparece aquí el tema de la muerte en *lo*¹⁰

⁽⁴⁾ El *cognomen Aptus* es muy raro en Hispania. Aunque se trata de un *cognomen* adecuado para esclavos, no es significativo de status social, puesto que lo llevaban tanto personas de condición servil como libre; cf. I. KAJANTO, *The Latin Cognomina*, Helsinki, 1965, pp. 73, 134, 286; J. D'ENCARNAÇÃO, *o. c.* p. 161.

⁽⁵⁾ J. MANGAS, *o. c.*, p. 333, considera erróneamente que *Gallio* forma parte de la nominación del liberto. En el mismo error incurre J. VIVES, al registrar en los índices el nombre del difunto como *L. Iulius Aptus Gallus*, (ILER, pp. 699, 706).

⁽⁶⁾ Cf. I. KAJANTO, *o. c.*, pp. 122, 195; G. ALFÖLDY, *Die Personennamen in der römischen Provinz Dalmatia*, Heidelberg, 1969, p. 209.

⁽⁷⁾ Cf. F. J. BRUNS, *Vier Kapiteln zu den Carmina sepulcralia latina in ihrer Eigenschaft aus Zeugnisse für das Lehren und Denken des kleinen Mannes der römischen Kaiserzeit*, Diss., Göttingen, 1950, pp. 63 ss.; J. MANGAS, *o. c.*, pp. 247 ss.

⁽⁸⁾ Esta acepción poética de *tegere* es frecuente en los poetas clásicos (Tib., 3, 7, 204; Ver., A. 10, 904; Ov., 7>., 3, 3, 46; Prop., 1, 6, 28; Mart., 9, 29, 11, etc.) y, sobre todo, en los *carmina epigraphica*; cf. P. CUGUSI, *In margine al carmen epigraphicum del museo di S. Antioco (Sulci)*, «Epigraphica», 37, 1975, pp. 148 ss.

un lugar distinto de aquel del nacimiento. Este tema se encuentra en más de 60 epitafios procedentes de las diversas áreas del Imperio ⁽⁹⁾. En Hispania mismo aparece cuatro veces más ⁽¹⁰⁾. Los destinatarios de tales epitafios son, generalmente, soldados, esclavos y libertos, comerciantes, marineros y viajeros ⁽ⁿ⁾. El tema presenta diversas variantes, pero todas ellas tienen una estructura análoga: al lugar del nacimiento, indicado mediante *gignere* o algún sinónimo (*nasci, creare, edere, alere, ferre, etc.*) se suele oponer el lugar de la muerte y sepultura, indicando mediante *tegere* o afines *contegere, retinere, rapere, tumulare, possidere, suscipere, recipere, tenere, etc.*).

La gran difusión del tema parece explicarse por el deseo de morir y ser sepultado en el país natal, tan arraigado en toda la Antigüedad clásica ⁽¹²⁾. Pudo contribuir también a su difusión el presunto autoepitafio de Virgilio, conocido ya desde finales del siglo i :

*Mantua me genuit, Calabri rapuere, tenet nunc
Parthenope...*

(13)

⁽⁹⁾ Sobre este tema, identificado ya por F. BÜCHELER, *Carmina Latina Epigraphica*, I-II, Leipzig, 1895/97, III *Supplementum*, ed. E. Lommatzsch. Leipzig, 1926 (= CLE), núms. 474, 476, 478, 479 y 1266-268, véase E. GALLETIER, *Étude sur la poésie funéraire romaine d'après les inscriptions*, Paris, 1922, pp. 100 s.; H. ARMINI, *Symbolae Epigraphicae*, «Eranos» 26, 1928, pp. 256 ss.; P. HOOGMA, *Der Einfluss Vergils auf die Carmina Latina Epigraphica*, Amsterdam, 1959, p. 221. P. CUGUSI, o. c., ha estudiado el tema ampliándolo notablemente.

⁽¹⁰⁾ En una inscripción de León (CLE 1526A), en otra de Córdoba (J. MELLADO, J. M. VILA, *Una inscripción romana hallada en Córdoba*, «Habis» 3, 1972, pp. 321-324) y en dos, cristianas, la una de Braga y la otra de Hasta Regina (J. VIVES, *Inscripciones cristianas de la España romana y visigoda*, Barcelona, 1962, núms. 275, 537).

⁽ⁿ⁾ Cf. F. J. BRUNS, o. c., p. 13; CUGUSI, o. c., p. 217.

⁽¹²⁾ El deseo de morir donde se ha nacido aparece tanto en la gran poesía (VERG., *A.* 5, 871; OV., *Tr.* 3, 3, 45-46; Pont. 1, 2, 57-58; etc.) como en la epigrafía (CLE 800, 4; 1129, 2; 1312, 2-4; 1807A, 1 ; 2199; etc.) ; cf. A. BRELICH, *Aspetti della morte nelle iscrizioni sepolcrali dell'Impero romano*, Budapest, 1937, pp. 36 s. ; R. LATTIMORE, *Themes in Greek and Latin Epitaphs*, Urbana, 1942, pp. 200 ss.

⁽¹³⁾ Sobre el epitafio de Virgilio, véase M. BETTINI, *L'epitafio di Virgilio, Silio Italico, e un modo di intendere la letteratura*, «Dial. Archeol.», 9-10, 1976/77,

La añoranza, pues, y el orgullo de Apto por su país natal, Italia, así como una probable alusión al epitafio de Virgilio pudieron inspirar este hermoso verso.

L. 4 : *Lustris quinque fui, sexta peremit hiemps.*

Es habitual en los epitafios indicar la edad del difunto. Este dato, que constituye por lo general una dificultad en la versificación, suelen aprovecharlo los poetas para hacer gala de su ingeniosidad⁽¹⁴⁾. Pero, a veces, el poeta no sale airoso e incurre en la oscuridad, como en el caso que nos ocupa. Apto vivió cinco lustros, y el sexto invierno lo arrebató : la imprecisión es patente, tanto si el poeta ha dado a *hiemps* su acepción propia de 'invierno' como la poética de 'año'⁽¹⁵⁾. Lo que quiere decir, sin duda, es que Apto murió en el primer invierno o año del sexto lustro. Pero *hiems* no tiene nunca dicho significado. La inexactitud se aclara, observando que el poeta ha tomado en préstamo un hemistiquio de uno de los tres epigramas que dedica Marcial a la niña Erotión :

*Hic festinata requiescit Erotion umbra
crimine quam fati sexta peremit hiems*

(Mart. 10,61,1-2) (16)

La expresión *sexta peremit hiems* es tan singular que no se puede pensar en una simple coincidencia. El hecho de que esa expresión resulte oscura, por no decir inadecuada, en el epitafio de Apto, confirma que se trata de un préstamo.

pp. 439 ss.; cf. también R. CHEVALIER, *Épigraphie et littérature à Rome*, Faenza, 1972, p. 15 nota 38, pp. 53 s. ; P. CUGUSI, *o. C.*, p. 213 nota 15.

⁽¹⁴⁾ En cuanto a la expresión de la edad en los epitafios, véase E. GALLETIER, *o. C.*, pp. 255-259, 295; E. LISSBERGER, *Das Fortleben der Römischen Elegiker in den Carmina Epigraphica*, Diss. Tübinga, 1934, pp. 140-144; S. MARINER, *o. C.*, pp. 105-109.

⁽¹⁵⁾ *Hiems*, en poesía, tiene con frecuencia la acepción de 'año'; cf. *Thesaurus Linguae Latinae*, VI, cols. 2778 s. (= THLL).

⁽¹⁶⁾ Véase también MART. 5, 34, 5; 5, 37, 16.

La grafía *hiemps*, frecuente, aunque no atestiguada en los poetas clásicos ⁽¹⁷⁾, parece sugerir que nuestro poeta citaba de memoria.

No son nada frecuentes en la epigrafía hispánica las influencias de Marcial ⁽¹⁸⁾. Hasta ahora tan solo se habían observado en una inscripción de Tarragona, probablemente del siglo n (CLE 1279), y en otra de Sevilla, cristiana y del siglo vu (CLE 1392) ⁽¹⁹⁾.

L. 5 : *Ignotus cunctis, hospes, qui hac sede iacebam.*

Vasconcelos, en un principio, propuso esta lectura, aunque traducía: «Neste territorio vivi como hospede, ignorado de todos» ⁽²⁰⁾. Luego, por sugerencia de Wickert, corrigió el texto leyendo: *Ignotus cunctis hospesque hac sede iacebam* ⁽²¹⁾. Esta lectura, generalmente aceptada, parece incorrecta por varias razones. En primer lugar, *hospes* no se aplica nunca en los epitafios a los difuntos. Como se sabe, tanto en la epigrafía como en la gran poesía, es frecuente la *eidolopoïia*, figura consistente en presentar a los difuntos abordando a los vivos ⁽²²⁾. Pues bien, uno de los términos más corrientes en tales casos es precisamente el de *hospes*. Este representa al lector casual del epitafio; es, por tanto, sinónimo

⁽¹⁷⁾ Cf. *ThLL* col. 2773.

⁽¹⁸⁾ Cf. S. Mariner BIGORRA, *Presencia de la poesía clásica en la España antigua*, en «Simposio sobre la Antigüedad Clásica, Valle de los Caídos 1-3, XI, 1968», Madrid, 1969, pp. 127 s. Para la influencia de Marcial en los *carmina epigraphica* en general, véase H. I. MARROU, *Deux inscriptions métriques d'Afrique*, *HEL* 44, 1966, pp. 372 ss.; P. CuGUSI, *Carmina Latina Epigraphica e tradizione letteraria*, «*Epigraphica*», 44, 1982, pp. 99 s.; ID., O. C., pp. 190-194.

⁽¹⁹⁾ Sobre la inscripción de Tarragona, véase P. PIERNAVIEJA HOZITIS, *Una nueva poesía de Marciai*, «*Emerita*» 40, pp. 475 ss.; ID., *Corpus de inscripciones deportivas de la España romana*, Madrid, 1977, pp. 85 ss., 238; *AE* 1969/70, 275 bis; *AE* 1972, 283.

⁽²⁰⁾ *AP* 28, 1927/29, p. 227. La lectura *hospes qui* pasó a *AE* 1933, 24.

⁽²¹⁾ *AP* 29, 1930/31, p. 225.

⁽²²⁾ Sobre la *eidolopoïia*, véase B. LIER, *Topica carminum sepulcralium latinorum*, «*Philologus*» 62, 1903, pp. 466 ss., 600 ss.; E. GALLETIER, O. C., pp. 38 ss.; R. LATTIMORE, O. C., pp. 216-220, 230-237.

de *viator*, *lector*, etc., tan frecuentes en las inscripciones (23). Por otra parte, *sedes*, en epigrafía, no significa nunca 'territorio', sino que es sinónimo de *sepulcrum*, *tumulus*, etc. (24). Finalmente, ¿acere no tiene en ningún epitafio el significado de 'habitar'. Su acepción es, generalmente, la de 'estar sepultado'. Lo que pudo inducir a error, aparte de que la lectura *qui* no aparece del todo nítida, es el imperfecto *iacebam*, que se creyó que haría referencia a la vida de Apto. Dicho imperfecto, en contraposición al perfecto *dedit* de la l. 6, quizá sugiera que Apto, enterrado en un principio en una sepultura anónima, recibió después de su patrono un monumento con inscripción (25).

L. 6: *Omnia qui nobis, hic dedit et tumulum.*

Omnia se lee con bastante claridad, a pesar de que la M, dada su estrechez, pudo dar la impresión a Vasconcelos de ser una N con el trazo interior al revés (26). *Hic* no es adverbio, sino pronombre y está en correlación con *qui* (27). El paso de la primera persona singular, que aparece en las l. 3-5, a la primera plural en la l. 6 (*nobis*), es debido, sin duda, a necesidades métricas (28).

(23) Después de *viator* (unas 80 veces), el término más usado para abordar al transeunte es el de *hospes* (unas 55 veces); también son frecuentes *lector*, *amicus* o perífrasis como *tu qui praeteriens*, *tu qui legis*, etc.; cf. *Concordance dei Carmina Latina Epigraphica*, a cura di P. Golafrancesco e M. Massaro con la collaborazione di M. L. Ricci, Bari, 1986.

(24) Sobre la concepción del sepulcro como morada, véase E. GALLETIER, *o. c.*, pp. 29 s., 255; R. LATTIMORE, *o. c.*, pp. 165 ss., 318 s. Según F. A. SULLIVAN, *Roman and Non-Roman in the Latin Epitaphs*, TAPhA 70, 1939, p. 507, *sedes*, en el sentido de morada, aparece a partir del siglo I a. C. y se usa en todos los periodos, incluso por los cristianos; al igual que *domus*, el término *sedes* se encuentra casi siempre en epitafios de personas de condición servil o de origen oriental.

(25) Cf. S. MARINER, *o. c.*, p. 114.

(26) AP 28,1927/29, p. 226. La grafía *omnia* por *omnia* y *onnes* por *omnes* tan solo aparece en algún que otro texto vulgar; cfr. *ThLL* IX, col. 609.

(27) VASCONCELOS, AP 28,1927/29, p. 227, y J. ENCARNAÇÃO, *o. c.*, p. 160, ven en *hic* un adverbio.

(28) El plural poético no es frecuente en la epigrafía hispana y, por lo general, está condicionado por necesidades métricas; cf. S. MARINER, *o. c.*, pp. 91 s.

Por lo que se refiere a la estructura sintáctica, cada verso del primer dístico consta de dos oraciones independientes que se contraponen asindéticamente: a *Itala me genuit tellus* se opone *Hispania textit*, de la misma manera que a *lustris quinque fui* se contrapone *sexta peremit hiemps*. La estructura del segundo dístico consta de una oración compuesta, en la que a la subordinada de la l. 5 se contrapone asindéticamente la oración principal de la l. 6. La construcción sintáctica es un tanto relajada, pues presenta un *nominativus pendens* en la l. 5. El autor incurrió en dicho anacoluto probablemente porque quiso poner de relieve no solo al destinatario del epitafio sino también a su dedicante.

En cuanto a la métrica, el epitafio consta de dos dísticos⁰ elegiacos prosódica y métricamente correctos. En el primer^{1*} hexámetro, la *i* breve de *Itala* se ha medido como larga por exigencias métricas. Pero, dada la corrección de toda la composición, no parece que esa escansión se deba a un error, sino más bien al conocimiento que el autor tenía de los poetas dactílicos, quienes frecuentemente miden como larga la *i* breve de *Italia* y de sus derivados (Verg., *A.*, 1, 2; 3, 185; 9, 698; Ov., *Fast.*, 4, 64, etc.) En este hexámetro se combinan armoniosamente los dáctilos con los espondeos. Tiene cesura doble (trihémimera y heptemémimera) y acaba en la cláusula 3 + 2, la más frecuente tanto en los poetas clásicos como en la epigrafía. En el segundo hexámetro, todos los pies son espondeos, a excepción del quinto. ¿ Habrá querido el poeta expresar con ello la tristeza de quien yacía en un sepulcro anónimo ? La cesura es penthemémimera y la cláusula 2 + 3. Este hexámetro presenta en el tiempo no marcado del cuarto pie la elisión de *qui*. Pero, dado que se trata de una palabra con función puramente sintáctica, la elisión de este monosílabo, aunque poco frecuente, puede considerarse como normal⁽²⁹⁾.

En cuanto a los pentámetros, el primero finaliza con un bisílabo, mientras que el segundo lo hace con un trisílabo, evitado a partir de los poetas augústeos⁽³⁰⁾.

(²⁹) Según J. SOUBIRAN, *Vélision dans la poésie latine*, París, 1966, p. 405, el relativo *qui* en singular es elidido 17 veces en los poetas dactílicos.

(³⁰) Cf. S. MARINER, o. c., p. 171.

El análisis, pues, de la composición nos revela a un autor erudito. Conoce a Marcial y, probablemente, a Virgilio. Ciertos detalles, como la *i* larga en *Itala*, la elisión en el pronombre *qui*, la métrica verbal, la aliteración *Itala... tellus... textit*, y la colocación de las palabras clave al inicio y al final de cada verso, confirman su erudición.

A la luz del anterior comentario, podría proponerse la siguiente traducción:

A Lucio Apto su patrono Galión. Itálica tierra me engendró, Hispania me ha dado sepultura. Viví cinco lustros, el sexto invierno me arrebató. En este sepulcro yacía, oh extranjero, desconocido de todos; mas quien me dio todas las cosas, me ha erigido también este monumento.

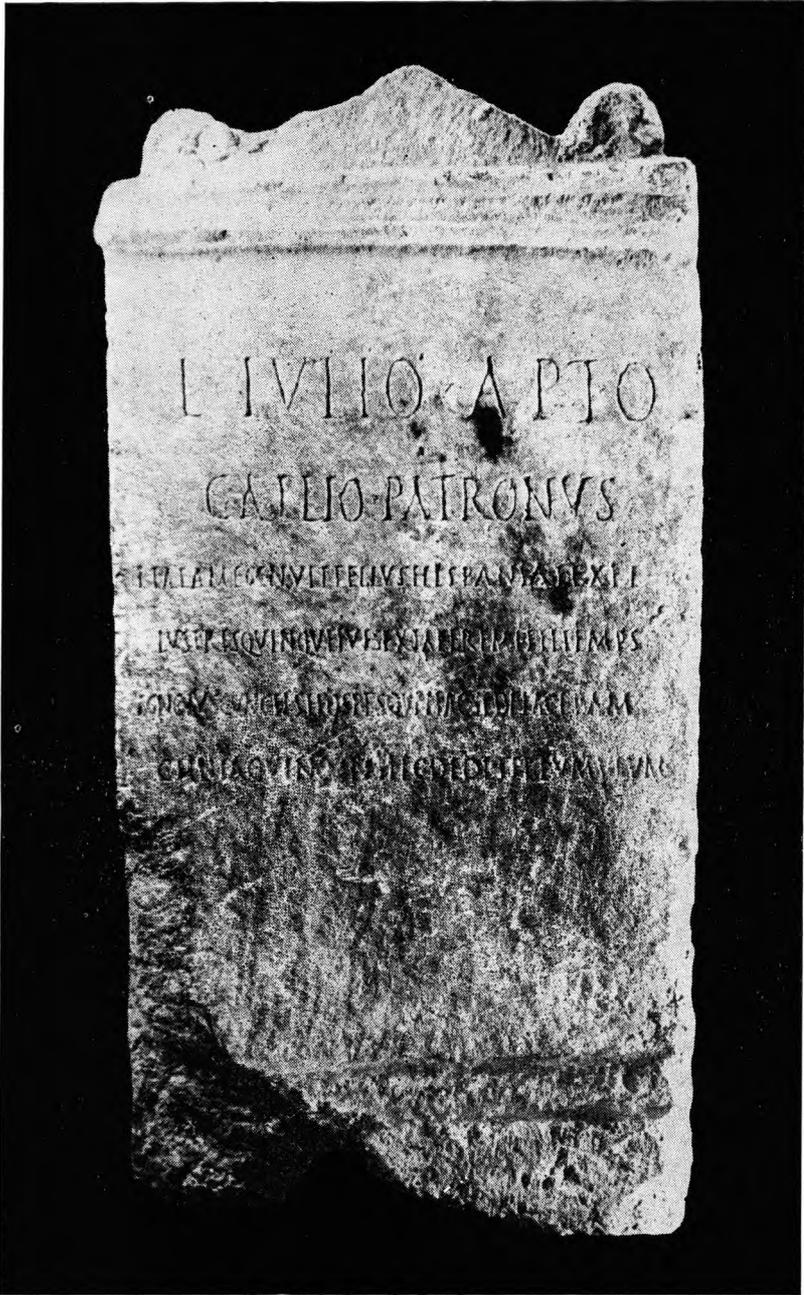


Foto de Guilherme Cardoso

FIG. 1

ANA M. S. BETTENCOURT

Assistente da Universidade do Minho

**A FREGUESIA DE TURQUEL (ALCOBAÇA)
ALGUNS DADOS ARQUEOLÓGICOS**

«Conimbriga» XXYII (1988) p. 153-188

RESUMO: A autora participou num projecto de levantamento da carta arqueológica do concelho de Alcobaça e explorou particularmente a Freguesia de Turquel. Apresenta aqui o inventário das estações pré-históricas e romanas que conseguiu identificar naquela freguesia.

RÉSUMÉ: L'auteur a participe dans les travaux d'élaboration de la carte archéologique du «concelho» d'Alcobaça et a été chargée de la paroisse de Turquel. Elle présente ici l'inventaire des sites pré-historiques et romains qui ont été identifiés dans les limites de la dite paroisse

(Página deixada propositadamente em branco)

A FREGUESIA DE TURQUEL (ALCOBAÇA) ALGUNS DADOS ARQUEOLÓGICOS

0. Introdução

Em 1982, e sob a orientação do Prof. Doutor Jorge de Alarcão, fomos convidados a participar na elaboração da Carta Arqueológica dos «Coutos de Alcobaca», trabalho este que se inseria no âmbito de um projecto museológico ⁽¹⁾.

Por razões várias, independentes da nossa vontade, vimo-nos impossibilitados de continuar este projecto. Resolvemos, por isso, publicar alguns dados disponíveis, resultantes da prospecção e da pesquisa bibliográfica que então efectuamos.

As informações recolhidas são essencialmente da freguesia de Turquel. Apesar das limitações que uma «fronteira» adminis-

⁽¹⁾ Este trabalho, financiado pelo Instituto Português do Património Cultural e patrocinado pela Comissão para a Instalação do Museu dos Coutos de Alcobaca, tinha como objectivo a elaboração da Carta Arqueológica dessa região. Participaram no projecto vários investigadores, distribuindo-se por períodos cronológicos diferentes, ficando a signatária deste artigo responsável pela Pré e Proto-História. Não deixámos, porém, de referenciar toda e qualquer informação relativa a épocas posteriores e obtida no decurso da nossa investigação. Queremos agradecer particularmente ao Doutor Jorge de Alarcão e à Doutora Susana Oliveira Jorge, a orientação prestada durante a elaboração deste trabalho; aos Doutores Veiga Ferreira e Georges Zbyszewsky, as facilidades concedidas no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal; aos familiares de José Diogo Ribeiro, a amável cedência da bibliografia do autor; e à população de Turquel, toda a sua simpatia e ajuda no trabalho de campo.

trativa representa num trabalho deste tipo, não quisemos deixar de transmitir algumas observações que consideramos necessárias para quem venha a trabalhar sobre a região (2).

1. Meio físico

Turquel é uma das 13 freguesias de Alcobaça. Situa-se na parte meridional do concelho e ocupa uma área de cerca de 40 km².

Compreende os seguintes lugares: Ardido, Baldio, Beijinha, Cabeço do Seixo, Cancela, Carvalhal, Casal do Álvaro, Casal de Baixo, Casal dos Gaiteiros, Casal da Lagoa, Casal do Moniz, Casal dos Tintas, Casal de Val de Ventos, Chão do Galego, Charneca do Rio Seco, Covão do Milho, Eiras, Feitosa, Frazões, Lagoa das Talas, Lombo, Louções, Matinho, Moita do Poço, Mouzinha, Orjo, Pedra Redonda, Pinheiro, Poço das Vinhas, Portela do Pereiro, Redondas, Silvai e Zambujeira.

Tendo como ponto de referência o próprio lugar de Turquel, verificamos que a região oriental é ocupada, grosso modo, pela encosta da serra dos Candeeiros e por um grande vale que se situa entre o sopé da serra e a colina onde assenta a povoação de Turquel.

A oeste, surgem novas colinas recortadas por inúmeros vales onde uma rede hidrográfica abundante se espalha.

A serra dos Candeeiros, formada por uma dobra anticlinal e orientada no sentido NNE-SSW, faz parte do Maciço Calcário Estremenho. Os seus calcários datam do Jurássico superior e médio, assim como os afloramentos do vale. As brechas calcárias frequentes na encosta ocidental da serra são atribuídas ao Plioceno superior ou ao Vilafranquiano. Os bancos de argila margosa desta mesma encosta pertencem ao Jurássico médio ou Dogger.

A paisagem apresenta as características de um «Karst» clássico, árido, seco e pobre de vegetação. Inúmeras grutas e algares

(2) Foi apresentado um relatório circunstanciado sobre a área estudada, à Comissão para a Instalação do Museu dos Coutos de Alcobaça.

abrem-se em toda a região, resultantes da grande infiltração das águas das chuvas e da intensa circulação subterrânea das mesmas.

O grande vale do sopé da serra segue a orientação desta e é constituído por cambissolos crómicos com algumas potencialidades agrícolas ⁽³⁾.

Nas colinas a oeste de Turquel, a parte superior do Jurássico é constituída por grés e argilas de cores diversas, conhecidos pela designação de «grés superiores com vegetais e dinossáurios» ⁽⁴⁾. Na região, as principais linha de água têm formações aluvionares modernas, como é o caso do rio Seco, da ribeira das Antas e da ribeira das Vinhas. No Cabeço do Seixo, extremo ocidental da freguesia, aparecem terrenos plio-pleistocénicos, o chamado «complexo astiano de Nadadoiro e Águas Santas» e as «camadas vilafranquianas com tignitos e diatomitos de Rio Maior, Óbidos, etc.» ⁽⁴⁾.

Com excepção da zona «kársica» da serra, a flora primitiva mais comum seria constituída por florestas de carvalhos cerquinhos (*Quercus Jaginea Lam.*) ⁽⁵⁾.

2. Metodologia

Seguimos a metodologia usual, pelo que faremos apenas uma breve descrição:

- Fizemos a recolha bibliográfica do concelho de Alcobaça, a partir da qual elaborámos fichas provisórias por estação e por achado arqueológico isolado.
- Seguindo as indicações bibliográficas, identificámos no terreno as estações citadas e o local de proveniência dos achados isolados, cartografando-os na C.M.P.,esc. 1:25.000, descrevendo-os e verificando as suas condições actuais de conservação; deste modo, as rubricas (lugar, localização

⁽³⁾ Segundo a Carta dos Solos de Portugal, esc. 1:1000.000, visto não estar publicada a Carta dos Solos de Alcobaça na esc. 1:50.000.

⁽⁴⁾ Segundo a Carta Geológica de Portugal esc. 1:50.000, folha 26-D, Caldas da Rainha e respectiva notícia explicativa.

⁽⁶⁾ Segundo Carlos da SILVA; Alberto Eduardo N. L. A. e SILVA, 1961.

geográfica e geomorfologia) são inteiramente da nossa responsabilidade.

- Esgotadas as pistas bibliográficas, debruçámo-nos sobre a toponímia do concelho, prospectando todas as áreas cujos topónimos sugeriam locais com interesse arqueológico.
- Foram também prospectadas zonas ou micro-zonas cujas condições geomorfológicas nos pareceram propícias ao povoamento humano.
- Não desprezámos as informações orais dadas pela população local, informações que verificámos no terreno sempre que nos pareceu oportuno.
- Procurámos o paradeiro do espólio arqueológico proveniente de antigas escavações e dos achados isolados.
- Utilizámos várias cartas, entre as quais : Carta Militar de Portugal, esc. 1:25.000; Carta Corográfica de Portugal, esc. 1:50.000; Carta Geológica de Portugal, esc. 1:50.000; Mapa Geomorfológico de Portugal, esc. 1:500.000; Carta dos Solos de Portugal, esc. 1:1.000.000.
- As fichas utilizadas foram as propostas pelo Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra à data da realização dos trabalhos, embora aqui se representem simplificadas.
- Apesar do grau de destruição de grande número de estações, tentámos descrevê-las baseando-nos nas fontes bibliográficas de que dispúnhamos.
- A descrição do espólio levantou algumas dificuldades: recorremos de igual modo à bibliografia, actualizando a terminologia sempre que nos pareceu oportuno.
- Procurámos ordenar as fichas cronologicamente, tendo como objectivo tirar conclusões de âmbito mais alargado. As classificações cronológicas das estações conhecidas foram revistas por nós, algumas vezes modificadas, outras corroboradas, sempre com algumas reservas devido às dificuldades apontadas nas alíneas anteriores.
- Nas estações inéditas, evidentemente, todas as rubricas são da nossa responsabilidade.
- Em cada ficha, a bibliografia vem citada por ordem cronológica.

ABREVIATURAS:

— Tipo de Est.	Tipo de Estação
— Cl. Cron.	Classificação Cronológica
— Lug.	Lugar
— Loc. Geog.	Localização Geográfica
— Geomorf.	Geomorfologia
— Esc.	Escavações
— Desc. da Est.	Descrição da Estação
— Desc. do Mon.	Descrição do Monumento
— Esp.	Espólio
— Dep.	Depósito
— Bib.	Bibliografia
— C.M. P.	Carta Militar de Portugal

3. Estações arqueológicas

3.1 PALEOLÍTICO

3.1.1 *Cabeço do Seixo*

Tipo de Est.	— Cascalheira.
Cl. Cron.	— Paleolítico inferior (?).
Lug.	— Cabeço do Seixo.
Loc. Geog.	— C. M. P., esc. 1:25.000, 327 Turquel (Alcobaça), M. 125,8; P. 277; Alt. cerca de 236 m. Levantamento de 1931/32 (fig. 1.1).
Geomorf.	— No alto de um cabeço calcário do Jurássico superior indiferenciado, com camadas vilafranquianas subjacentes. Zona agrícola e florestal.
Desc. da Est.	— Na zona mais elevada do cabeço, na base de um corte feito pelo estradão, do lado esquerdo para quem vem de Frazões e nos terrenos agrícolas adjacentes, encontram-se alguns seixos que parecem afeiçãoados.
Esp.	— 1 seixo quartzítico de grão médio afeiçãoado unifacialmente. Muito rolado e com patine esbranquiçada (fig. 2).

3 seixos rolados com afeiçoamento bifacial, formando uma aresta irregular. Muito rolados e com patine esbranquiçada (fig. 3).

- Dep. Instituto de Arqueologia da Fac. de Letras da Univ. de Coimbra.
 Bib. Inédita.

3.1.2 *Casa da Moura*

- Tipo de Est. - - Gruta natural.
 Cl. Cron. - - Paleolítico (?).
 Lug. - - Charneca do Rio Seco.
 Loc. Geog. - - C.M.P., esc. 1:25.000, 327 Turquel (Alcobaça), M. 130,2; P. 276,6; Alt. cerca de 240 m. Levantamento de 1931/32 (fig. 1.2).
 Geomorf. - - Gruta aberta no calcário do Jurássico superior na vertente NO do Cabeço de Turquel. Zona florestal.
 Esc. - - 1869 — Escavações de Joaquim Possidónio da Silva.
 - 1881 (?) — Escavações de Carlos Ribeiro.
 Desc. da Est. - - A entrada, de forma ogival, conduz a uma grande sala de onde parte uma pequena galeria. Tem enchimento. A estratigrafia da gruta é mal conhecida mas depreende-se de A. S. A. B. P. LEAL, 1873 e de J. D. RIBEIRO, 1908, que teriam existido quatro níveis distintos:
- 1 — Depósito recente pouco espesso.
 - 2 — Camada de cinza e ossos (alguns deles já concrecionados) bastante espessa e ocupando todo o centro da gruta.
 - 3 — Camada de areia.
 - 4 — Camada de cinza e ossos semelhantes à segunda.

Os níveis arqueológicos seriam o 2 e o 4. O espólio foi encontrado a 60 cm e 150 cm de profundidade.

- Esp. — Segundo os autores citados anteriormente e uma ficha manuscrita do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, o espólio seria o seguinte:
- Ossadas humanas (?).
 - Ossadas de carneiro.
 - Chifres de veado.
 - Objectos de sílex lascado.
- Dep. — Desconhecido.
- Bib. — Augusto S. A. B. de Pinho LEAL, p. 46, refere as escavações de Joaquim Possidónio da Silva e diz: «Achou o Sr. Silva, a pouca profundidade, uma camada de cinza (com muitos ossos misturados) de bastante espessura e ocupando todo o centro da gruta. Por baixo desta camada de cinza achou uma de areia e por baixo desta, outra de cinza e ossos, como a superior».
- *Manuscrito* que se encontra no armário correspondente à vitrina central n.º 34 da Sala de Arqueologia Pré-Histórica do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal (Lisboa): «Apareceram em 16/07/80 ossadas de carneiro à profundidade de 1,50 m e chifres de veado e bocados de sílex lascado à profundidade de 0,60 m».
- Comentário :
Presumimos que a data diz respeito ao ano de 1880. Não conseguimos localizar este espólio.
- A. Mesquita de FIGUEIREDO, 1895, p. 154, refere esta gruta.
- José Diogo RIBEIRO, 1908, p. 10 e 11, localiza esta gruta e refere o seu espólio.
- José Diogo RIBEIRO, 1927, p. 25 e 27, refere duas lendas associadas a este local.

3.1.3 *Algar do João Ramos ou gruta das Redondas*

Tipo de Est. — Gruta natural.

Cl. Cron. — Paleolítico médio/superior (?).

- Lug. — Covão do Milho (Redondas).
- Loe. Geog. — C.M.P., esc. 1:25.000, 327 Turquel (Alcobaça), M. 131; P. 279,5; Alt. 190 m. Levantamento de 1931/32 (fig. 1.3).
- Geomorf. — Gruta aberta no calcário do Jurássico, na base da encosta ocidental da serra dos Candeeiros. Zona agrícola.
- Esc. — 1890 (?) — Escavações de Manuel Vieira Natividade.
— Escavações dos Serviços Geológicos de Portugal.
- Desc. da Est. — A entrada actual da gruta faz-se por um algar subvertical de cerca de 6 m de comprimento que dá acesso a diversas galerias. A estratigrafia da gruta é mal conhecida mas parece depreender-se de M. V. NATIVIDADE, 1899/1903, que existiam dois níveis bem distintos:
- 1 — Depósito recente de pequena espessura com uma média de 20 cm.
 - 2 — Espesso manto de estalagmite terrosa alternada com grossa camada de argila. Seria este o nível paleolítico.
- Esp. — Segundo E. HARLÉ, 1910/1911 ; G. ZBYSZEWSKY, 1943; O. da V. FERREIRA, 1964 e 1982.
- *Lítico*: raspadores, lâminas e lascas em quantidade que não foi possível determinar.
- *Osteológico*: brecha ossífera, *Hyaena striata*, *Meles taxus*, *Canis lupus*, *Felis par dina*, *Equus caballus*, *Grande Bos*, *Cervus elaphus*, *Lepus timidus*, *Lepus cuniculus*, *Ovis* (?), uma arcada sigmoideia de urso e um fragmento de fémur de *Elaphus antiquus* com incisões profundas, mostrando uma fauna de clima temperado.
- Dep. — Sala de Arqueologia Pré-Histórica do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal (Lisboa).

Bib.

— Manuel Vieira NATIVIDADE, 1899/1903, p. 456, descreve a estratigrafia da gruta: «Notei desde os primeiros trabalhos que o depósito recente era de pequena espessura, tendo, em média vinte centímetros, e por vezes assentava sobre um espesso manto de estalagmite terrosa, alternada e com predomínio de grossa camada de argila ferrogínea, que pertence, segundo suponho, a idades geológicas».

Mais adiante, na p. 457, continua: «Protegido pelo depósito que explorei, e em parte pelo manto estalagmítico, existe, segundo creio, um grande depósito quaternário».

O que nos faz pensar que todas as ossadas encontradas posteriormente pertencem ao segundo nível estratigráfico, é uma afirmação do autor na p. 456 que se refere ao depósito recente: «Não achei ossos de animais que indiquem a espécie de alimentação do homem das Redondas».

— Edouard HARLÉ, 1910/1911, p. 50 e 51, estuda o espólio osteológico da campanha arqueológica de 1909, e afirma que nenhuma das ossadas pode ser atribuída com segurança ao quaternário, devido à situação meridional do país, onde os animais de clima frio do Norte dos Pireneus não aparecem. Mostra fotografias.

— Georges ZBYSZEWSKY, 1943, p. 77 e 78, refere a propósito de um fragmento ósseo identificado por E. HARLÉ, *ob. cit.*, como de rinoceronte: «Il s'agit pour nous d'un fragment de fémur de jeune Eléphant, car la nature et la constitution de l'os, nous le font écarter des ossements de Rhinoceros.

Ses dimensions sont les suivantes:

— Longueur maximum conservée 405 mm.

— Largeur maximum conservée (antéro-postérieure) 111 mm.

— Dimension transverse au même point 76 mm. Cet os est bien fossilisé. Il est fortement tailladé par des outils tranchants, silex ou quartzites. Sa section est ovale pointue.

Aucune industrie antérieure au Paléolithique supérieur n'a été recueillie dans cette grotte. Peut-être, en dehors des belles pièces, n'a-t-on point recueilli les éclats provenant de la taille. Parmi ceux-ci il aurait pu y avoir quelques silex d'âge plus ancien (?).

Apresenta várias fotografias.

— Octávio da Veiga FERREIRA, 1964, refere nas p. 43 e 44, fauna quaternária nesta gruta e tal como G. ZBYSZEWSKY, *ob. cit.*, afirma sem qualquer explicação que: «Não foi encontrada qualquer indústria anterior ao paleolítico superior». Na p. 53, o autor fala dos níveis estratigráficos em que aparecem vestígios do Quaternário em Portugal: «No estudo das grutas com nível quaternário em Portugal há uma indicação precisa; em todas elas o nível com restos de vertebrados é sempre um depósito avermelhado com calhaus, cinzas, carvões, etc., fazendo uma espécie de brecha ossífera de relativa dureza».

— Octávio da Veiga FERREIRA, 1982, p. 32, descreve a fauna e a indústria lítica das Redondas guardadas no armário lateral n.º 54: «Indústrias do Mustierense e do Paleolítico superior com raspadores, lâminas e lascas».

Comentário : Observado o material lítico desse armário, verificámos que as peças expostas estavam etiquetadas como pertencentes à Gruta da Serra dos Molianos.

Parece-nos que se trata de um erro de identificação, pois nas duas edições do Guia Descritivo da Sala de Arqueologia Pré-Histórica, 1977 e 1982, não há referências a espólio lítico da Gruta da Serra dos Molianos neste museu.

3.2. NEOLÍTICO

3.2.1. *Buraca do Moniz*

Tipo de Est. — Gruta natural.

Cl. Cron. — Neolítico (?).

Lug. — Casal do Moniz.

Loe. Geog. — C.M.P., esc. 1:25.000, 327 Turquel (Alcobaça), M. 127,3; P. 276,40, Alt. 230 m. Levantamento de 1931/32 (fig. 1.4).

Geomorf. — Na encosta sudeste dos Cabeços Ralos ou Cabeça Rala, no calcário do Jurássico superior. Zona agrícola.

Esc. — 1909 — Escavação de Paul Choffat.

Dése, da Est. — Segundo J. D. RIBEIRO, 1908, a gruta teria uma entrada subvertical dando acesso a urna ampia galeria de onde partiam várias ramificações num total de 70 e tal metros. Este autor refere a primeira galeria do lado Sul como sendo uma das zonas onde apareceu espólio.

Actualmente, o acesso desta cavidade faz-se por uma entrada artificial. Tem várias galerias de grandes dimensões que foram esvaziadas do seu enchimento inicial, caiadas e cimentadas quando a gruta serviu como viveiro de cogumelos.

Em certos locais, o enchimento atingia mais de 2 m de profundidade, como se pode observar pelas marcas deixadas nas paredes. As únicas galerias que não foram sujeitas a grandes alterações são pequenos corredores de difícil acesso.

Esp. — Paul Ghoffat encontrou ossos humanos e animais (de cabra e veado); grande quantidade de conchas de amêijoia e berbigão, 1 lâmina de sílex, 1 vaso de barro com cerca de 8 cm de altura por 12 cm de diâmetro.

Segundo informação oral de Joaquim Elias Honorio, apareceram em grande quantidade

restos de ossos, recipientes de barro e conchas, aquando da desobstrução da gruta para viveiro de cogumelos.

Dep. — Uma parte indefinida dos objectos recolhidos por Paul Choffat foi depositada na Museu Vieira Natividade (Alcobaça).

Bib. — José Diogo RIBEIRO, p. 18 e 17, descreve esta gruta e o seu espólio. «(...) A Buraca do Moniz, descoberta casualmente ao removerem-se ali umas pedras em Dezembro de 1906, foi indubitavelmente conhecida dos antigos, como o testemunham um montão de conchas marinhas e alguns ossos que se topam na primeira galeria lateral do lado Sul, hoje quasi impraticável, e as stalactites quebradas que nella apareceram e sobre cujos troncos novas stalactites se haviam já implantado».

— J. D. RIBEIRO, 1930, p. 10, diz que a gruta foi explorada em Novembro de 1909 por Paul Choffat, que descobriu nova galeria e encontrou ossos humanos, bastantes de cabra e veado, grande quantidade de conchas de amêijoas, berbigão e outras, uma faca de sílex, um vaso de barro com um pouco mais de 8 cm de altura e cerca de 12 de diâmetro. É aqui que se refere que parte destes objectos foi depositada no Museu Vieira Natividade (Alcobaça).

3.2.2 Algar do Estreito ou gruta do Carvalhal de Turquel

Tipo de Est. — Gruta natural.

Cl. Cron. — Neolítico final (?)/Calcolítico.

Lug. — Lombo (Carvalhal).

Loe. Geog. — C.M.P., esc. 1:25.000, 327 Turquel (Alcobaça), M. 129,7; P. 277,9; Alt. 182. Levantamento 1931/32 (fig. 1.5).

- Geomorf. — Gruta que se abre num afloramento calcário do Jurássico superior, já no grande vale situado na base da serra dos Candeeiros. Zona urbanizada.
- Esc. — 1881. Escavações de Carlos Ribeiro.
- Desc. da Est. — A entrada actual faz-se por um poço subvercical de cerca de 7 m de profundidade. Segundo J. D. RIBEIRO, 1908, a entrada primitiva dava acesso a uma pequena galeria em cujo tecto existiam duas aberturas para o exterior; este compartimento ligava a uma grande galeria de onde partia ainda uma outra de muitos metros. Não se conhecem dados referentes à estratigrafia da estação, mas, pela análise do espólio, K. SPINDLER e O. da V. FERREIRA, 1974, chegaram à conclusão de que existiram dois níveis de ocupação.
- Esp. — O espólio é riquíssimo e diversificado mas, devido à ausência de estratigrafia, foi extremamente difícil classificar todo o material desta gruta. As primeiras dificuldades põem-se logo ao nível da cerâmica, pois é grande o número de vasos de características pouco individualizadas, que podem ter perdurado por um amplo período cronológico. Estão neste caso as formas lobulares e as taças esféricas e semi-esféricas lisas. As ossadas humanas exumadas são também de classificação cronológica difícil. Através de um estudo comparativo com outras estações arqueológicas, nomeadamente os povoados de Oleias e Vila Nova de S. Pedro, K. SPINDLER e O. da V. FERREIRA, *ob. cit.*, atribuíram ao Neolítico final/Cobre inicial, embora com algumas reservas, o material que passaremos a descrever. Pelo conjunto desse espólio preferimos inseri-lo num âmbito cronológico mais alargado.

— *Lítico:*

5 pontas de seta, 6 pontas de lança e 1 punhal, em sílex; 72 lâminas, fragmentos de lâminas e lamelas também em sílex; 3 lascas e 10 núcleos de quartzo e sílex; 3 machados, 4 enxós, 1 goiva e 1 escopro, de pedra polida; 1 placa de xisto decorada e 1 fragmento de outra aparentemente lisa; 2 vasos globulares de pequenas dimensões, 1 cilindro, várias bolas e 1 placa curva, tudo em calcário.

— *Cerâmico:*

Alguns vasos e fragmentos de outros, decorados segundo as técnicas de incisão e puncionamento (puncionamento arrastado ?) e um recipiente em forma de zoomorfo. A terminologia aplicada na descrição deste material é da nossa responsabilidade.

— *Osteológico:*

Furadores, sovelas (?), agulhas e contas.

Dep.

— Sala de Arqueologia Pré-Histórica do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal (Lisboa), vitrinas centrais n.ºs 65, 66, nos armários correspondentes à vitrina n.º 65 e no armário lateral n.º 20.

Bib.

— Manuel Vieira NATIVIDADE, 1885, p. 39, refere a descoberta desta gruta pela primeira vez: «Em 1881 foram estas grutas (Casa da Moura e Algar do Estreito) cuidadosamente exploradas por iniciativa (...) do Sr. Carlos Ribeiro, que n'ellas mandou proceder a consideráveis trabalhos de escavação e removimento de terras, em resultado do que se descobriram numa d'ellas (Algar do Estreito) verdadeiras preciosidades archeologico-pré-históricas (...)».

— Emile CARTAILHAC, 1886, p. 113 e 114, refere o espólio desta gruta e descreve sumariamente o recipiente cerâmico de forma zoomórfica. Apresenta desenhos.

- José Diogo RIBEIRO, 1908, p. 12 a 14, faz a descrição da gruta e refere um pouco mais pormenorizadamente que M. V. NATIVIDADE, *ob. cit.*, o espólio aí encontrado: «Algar Estreito — Abre-se numa pequena eminência no Sueste e a curta distância do Lombo um dos logarejos que forma o conjunto denominado Carvalhal de Turquel (...). Nesta gruta descobriram-se algumas ossadas humanas, — ossos provenientes de animais diversos, — uma figurinha de barro cozido representando uma porca, — vasos da mesma matéria, — muitas lâminas cortantes ou facas, sendo uma de quartzo hyalino (...) machados e outros instrumentos de pedra, como lanças e dardos (...) uma placa triangular, de ardósia, com um buraco junto a um dos ângulos e (...) apresentando (...) triangulosinhos preenchidos de linhas entrecruzadas, — estyletes e outros utensílios perfurantes, de osso (...) que passaram a enriquecer as collecções do museu ethnologico da direcção geral dos trabalhos geodésicos».
- J. Camarate FRANÇA, 1950, p. 95 a 98, estuda este recipiente cerâmico e atribui-o à Idade do Bronze. Apresenta duas hipóteses quanto à origem do recipiente: evolução local ou influência mediterrânica oriental nesta região. Dá fotografias.
- Konrad SPINDLER e Octávio da Veiga FERREIRA, 1974, p. 28 a 76, publicam de forma exaustiva todo o espólio desta gruta e atribuem-lhe dois níveis de ocupação (Neolítico final/Calcolítico inicial e Bronze), baseados fundamentalmente no estudo da cerâmica. Apresentam desenhos.
- Octávio da Veiga FERREIRA, 1982, p. 14 e 24, refere este espólio.

Comentário : K. SPINDLER, O. V. FERREIRA, *ob. cit.*, identificaram a gruta do Carvalhal de Turquel com a gruta existente no Cabeço de Turquel. Baseados

em M. V. NATIVIDADE, *ob. cit.*, em J. D. RIBEIRO, *ob. cit.* e em informações orais recolhidas no local, constatámos que existe ali uma inexactidão. A gruta do Cabeço de Turquel é, e foi conhecida por Casa da Moura; apesar de ter sido ocupada na pré-história, revela um espólio bem menos numeroso do que o encontrado no Carvalhal de Turquel ou Algar do Estreito. Ver ficha n.º 3.1.2 deste trabalho.

3.3 MEGALITISMO

3.3.1 *Mamoas 1 e 2 da Barbata*

- Tipo de Est. — Monumentos megalíticos.
 Cl. Cron. — Desconhecida.
 Lug. — Zambujeira.
 Loc. Geog. — C.M.P., esc. 1:25.000, 317 Alcobaça, M. 129, P. 280, 7 ; Alt. 177 m. Levantamento de 1939/40 (fig. 1.6).
 Geomorf. — Numa chã agricultada do grande vale de Turquel. Perto afloram calcários do Jurássico superior.
 Desc. do Mon. — José Diogo RIBEIRO, 1908, refere a mamoa da Barbata que ficaria situada nas Pedras das Antas. Segundo informações orais, teriam existido não uma, mas duas mamoas no local da Barbata, espaçadas entre si cerca de 50 m. Prospectada a micro-região com este nome, a 300 m a Leste das Pedras das Antas, nada foi detectado. Segundo a mesma fonte oral, os monumentos teriam sido destruídos quando do arroteamento dos terrenos. As coordenadas atrás indicadas são as do local da Barbata.
 Esp. — Parece depreender-se do texto de J. D. RIBEIRO, que foram encontrados alguns vasos cerâmicos.

- Dep. — Desconhecido.
- Bib. — José Diogo RIBEIRO, 1908, p. 25 e 26: «Anta da Barbata — Foi desmantelada há muitos anos por uns camponeses que ali fizeram escavações, na esperança de encontrar uma cabra e um cabrito de oiro a que certa lenda se referia. O que elles em verdade descobriram, segundo declararam, foi uma cavidade que se lhes afigurou um forno, com copeirinhas, aos lados, não constando se attentaram nos restos humanos que ali houveram de jazer. O sítio em que este megalitho avultava denominam-no ainda hoje Pedras das Antas. Fica ao nordeste e a uns trezentos metros do Lombo Ferreiro».
- José Diogo RIBEIRO, 1935, p. 42, diz: «Perto do Lombo Ferreiro existe ainda um grupo de dólmenes, já desprovidos, porém, da respectiva mesa. O sítio conserva o primitivo nome de Pedras das Antas».

3.3.2 *Mamoas 1 e 2 das Fontes Velas*

Fontes Velas 1 (fig. 4, 1 e 2)

- Tipo de Est. — Monumento megalítico.
- Cl. Cron. — Desconhecida.
- Lug. — Mouzinha (Carvalhal).
- Loc. Geog. — C.M.P., esc. 1:25.000, 327 Turquel (Alcobaça), M.128; P.277,5; Alt. 183 m. Levantamento de 1931/32 (fig. 1.7).
- Geomorf. — Numa chã agrícola e florestal do vale de Turquel, com alguns afloramentos calcários do Jurássico superior.
- Desc. do Mon. — Monumento de câmara simples, com cinco esteios visíveis, três dos quais partidos. O esteio de cabeceira, que tem a descoberto 1,20 m de

alt., 1,44 de largura e 0,47 m de espessura, está virado a Oeste. Por detrás deste, existem ainda restos da mamoa. Na zona da câmara, espalhados, podem ver-se ainda restos de ossadas humanas postas à vista aquando da violação do monumento por Joaquim e António Paulino, há cerca de 12 anos, segundo informações orais recolhidas em 1982.

Os esteios são feitos no calcário da região. O monumento encontra-se coberto de matos e passa-lhe um muro de propriedade por detrás do esteio de cabeceira (fig. 1 e 2).

- Esp. — Ossos humanos; fragmentos de tíbias, fémures, omoplatas, crânios e maxilares; 1 lâmina de sílex; 2 fragmentos de outra e 1 fragmento de lasca de sílex retocada.
- Dep. — Victor Pedrosa, residente em Alcobaça. Algumas das ossadas foram recolhidas por nós e encontram-se no Instituto de Arqueologia da Fac. de Letras da Universidade de Coimbra.
- Bib. — Inédita.

Fontes Velas 2

A cerca de 200 m para Norte existiu outra mamoa que foi completamente destruída há cerca de 30 anos por Carlos Susano, antigo proprietário do terreno (fig. 1.7). Existem ainda, no local, fragmentos de esteios provenientes da câmara deste monumento.

- Esp. — Segundo António Paulino, apareceram ossadas humanas. Um fragmento de lâmina em sílex, retocada, encontrada nos terrenos agrícolas onde a mamoa foi destruída, faria, provavelmente, parte do espólio (fig. 5).

- Dep. — As ossadas perderam-se. O fragmento de lâmina encontra-se no Instituto de Arqueologia da Fac. de Letras da Universidade de Coimbra.
- Bib. — Inédita.

3.4 CALCOLÍTICO

3.4.1 *Algar do João Ramos ou Gruta das Redondas*

Tipo de Est. — ver ficha 3.1.3.

Cl. Cron. — Calcolítico final/Bronze inicial.

Lug. — ver ficha 3.1.3.

Loc. Geog. — ver ficha 3.1.3 (fig.1.3).

Geomorf. — ver ficha 3.1.3.

Esc. — 1890 (?) — Escavações de Manuel Vieira Natividade.

Dése, da Est.—ver ficha 3.1.3. O segundo nível de ocupação, ou seja, o nível calcolítico, teria sido encontrado num depósito com cerca de 20 cm de espessura média.

Segundo M. Vieira NATIVIDADE, 1899/1903, a escavação iniciou-se na parte mais funda da gruta mas estendeu-se a todo o depósito recente; a matéria vegetal encontrada numa das galerias setentrionais estava associada a grandes vasos cerâmicos.

Esp. — Segundo M. V. NATIVIDADE, 1899/1903; A. do PAÇO, 1966; V. dos S. GONÇALVES, 1978.

— **Lítico:**

3 «braçais de arqueiro» em xisto (um deles fragmentado nas duas extremidades) ; 1 conta de azeviche (?); 2 machados polidos de xisto e 2 lâminas de sílex.

— **Cerâmico:**

2 vasos globulares lisos de média dimensão;
1 vaso subcilíndrico de fundo plano; 1 vaso

esferoidal de colo estrangulado; 1 grande vaso de forma subovóide, de fundo plano e esboço de carena alta sob o bordo; 2 vasos de fundo esférico e carena média e alta; 1 vaso campaniforme liso e 3 fragmentos de um único (?) vaso campaniforme, decorado com incisões formando faixas preenchidas com reticulado, alternadas com linhas paralelas nas quais seriam visíveis vestígios de pasta branca incrustada. A terminologia usada na descrição deste material foi revista por nós.

— *Metálico:*

1 punhal de rebites; 2 machados planos; 7 estiletos de pequenas dimensões; 10 pontas (algumas de tipo Palmeia) em cobre.

— *Osteológico:*

1 botão ou conta e restos humanos muito alterados.

— *Matéria vegetal:*

Grãos de cevada; 1 fragmento de arista ou barba, 1 base de flor e 1 grão irisado (restos de gordura?).

— *Conchífero:*

Valvas de *pectunculus* perfuradas; conchas de *pecten*, *cassis* e *pectunculus*.

Dep.

- Museu Manuel Vieira Natividade (Alcobaça).
- Sala de Arqueologia Pré-Histórica do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, no armário lateral n.º 11.

Bib.

- Manuel Vieira NATIVIDADE, 1899/1903, p. 455 a 457, descreve a escavação que fez nesta gruta e refere o material exumado: «Iniciada na parte mais funda, a primeira exploração (...)». «Fiz muito cuidadosamente toda a exploração do depósito recente (...)». «Numa das galerias N.

e junto de restos de grandes vasos, incluindo o que vai representado na fig. 177, foi achada uma porção de trigo carbonizado, e outras sementes que infelizmente se perderam». Apresenta desenhos.

— Nils ABËRG, 1921, p. 84, refere a gruta natural das Redondas e descreve o espólio exumado de forma sumária.

— Afonso do PAÇO, 1966, p. 90 a 92, descreve os vasos campaniformes:

«Campaniforme n.º 1 — Trata-se de um recipiente quasi completo, desprovido de qualquer ornamentação mas de certa elegância, medindo de diâmetro de boca 12 centímetros e de altura 9 centímetros». «A sua cor é um tanto escura, sem vestígios de qualquer engobe que o faça realçar». «Campaniforme n.º 2 — Além do recipiente acima referido, há três fragmentos de uma outra vasilha do mesmo tipo (...). Levados pelo desenho e outros elementos, consideramo-los todos do mesmo recipiente (...). O fragmento da parte superior é de um bordo com decoração de linhas incisivas praticadas com um utensílio de bico rombo, além de diversos reticulados de sulcos mais profundos. Os fragmentos da parte média e inferior, se bem que um tudo nada diferentes na decoração, parecem constituir elementos de partes diversas da mesma vasilha.

O primeiro fragmento apresenta ainda um ligeiro brunido tanto no interior como no exterior. O segundo contém vestígios de engobe nas duas faces. No terceiro ainda é visível o engobe exterior, bem como restos de uma matéria branca que em muito realçaria a decoração». Nas p. 98 e 99 fala das sementes dadas como perdidas por M. V. NATIVIDADE, *ob. cit.*, e diz terem sido analisadas pelo Eng. Agrónomo A. R. Pinto da Silva, chefe do Departamento de Fitossiste-

mática e Geobotânica da Estação Agronómica Nacional.

- Victor dos Santos GONÇALVES, 1978, p. 15 defende que as cerâmicas lisas desta gruta têm características megalíticas. Nas p. 16 e 17, descreve dez recipientes cerâmicos, muito embora tenha dúvidas sobre a proveniência exacta de alguns. Apresenta fotografias e desenhos. Comparando as suas descrições, desenhos e fotografias com os desenhos apresentados por Manuel Vieira NATIVIDADE, *ob. cit.*, estampa 21, pudemos identificar certos vasos como sendo realmente desta gruta. V. S. GONÇALVES, p. 16, refere como o n.º 878 : «Um recipiente pouco fragmentado, corpo cilindroide, fundo plano. Altura total: 15,3 cm. Diâmetro de fundo: 11,5 cm. Espessura do bordo : 9 mm. Cor cinzenta-escura. Desengordurantes de tamanho mínimo. Cerâmica grosseira, de cozedura redutora. Bordo de lados irregularmente paralelos terminando em superfícies de topo, planas». Pensamos ser o vaso desenhado por M. V. NATIVIDADE, *ob. cit.*, estampa 21, n.º 176.

Aquele autor, p. 17, refere com o n.º 892: «Recipiente ligeiramente fragmentado, de corpo esférico e colo estrangulado. Altura total: 11,7 cm. Diâmetro interno da abertura: 7,3 cm. Espessura de bordo: 6 mm. Cozedura oxidante (?). Cor castanho-alaranjado. Desengordurantes de dimensões mínimas. Recipiente de colo estrangulado (...). Fundo convexo, sendo o equilíbrio do vaso garantido pelo peso do recipiente». Trata-se do vaso desenhado por M. V. NATIVIDADE, *ob. cit.*, estampa 21, n.º 179.

Parece-nos que o vaso da estampa 27, n.º 1, identificado como do Carvalhal de Aljubarrota e o da estampa 28, n.º 1, fotografados por V. S. GONÇALVES, *ob. cit.*, são os mesmos dese-

nhados por M. V. NATIVIDADE, *ob. cit.*, na estampa 21 com os números 181 e 182, respectivamente, e pertencentes à gruta das Redondas.

- Octávio da Veiga FERREIRA, 1982, p. 20, refere espólio osteológico e malacológico no armário n.º 11.

3.5 IDADE DO BRONZE

3.5.1 *Algar do Estreito ou Gruta do Carvalho de Turquel*

- Tipo de Est. — ver ficha 3.2.2.
 Cl. Cron. — Bronze inicial (?).
 Lug. — ver ficha 3.2.2.
 Loe. Geog. — ver ficha 3.2.2 (fig. 1.5).
 Geomorf. — ver ficha 3.2.2.
 Esc. — ver ficha 3.2.2.
 Desc. da Est. — ver ficha 3.2.2.
 Esp. — Segundo K. SPINDLER e O. V. FERREIRA, *ob. cit.*, as cerâmicas datáveis da Idade do Bronze por comparação com certas estações deste período, no Sudoeste da Península e em certas grutas da Estremadura, são as seguintes:
- 1 vaso cerâmico de fundo esférico e carena alta com asa de inserção lateral e prensão horizontal na parte superior. É decorado com motivos geométricos segundo a técnica de incisão e do pontilhado na parte superior do bojo entre o bordo e a carena.
 - 1 fragmento de um vaso de fundo plano ou plano-convexo, com uma fiada de mamilos na parte média ou inferior do corpo do vaso.
 - 4 vasos lisos com carenas baixas e médias e fundos convexos.
 - 3 vasos lisos tipo taça, de fundos planos e plano-convexos.

- 1 vaso liso tipo taça, de fundo plano-convexo com estrangulamento na parte inferior do corpo do vaso. Poder-se-á eventualmente incluir na presumível fase a que pertencem os referidos materiais, o vaso campaniforme.
- Dep. — Sala de Arqueologia Pré-Histórica do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal (Lisboa), nas vitrinas centrais n.^{os} 65 e 66.
- Bib. — Ver ficha 3.2.2.

3.5.2 ARDIDO

- Tipo de est. Indeterminada.
- Cl. Cron. -Bronze médio (?).
- Lug. -Ardido.
- Loc. Geog. C.M.P., esc. 1:25.000, 317 Alcobaça, M.126,7; P.280,8; Alt. 140 m. Levantamento de 1939/40 (fig. 1.8).
- Geomorf. No alto da encosta Este da ribeira das Antas, num terreno agrícola.
- Desc. da Est. -José Diogo RIBEIRO, 1941, diz que o espólio metálico apareceu a pouca profundidade. Estes dados foram corroborados por informadores locais ⁽⁶⁾, que nos disseram ter aparecido o espólio a cerca de 1 m. de profundidade, quando da abertura de um pequeno poço para retenção das águas da chuva.
- Esp. 2 braceletes de ouro e fragmentos cerâmicos.
- Dep. - As peças metálicas encontram-se no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Lisboa) com os n.^{os} de inventário 177 e 178.
- Bib. P. e M. Luís, 1935, p. 44, refere este achado.

⁽⁶⁾ Informações orais prestadas por Francisco Rodrigues, morador no lugar do Ardido e que nos falou de «cacos velhos» associados às peças de ouro.

- José Diogo RIBEIRO, 1941, p. 7, diz: «No lugar do Ardido, povoação desta freguesia encontrou Artur Luís 2 argolas de oiro de imperfeito fabrico e que estavam enterradas a pouca profundidade».
- TESOUROS DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA, 1980, p. 19, regista este achado.

3.5.3 *Boiça*

- Tipo de Est. — Indeterminada.
- Cl. Cron. — Bronze final/Ferro antigo (?).
- Lug. — Turquel (?).
- Loc. Geog. — Devido à impossibilidade de localizar o achado no terreno, referimos as coordenadas do antigo lugar de Boiça. G.M.P., esc. 1:25.000, 327 Turquel (Alcobaça), M. 126,5; P.278,9; Alt. entre 160 a 190 m. Levantamento de 1931/32 (fig. 1.9).
- Geomorf. — A meio de uma encosta sobranceira ao rio das Antas, onde existem algumas chãs agrícolas.
- Desc. da Est. — Desconhecida.
- Esp. — «Sanguessugas» em ouro pesando 4,8 g e 4,6 g.
- Dep. — Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Lisboa) com os n.ºs de inv. 571 e 592.
- Bib. — TESOUROS DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA, 1980, p. 24, regista este achado.

3.6— IDADE DO FERRO

3.6.1 *Cancela dos Chães*

- Tipo de Est. — Necrópole — Cistas com urnas cinerárias (?).
- Cl. Cron. — Ferro antigo (?).
- Lug. — Eiras ?
- Loc. Geog. — Hipotética — C.M.P., esc. 1:25.000, 327 Turquel (Alcobaça) M.127,7; P.278,5; Alt. 190 m. Levantamento de 1931/32. Não conseguimos localizar a estação no terreno (fig. 1.10).

- Geomorf. — Segundo J. D. RIBEIRO, 1908, a necrópole ficaria numa pequena chã com afloramentos calcários, em zona árida e seca com dois algares nas imediações.
- Desc. da Est. — Várias sepulturas de forma rectangular, pequenas, cobertas de pedra ou com uma lãge e pedra. Conhecemos descrições de 3 delas:
- 2 sepulturas rectangulares de grés amarelado não oriundo do local, com cerca de 1 m de comprimento por 0,5 m de largura e 0,5 m de profundidade. Eram cobertas por uma camada de terra de 20 a 30 cm de espessura e estavam orientadas no sentido Norte-Sul.
 - 1 sepultura com cerca de 3 palmos de comprimento (i 70 cm) e 2 de largura (i 40 cm).
- Esp. — Segundo J. D. RIBEIRO 1908; 1930; 1935, quase todas tinham espólio cerâmico e ossos pequenos e desfeitos misturados com cinzas. Espólio das duas primeiras sepulturas descritas.
- **Cerâmico:**
Fragmentos de grandes vasos de barro.
- **Metálico:**
1 anel (?) de cobre (?), várias argolas de diversas dimensões em bronze, 1 conta em bronze, 1 estilete ou furador em bronze e 1 brinco (?).
- Osteológico:**
muitos fragmentos ósseos de pequenas dimensões, entre os quais 1 fragmento de costela humana, misturados com cinzas e carvões muito esponjosos.
- Dep. Museu Vieira Natividade (Alcobaça).
Bib. José Diogo RIBEIRO, 1908, p. 19 e 20, refere: «Descobriram-se ha annos na Cancellá dos Chães, a pouco mais de 1 kilómetro de Turquel para nornordeste, duas sepulturas do período do

bronze (...). Longitudinalmente, orientados segundo a linha norte-sul, estas sepulturas tinham cerca de um metro de comprimento, meio metro de largo e outro tanto de profundidade, não havendo nellas outra cobertura (ao menos na actualidade) além da camada de terra, de uns vinte a trinta centímetros de espessura que lhes sobrepujava os bordos.

Nestas sepulturas acharam-se grandes vasos de barro, fragmentados — muitas partículas de osso, das quais apenas me foi possível reconhecer parte de uma costella, — algumas argolas metálicas, de várias grossuras e diâmetros, uma das quaes do tamanho e fórma de um anel, me pareceu de cobre, e as outras, maiores e mais grossas, de bronze, — uma arrecada e uma pequena conta, também de bronze, — um como estylete ou furador, da mesma materia, — e alguns pedacinhos de um carvão muito leve e esponjoso. A pedra utilizada na construção d'estas caixas mortuárias, foi o grés amarellado conhecido pela designação vulgar de pedra broeira, — rocha não oriunda do sítio, e que portanto houve de ser para ah transportada expressamente». Apresenta fotografia da arrecada (?) de bronze na pág. 21.

- José Diogo RIBEIRO, 1930, p. 11 refere: «(...) outras (sepulturas) se têm aí encontrado, todas de pequenas dimensões e em forma de caixa sem fundo (1). Cobria-as uma lãge sobrepujada de cascalho, ou apenas cascalho. Incluíam quase todas, vasos de barro». Em nota de rodapé acrescenta: «(1) Uma que vi tinha cêrca de 3 palmos de comprimento e 2 de largura».
- José Diogo RIBEIRO, 1935, p. 42, refere o achado das 2 sepulturas aqui descritas e fala de outras de forma sumária: «(...) nas demais só se acharam ossadas meio desfeitas e também, nalgumas, vasos de barro».

3.7 ÉPOCA ROMANA

3.7.1 *Lombo Ferreiro*

Tipo de Est. — Indeterminada.

Cl. Cron. — Indeterminada.

Lug. — Chão do Galego ou Poço das Vinhas.

Loc. Geog. — C.M.P., esc. 1:25.000, 317 Alcobaça, M.127,8; P. 280; Alt. cerca de 170 m. Levantamento de 1939/40. Esta é a localização do esporão (fig. 1.11). Nas cercanias, têm aparecido outras zonas com vestígios arqueológicos à superfície e que, pela sua proximidade e pela natureza dos vestígios, parecem estar relacionadas com a primeira. Resolvemos cartografá-las. C.M.P., esc. 1:25.000 327 Turquel (Alcobaça), M.128 e 128,3; P.279,8 e 280 respectivamente. Alt. entre 180 e 190 m. Levantamento de 1931/32 (fig. 1.12 e 13).

Geomorf. — Primeira zona: numa plataforma em esporão formado por calcários do Jurássico superior onde se sobrepõem terrenos agrícolas. Tem condições naturais de defesa em todos os quadrantes com excepção do Sudeste e Este, onde aparecem os outros vestígios cartografados — segunda e terceira zonas.

Desc. da Est. — As três zonas parecem pertencer à mesma estação pela sua proximidade e pela semelhança do espólio encontrado. No esporão, na primeira zona cartografada, ainda se encontram restos de muros feitos de cantaria, mas que, devido às grandes alterações e destruições a que foram sujeitos, não definem formas concretas. Num muro de propriedade que passa perto destas estruturas foram reutilizadas pedras aparelhadas provenientes das antigas construções. Segundo

fontes orais, é esta a zona onde apareceu escoria em grande quantidade (7).

Os alicerces de habitação circulares ou ovais e fundamentos de pedra e cal, cantaria e pavimento argamassados que José Diogo RIBEIRO, 1908, regista, deviam encontrar-se neste local. Na segunda zona cartografada não há estruturas visíveis e os materiais aparecem à superfície muito dispersos. Na terceira, os vestígios espalham-se em grande profusão numa pequena área de 40 m² onde o terreno é ligeiramente mais elevado e de outra coloração — castanho mais escuro.

Esp.

1 Primeira zona

Não detectámos nada à superfície pois os terrenos encontram-se cobertos de vegetação. No entanto, J. D. RIBEIRO, 1908; 1935; regista espólio que cremos ser proveniente deste local.

— *Cerâmico:*

fragmentos de grandes vasos; mós de pequenas dimensões; pesos de tear; fragmentos de telhas e tijolos.

— *Metálico:*

escória de ferro e moedas de cobre e bronze.

— *Lítico:*

calhaus rolados.

— *Conchífero:*

conchas de ostras.

2 Segunda zona:

— *Cerâmico:*

fragmentos de «tegulae» e «lateres»; cerâmica comum e 1 peso de tear (fig. 6 e 7).

(7) Informação oral prestada por José Pereira Ribeiro, morador no Zambujeiro.

— *Metálico*

1 escopro de ferro de grandes dimensões, muito alterado e um fragmento de urna placa perfurada em ferro.

— *Conchífero*

conchas de ostras.

3 Terceira zona:— *Cerâmica:*

grande quantidade de «imbrices» (?), algumas com marcas de dedadas; 1 tijolo de coluna, triangular; fragmentos de cerâmica comum, alguns de pasta negra com características muito arcaizantes. Nenhum destes elementos pode ser considerado com segurança do período romano.

- Dep. — 1 — Desconhecido; 2 e 3 — Instituto de Arqueologia da Fac. de Letras da Univ. de Coimbra.
- Bib. — Manuel Vieira NATIVIDADE, 1906, p. 52, refere a abundância de elementos metalúrgicos num local designado por Lombo Ferreiro.
- José Diogo RIBEIRO, 1908, p. 27, em nota de rodapé refere: «Casas ou curraes de forma aproximadamente redonda ou oval e de que restam alicerces, houve bastantes nas cercanias do Lombo Ferreiro». Na p. 164 descreve as estruturas visíveis e o espólio. «(...), moedas de cobre (duas que vi eram romanas) (...)».
- José Diogo RIBEIRO, 1935, p. 42, refere: «No aludido Lombo, que parece corresponder ao local dum antigo estabelecimento metalúrgico, têm aparecido algumas moedas romanas de bronze».

4. Conclusão

Apesar do pequeno número de estações referenciadas, a análise atenta das condições de jazida e do espólio permitiu-nos tirar conclusões sobre a natureza dessas mesmas estações e acertar alguns dados confusos provenientes de publicações antigas. Por outro lado, o trabalho de localização no terreno e de cartografia de cada uma dessas estações levou-nos a verificar tendências na distribuição da população no espaço.

- Verificamos que a ocupação pré-histórica, embora efectiva em toda a área da freguesia, parece concentrar-se na zona do grande vale ocidental da serra dos Candeeiros e nas duas encostas que o delimitam. As características geomorfológicas da encosta, em cujos calcários se formaram abundantes grutas, foram, sem dúvida, um factor importante na ocupação desta área.
- A proximidade do mar, actualmente a cerca de 20 quilómetros em linha recta (mais uma fonte de recurso alimentar), a proximidade de jazidas de matérias-primas como sílex, a cerca de 18 quilómetros (Pederneira — Nazaré) e os bancos de argila que se formam na encosta da serra são, possivelmente, outros factores a ter em conta na distribuição da população, quer no vale quer em toda a zona. Faltam-nos, no entanto, estudos pluridisciplinares e um trabalho de prospecção sistemática de âmbito alargado para que possamos confirmar e/ou generalizar as nossas hipóteses de trabalho a toda a região.
- O âmbito cronológico dos vestígios arqueológicos é lato; o povoamento parece remontar ao Paleolítico, se não ao Inferior, pelo menos ao Superior, e apesar da «falta» aparente de elementos atribuíveis ao Mesolítico, ele deve ter-se estendido sem interrupções até à época romana.
- É de salientar a descoberta do monumento das Fontes Velas 1, inédito, que junto com dados de ordem bibliográfica (Anta da Barbata e Pedras d'Antas), orais (Fontes Velas 2) e toponímicos (ribeira das Antas e lugar das Antas, já na freguesia de Évora de Alcobaça), provam de forma

indiscutível a presença do fenómeno megalítico na sua dimensão arquitectural nesta região. Esta é, quanto a nós, a novidade mais importante deste trabalho, pois demonstra que o «megalitismo de grutas» defendido por Victor dos Santos GONÇALVES, 1978a); 1978b) não impediu outras formas de expressão desse fenómeno nesta região.

- A presença de uma necrópole de cistas com urnas funerárias, pouco frequente ou raramente identificada, no território português, e que nos parece ter sido completamente destruída, é mais um caso que nos alerta para a necessidade de um projecto de investigação sistemática na região.

BIBLIOGRAFIA

- ABERG, NILS (1921), *La Civilisation Enéolithique dans la Péninsule Ibérique*, Paris.
- AZEVEDO, Pedro A. de (1903), *Extractos Archeologicos das «Memorias Parochiaes de 1755» Turquel [Gruta]*, in «Archeologo Português», 1.^a série, vol. 8, Lisboa, p. 257-258.
- CARDOSO, J. Carvalho; BESSA, M. Teixeira; MARADO, M. Branco (1971), *Canados Solos de Portugal*, esc. 1:1000.000, in «Agronomia Lusitana», vol. 33, T. 1-4, p. 481-602.
- CARTAILHAC, Emile (1886), *Les Ages Pré-Historiques de VEspagne et du Portugal*, Paris.
- FERREIRA, Denise de Brum (1981) — *Carte Geomorphologique du Portugal*, Memórias do Centro de Estudos Geográficos, n.º 6, Lisboa.
- FERREIRA, Octávio da Veiga (1964), *Jazidas Quaternárias com Fauna de Vertebrados Encontrados em Portugal*, in «Arqueologia e História», Lisboa, 8.^a série, n.º 11, p. 37-53.
- FERREIRA, Octávio da Veiga (1982), *Guia Descritiva da Sala de Arqueologia Pré-Histórica*, Museu Geológico Nacional, Lisboa.
- FICHA MANUSCRITA (1880?), Bala de Arqueologia Pré-Histórica do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, armário central n.º 34 - gavetas.
- FIGUEIREDO, A. Mesquita de (1895), *Informações Archeológicas Colhidas no «Diccionário Geográfico» de Cardoso. Gruta de Albardos [Estremadura]*, in «Archeologo Português», 1.^a série, vol. 1, Lisboa, p. 154.
- FRANÇA, J. Camarate (1950), *A Vasilha Zoomórfica da Gruta do Carvalho [Turquel]*, in «Mensário Administrativo», n.ºs 39-40, Luanda, p. 95-98.
- FRANÇA, J. Camarate; ZBYSZEWSKI, G. (1963), *Carta Geológica de Portugal na Escala 1/50.000. Notícia Explicativa da folha 26-B Alcobaça*, Lisboa.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (1978a), *Para um Programa do Estudo do Neolítico em Portugal*, in «Zephyrus», n.º 28-29, Salamanca, p. 147-162.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (1978b), *A Neolitização e o Megalitismo da Região de Alcobaça*, Lisboa.
- HARLÉ, Edouard (1910/1911), *Les Mammifères et Oiseaux Quaternaires Connus Jusqu'ici en Portugal*, in «Com. dos Serv. Geol. de Port.», t. 8, Lisboa, p. 22-86.
- LEAL, Augusto S. A. B. de Pinho (1873), *Albardos ou Alvados*, in *Portugal Antigo e Moderno*, vol. 1, p. 46-48.
- Luis (?), P. M. (1935), *Turquel, no Passado e no Presente*, in «Jornal Ecos do Alcoa», número especial, 15 de Agosto, Alcobaça, p. 44.
- NATIVIDADE, Manuel Vieira (1885), *O Mosteiro de Alcobaça [Notas Históricas]*, Coimbra.
- NATIVIDADE, Manuel Vieira (1899/1903), *As Grutas de Alcobaça*, in «Portugália», t. 1, fase. 3, Porto, p. 433-474.

- NATIVIDADE, Manuel Vieira (1906), *Alcobaça d'Outro Tempo*, Alcobaça.
- PAÇO, Afonso do (1966), *As Grutas de Alcobaça—Aditamento*, in «Zephyrus», vol. 17, Salamanca, p. 89-99.
- RIBEIRO, José Diogo (1908), *Memorias de Turquel*, Porto.
- RIBEIRO, José Diogo (1927/1934), *Turquel Folclórico (Superstições, Usos e Costumes)*, Esposende, 6 vol.
- RIBEIRO, José Diogo (1930), *Aditamento às Memórias de Turquel*, Braga.
- RIBEIRO, José Diogo (1935), *Turquel (Notícia Histórico-Tópográfica)*, in «Jornal Ecos do Alcoa», número especial, 15 de Agosto, Alcobaça, p. 42.
- RIBEIRO, José Diogo (1941), 2.º *Aditamento às Memórias de Turquel*, Leiria.
- SILVA, Carlos da; SILVA, Alberto Eduardo Nogueira de Alarcão e (1961), *A Região a Oeste da Serra dos Candeeiros. Estudo Económico-Agrícola dos Concelhos de Alcobaça, Nazaré, Caldas de Rainha, Óbidos e Peniche*, Lisboa.
- SPINDLER, Konrad; FERREIRA, Octávio da Veiga (1974), *Das Vorgeschichtliche Fundmaterial aus der Gruta do Carvalhal, Portugal*, in «Madrider Mitteilungen», n.º 15, Madrid, p. 28 a 76.
- TESOUROS DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA (1980), Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa.
- ZBYSZEWSKY, Georges (1943), *Les Eléphants Quaternaires du Portugal*, in «Com. dos Serv. Geol. de Port.», T. 24, Lisboa, p. 71-93.
- ZBYSZEWSKY, Georges; ALMEIDA, F. Moitinho (1960), *Carta Geologica de Portugal na Escala 1/50.000. Notícia Explicativa da folha 26-D Caldas da Rainha*, Lisboa.

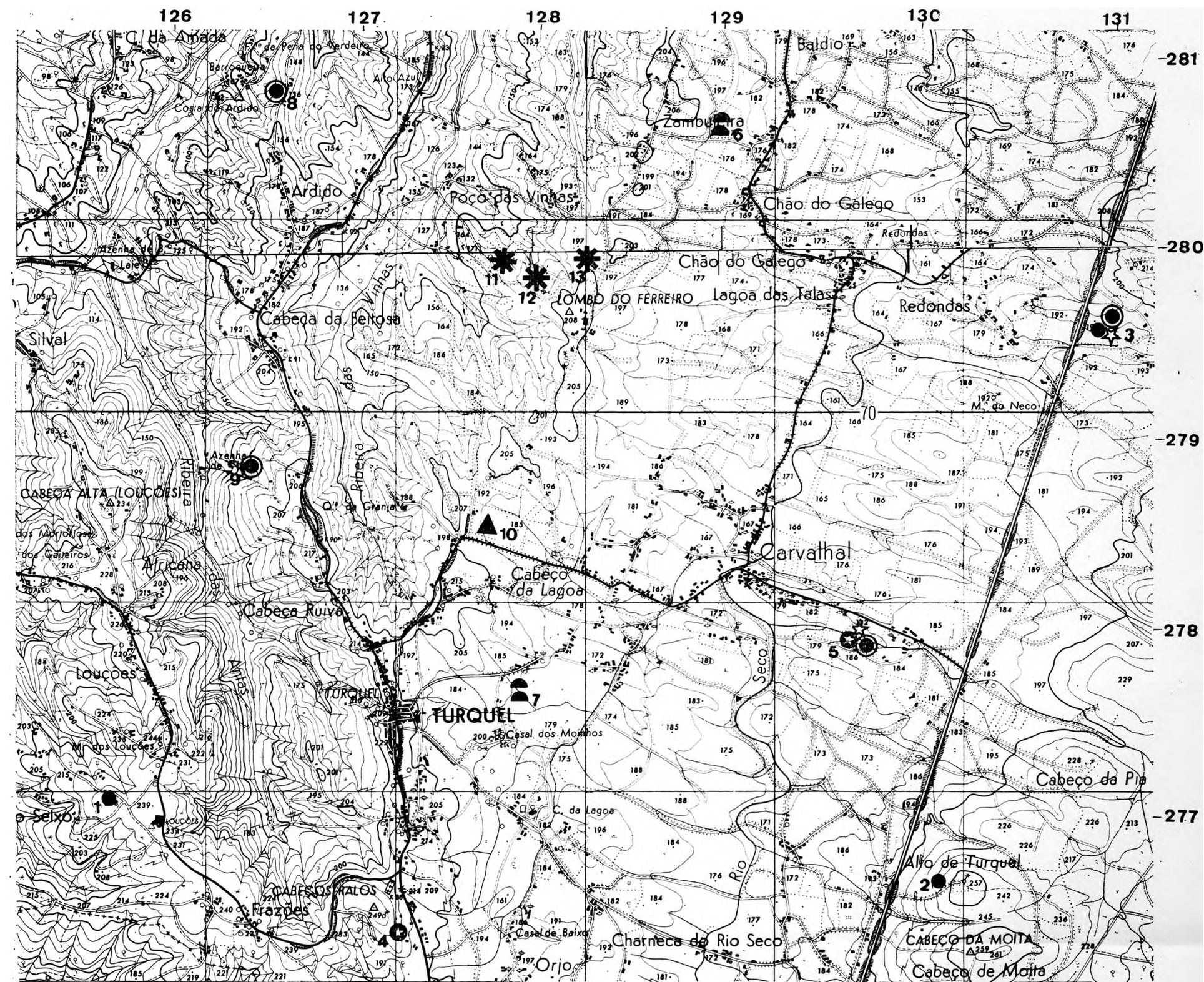


FIG. 1—Localização geográfica das estações referenciadas na C.M.P., esc. 1.25.000

- | | |
|-----------------|---------------------|
| ● - Paleolítico | ⊙ - Idade do Bronze |
| ⊛ - Neolítico | ▲ - Idade do Ferro |
| ● - Megalitismo | ★ - Época Romana |
| ☆ - Calcolítico | |

(Página deixada propositadamente em branco)

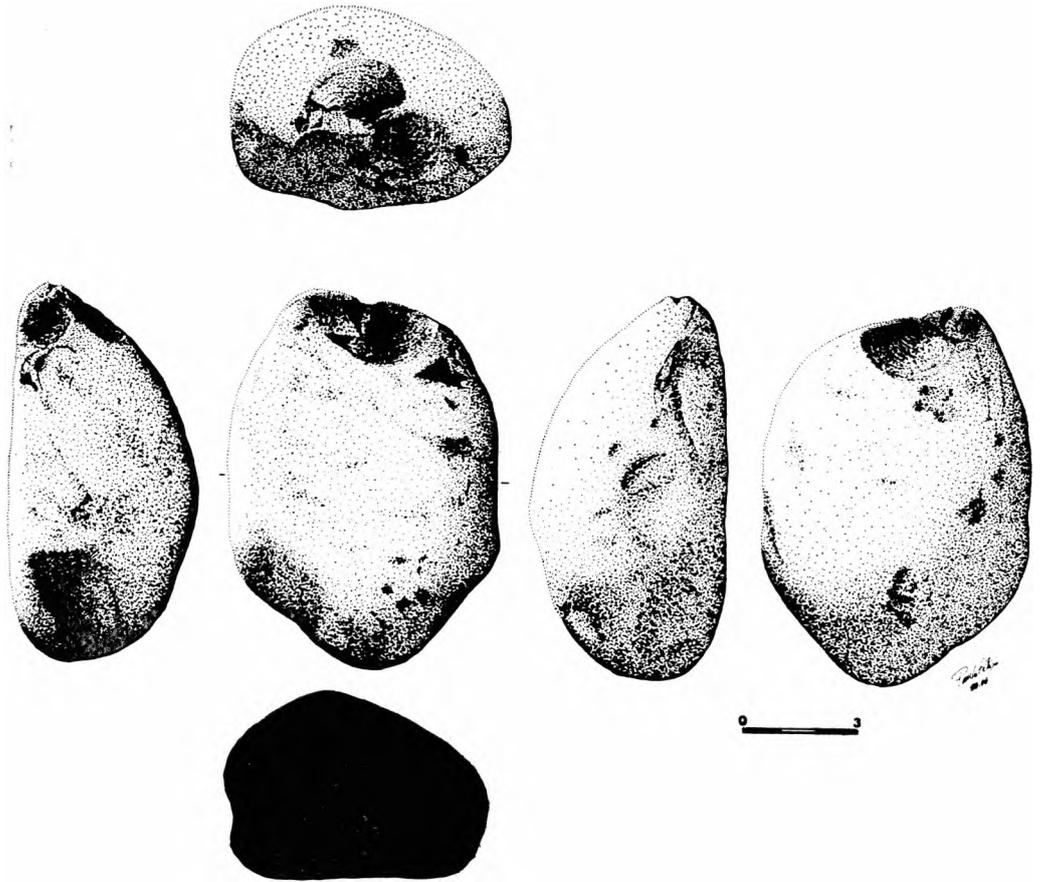


FIG. 2

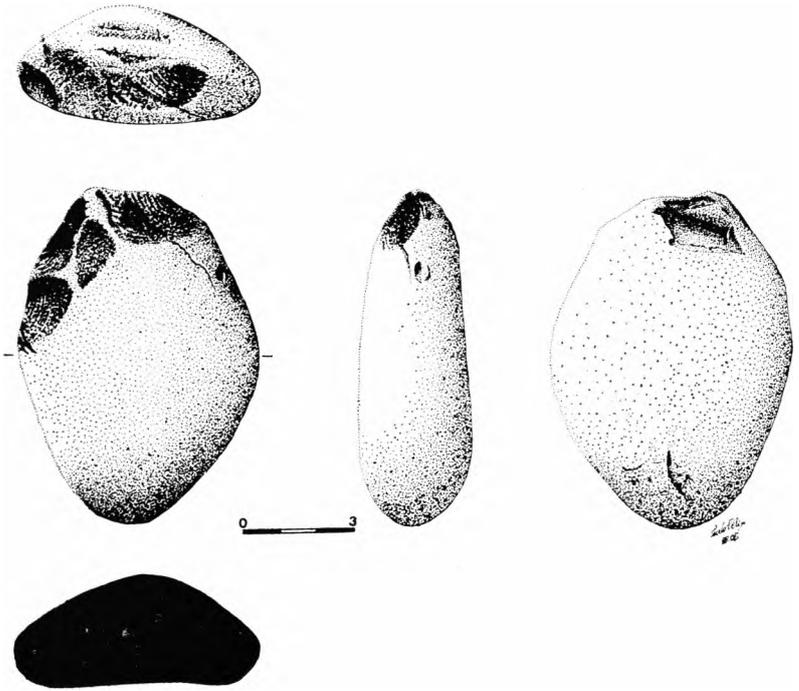


FIG. 5

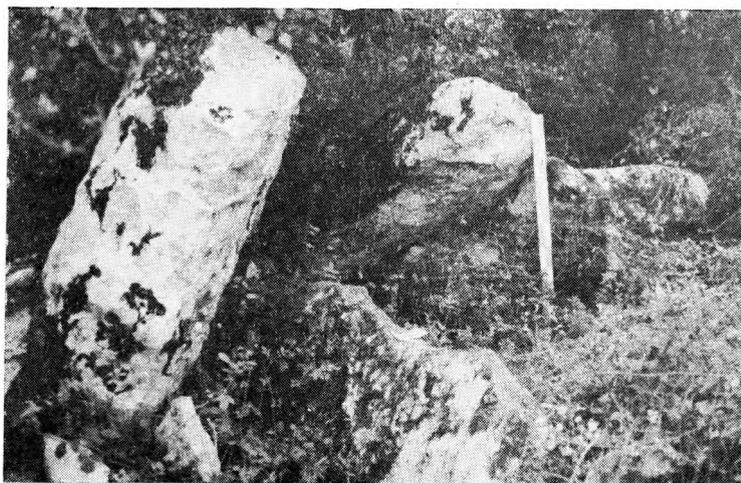
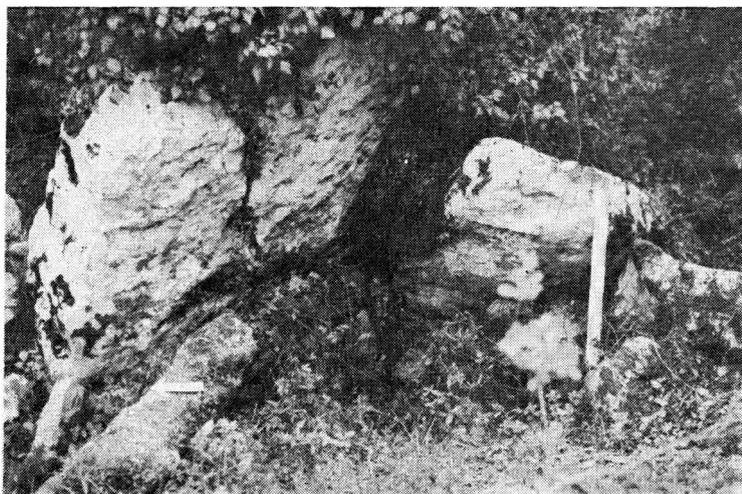


FIG. 4 — Mamoa 1 de Fontes Velas.

4.1 — Vista Este da câmara.

4.2— Vista Sudeste da câmara

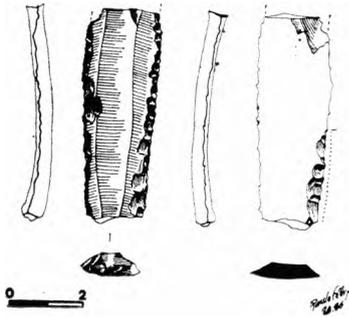
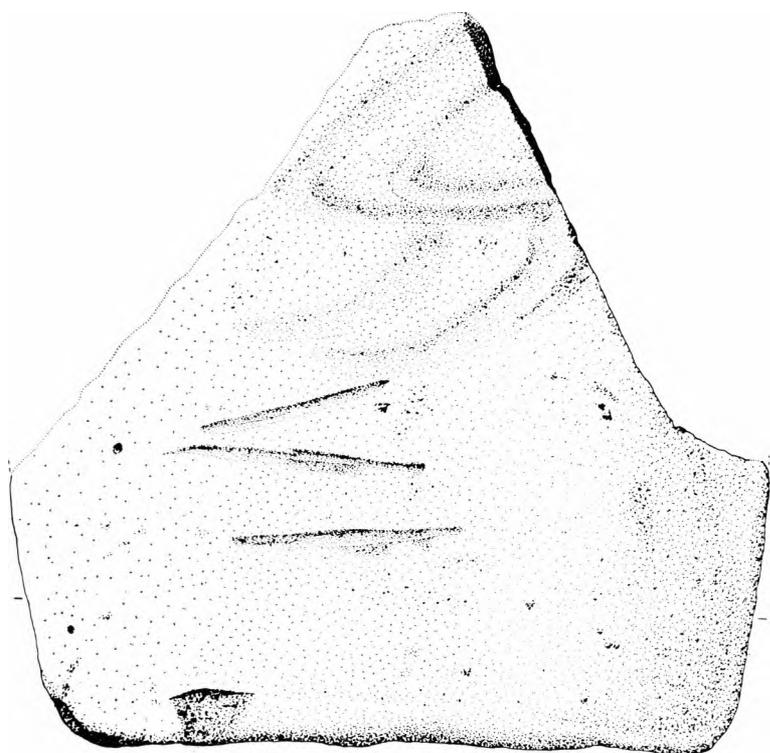


FIG. 5



0 3



FIG. 6

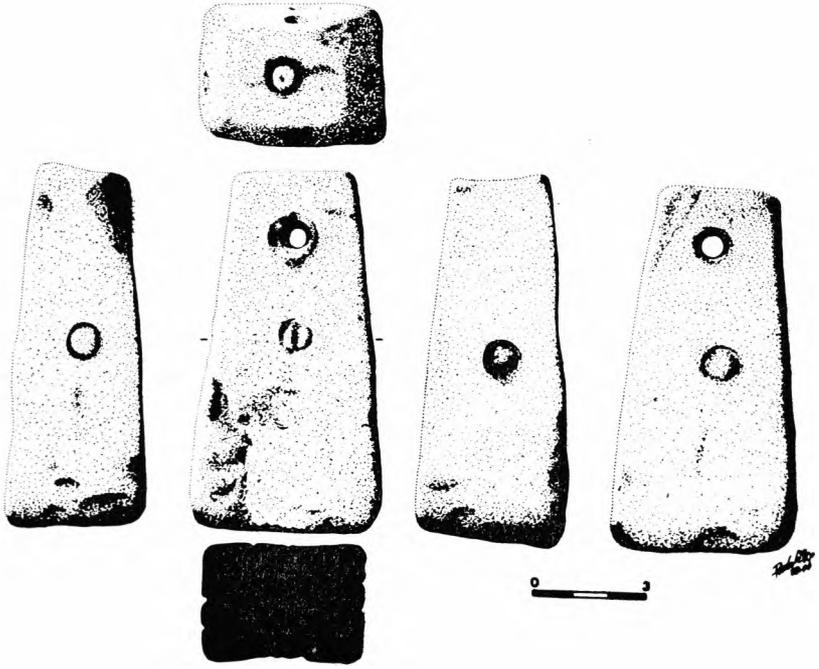


FIG. 7

MORON

Conimbriga, XXVII (1988) 189-201

RESUMO: Devido a escavações arqueológicas no «Alto do Castelo», em Alpiarça, sítio esse designado na bibliografia ou como «oppidum» ou como «fortificação do Bronze Final», ganhou actualidade a questão da localização de «Moron», cidade mencionada exclusivamente por Estrabão. Os autores, com base na sua nova tradução e explicação do antigo texto, consideram superadas as contradições até agora existentes nas diversas interpretações, chegando à conclusão de que com maior probabilidade Moron se situava ou no actual Santarém ou em Ghões de Alpompe, mas não em Alpiarça.

ZUSAMMENFASSUNG: Durch archäologische Ausgrabungen dem «Alto do Castelo» in Alpiarça, einer in der Literatur als «oppidum» bzw. als «spätbronzezeitlich» bezeichneten Wallanlage, ist die alte Frage nach der Lokalisierung der bei Strabo (und nur dort) erwähnten Stadt «Moron» wieder aufgeworfen worden. Widersprüche, die bei den verschiedenen Deutungen durch Schulten, Mendes Corrêa, Alarcão u.a. auftreten, sehen die Autoren mit ihrer neuen Übersetzung und Interpretation des antiken Textes geklärt. Am wahrscheinlichsten ist, daß «Moron» beim heutigen Santarém oder «Chões de Alpompe» liegt, nicht jedoch in Alpiarça.

Strabo 3,3,1 (152¹): δύο δ' ἀναχύσεις ἐν τοῖς ὑπερκειμένοις ποιεῖται πεδίοις, ὅταν αἱ πλῆμαι γένωνται, ὥστε πελαγιζεῖν μὲν ἐπὶ ἑκατὸν καὶ πενήκοντα σταδίους καὶ ποιεῖν πλωτὸν τὸ πεδίον, ἐν δὲ τῇ ἐπάνω ἀναχύσει καὶ νησ<ι>ον ἀπολαμβάνει<ν> ὅσον τριάκοντα σταδίων τό μῆκος, πλάσιος δὲ μικρὸν ἀπολείπον τοῦ μήκους, εὐαλδὲς καὶ εὐάμπελον, κεῖται δ' ἡ νῆσος κατὰ Μόρωνα πῶλιν εὖ κειμένην ἐν ὄρει τοῦ ποταμοῦ πλησίον, ἀφεστῶσαν τῆς ἐκ<εῖ> θαλάττης ὅσον πεντακοσίους σταδίους ἔχουσας, δὲ καὶ χώραν ἀγαθὴν τὴν πέριξ καὶ τοὺς ἀνάπλους εὐπετεῖς μέχρι μὲν πολλοῦ καὶ μεγάλοις σκάφει, τὸ δὲ λοιπὸν τοῖς ποταμίους· καὶ ὑπὲρ τὸν Μόρωνα δ' ἔτι μακρότερος ἀνάπλους ἐστίν, ταύτη δὲ τῇ πόλει Βροῦτος ὁ Καλλαϊκὸς προσαγορευθεὶς ὀρμητηρίῳ χρώμενος ἐπολέμησε πρὸς τοὺς Λυσιτανοὺς καὶ κατέστρεψε τούτους τοὺς δὲ τοῦ ποταμοῦ <ῦ>παῖθροις ἐπεχείρησε καὶ τὴν Ὀλισι <πῶνα ἐτείχισε>ν, ὡς ἂν ἔχοι τοὺς ἀνάπλους ἐλευθέρους καὶ τὰς ἀνακομιδὰς τῶν ἐπιτηδείων, ὥστε καὶ <ἐκ τοῦ>των τῶν περὶ τὸν Τάγον πόλεων αὐταὶ κράτισται, πολὺν γὰρ δ' ὁ ποταμὸς καὶ ὀστρέων πλήρης.

Na altura das cheias, produz dois esteiros, nos baixios interiores, a ponto de formar como que um mar de 150 estádios, de tornar a planície navegável e de isolar, no esteiro superior, uma ilha, de cerca de 30 estádios de extensão e com uma largura um pouco menor, muito fértil e com belas vinhas. Esta ilha situa-se junto da cidade de Móron, que se ergue num monte próximo do rio, a 500 estádios de distância do mar no máximo, e está rodeada por uma região fértil.

A navegação até aí é fácil mesmo a barcos de grande porte numa boa parte do seu trajecto e, no resto, por embarcações de rio. Para cima de Móron a navegação ainda é mais longa.

Brutos, denominado o Galaico, utilizou esta cidade como a base de operações, quando entrou em guerra contra os Lusitanos e os submeteu. Em seguida amuralhou Lisboa, nas margens do rio, para ter livres a navegação e o acesso de víveres. Estas cidades são também as maiores que se encontram junto do Tejo. O rio tem muito peixe e abunda em marisco.

(Trad. JOSÉ RIBEIRO FERREIRA)

¹) *Strabonis Geographica*, ed. W. Aly (1972).

MORON *

Escavações iniciadas recentemente no Alto do Castelo (2), em Alpiarça, conferem novamente actualidade ao confronto entre esta fonte escrita e os contextos arqueológicos, uma vez que este local é mencionado na bibliografia como urna das possíveis localizações da cidade de Moron, citada na texto.

Os outros locais tomados em consideração são Almourol, mais exactamente, Chã Marcos, perto de Almourol, Santarém e Chões de Alpompe (3) (Fig. 1). Neste trabalho pretendemos dar uma visão

* Este trabalho foi publicado em língua alemã, nos «Madrider Mitteilungen», 23, 1984, 92-102. Para a versão portuguesa da nossa leitura do texto grego contamos com a amável colaboração de José Ribeiro Ferreira, do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra, a quem agradecemos o grande empenho que meteu na discussão sobretudo daqueles pontos onde discordámos de outras traduções já publicadas. O texto alemão foi traduzido para português por Fernanda Cordoeiro Voges, Porto. Acréscimos em relação ao texto alemão, que foi entregue para publicação em Janeiro de 1983, encontram-se nas notas 17 e 28.

(2) Ph. KALB-M. HOCK, *Alto do Castelo, Alpiarça, Distrikt Santarém. Vorbericht über die Grabungen 1981*, «Madrider Mitteilungen», 23, 1982, p. 145-151.

(3) Para Almourol vide: A. SCHULTEN, *Forschungen in Spanien 1928-1933*, «Archäologischer Anzeiger», 1933, 530 s.; *idem em: Fontes Hispaniae Antiquae*, IV, 1937, p. 138; *idem, op. cit.*, VI, 1952, p. 198; A. TOVAR, *Iberische Landeskunde*, II (2) 1976, p. 265.

Para Santarém vide: A. A. Mendes CORRÊA, *Moron*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 6, 1934, p. 251-257; *idem, Ribatejanos* (Extractos dos números 37 a 42 do «Boletim da Junta Distrital do Distrito de Santarém»), 1934, p. 12.

Para Chões de Alpompe vide: A. GIRÃO-J. M. Bairrão OLEIRO, *Geografia e campos fortificados romanos*, «Boletim do Centro de Estudos Geográficos», 6/7, 1953, p. 73-80; *Subsídios para o estudo do acampamento romano de Antanho* (J. M. Bairrão OLEIRO), 1958, p. 18; J. ALARCÃO, *Portugal Romano*, 1974, p. 35, 36, 76.

Para o Alto do Castelo: *idem, op. cit.*, 36.

global da abordagem feita até agora sobre este assunto, bem como proceder à sua análise crítica, baseando-nos para tanto nos nossos conhecimentos relativos às investigações arqueológicas e às condições geográficas.

Na bibliografia existente em língua alemã foi A. Schulten quem determinou a localização de Moron. Num dos seus relatos de viagens pela Península Ibérica (4) escreve, sem citar bibliografia: «...Partindo de Lisboa, fui visitar Moron. Segundo Estrabão, Moron ficava situada a 500 estádios (92 km) do mar, perto de uma pequena ilha do Tejo com 35 estádios (5,5 km) de comprimento e quase outro tanto de largura. Na realidade, aproximadamente a 90 km do mar encontra-se a pequena ilha de Almourol, que manifestamente corresponde à designação antiga Moron (acrescentando o artigo árabe), em frente da qual, num monte na margem sul, fica Chã Marcos, um lugar adequado para a cidade de Moron. Schulten refere mais tarde (5) a existência de restos arqueológicos no local. Relativamente à notícia de que a cidade serviu a Brutus como base de operações nas suas guerras contra os Lusitanos, emite a seguinte opinião: «A situação de Moron do outro lado da foz do Zêzere faz lembrar muito a de Castra Vetera frente à via do (rio) Lippe e a de Metellinum, à via de Castra Caecilia» (6).

Já em 1905 Leite de Vasconcelos (7) mencionava a possibilidade de uma relação fonética entre Moron e Almourol = Al-morol, identificando a ilha citada por Estrabão com a de Almourol.

Mendes Corrêa (8), que em 1930 conduziu Schulten de automóvel de Coimbra para Viseu para visitarem a Cava de Viriato (9), e a quem Schulten expôs mais tarde por escrito (10) as suas considerações sobre a localização de Moron, é de opinião diferente. Não

(4) A. Schulten, em «Archäologischer Anzeiger», 1933, p. 530.

(5) *Idem*, em *Fontes Hispaniae Antiquae*, IV, 1937, p. 138; VI, 1952, p. 198.

(6) *Idem*, em «Archäologischer Anzeiger», 1933, p. 533.

(7) J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, II, 1905, p. 24.

(8) A. A. Mendes Corrêa, *Moron*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 6, 1934, p. 251-257.

(9) Schulten, *ob. cit.*, (nota 4), p. 533.

(10) Mendes Corrêa, *ob. cit.*, p. 252.

concorda que a palavra Almourol derive de Moron, baseando-se para isso na opinião do arabista David Lopes. Mas as suas maiores objecções dizem fundamentalmente respeito à situação geográfica: nem os números referidos no texto antigo relativamente à distância da ilha do mar e à sua extensão se aplicam a Almourol, nem se pode constatar a fertilidade do solo e a existência de vinha referidas por Estrabão; finalmente, também não se pode falar em «estuário» ⁽¹¹⁾ do rio na zona de Almourol, como diz Estrabão. Na sua opinião poder-se-ia antes identificar a ilha citada por Estrabão como um dos «mouchões» ⁽¹²⁾ na planície ribatejana e Moron com a actual cidade de Santarém.

Bairrão Oleiro ⁽¹³⁾ fala da necessidade de comprovar a identificação de Moron com Santarém. Num estudo sobre os acampamentos romanos em Portugal, cita Chões de Alpompé como um dos três exemplos que conhece e dá a entender que, com base em achados arqueológicos, especialmente um caco de cerâmica campaniense, se inclina a identificar Moron com Chões.

Esta opinião é partilhada por Zbyszewski e outros ⁽¹⁴⁾, que, baseando-se em trabalhos de campo com vista à elaboração da carta geológica da região, dá a conhecer a existência de achados à superfície e regista no mapa de 1:25 000 os restos de muros visíveis no terreno. Para ele, Chões é a cidade pré-romana Moron, que Brutus Gallaicus conquistou e onde instalou o seu quartel general.

J. de Alarcão ⁽¹⁵⁾ cita a localização defendida por Schulten, mas ele próprio tende a aceitar o acampamento de Brutus em Chões, principalmente porque lá foi encontrada cerâmica republicana do séc. II a. C. (Decimus Iunius Brutus, assim cita ele Estrabão, fortificou Olisipo e estabeleceu um acampamento em Moron).

⁽¹¹⁾ Mendes Corrêa adopta a tradução de Gabriel Pereira (Évora, 1878), em que ocvá^uaiç está traduzido por estuário.

⁽¹²⁾ «Mouchão» — ilha fluvial resultante de sedimentação ; no Ribatejo é topónimo usual. O carácter insular dos mouchões, entretanto assoreados, torna-se evidente em alturas de cheias.

⁽¹³⁾ GIÃO-Bairrão OLEIRO, *ob. cit.* (vide nota 3).

⁽¹⁴⁾ G. ZBYSZEWSKI-O. da Veiga FERREIRA-M. C. SANTOS, *Acerca do campo fortificado de «Chões» de Alpompé (Santarém)*, «O Arqueólogo Português», 3.ª Ser., 2, 1968, p. 49-60.

⁽¹⁵⁾ J. ALARCÃO, *Portugal Romano*, 1974, p. 35, 36, 76.

Alarcão considera que Moron ainda não foi identificada, uma vez que o acompanhamento não se situaria necessariamente na cidade de Moron, mas possivelmente nas suas proximidades. Neste contexto cita «um vasto oppidum ou acampamento, de aprox. 30 ha., acima de Alpiarça» que poderia ter sido Moron. Refere-se, deste modo, à fortificação do Alto do Castelo, na margem sul do Tejo.

A. Tovar ⁽¹⁶⁾, em 1976, baseia-se em Schulten, afastando-se, no entanto, dele, ao situar Moron na própria ilha: «A jusante... fica a ilha de Almourol, no Tejo, mencionada como *nokiç*, Μόρνυ aquando da campanha de Brutus Gallaicus». Tovar menciona também a opinião de Alarcão, sem analisar a sua contradição com a teoria de Schulten. Com isto damos por abrangida a bibliografia mais importante sobre Moron ⁽¹⁷⁾.

Começamos a nossa análise crítica pelo trabalho citado em último lugar, que retoma a teoria da única versão em língua alemã, a qual é simultaneamente a mais antiga e, como veremos, a mais facilmente refutável. Quando Tovar identifica a ilha de Almourol com Moron, entra em clara contradição com o texto de Estrabão, em que ilha e cidade são mencionadas como lugares distintos: a ilha perto da cidade de Moron e esta num alto perto do rio.

Schulten, neste ponto, coincide com o texto antigo: localiza Moron num planalto na proximidade do rio, no qual fica a ilha ⁽¹⁸⁾.

⁽¹⁶⁾ A. TOVAR, *Iberische Landeskunde* II (2), 1976, p. 265...

⁽¹⁷⁾ Poder-se-ia acrescentar A. GARCIA y BELLIDO, *España y los Españoles hace dos mil anos segunda a Geografia de Strábon*, 1945, p. 120-123. Entretanto, chegaram às nossas mãos dois trabalhos mais recentes que, no entanto, para a problemática por nós abordada não trazem alterações: J. M. GARCIA, *Em torno de Scallabis*, em: *Santarém — A Cidade e os Homens*, Junta Distrital de Santarém 1977 p. 67-77 (que nos passara despercebido) e A. Dias DIÓGO, *A propósito de «Moron». Estudo de alguns documentos provenientes dos Chões de Alpompe [Santarém]*, «Clio» — (Revistado Centro de História da Universidade de Lisboa), 4, 1982, p. 147-154 (saída, de facto, em fins de 1985). — Quanto ao parágrafo em que Tovar fala em Moron, tinha-nos escapado um equívoco na localização de Almourol, que não fica, como indica Tovar, «flussabwärts» (a jusante) de Santarém, mas sim «flussaufwärts» (a montante) desta cidade.

⁽¹⁸⁾ *Idem* em *Paulys Realencyclopaedie der Klassischen Altertumswissenschaften*, 16, 1 (1933), p. 312, onde, por erro tipográfico, es lê «Abmour» em vez de «Almourol».

Noutros pontos, pelo contrário, afasta-se nitidamente do texto, para o que o próprio Schulten em parte chama a atenção: «Mas a ilha... só tem hoje 250 m de comprimento e 80 m de largura e nunca deve ter sido muito maior, pelo menos, muito mais larga, porque o Tejo neste ponto só tem 250 m de largura, devendo, portanto, os números citados por Estrabão estar incorrectos» (19).

Todavia, para afastar as contradições detectáveis na sua teoria, Schulten não só teria de considerar errados os dados relativos à superfície da ilha, como também os da distância da ilha e da cidade do mar e a descrição da ilha e da situação da cidade e seus arredores.

Como demonstrou Mendes Corrêa, em 1934, e como facilmente se pode verificar pelo mapa, Almourol e Chã Marcos não ficam a 90 km do mar, mas a 124 km. aprox. São igualmente convincentes as objecções que Mendes Corrêa faz relativamente aos outros pontos citados: Almourol não fica situada num estuário (év ζευacuasi), como refere o texto, mas num vale estreito (Fig. 2 e (Foto 1) e não é fértil e própria para ser cultivada com vinha (εὐαX§èç xal suá[A7rsXov), mas rochosa e coberta de vegetação rasteira. Olhando para o mapa de utilização dos solos (20) também se pode ver que a região de Chã Marcos só tem solos de má qualidade. Schulten refere-se em 1952 (21) a restos arqueológicos em Chã Marcos, sem entrar em pormenores. Limita-se a remeter para o seu relatório de 1933, onde não se faz qualquer referência a achados ou estudos arqueológicos. Nós próprios já visitámos várias vezes o local sem ter podido descobrir quaisquer elementos que nos permitissem deduzir a existência de uma povoação. Também da bibliografia em português e das monografias locais não obtivemos quaisquer indicações nesse sentido. Portanto, do ponto de vista arqueológico, Schulten não tinha razões plausíveis para localizar Moron em Chã Marcos, tendo, para tanto, de declarar falsos os números apresentados por Estrabão.

(19) SCHULTEN, *ob. cit.* (vide nota 4), p. 533.

(20) *Carta de Capacidade de Uso do Solo*, folha 27-D, 1972.

(21) *Fontes Hispaniae Antiquae*, IY, 1937, p. 138, *Fontes Hispaniae Antiquae*, VI, 1952, p. 198.

Partindo do princípio que os números de Estrabão estão correctos, deve-se localizar Moron na região de Santarém e Alpiarça. 500 estádios são 88 km, 92,5 km ou 96,15 km, consoante a medida de estádio que se tome por base; 30 estádios, o comprimento da ilha, correspondem a 5,3 km, 5,5 km ou 5,7 km. Que os 500 estádios foram contados a partir da foz do Tejo nas águas do Atlântico e não a partir do Mar da Palha, depreende-se do próprio texto (τ&v Trseπί τὸν Τάυον τῶΧ&cov); quer dizer, para Estrabão, Olisipo fica nas margens do rio e não à beira-mar.

A planície entre Santarém e Alpiarça (Foto 2) é fértil e ainda hoje cultivada com vinha, exactamente como Estrabão descreve e ilha e a região da cidade. Quando há cheias, os antigos braços de rio, ainda hoje bem assinaláveis no terreno, enchem-se e formam ilhas que atingem a superfície da ilha referida por Estrabão (22). Soa quase como uma explicação deste facto quando se lê em Estrabão: οῖοcν αἰ τῖΧvϋfϋiαι ysvooνTat,... vyjaiov dTuoXa(Jibavsiv ou seja, não se diz como traduziram Schulten e outros, que existe uma ilha no rio, mas que, sempre que há cheias, estas formam uma ilha(23). O «Mouchão do Inglês» ainda hoje é um bom exemplo desse fenómeno. Aparece já assinalado no mapa mais antigo do vale do Tejo de 1840/1850 (24), no mapa 1:100 000 de 1866 (25), representado na Fig. 3, e em todos os mapas publicados a partir dessa data. Durante as cheias emerge uma ilha que, consoante o nível destas, apresenta um comprimento um pouco superior a 5 km. Embora não possamos provar que ela existiu da mesma forma no tempo dos Romanos, a verdade é que podemos supor que também nessa época se formavam ilhas semelhantes durante as cheias, as quais ocorriam anualmente, antes de as barragens modernas terem quebrado esta regularidade.

(22) Durante as escavações por nós efectuadas no Cabeço da Bruxa 1979 («Madrider Mitteilungen», 21, 1980, p. 91 s.) tivemos oportunidade de presenciar as cheias. A campina entre Santarém e Alpiarça era um autêntico lago, donde emergiam algumas ilhas.

(23) αἰ τῖΧfϋjϋiαι não significa necessariamente «maré», como aparece er todas as traduções que conhecemos, mas também pode significar «cheia».

(24) *Planta do Rio Tejo*, de J. M. Júlio Guerra, Folha 6, 1:20000.

(25) Folha 20, publicada em 1866, da Carta 1:100.000 (Carta de Filipe Folque).

Não restam dúvidas, portanto, que Mendes Corrêa faz uma melhor interpretação do texto de Estrabão do que Schulten. Os seus argumentos são concludentes: o que Estrabão diz sobre a localização de Moron aplica-se a Santarém. A única objecção que se pode fazer é que geralmente Santarém é identificada com a antiga Scallabis, o que parece não ser inteiramente seguro ⁽²⁶⁾. Para provar a sua teoria, Mendes Corrêa não refere quaisquer fontes arqueológicas. Entretanto, escavações feitas na Alcáçova de Santarém puseram a descoberto material pré-histórico e romano ^(27"28).

Bairrão Oleiro, que localiza Moron em Chões, não se baseia directamente no texto de Estrabão. Aceita a teoria de Mendes Corrêa e parte do princípio, com razão, que ela tanto é válida para Santarém como para Chões. Contudo, entra em contradição ao identificar Moron com um local que ele próprio, baseando-se em trabalhos arqueológicos, classifica de acampamento romano. A este respeito chega a formular a opinião de que a configuração de Chões poderia primitivamente ter tido a forma rectangular como o acampamento de Antanhol⁽²⁹⁾, tendo possivelmente adquirido a forma actual devido à erosão (desde tempos romanos). Ora isso não está correcto: basta consultar o mapa da autoria de Zbyszewski e outros para verificar que os restos de muralha assinalados têm tudo menos a forma rectangular (Fig. 4).

No local pudemos certificar-nos pessoalmente que este mapa de uma maneira geral, está correcto, embora os restos das muralhas tenham sido fortemente danificados pela plantação de eucaliptos. E quando Zbyszewski e seus colaboradores concordam com a classificação de acampamento romano dado por Girão e Bairrão Oleiro, isso já não é uma conclusão lógica daquilo que eles próprios

⁽²⁶⁾ ALARCÃO, *ob. cit.*, p. 76.

⁽²⁷⁾ Notícia do jornal «O Dia» de 2-11-1979.

⁽²⁸⁾ Entretanto foram publicados: A. M. Dias **DIAGO**, *O material romano da 1.ª campanha de escavações na Alcáçova de Santarém*, «Conimbriga», 23 1984, p. 111-141. A. M. **ARRUDA** e H. **CATARINO**, *Cerâmica da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém*, «Clio» (Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa), 4, 1982 (saída efectiva: 1985).

⁽²⁹⁾ *Subsídios para o estudo do acampamento romano de Antanhol* (**J. M. Bairrão OLEIRO**, 1958, p. 18).

observaram. Aliás, são eles os primeiros a chamar a atenção para o facto de Antanol, o melhor ponto de comparação, apresentar uma forma muito mais regular. Datando uma parte dos achados, entre os quais o caco de cerâmica campaniense já citado, do séc. IV a. G. ⁽³⁰⁾, interpretam Estrabão no sentido da existência de uma cidade *pré-romana* com o nome de Moron, a qual foi comprovadamente conquistada por Brutus Gallaicus, que lá estabeleceu o seu quartel general. Todavia, Estrabão não diz nada quanto à cidade de Moron, nem que foi conquistada por Brutus, o que, aliás, até será bem provável ⁽³¹⁾.

Também Alarcão se afasta do texto antigo num ponto fundamental: escreve ele que em Estrabão se pode ler que Brutus fortificou Olisipo e assentou um acampamento em Moron. E tece algumas considerações no sentido de este acampamento não se ter situado forçosamente na cidade de Moron, podendo-se identificar Ghões com o acampamento de Brutus e Moron com o Alto do Castelo, situado nas proximidades. Todavia, em Estrabão nada se diz de um acampamento que tenha sido estabelecido por Brutus. O que o texto diz é que Brutus, utilizando a cidade de Moron como base das operações (ὄππ/γ/ΤΤ/πίο) ^πκόπ/ε/ο/ç), comandou a guerra contra os Lusitanos. Pensar que Brutus possa ter estabelecido um acampamento em Moron é lícito, mas há uma diferença, se a informação é dada expressamente pela fonte escrita, como considera Alarcão, ou se são considerações de carácter geral que nos levam a concluir que tenha podido existir um tal acampamento.

No nosso primeiro relatório acerca das primeiras campanhas de escavações no Alto do Castelo ⁽³²⁾ baseámo-nos precipitadamente e sem espírito crítico na interpretação de Estrabão publicada por Alarcão, tendo acrescentado uma outra variante para a localização

⁽³⁰⁾ Não é claro como os autores chegaram a esta data. Para datar a cerâmica campaniense em Portugal, vide M. DELGADO, *Cerâmica campaniense em Portugal*, em «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», Coimbra 1970, 1971, p. 403-420.

⁽³¹⁾ Pelo contrário, o que se diz é que ele atacou as regiões não fortificadas (ί>7raí0§oiç).

⁽³²⁾ KALB-HÖCK, *op. cit.* (vide nota 2).

de Moron e do acampamento de Brutus: aventámos a hipótese de identificar Moron com o núcleo pré-histórico do Alto do Castelo, tendo sido Brutus quem possivelmente acrescentou as muralhas exteriores. Só pudemos chegar a esta conclusão porque não tínhamos lido o texto original e porque não tínhamos tomado conhecimento da confusão que existia na bibliografia resultante de, por um lado, A. Girão e J. M. Bairrão Oleiro terem afirmado, com bases arqueológicas, que Chões era um acampamento romano e, por outro, Bairrão Oleiro ter afirmado, com base na fonte escrita, que o local podia ser identificado com a cidade de Moron. Nós, como os restantes autores, tentámos instintivamente solucionar a contradição Moron = cidade/Moron = acampamento de Brutus, sem ter em devida consideração, o conteúdo do texto antigo. Pela sua configuração e localização, o Alto do Castelo pareceu-nos corresponder melhor a um acampamento romano do que Chões (Fig. 4).

Continuamos a considerar a muralha exterior do Alto do Castelo como um acampamento romano, mas, como vimes, não necessariamente atribuível a Brutus, não se podendo de forma alguma relacioná-lo directamente com uma fonte escrita, como inicialmente nos pareceu.

No que se refere à cidade de Moron, o texto não nos diz em qual das margens se situava. Partindo da indicação que estava situada num monte (êv *opzi*), interessam-nos mais Santarém e Chões do que o Alto do Castelo: Santarém fica a cerca de 95 m acima do nível do Tejo, Chões a 80 m e mesmo o cume que liga o planalto de Chões com a serra a ocidente situa-se 40 m mais abaixo. Ficando Santarém por cima do rio e Chões um pouco mais afastado, trata-se de um argumento a favor de Santarém, mas na Antiguidade não deve ter sido forçosamente assim. Chões situa-se hoje em dia sobre o Alviela, um afluente do Tejo, distante apenas 2 km aprox. do próprio Tejo. O mesmo se aplica ao Alto do Castelo, que fica situado a menos de 3 km do Tejo, directamente sobre a Vala de Alpiarça, igualmente um afluente do mesmo rio. Só que não se pode considerar o Alto do Castelo um monte. Estrabão não nos diz o que entende por *opoç*, mas achamos pouco provável que ele aplicasse esse termo ao Alto do Castelo : o seu ponto mais alto fica a cerca de 20 m acima do vale, mas a parte ocidental

somente a 5 m. O terreno extra-muralhas eleva-se para sudeste e, visto daqui, tem-se a impressão que o Alto do Castelo é uma colina plana, em parte coberta pela muralha. Visto do rio, só dificilmente se divisa, enquanto Santarém e Chões dão imediatamente nas vistas.

O material arqueológico no actual estágio de investigação ainda não fornece elementos imediatamente utilizáveis: no Alto do Castelo foi encontrado material pré-romano e romano, nomeadamente ânforas do séc. n a. C., e restos de cerâmica que nos permitem afirmar que foi habitado até ao séc. i d. C. Não conhecemos o material de Santarém, mas, pelo que nos consta, também é pré-romano e romano. Em Chões nunca se fizeram escavações, mas à superfície são notórios restos de ânforas campanienses do séc. n a. C. ⁽³³⁾. Não parece deslocado recordarmos novamente o texto de Estrabão: Brutus utiliza a cidade de Moron como base de operações. Os restos de ânforas poderiam ser uma indicação arqueológica a este respeito, principalmente se conjugadas com a notícia de que Brutus fortificou Olisipo para assegurar o abastecimento rio acima. Uma vez que não se diz que Brutus fortificou Moron, mas apenas que Moron e Olisipo eram as principais cidades à beira Tejo, pode-se pensar que Moron já era fortificada. As muralhas de Chões correspondem em tamanho e forma a outras que se conhecem de outros povoados indígenas fortificados na época pré-romana. Permanece, no entanto, uma certa insegurança: se Santarém não for Scallabis, existe a mesma probabilidade de Chões poder ter sido Moron. Só posteriores escavações em Santarém e Chões nos poderiam elucidar.

Resumindo: mais uma vez fica demonstrado que é difícil relacionar as fontes escritas antigas com contextos arqueológicos, quando essas fontes não são explícitas. Como este exemplo e também o nosso próprio trabalho de 1982 demonstram, é grande a tentação, e portanto o perigo, de se fazerem afirmações preci-

⁽³³⁾ Informação gentilmente dada por J. Wahl, aquando da sua visita a Chões no Outono de 1982.

(Página deixada propositadamente em branco)

pitadas. Em qualquer dos casos, é importante recorrer directamente ao texto, sem confiar em traduções superficiais ou interpretações que, arrastadas através da história da investigação, são afastadas dos dados em que se baseiam em princípio e, afinal, são erradas ou pouco certas.

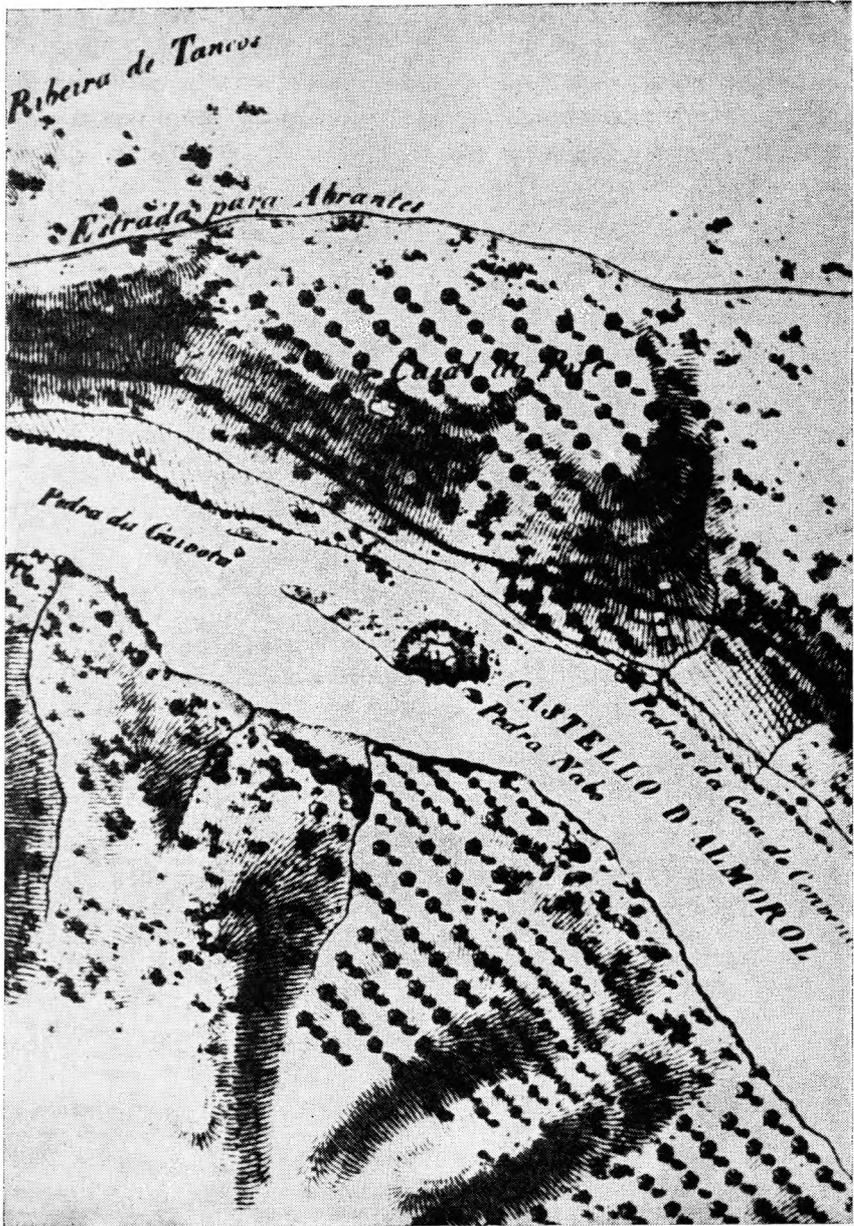


FIG. 2 — Situação da Ilha de Almourol. Reprodução parcial da Planta do Rio Tejo, J. M. Júlio GUERRA, Folha 6, não orientada para Norte, aqui ampliada para 1:10.000.

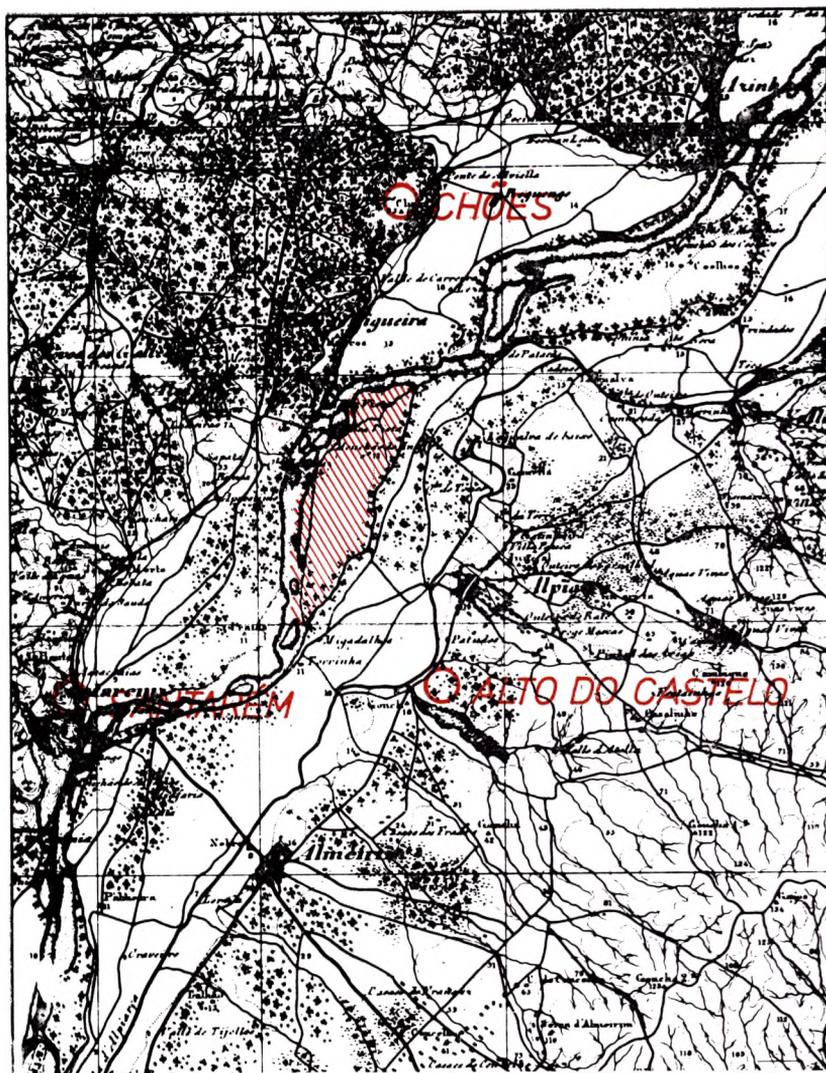


FIG. 3 — Situação de Santarém, Chões de Alompé e Alto do Castelo em relação ao «Mouchão do Inglês». Reprodução parcial da Carta 1:100.000 (Carta de Filipe Folque), Folha 20, 1866, aqui reduzida para 1:125.000.

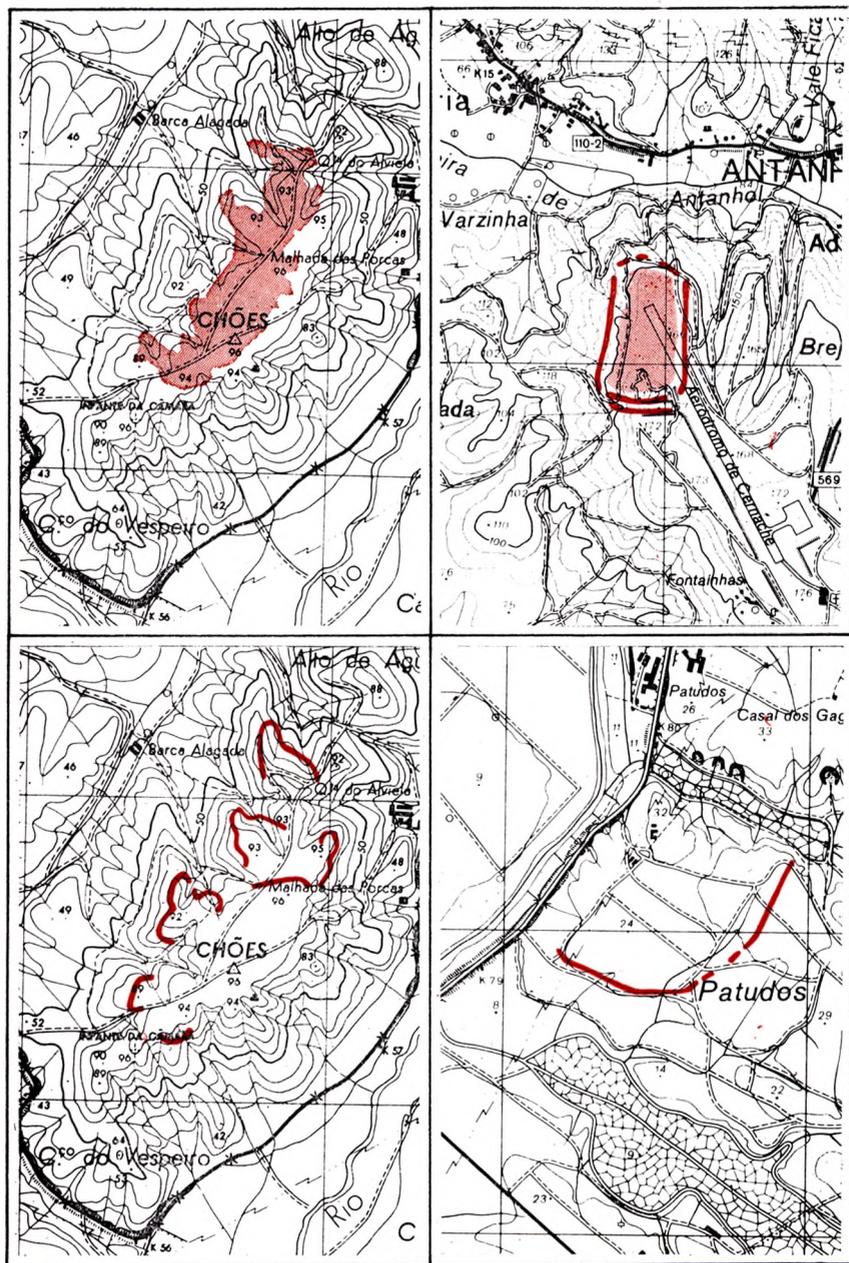


FIG. 4 — Fortificações das diversas estações, marcadas sobre reproduções parciais das folhas 341, 1969; 241, 1947; 353, 1972. a) Chões de Alpompé, seg. Girão e Bairrão Oleiro; b) Chões de Alpompé, seg. Zbyszewski et al.; c) Antanho, sg. *Subsidios...* (v. nota 3); d) Alto do Castelo.

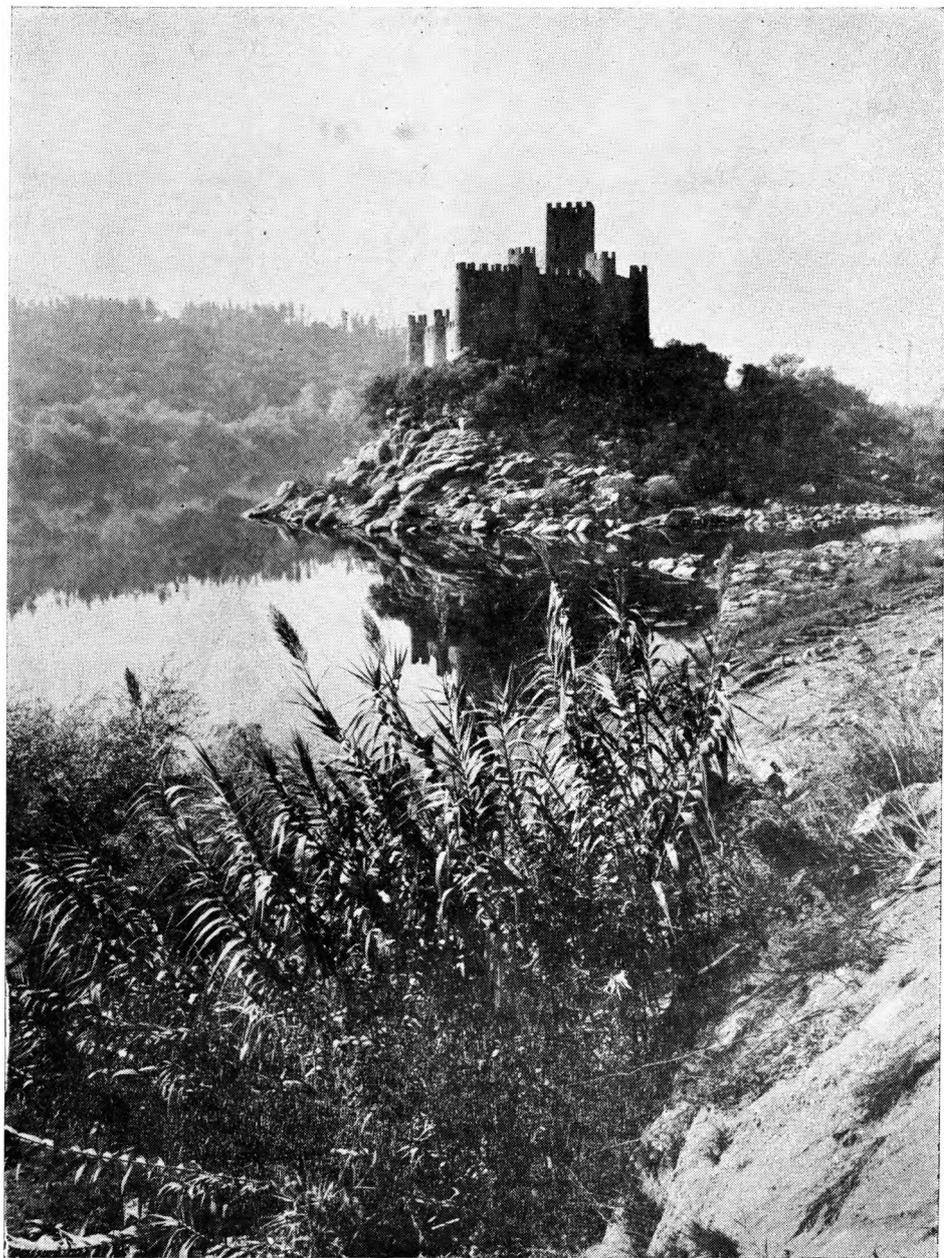


ФОТО 1—Алмурол. Негативо DAI Madrid R 161-82-11. Фото: Peter Witte.

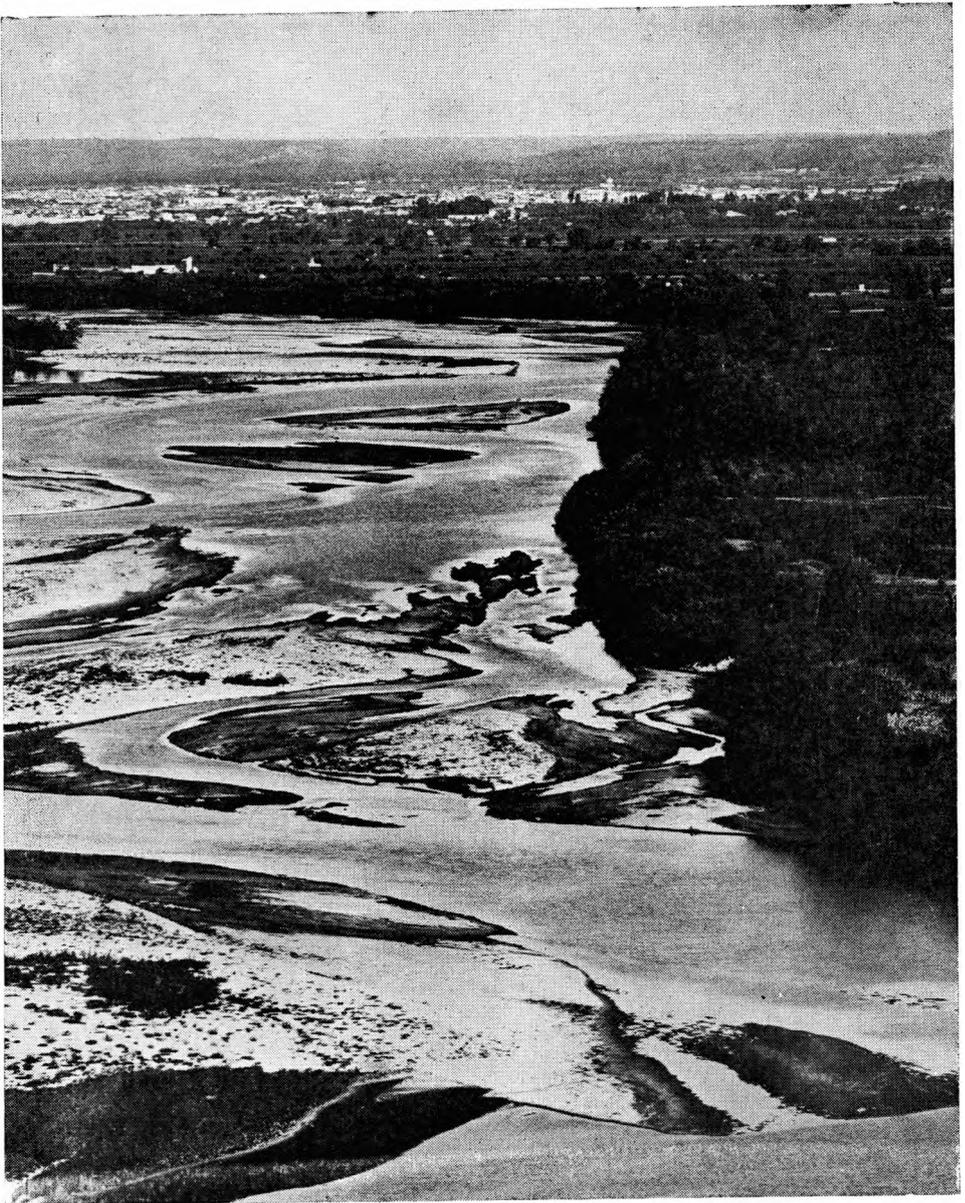


Foto 2 — A planície do Tejo vista de Santarém. Negativo DAI Madrid R
160-82-14. Foto: Peter Witte.

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

(Página deixada propositadamente em branco)

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

Jeannette U. Smit NOLEN — *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*, Lisboa, 1985; 259 p., 58 estampas, 34 fotografias (preto e branco) + 16 fotografias (cores).

Com a presente obra, o Conselho Administrativo da Casa de Bragança alarga o seu importante leque editorial à Arqueologia, um tema que apaixonou a «Sereníssima Casa» desde o séc. XVI e, muito especialmente, os últimos monarcas — como nos recorda o actual Presidente na apresentação do livro.

Limitações diversas, entre as quais sobressaíam a falta de condições materiais e apoio académico, conduziram a alguma dispersão do espólio das necrópoles que Abel Viana e António D. de Deus escavaram nas décadas de 40 e 50, na região de Eivas. As mesmas razões explicam que o tratamento dado aos objectos (incluindo a publicação) não tenha sido tão cuidado como o trabalho de escavação.

Quando, em 1959, procurava ajudá-lo a reconstituir os conjuntos de cada sepultura e, já então, desanimava, A. Viana—infatigavelmente optimista e bondoso — aconselhava-me a prosseguir, «que os erros desfazem-se sempre e são condição de progresso».

O estudo que J. Nolen acaba de trazer a público comprova, pela abundância e honestidade das provas aduzidas, que houve confusões e perdas de informação irreparáveis, as quais limitam o valor do documento arqueológico, tanto como o da investigação sobre ele feita. Não fora a necessidade de esgotar as tentativas para classificar e datar cada uma das formas de cerâmica comum que chegaram até nós, desligadas do contexto original ou hesitantemente identificadas, as pacientes buscas de paralelos que a A. somou, ao longo de 130 páginas, revelar-se-iam um exercício inútil. Mas ela sabe justificar-se e mostrar o cuidado com que devem considerar-se os paralelos formais; entre outros comentários, são particularmente importantes os que apresenta nas p. 141-156 e 159-169.

O carácter local ou regional da quase totalidade das cerâmicas comuns de qualquer época é hoje uma verdade que não pode ser negligenciada pelos arqueólogos. Isto implica o recurso indispensável ao «laboratório» e um conhecimento aprofundado, por parte do arqueólogo, das capacidades e

limitações de cada meio específico de observação e análise das argilas e pastas cerâmicas, a fim de saber dialogar com o analista; por outro lado, exige-se-lhe suficiente experiência de observação macroscópica de pastas e tipos de acabamento para saber propor grupos e correlações.

Nas catorze páginas que dedica à caracterização das pastas, J. Nolen dá-mos conta de saber suscitar esse diálogo e faz-nos lamentar que não tenha podido dispor de maiores facilidades laboratoriais. Apesar das limitações para que somos advertidos, a observação macroscópica, combinada (e alicerçada) com o exame de lâmina delgada, conduziu a excelentes resultados e deverá tornar-se obrigatória.

Correcta é a posição da A. ao tomar a proposta tipológica apresentada para as cerâmicas da necrópole de Santo André, Montargil (1981), como base de classificação para as cerâmicas da área de Vila Viçosa-Elvas, certa de que os resultados assim obtidos se tornarão menos provisórios e mais dignos de confiança, à medida que forem sendo confrontados com novos achados no solo alentejano. Consequentemente, parece-nos acertado apresentar a colecção por categorias funcionais: a comparação com formas e designações actuais é um recurso inevitável e por toda a parte aceite; no entanto, certas distinções são pouco convincentes: é o caso das malgas, tijelas e taças (p. 93).

À luz do conhecimento directo que fui adquirindo das diversas produções de cerâmicas comuns romanas encontradas no nosso território e na zona de Mérida, julgo interessante e provável a pista sugerida (p. 30) para a proveniência de certos tipos de bilhas, «vasos afins» e púcaros com pasta estranha aos fabricos até agora identificados como oriundos da zona alentejana mas muito semelhantes aos vasos de «paredes finas», típicos da área emeritense, e que F. Mayet propõe terem sido ali fabricados. Dignas de serem retomadas, em futuros estudos, são as hipóteses formuladas a propósito do «engobe vermelho» que cobre certos vasos muito frequentes em Montargil. Acautele-se, porém, o leitor menos prevenido para que, ao ler (p. 31) «isto reforça a hipótese de este engobe tão típico ser de origem alentejana», deve ter em conta que a A. se refere ao aspecto particular (cor, espessura, brilho, aderência) do engobe vermelho que se encontra nas produções locais dadas a conhecer por estas necrópoles e não à origem do «engobe vermelho» da generalidade dos vasos romanos, encontrados no nosso País, o qual radica nos populares pratos (próprios para cozinhados que tendem a «pegar» como a *pala juliana* e as *placentae*) que aromanização divulgou por todas as províncias. O que é curioso é ser esta produção — tão frequente na necrópole de Montargil (segundo a A., 26% dos vasos de cerâmica comum) — a imitação que mais se aproxima (pela cor e espessura do engobe e pelo aspecto geral da pasta) da produção itálica dos séculos I a. e d.G.

A afirmação de que este engobe «era a maneira habitual para acabar as peças mais requintadas» (p. 32 e 102) deve ser tomada com prudência, dada a aptidão de tal forma de acabamento para impermeabilizar as paredes do vaso.

Ao olhar alguns perfis das estampas XXXIV-XXXVI, fica-se impressionado pela sua semelhança com idênticas formas bem conhecidas na segunda Idade do Ferro. Aliás, nesse sentido apontam os furos de suspensão e o que a A. nos diz sobre algumas pastas «não classificáveis» (p. 26 e 27); não será por acaso

que o vaso 549 que eia claramente situa na I. do F. tenha a mesma pasta da tijela 366 que coloca entre as produções romanas (p. 26), não sem dizer (p. 99) que esta será, talvez, a peça mais antiga do grupo. A sua fidelidade à busca sistemática de paralelos traiu, por vezes, a sua habitual prudência, levando-a a privilegiar a semelhança com perfis de época romana adiantada, a qual não passa, segundo creio, de mera coincidência (veja-se os n.ºs 341, 348, 349, 362 a 366) ; o argumento que explicitamente (p. 99) invoca, a forma e altura do pé como base de classificação tipológica, parece frágil; mais ainda quando se pressente que também foi utilizado como critério cronológico, remetendo para uma época dois séculos mais tarde o que poderá caber nos sécs. n ou i a.c. (atente-se no pé dos n.ºs 352 e 366, p. ex.), facilmente reconhecível em pratos de cerâmica campaniense ou t. s. itálica. Aliás, em comunicação pessoal, J. Nolen apontou-me — como preferíveis paralelos para os n.ºs 362 e 366 — respectivamente, as formas Lamboglia 24 e 8 das produções campanienses. A peça 341, que julga romana, poderá corresponder — segundo a sua própria observação — à que, num desenho de A. Viana, tapa um vaso de cerâmica «ibérica». Olhando somente o perfil, inclino-me para uma datação pré-romana.

Estas e outras observações que a leitura atenta do livro sugere (mas não aponto para não alongar mais a recensão) são a prova acabada de que nem a experiência, nem a argúcia, nem o cuidado do especialista podem substituir a evidência que a alteração de um «depósito» selado — como é um conjunto funerário — destruiu. Por outro lado, como se lê (p. 19) na introdução ao estudo das pastas, a A. não pôde dispor do apoio laboratorial suficiente para evitar certas dúvidas e indecisões ou mesmo prováveis erros para que amiúde honestamente adverte (p. ex., p. 114).

Embora me pareça que J. Nolen vai, por vezes, longe demais na aproximação de perfis (p. ex., forma 3e, p. 97) ou na justificação de certas formas (p. ex., 373, 374, p. 101) é para admirar a perseverança metódica com que trata todo o material e o conjunto das informações recolhidas.

Nas múltiplas referências remissivas, apenas encontrei um erro (p. 99, nona linha, deve ler-se 354) o que mostra o cuidado da A. Uma série de bons quadros recapitulativos e excelente documentação gráfica contribuem para o êxito desta obra.

Apenas um senão, a contrariar o esforço da autora e do editor: a qualidade do papel que desvaloriza a publicação e muito prejudica as fotografias a preto e branco, e o erro de escala da estampa LVIII (devendo ler-se 2:3). Coisas menores, uma obra que se apresenta, a vários títulos, como exemplo a seguir.

A. MOUTINHO ALARCÃO

- G. FABRE; M. MAYER; I. RODA, *Inscriptions Romaines de Catalogne: I. Barcelone (sauf Barcino)*, Diffusion De Boccard, Paris, 1984, 250 pages -f- pl. LXVIII; *IL Lérida*, ibidem, 1985, 176 pages + pl. LVIL Publications du Centre Pierre Paris, volumes 13 et 15 (= volumes 22 et 28 de la Collection de la Maison des Pays Ibériques).

A grande utilidade destes dois *corpora* é, sem dúvida, a de terem reunido todos os monumentos epigráficos conhecidos de Barcelona e de Lérida.

Os autores rejeitaram os textos cuja tipologia, cujo foimulário, cujo material (de realçar a importante pesquisa levada a efeito acerca do suporte numa perspectiva geológica) ou outros motivos Ibes apontaram uma proveniência alheia e aceitaram, da mesma forma, os textos considerados de outras zonas e dos quais uma cuidadosa análise viria a sugerir uma origem mais precisa e mais verosímil.

Não estava inédita a quase totalidade dos 307 textos aqui estudados. Inclusive sobre Lérida, fizera F. Lara Peinado, em 1973, a obra *Epigrafia Romana de Lérida*. Mas os autores justificam que, mesmo assim, o seu trabalho não será inútil, se se tiver em consideração que esse *corpus* não apresenta qualquer rigor metodológico, tem erros de interpretação e não aborda criticamente a questão dos monumentos falsos, que toma por autênticos (II, p. 11). Na verdade, foi sistemática a pesquisa efectuada nesse sentido, num sempre louvável e nunca por de mais sublinhado regresso ao monumento. A exclusão do perímetro urbano de Barcelona tem, igualmente, uma justificação: a existência da obra do saudoso Sebastián Mariner Bigorra, *Inscripciones Romanas de Barcelona (Lapidarias y musivas)* (Parte primera — texto, Barcelona, 1973).

Com efeito, estes dois volumes são, antes de mais, catálogos epigráficos. Como se assinala nas respectivas introduções, é o estudo do monumento que particularmente interessa aos autores, tanto do ponto de vista externo (matéria-prima do suporte, tipologia das epígrafes, molduração) como interno (paleografia, formulários, conteúdo do texto).

A introdução é, de facto, em cada um dos volumes, já uma panorâmica das conclusões a que os autores chegaram. Preferir-se-ia, quiçá, que essas conclusões viessem no final ou, inclusive, que fossem reservadas para um eventual volume de síntese. E, aponto, a corroborar essa preferência, dois aspectos.

O primeiro diz respeito às moldurações. Ilouve o cuidado de incluir o desenho da quase totalidade das molduras representadas; no entanto, a circunstância de terem sido incluídas em páginas diferentes e numa escala muito pequena, aliada ao facto de o texto a esse respeito ser diminuto e pouco esclarecedor, não dá azo às conclusões que certamente se tirarão se à molduração for dedicada uma atenção maior, um capítulo, porque (não há dúvida) após os trabalhos de Jean-Noël Bonneville esse é um domínio com interesse a explorar. Mas não na genérica introdução a um catálogo.

O segundo ponto refere-se à relação entre a escolha de um tipo de monumento epigráfico por parte de uma determinada população ou estrato populacional. Trata-se de uma questão de índole cultural que, à partida, não tem cabimento num catálogo exclusivamente epigráfico. Fica bem, isso sim, nas conclusões, designadamente se, na economia desse catálogo, elas tiverem lugar. Ora, os autores optaram por ser exclusivamente epigrafistas. Uma opção corajosa, perfeitamente defensável, se considerarmos que se encara a possibilidade de o volume V da série ter, além dos índices informatizados (I, p. 6), as sínteses decorrentes dos vários domínios estudados (é expressamente assinalado — vol. I, p. 14 — que conterà as conclusões de âmbito geológico, um dos aspectos inovadores desta pesquisa). Nesse caso, surgem, em meu entender, desgarradas de contexto as referências (aliás, importantes) a essa clientela de cada um dos tipos de monumentos feitas quase no final da introdução do vol. II (p. 24), ou a alusão ao facto de as inscrições religiosas presentes em zonas rurais constituírem «sobrevivências de cultos locais» (I, p. 10), que é outra das conclusões inovadoras a que se chegou. Ou seja, por outras palavras, os autores assumiram-se como epigrafistas mas não deixaram de apontar, aqui e além, mas de forma não sistemática, conclusões de âmbito histórico-cultural. Não veria, pois, com maus olhos, que essas conclusões tivessem sido, depois, sistematizadas num capítulo final. Ganhar - -se-ia em clareza e eficácia e aí seriam tidos no seu real valor os oportunos mapas apresentados, que servem, de facto, uma síntese afinal, inexistente.

Um outro pormenor que me merece comentário diz respeito à arrumação dos textos no livro. Será, por exemplo, discutível a distribuição por comarcas, quando se verifica que elas não correspondem às divisões administrativas romanas, impossíveis já de definir actualmente (I, p. 7) e quando algumas delas não dispõem de um número significativo de monumentos. Estou a lembrar-me, por exemplo, de Alt Urged (I, p. 103-104) ou de Garrigues (II, p. 127-128), com um único monumento cada. Talvez tivesse sido menos fragmentário optar por uma apresentação temática, até porque, segundo creio, o objectivo não é elaborar a carta epigráfica de cada comarca mas dar uma panorâmica da epigrafia de cada província. Nesse mesma ordem de ideias, também não me pareceu suficientemente justificado o critério de arrumação dos textos por microtopónimos, dentro de cada comarca, atendendo a que houve o louvável cuidado de preparar mapas onde graficamente se observa a distribuição geográfica dos achados.

O estudo de cada monumento obedece ao esquema ensaiado, com êxito, no volume II das *Fouilles de Conimbriga* (Paris, 1976): indicação precisa dos locais de achamento e de conservação, descrição minuciosa, leitura, tradução, bibliografia, variantes de leitura, comentário paleográfico e comentário de integração histórica.

As alturas das letras são mencionadas sem uma referência expressa às linhas a que se referem. Parte-se do princípio que se começa pela linha 1 e se vai por aí adiante; mas, se faltar uma medida, é a da última linha ou a da primeira? Exemplifico logo com a inscrição n.º 1 do vol. II: se é dada

sem ponto de interrogação a medida do último espaço interlinear (39), é porque se consegue medir a altura das letras da linha 5, mas são só dadas quatro medidas. Yeja-se também o n.º 75 desse mesmo volume: há cinco linhas e só são mencionadas as medidas de quatro. O mesmo se diga dos espaços interlineares: no n.º 2 do vol. II falta a medida de um espaço — qual é?

O texto é apresentado em maiúsculas, respeitando a divisão de linhas epigráficas, utilizando-se os habituais sinais diacríticos.

A bibliografia vem indicada uma primeira vez com todas as informações, assinalando-se aí como passará a ser citada depois; trata-se de um esquema referencial nem sempre cómodo (porque um catálogo epigráfico é um livro de consulta e não um romance que se lê do princípio ao fim) e que seria dispensável se tivémos em linha de conta que existe, no final de cada volume, uma bibliografia por ordem alfabética de autores.

O comentário paleográfico começa pela observação dos caracteres e só depois se refere à paginação. A referência à pontuação, à existência de nexos, inclusões ou linhas de pauta é feita à parte, imediatamente após a indicação das variantes de leitura. Confesso a minha fidelidade ao esquema utilizado no volume II das *Fouilles de Conimbriga*. Penso que a referência à paginação não só deve preceder a análise gráfica dos caracteres como deve incluir também as anotações alusivas à pontuação, nexos, inclusões, linhas de pauta, porque tudo isso é, em meu entender, parte integrante da paginação, ou seja, são os meios de que o *ordinator* se serve para dispor o texto desta ou daquela maneira no campo epigráfico.

Yem, finalmente, o comentário de integração histórica. Num catálogo, é difícil saber até onde se deverá ir para que se não diga nem demais nem de menos. Uma regra é, porém, extraordinariamente preciosa: tudo o que se disser há-de ser rigoroso, na consciência plena das limitações a que a própria índole do trabalho nos obriga. Podemos apontar pistas, mas há que sublinhar, em cada caso, o seu valor, nomeadamente através da indicação precisa das fontes utilizadas e, sobretudo, do âmbito cronológico da nossa pesquisa (isto porque não é segredo para ninguém que, muitas vezes, uma obra pode sair com uma data um, dois, três ou mesmo quatro anos posterior àquela em que o manuscrito foi entregue na tipografia). Os autores souberam manter o desejável equilíbrio e demonstraram ter bem presente todo o acervo da documentação epigráfica peninsular, designadamente no âmbito da onomástica e da religião.

Há, no fim de cada volume, bons e muito úteis índices epigráficos: *nomina*, *cognomina*, imperadores, magistrados, exército, indicações geográficas, tribos, organização municipal, religião, *collegia*, textos métricos, listas de concordância com outros *corpora*; índice de locais de proveniência, índice dos atuais paradeiros dos monumentos.

Completam os volumes as páginas de fotografias. De um modo geral, são aceitáveis. A iluminação nem sempre foi cuidada (I, pi. XXV e LXIII), a possibilidade de isolar o monumento das outras peças que o ladeiam não foi habitualmente tentada *in situ* ou mesmo no laboratório (cf. vol. II, pl. XLVIII)

e XLIX), inclusive retirando as etiquetas museográficas (cf. vol. II, pi. XXV e XLVII). Penso que os próximos volumes requererão, nesse particular, mais atenção.

Mas convenhamos que não é fácil para o epigrafista resistir à tentação de ser historiador. Georges Pabre, Marcos Mayer e Isabel Rodà escolheram o bom caminho: primeiro, o estudo preciso, completo, dos monumentos, de todos os monumentos; a síntese histórica virá depois, sólida, bem fecundada por todos os ensinamentos da Epigrafia. Ficamos, pois, a aguardar os outros volumes anunciados — o III sobre Gerona, o IV sobre Tarragona (excepto *Tarraco*) e, sobretudo, o V de índices e de síntese final.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Antonio RODRÍGUEZ COLMENERO, *Aquae Flaviae: I — Fontes Epigráficas*, Chaves, Câmara Municipal de Chaves, 1987, 755 p.

Com uma «Nota prévia» de João Baptista Martins e um «Prólogo» de Jürgen Untermann, foi editada uma obra importante para o estudo da romanização do Norte de Portugal e da Galiza. Trata-se de um vasto *corpus* que reúne quase todas as inscrições duma grande região, cuja principal cidade na Antiguidade era *Aquae Flaviae*.

Bem andou a Câmara Municipal de Chaves quando patrocinou o estudo de uma parte valiosíssima do seu património cultural. Quem realizou tal tarefa foi António Rodríguez Colmenero, que tivemos o prazer de conhecer no Museu da Região Flaviense, precisamente quando ali realizámos uma rápida análise da epigrafia votiva guardada naquela instituição. Nessa ocasião, preparava Colmenero o volume que ora merece a nossa atenção. Devido à sua amabilidade, que muito agradecemos, facultou-nos algum tempo depois uma primeira versão do seu trabalho, que utilizámos de forma crítica na obra acima referida. Aí tivemos ocasião de expressar algumas dúvidas sobre as perspectivas de leitura e interpretação do autor, que mais à frente iremos retomar.

Este primeiro volume de *Aquae Flaviae* encontra-se dividido em vários capítulos, cujos títulos passamos a transcrever: I. Inscrições votivas (p. 12-256); II. Inscrições funerárias (p. 257-387); III. Epígrafes viárias (p. 385-545); IV. Inscrições honorárias (p. 546-603); V. Epígrafes jurídicas (p. 604-651); VI. «Instrumentum domesticum» (p. 652-681); Conclusões (p. 682-685); últimas inscrições aparecidas (p. 686-691), a que se seguem tábuas de abreviaturas, bibliografia, tábuas de correspondências e índices.

Colmenero reuniu neste volume 533 peças, mas há a considerar que algumas delas foram inadvertidamente repetidas e outras não têm inscrições

ou são praticamente ilegíveis. Esse número inclui ainda marcas de oleiro e grafitos em cerâmica.

Graças a esta obra é possível o acesso a um panorama muito vasto de documentos que elucidam vários aspectos da História Antiga da região de Trás-os-Montes e de Ourense. A onomástica, a rede viária, a organização política e administrativa, as estruturas raciais e étnicas, a religião, etc., encontram aqui vastíssimas informações, algumas delas inéditas, para a realização profícua de novos estudos.

Consideramos estas observações essenciais para valorizar uma obra que denota um grande esforço de investigação. Tal facto, contudo, não nos impede de afirmar que se trata de um livro cujo conteúdo deve ser lido com uma prudente atitude crítica. Julgamos que tal atitude é necessária pois verificamos que em numerosos casos as leituras dos textos epigráficos não apresentam as perspectivas mais aconselháveis à luz da ciência epigráfica.

Todos aqueles que se dedicam aos estudos epigráficos sabem que a leitura e interpretação das inscrições, sobretudo daquelas que necessitam de análises mais rigorosas e difíceis, só após várias abordagens, geralmente por vários autores, podem ser cabalmente esclarecidas. Quando as dúvidas são maiores há que reconhecer honestamente essas dúvidas e emitir opiniões sob reserva e com prudência.

Depois dos estudos de Hübner, Martins Sarmiento e José Leite de Vasconcelos, entre outros, a epigrafia em Portugal tem progredido com alguma irregularidade, mas com resultados positivos, que conseguiram de forma mais ou menos parcelar e rigorosa apurar o sentido de centenas de inscrições.

Uma das intenções mais claramente patenteadas no trabalho de António Rodríguez Colmenero é, além de apresentar documentos inéditos e reunir os já conhecidos, proceder à revisão das leituras de muitas das inscrições que publica, procurando assim estabelecer novos textos. Trata-se de uma atitude louvável mas que, na nossa opinião, não deu bons resultados. Parece-nos mesmo que muitos dos documentos agora reunidos se encontravam já razoavelmente interpretados, acabando por muitas das emendas propostas serem piores que os resultados obtidos anteriormente. Tivemos também ocasião de verificar que Colmenero não dominou totalmente a bibliografia mais importante referente a cada peça.

Jürgen Untermann refere no «Prólogo» (p. 7) que «não pedirá ao autor deste livro que apresente uma edição que esteja acima de discussões e de perguntas críticas». É no contexto destas expressões que nos parece necessário tecer alguns reparos, de forma a contribuir para o melhoramento do livro e para que ele seja «estimulante para investigações futuras» (p. 7).

Face à vastidão de materiais reunidos neste volume, não podemos proceder à análise de todos os capítulos da obra, pelo que nos iremos apenas deter no primeiro, relativo às «inscrições votivas», e aí só nas inscrições aparecidas em Portugal. Tal atitude selectiva resulta do facto de termos recentemente procedido à análise de tais inscrições, tendo em vista a edição

da obra *Religiões Antigas ae Portugal — Fontes Epigráficas* (= RAP) para cujos números das inscrições estabelecemos uma ligação com cada número das que se encontram em *Aquae Flaviae*.

Ainda antes de proceder à análise das peças, convém tecer algumas considerações gerais.

O capítulo abarca 163 peças, onde, como já referimos genericamente, há algumas que são repetidas e várias não têm inscrições ou são ilegíveis.

Quanto à estrutura organizativa que presidiu à ordenação das inscrições não me parece que tenha havido critérios claramente definidos, já que a sequência das epígrafes é a seguinte: Júpiter, Juno, Marte, Baco, Sol, Ninfas, Tutela, Hermes, Selene, Vénus, Diana, *Tellus*, Concórdia, Ísis, Cibele, divindades do santuário de Panóias, divindades indígenas, dedicatórias aos Lares, ao Génio, anepígrafas ou borradas (vide índice da p. 755).

Um ponto que nos parece importante realçar é o de o autor procurar sempre que possível documentar cada inscrição com uma fotografia e um desenho. Tal realização é muito correcta, só que, infelizmente, muitas fotografias são de má qualidade, não ajudando a tirar dúvidas de leitura, e os desenhos obedecem a critérios de leitura das peças que nem sempre merecem confiança.

Sem entrarmos em questões formais, nomeadamente relativas à apresentação dos textos, que nem sempre terão alcançado a clareza necessária, quere-nos, no entanto, parecer que os mapas deviam ser reunidos no fim do volume e não no meio dos capítulos, onde são muito mais difíceis de localizar de forma rápida.

Quanto à localização das peças na sua origem, também há situações pouco claras. É o caso da inscrição n.º 17 (= RAP 364) a que se refere com sendo de Chaves, mas que suspeitamos (haverá que confirmá-lo) tratar-se de uma ara que Tranoy identificou como sendo de Vila Verde da Raia (vide RAP 358) e que Colmenero não cita.

Sem pretendermos ser sistemáticos, passaremos agora a exemplificar criticamente algumas das questões mais importantes que surgem a propósito de várias inscrições (e que em muitos casos bem se podiam ter evitado).

N.º 1 (= RAP 346). Não julgamos viável, face à observação da ara, a hipótese de 1er *S(olutorio)* no fim de l. 1, apesar de o texto ter sido mal ordenado.

N.º 2 (= RAP 347). A interpretação do fim da inscrição é muito difícil, atendendo à deterioração do campo epigráfico. Sugerimos para as linhas 4 e 5: VII G [emina] P(ia) CA/TVLLI[NVS P(osim)?]. Não nos parece que haja mais uma linha, como admite Colmenero.

No contexto destas duas inscrições deveria ser apresentada a inscrição n.º 138 (=348) consagrada a Júpiter também por um militar da sétima legião e não a um *Genio municipii*, como sugere Colmenero.

N.º 11 (=RAP 360). Colmenero admite que, nesta inscrição, o sinal > signifique *castella*, mas essa hipótese não tem qualquer viabilidade. Tal como aconteceu em leituras anteriores, deve continuar-se a ver em tais

traços curvos *puncti* que se intercalam entre as siglas O. M / V M. / A. S, as quais se desdobram obviamente em O(*ptimo*). M(*aximo*) / Y(*otum*). M(*erito*) / A(*nimo*). S(*olvit*).

N.º 14 (= RAP 359). Colmenero não verificou que esta inscrição já fora publicada por José Fortes («Portugalia», II, 1905, p. 124) e por J. L. Vasconcelos («O Arqueólogo Português», XI, 1906, p. 352). Através destes estudos e observando-se a ara pode concluir-se que há algumas dificuldades de interpretação, mas em qualquer dos casos não é viável o epíteto *Ucalo* sugerido por Colmenero. Admitimos que as linhas 3 e 4 contenham as seguintes letras: Y(*otum*) CAR / PO (*suit*), sendo CAR as siglas do dedicante.

N.º 18 (= RAP 351). Talvez seja viável a leitura do nome CARM(*inius*) na l. 4, rectificando a leitura anterior.

N.º 20 (=RAP 354). Para a última linha preferimos a leitura de Mário Cardoso: P(*osiui*) L(*ibens*). As letras da parte direita da pedra são de difícil leitura, mas não nos parece que viabilizem a hipótese de Colmenero.

N.º 22 (= RAP 352). A nossa interpretação proposta para esta importante inscrição talvez seja de considerar, apesar da delicadeza do assunto. A sugestão de que haveria no início da l. 2, um O muito apagado poderia viabilizar a ideia de que teria sido a *o(rdo) municipalis* a mandar fazer o monumento a Júpiter. Deixaríamos, assim, de estar em face a um Júpiter *municipalis*, como haviam admitido Tranoy e Le Roux. Trata-se, pois, de uma problemática a rever.

N.º 27 (= RAP 362). Preferimos a leitura de Carlos Alberto Ferreira de Almeida em vez das novas hipóteses colocadas por Colmenero. De acordo com a observação dos traços existentes, parecem-nos seguras as letras VAGORNICENSES como correspondentes ao nome dos *vicani* que dedicavam a inscrição a Júpiter.

N.º 28 (= RAP 357). Admitimos, como Le Roux e Tranoy, que esta inscrição é a que foi publicada por Hübner no CIL II 2608. Os argumentos que aqueles autores aduziram são razoáveis e as suas propostas aceitáveis para as linhas 3 e 4, apesar das grandes dificuldades de leitura que existem. A proposta de Colmenero não só parece artificiosa por faltas de paralelos, como é destituída de coerência interna.

N.º 32 (= RAP). Omite-se a referência de que foi publicada em CIL II 2468 e 5615.

N.º 33 (= RAP 363). Colmenero não refere a indicação da localização exacta do achado, que é a Capela de Nossa Senhora do Amparo, do lugar de Fiães, concelho de Valpaços. Nessa povoação apareceu também a inscrição n.º 27 (= RAP 362).

N.º 38 (= RAP 361). Se já é difícil admitir IOM, na l. 2, parece-nos praticamente impossível aceitar *Latro*.

N.º 41 (= RAP). Embora não seja segura a hipótese de leitura do nome do dedicante, poderá ser de ponderar.

N.º 50 (= RAP 643). Não nos parece possível, por enquanto, a identificação do teónimo.

N.º 72 (= RAP 242). Preferimos a leitura de Le Roux e Tranoy, embora sejam de ponderar algumas sugestões de interpretação emitidas por Colmenero.

O autor procedeu à análise das inscrições n.ºs 75 a 82 existentes em Panóias (Vila Real) procurando apresentar novas leituras e interpretações. Temos de considerar, contudo, que os esforços realizados não alcançaram resultados positivos.

N.º 84. Embora esta inscrição não seja de Portugal, ela merece-nos um comentário particular pois julgamos, com Fernando Patrício Curado, que nos propôs esta observação (cf. «Ficheiro Epigráfico» 23, 1987, n.º 103, nota 2), estar perante mais um testemunho do recém-conhecido e muito importante deus indígena — *Quangeio*.

A leitura revista que propomos é:

QVAN/GEIO / *G(aius)* . IVL(IUS) / SEVE/RINVS P[OSVIT]?

N.º 85 (= RAP 610). A hipótese de teónimo *Aurniae* não nos convence, embora também as sugestões de *Munidae* ou *Munidi* não sejam claras. Afigura-se-nos muito difícil uma resposta segura para a leitura da primeira linha.

N.º 88 (= RAP 58). Aparentemente a leitura do teónimo *Debaroni Muceaigaeco* parece viável, tendo em conta o bom estado da inscrição, que se pode observar pela fotografia. Por esta poderíamos ser levados a sugerir *Deibaroni Muceiaecaeco*, mas sem observar a peça nada de seguro podemos acrescentar. Queremos ainda notar que o primeiro nome parece-nos ter semelhanças com *Trebarona* ou *Triborunni*.

N.º 95 = 140 (RAP 644). Colmenero não reparou que a inscrição n.º 95 é a que reproduz com o n.º 140, tendo-se apenas baseado em Távora e Argote e não referindo a publicação de CIL II 2475. A interpretação do teónimo *Doredio Douroego* não nos parece segura, apesar de não termos visto o monumento.

N.º 102 (= RAP 18). A inscrição corresponde à que foi publicada no CIL II 2387 e é de Santa Marinha, concelho de Ribeira de Pena, e não de Chaves como Colmenero indica.

N.º 112 (— RAP 613). Trata-se apenas de uma abordagem com muitas reservas, que pode servir de base a futuras, necessárias e difíceis leituras.

N.º 125 (= RAP 222). Continuamos a pensar preferível a leitura *Tarmucenbaecis* à de *Inmucenbaecis*, que Colmenero considera segura.

N.º 138 (= RAP 348). Na nossa opinião, trata-se da invenção dum *Genio municipalis*, pois estamos claramente perante uma ara consagrada a Júpiter, como já o mostrou João Parente. Embora haja alguns problemas de leitura, também consideramos equivocada a interpretação de Tranoy que sugeriu a consagração a *Munidia*. A foto incluída é bem um exemplo da falta de qualidade com que, neste livro, se apresentam muitos destes documentos. Não havendo imagens com a nitidez desejável, podiam ter-se omitido.

N.º 140 = 95 (= RAP 644). Como já observámos, há aqui uma repetição.

N.º 142 (= RAP Z³). Com base no testemunho de Mário Cardoso, julgamos que esta ara é de Campo da Roda e não de Vila Verde. Nela não se vislumbra nada de seguro.

P. S. — Já com esta recensão elaborada, tivemos conhecimento de que ao volume em causa foi acrescentado um outro, com 191 páginas, constituído por um «Apêndice Fotográfico», onde se reedita o conjunto das fotografias, um pouco melhoradas, e se acrescentam novas descobertas numa «Recentíssima Adenda Epigráfica».

JOSÉ MANUEL GARCIA

Patrizia Sabbatini TUMOLESI, *Epigrafia anfiteatrale dell'Occidente Romano: I. Roma*. N.º 2 da coleção «VETERA — Ricerche di Storia, Epigrafia e Antichità» dirigida por Silvio Panciera. Edizioni Quasar, Roma, 1988, 188 páginas, que integram 29 de estampas. ISBN 88-85020-95-X.

Pretende-se, com esta série, fazer «uma recolha e um reexame sistemático dos numerosíssimos documentos de tema gladiatório actualmente dispersos», porque só assim «se poderá trazer alguma luz a tantos aspectos duvidosos e pouco explorados deste vasto campo da antiguidade e da história romana». Louis Robert concretizara, para o Oriente, tal desiderato; cabe agora reunir o material do Ocidente.

Como muito bem observa a Autora, ao tempo dos Romanos (como ainda hoje), o mundo do espectáculo reveste-se da maior importância, se se atender ao universo de interesses que o rodeiam: «o *numerarius* promove a sua ascensão social, a cidade o seu equilíbrio, o gladiador e o *venator* aspiravam à fama e o próprio imperador, acima dos demais, promovia mediante este tipo de espectáculos uma comunicação específica com as massas populares» (p. 7).

Por outro lado, a Epigrafia desempenha também aqui um papel imprescindível como fonte histórica: «Só através da análise das inscrições se torna, porventura, possível chegar a uma reconstituição verosímil do *status* jurídico-profissional do gladiador, doutra forma não claramente definível; é predominantemente da documentação epigráfica que emerge a maior ou menor difusão destes espectáculos, nos vários locais e nos vários tempos, e a sua repercussão nos diversos estratos sociais» (*ibidem*). A recolha está, pois, plenamente justificada e devidamente realçada a importância da iniciativa levada a cabo pela escola de Roma, tanto mais que desde já se anuncia no prelo o volume II, de Gian Luca Gregori, sobre as *Regiones Italiae VI-XI*.

A obra de Patrizia Sabbatini Tumolesi, acabada de imprimir em Maio de 1988, está dividida em duas partes. Apresenta-se, na primeira, o catálogo,

estando os textos agrupados por temas: a administração dos *munera* (secção I), *munera* e *venationes* (secção II), gladiadores e escolas gladiatorias (secção III). A segunda é uma síntese dos dados obtidos, exposta em dezasseis tabelas, de fácil visualização. Seguem-se-lhe oportunas considerações gerais, onde são abordadas as questões fundamentais que os monumentos despertam: a administração dos espectáculos; *munera* e *venationes*; os jogos e o treino; os gladiadores por conta própria (*liberi*); observações acerca da profissão; as especialidades; a onomástica como índice do *status* jurídico do gladiador; e aspectos da vida privada.

A finalizar, índices analíticos muito completos que abarcam os seguintes aspectos: autores modernos, fontes literárias, fontes epigráficas. Nos índices epigráficos propriamente ditos são incluídas as seguintes rubricas: *nomina* (onde se insere o nome completo da personagem citada); *cognomina* (de novo, o nome completo quando é caso disso, o que muito facilita a investigação); tribo; teónimos; *sacra*; imperadores e membros da casa imperial (com a indicação expressa de como vêm designados); organização político-administrativa (datas, cargos); organização militar; colégios, artes e ofícios; *notabilia varia* (com a palavra no singular e, depois, o contexto frásico em que se insere, o que é de extrema utilidade); particularidades linguísticas.

Por último, fotografias de todos os monumentos actualmente conservados, recorrendo-se, num caso (n.º 92), à inclusão da gravura que representa um monumento perdido.

No catálogo, apresentam-se os dados essenciais que identificam o monumento epigráfico: brevíssima descrição, indicação da proveniência e do local de conservação, identificação do negativo fotográfico e da reprodução fotográfica no volume; cita-se a bibliografia (*corpora* e estudos). A inscrição é apresentada em minúsculas e a disposição das linhas obedece ao original do monumento. Após a referência às variantes de leitura, não se faz a tradução da epígrafe, preferindo-se uma síntese explicitada do seu conteúdo. O comentário, breve, realça a importância das informações contidas no documento — cingindo-se, porém, ao âmbito do tema — e termina pela proposta, justificada, de datação.

Após termos visto a panorâmica geral da obra, realçante já por si do seu elevado interesse histórico e documental, comentemos uma que outra passagem que particularmente nos despertou a atenção.

Destaque-se, por exemplo, a informação contida no texto n.º 8, dedicado a um *procurator Laurento ad elephantos*, que nos elucida sobre a existência, junto da via Laurentina, de um *vivarium* de elefantes, animais que eram «prerrogativa e símbolo do imperador, que os empregava nos seus *munera* e nas *pompae*». À frente desse depósito estava, portanto, um *procurator*, liberto imperial.

No n.º 13, um texto funerário repleto de ternura e de intimidade familiar, as personagens (pai e filho) identificam-se apenas pelo antropónimo *Marcus*. Opina a autora que, por se tratar de um texto datável, verosimilmente, dos

finais do séc. ui da nossa era, *Marcus* se deve entender «de preferência como *cognomen*» e não como *praenomen*. Não seria assim tão peremptório. É precisamente nos finais do séc. m que se dá um retorno à simplicidade de tratamento inicial, quiçá por influência do Cristianismo (que seria, inclusive, tentado a detectar também na expressão laudatoria *dulcis anima* aí utilizada pelo filho). Por outro lado, o assinalado carácter íntimo do epitáfio poderá ir também nesse sentido de, no ambiente familiar, as pessoas se tratarem pelo seu primeiro nome. A epigrafia é, de resto, um bom testemunho do «diálogo» que persiste para além da morte.

No n.º 17, discute-se a possibilidade de, na l. 7, estarem mencionados um, dois ou três dedicantes. A autora optou pela última hipótese, que se afigura, de facto, a mais lógica.

O n.º 23 é homenagem a T. Furius Yictorinus, que foi procurador da Hispânia Citerior. Interessa-nos especialmente porque Hübner considerou esta inscrição falsa (CIL II 396*); na esteira de Ch. Hülsen e de G. Pflaum, a autora reabilita-a.

O n.º 26 (CIL VI 1645, ILS 2773) refere-se a um cavaleiro que, em meados do séc. m, foi procurador da Lusitânia e *dux* das legiões da Dácia. Não se conhece a sua identidade, pelo que só anonimamente o poderemos incluir nos fastos da província. Contudo, não será despropositado sublinhar a circunstância, que de novo se observa, de um membro da ordem equestre ter desempenhado funções na Lusitânia e na Dácia. Recorde-se que *Caius Iulius Celsus*, memorado numa epígrafe de Odrinhas, após ter sido procurador da Lusitânia, desempenhou também funções equestres na Dácia Superior, nos finais do séc. n (cf. Scarlat LAMBRINO, *Les inscriptions de São Miguel d'Odrinhas*, «Bulletin des Études Portugaises...», nova série, XYI, 1952, p. 134-176, n.º 24, p. 142-150).

Na leitura do n.º 27, não foi assinalada, por lapso, a omissão do N na palavra *coniux*.

Bem observado, no comentário ao n.º 28 (CIL VI 10 164), o facto de, por a filha ter gentílico diferente do do pai, ser muito provavelmente o fruto de uma união ilegítima. A presença do adjectivo *sanctissima* aplicado à esposa — que não é, no entanto, a mãe da jovem defunta — vem realçar o clima de ternura em que estavam envolvidas as relações familiares entre os libertos, como muito bem frisou G. Fabre em relação aos finais da República (*Libertus*, Roma, 1981, p. 192-195).

Bem argumentada a manutenção da leitura *usu* na l. 5 do texto n.º 34, em vez de se considerarem hipóteses de erro por parte do lapicida, quando a palavra está bem clara e encontra justificação.

O epitáfio de Menander (n.º 40, CIL VI 6227) documenta eloquentemente a sobriedade da epigrafia romana: destinado a figurar no monumento dos *Statilii*, não precisava de identificar o defunto com *praenomen* e *nomen*, perfeitamente subentendíveis. Daqui ressalta, por outro lado, a importância de se conhecer o melhor possível o contexto arqueológico original das epígrafes e, ainda, o cuidado a ter, por vezes, na apresentação de hipóteses explicativas da onomástica, nomeadamente se se não tem em conta esse contexto.

Merece atenção, no comentário ao texto 45, o significado atribuído ao termo *paganus*: qualifica quem é estranho ao mundo dos gladiadores. Esse texto, datado do ano 177, reveste-se, aliás, de particular interesse por enumerar os membros do colégio chamado «de Silvano Aureliano», por ter sido posto sob a protecção do deus Silvano, no tempo do imperador Cômodo. Eram 32, de várias categorias, divididos em quatro decúrias: na primeira estavam integrados os *veterani*; na segunda, encabeçada por um *veteranus*, estavam os *tirones*, gladiadores prontos para o primeiro combate, assim como um fabricante de mangas couraçadas (*manicarius*) e um massagista (*unctor*); a composição da terceira decúria é menos uniforme (*tirones*, um noviço e um *paganus*); na quarta decúria, de apenas dois elementos, surge um lutador de *spatha* (espada) e um *paegniarius*, curiosa figura de bufão que animaria o intervalo dos combates.

Os epitáfios dos gladiadores são deveras eloquentes na sua simplicidade. Tal como um toureiro da actualidade que se vangloria de, no seu currículo, contar tantas «orelhas» e «rabos» cortados na lide, assim por exemplo os familiares do *essedarius* Máximo não se esquecem de lhe assinalar sobre a tumba que, dos 40 combates em que participou, em 36 foi particularmente feliz, tendo sido galardoado com *palma* ou com *corona* (n.º 68). Entra-se, assim, pela Epigrafia, no âmago do que, de facto, o mundo do espectáculo tem de complexo e, ao mesmo tempo, de profundamente humano.

É, de resto, nesse sentido, que se encaminhou a autora na segunda parte do seu livro. O pormenor significativo que mostra como o aliciante do *munus* reside, de modo particular, no heroísmo com que se enfrenta a morte, consubstanciado na cena ideal em que o vencido entrega ao adversário o gládio que o irá matar... (p. 131). A impossibilidade de, no âmbito da vida privada, saber qual a média de vida, o número de combates por ano, a existência familiar (p. 139). Os epitáfios documentam, no entanto, a existência de sodalícios fúnebres: referem-se os *sodales* (n.ºs 83 e 84), a *familia gladiatoria* (n.ºs 45-47), os *compatriotae* (n.º 81), os *amici* (n.ºs 90 e 105). E é bem possível que tais confrarias pudessem ter mesmo um recinto sepulcral próprio (p. 140).

Quanto aos índices, talvez fosse preferível que, em vez de um simples índice de «autores modernos», se tivesse inserido também uma bibliografia à maneira tradicional. Assim, por exemplo, embora a obra se refira exclusivamente a Roma, poderia ter interesse para o leitor saber que a citação de A. García y Bellido feita na pág. 61 diz respeito ao artigo *Lapidias funerarias de gladiadores de Hispania* (AEA 33 1960 123-144). De P. Piernavieja cita-se (p. 61) um texto de 1970, que é — sabemos-lo após consulta de ficheiros — *Esteia funerária del sagitario Tito Flavio Expedito* (AEA 43 1970 203-212); mas, se não se tiver um ficheiro especializado à mão, fica-se sem saber se merecerá a pena consultar o texto, também citado (p. 65), inserto na revista «Ampúrias», quando do mesmo autor há o volume, não referido, *Corpus de inscripciones deportivas de la España romana* (Madrid, 1977) ou o artigo, também não citado, *Repercusión social de los deportistas en la España romana* («Citius Altius Fortius» 13 1971 141-147) sobre os jogos como despesa pública e como fonte de sucesso e popularidade.

Aqui e além, a autora assume-se como falante apenas para o público restrito dos epigrafistas encantados. A expressão *itu ambitu* do n.º 10, que não é assim tão corrente como isso nos *corpora* epigráficos, poderia ter merecido da sua parte um pequeno comentário lateral, ainda que apenas para citar bibliografia ou um paralelo. E se o índice das fontes literárias poderá ser acessível porque a forma de citar os clássicos é quase universal, o mesmo se não poderá dizer das fontes epigráficas, onde há siglas como ICUR, IGRRP, IGUR, OGIS e outras, não explicitadas em sítio nenhum do trabalho. Inclusive as citações das publicações periódicas parecem não obedecer aos critérios do «Année Philologique»: os «Rendiconti dell'Accademia dei Lincei», habitualmente citados pelas siglas RAL, são referidos como *Rend. Acc. Line.* (p. 148); os «Rendiconti della Pontificia Accademia di Archeologia» (RPAA) vêm indicados *Rend. Pont. Acc. Arch.* (*ibidem*).

Uma palavra sobre o álbum fotográfico. As fotografias são, em geral, de muito boa qualidade. Importaria, aqui e além, que se tivesse isolado o monumento epigráfico por meio dum fundo neutro que o valorizasse e facilitasse a sua leitura formal (v. g.: tav. VIH, 1; XVII, 3; XXI, 2), inclusive por obediência a preceitos de apresentação estética (tav. XI, 2; XVIII, 1; XX, 5 — que se refere ao n.º 87 e não ao 95, que é o da foto 3).

E se é de louvar a oportunidade e o elevado interesse científico da iniciativa, há que fazer também uma menção aos editores, porque Edizioni Quasar, de Severino Tognon, estão a prestar um excelente contributo aos epigrafistas: lançaram ombros à publicação de «*Vetera*», mas é da mesma casa editora um outro empreendimento igualmente válido e espinhoso, a publicação da nova série dos *Supplementa Italica*, de que já recebemos o n.º 3 (1987). São obras que, merecedoras muito embora do maior encómio do ponto de vista científico, não serão, certamente, à partida, um êxito livreiro, dado o seu carácter muito específico. Que também o possam vir a ter — são os meus votos, porque, de facto, bem o merecem.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

INDEX NOMINVM

A

- Águas Santas* — Turquel, 157.
Alarcão, Jorge de, 7, 8, 10, 155, 189, 193, 194, 198.
Alcácer do Sal, 17, 20-23, 31.
Alcáçova — Santarém, 197.
Alcobaça, 153, 155-157, 159, 160, 162, 165, 166, 170, 171, 178, 179, 182.
Alemanha, 109, 116, 124.
Almeida, Carlos Alberto Ferreira de, 214.
Almourol, 191-195.
Alpiarça, 189, 191, 196.
Alt Urgell — Espanha, 209.
Alto Alentejo, 92, 93, 111, 114, 121.
Alto do Castelo — Alpiarça, 189, 191, 194, 198-200.
Alto do Cidreira, «villa» — Cascais, 61, 63-65, 69, 71, 73, 75, 78, 79, 81-83, 85, 88, 90, 92, 93, 98, 102, 104, 105, 107, 110, 112-114, 118, 120-122, 128, 129, 131-133, 135.
Alto Garona — França, 116.
Alviela, rio, 199.
Andújar — Espanha, 75-77.
Antanol, 197, 198.
Antas, lugar da freguesia de Évora de Alcobaça, 185.
Antas, ribeira, 157, 178, 179, 185.
Antoninos, 48.
Aptus, L(ucius) Iulius, 141, 143-145, 147, 149, 151.
Aquae Flaviae, hoje Chaves, 211, 213.
Aquitânia — França, 108.

- Arcedianato* — Espanha, 99, 101, 108, 109, 113, 115, 119, 121, 126, 128.
Ardido — Turquel, 156, 178, 179.
Argote, 215.
Asciburgium — Alemanha, 49.
Atlântico, 196.
Augusto, 69.

B

- Bailey*, D. M., 66.
Baldio — Turquel, 156.
Balsa — Tavira, 18.
Barbata — Zambujeira, 170, 171, 185.
Barcelona — Espanha, 103, 208.
Barracão — Pombal, 131.
Beijinha — Tuiquel, 156.
B ética, 145.
Boiça — Turquel, 179.
Bonneville, Jean-Noël, 208.
Bordéus — França, 106, 110, 116, 124.
Braga, 146.
Bretanha — França, 116.
Brutus, Decimus Iunius, também denominado *Brutus Galliaicus*, 190, 192-194, 198-200.

C

- Cabeço da Bruxa* — Alpiarça, 196.
Cabeço do Seixo — Turquel, 156, 157, 159.
Cabeços Baios ou *Cabeça Rala* — Turquel, 165.

- Calabria* — Itália, 146.
Caldas da Rainha, 157.
Campo da Roda — Chaves, 216.
Cancela — Turquel, 156.
Cancela dos Chães — Turquel, 179, 180.
Candeeiros, serra, 156, 162, 167, 185.
CAR (?), 214.
Cardoso, Guilherme, 65.
Cardoso, Mário, 214, 216.
Carminius, 214.
Cartuja — Espanha, 110, 121.
Carvalho — Turquel, 156, 166, 169-171.
Carvalho de Aljubarrota — Turquel, 176.
Casa da Moura—Turquel, 160.
Casal do Álvaro — Turquel, 156.
Casal de Raixo — Turquel, 156.
Casal dos Gaiteiros — Turquel, 156.
Casal da Lagoa — Turquel, 156.
Casal do Moniz — Turquel, 156, 165.
Casal dos Tintas — Turquel, 156.
Casal de Val de Ventos — Turquel, 156.
Cascais, 61, 102.
Castra Caecilia—Espanha, 192.
Castra Vetera — Alemanha, 192.
Catalunha — Espanha, 208.
Catullienus, 213.
Cava de Viriato — Viseu, 192.
Celsus, Caius Iulius, 218.
Chã Marcos — Almourol, 191, 192, 195.
Chão do Galego — Turquel, 156, 182.
Charneca do Rio Seco — Turquel, 156, 160.
Chaves, 211, 213, 215.
Chipre, 35.
Chões de Alpompe — Alpiarça, 189, 191, 193, 197-200.
Choffat, Paul, 165, 166.
Cláudio, 11, 14-16, 69, 98, 112, 135.
Coelho, Maria, 65, 66.
Coimbra, 192.
Cómodo, 25, 219.
Conimbriga, 11, 12, 16-25, 30-32, 35, 38-40, 45, 47, 68, 74-77, 88, 92, 107, 110-112, 121, 131-135.
Constância, 30.
Constantino, 40.
Córdoba — Espanha, 146.
Correia, A. A. Mendes, 189, 192, 193, 195, 197.
Covão do Milho — Turquel, 156, 162.
Curado, Fernando Patrício, 215.
- D
- Dàcia*, 218.
Dàcia Superior, 218.
Deus, António Dias de, 205.
Domiciano, 75.
Dura Europos — Síria, 16.
- E
- Ebro*, rio, 61, 62, 75, 77, 78, 133.
Eiras — Turquel, 156, 179.
Elche — Espanha, 89.
Eivas, 205, 206.
Emona, 12, 13, 21, 48.
Enchurrasqueira, monte — Alcácer do Sal, 132.
Erotión, 147.
Espanha, 124.
Estrabão, 189, 192-200.
Étienne, Robert, 7, 8.
Europa, 40, 52.
Évora de Alcoçaça, 185.
Expedito, Tito Flávio, 219.
- F
- Fabre*, Georges, 208, 211, 218.
Faro, 19.
F arrobo, 22.
Feitosa — Turquel, 156.
Ferreira, Octávio da Veiga, 155.
Fiães — Valpaços, 214.

Fishbourne — Inglaterra, 20, 36.
Flávio Expedito, Tito, 219.
Flávios, 15-17, 22, 31, 32, 48, 134, 135.
Fontes Velas — Mouzinha, 172, 185.
Fortes, José, 214.
Frazões — Turquel, 156, 159.
Furius Victorinus, T., 218.

G

Golia, 73, 88, 103, 124.
Galiza — Espanha, 211.
Gallaicus, Brutus — Vide : *Brutus*, Decimus Iunius.
Gallio, 144, 145, 151.
Garcia y Bellido, A., 219.
Garrigues — Espanha, 209.
Gerona — Espanha, 211.
Girão, Amorim, 197, 199.
Girona — França, 124.
Gregori, Gian Luca, 216.
Gruta da Serra dos Molianos, 164.

H

Hasta Begina — Espanha, 146.
Hispania, 88, 144-146, 150, 151, 219.
Hispania Citerior, 218.
Honorio, Joaquim Elias, 165.
Hübner, Emilio, 212, 214, 218.
Hülsen, Ch., 218.¹

I

Inglaterra, 109.
Isings, 8.
Itália, 30, 144, 145, 147, 150, 151, 216.
Iulius Aptus, L(ucius), 141, 143-145.
Iunius Brutus, Decimus, também denominado *Brutus Gallaicus*, 193.
Iulius Celsus, Caius, 218.
Iulius Severinus, Gaius, 215.

J

Jorge, Susana Oliveira, 155.

K

Karanis — Egipto, 23, 26, 50.
Krefeld-Gellep — Alemanha, 19, 20, 39, 43.

L

La Graufesenque — França, 73.
Lagoa das Talas — Turquel, 156.
Lara Peinado, F., 208.
Le Boux, 214, 215.
León — Espanha, 146.
Lérida — Espanha, 208.
Limassol — Chipre, 17.
Limburg — Holanda, 16, 25, 30.
Lippe, rio, 192.
Lisboa, 190, 192.
Lombo — Turquel, 156, 166, 169.
Lombo Ferreiro — Turquel, 171, 182, 184.
Lopes, Conceição, 73.
Lopes, David, 193.
Louções — Turquel, 156.
Luís, Artur, 179.
Lusitânia, 18, 40, 64, 71, 73, 79, 93, 113, 145, 218.
Luxemburgo, 12, 13, 39.

M

Maastricht — Holanda, 39.
Magdalensberg — Alemanha, 11, 13.
Mântua — Itália, 146.
Mar da Palha — Lisboa, 196.
Marcial, 141, 143, 147, 148, 151.
Marco Aurélio, 18.
Marcus, 217, 218.
Mariner Bigorra, Sebastián, 208.
Marselha — França, 38, 40, 44, 71, 88.

Martins, João Baptista, 211.
Matinho — Turquel, 156.
Máximo, 219.
Mayer, Marcos, 208, 211.
Mayet, Françoise, 7, 8, 206.
Menander, 218.
Mérida, 72, 90, 206.
Mértola, antes Myrtilis, 141, 143.
Metellinum — Espanha, 192.
Moita do Poço — Turquel, 156.
Montans — França, 73.
Montargli, 206.
Monte de Cegonha, «villa» — Vidigueira, 129.
Moron, «oppidum», 189-200.
Mouchão do Inglês — Alpiarça, 196.
Mouzinha — Turquel, 156, 171.
Mulva — Espanha, 16, 22, 23, 39.
Myrtilis, hoje Mértola, 141.

N

Nadadoiro — Turquel, 157.
Narhona — França, 88.
Natividade, Manuel Vieira, 162, 173.
Navarra — Espanha, 78.
Nazaré, 185.
Nero, 115.
Nerva, 12, 75.
Nida-Heddernheim — Alemanha, 24.
Nolen, Jeannette U. Smith, 205-207.
Norte de África, 79.
Nossa Senhora do Amparo, capela — Fiães, 214.

O

Oheraden — GáHa, 123, 125.
Obidos, 157.
Odrinhas, 218.
Oleiro, João Manuel Bairrão, 193, 197, 199.
Oleias, 167.
Olisipo, hoje Lisboa, 193, 196, 198, 200.
Orjo — Turquel, 156.
Ourense — Espanha, 212.

P

Países-Baixos, 49.
Panóias — Vila Real, 213, 215.
Paredes — Alenquer, 22, 70.
Parente, João, 215.
Paris — França, 124.
Parténope, 146.
Paulino, António, 172.
Paulino, Joaquim, 172.
Pederneira — Nazaré, 185.
Pedra Redonda — Turquel, 156.
Pedras d'Antas — Zambujeira, 170, 171, 185.
Pedrosa, Vítor, 172.
Península Ibérica, 192.
Pereira, Gabriel, 193.
Pflaum, G., 218.
Piernavieja, P., 219.
Pinheiro —• Turquel, 156.
Plassac — França, 106.
Poço das Vinhas — Turquel, 156, 182.
Polentia — Espanha, 106.
Pombal, 131.
Pompeios — Itália, 66.
Porte de Césarée — Tipasa, 18, 30, 32.
Portela do Pereiro — Turquel¹, 156.
Portugal, 88, 193, 211, 212, 215.
Póvoa de Cós, 88.

R

Redondas — Turquel, 156, 161-164, 175, 177.
Ribatejo, 193.
Ribeira de Pena, 215.
Ribeiro, Carlos, 160, 167, 168.
Ribeiro, José Diogo, 155.
Ribeiro, José Pereira, 183.
Rio Maior, 157.
Roanne Gilbertès, 102.
Robert, Louis, 216.
Roda, Isabel, 208, 211.

Rodrigues, Francisco, 178.
Rodríguez Colmenero, Antonio, 211-215.
Roma — Itália, 216, 219.

S

Sado, rio, 132.
Saintes — França, 91.
Santa Marinha — Ribeira de Pena, 215.
Santarém, 189, 191, 193, 194, 196, 197, 199, 200.
Santo André — Montargil, 19-21, 72, 77, 113, 114, 206.
São Cucufate, «villa» — Vidigueira, 5, 7, 8, 11, 16, 18, 20, 24, 37, 38, 43, 44, 48-53.
Sarmiento, Martins, 212.
Scallahis, identificada, hoje duvidosamente, com Santarém, 197, 200.
Schulten, A., 189,192-197.
Seco, rio, 157.
Severinus, Gaius Iulius, 215.
Sevilha — Espanha, 148.
Shakenoah — Inglaterra, 23.
Silva, Alberto Eduardo N. L. A. e, 157.
Silva, António Rodrigo Pinto da, 175.
Silva, Carlos da, 157.
Silva, Joaquim Possidónio da, 160, 161.
Silvai — Turquel, 156.
Statilii, 218.
Suiça, 124.
Susano, Carlos, 172.
Sutri, 108.

T

Tarraco, hoje Tarragona — Espanha, 109, 132, 148, 211.
Távora, 215.

Tejo, rio, 190, 192, 194-196, 199, 200.
Tihério, 15, 69.
Tipasa, 12, 18, 30, 32.
Tiro de Cañón — Espanha, 132.
Torre de Palma — Monforte do Alentejo, 67, 135.
Tovar, A., 194.
Tournai — Bélgica, 19, 39.
Trajano, 11,112,133.
Tranoy, 213-215.
Trás-os-Montes, 212.
Trido — Espanha, 77.
Trier — Alemanha, 25, 39, 43, 48, 105,125.
Trigaches — Beja, 143.
Tróia — Setúbal, 18, 68, 88.
Tumolesi, Patrizia Sabbatini, 216.
Turquel — Alcobaca , 153, 155-157, 159, 160, 162, 165, 166, 169-171, 179, 182.

U

Untermann, Jürgen, 211, 212.

V

Vala de Alpiarça, rio, 199.
Valdoca — Aljustrel, 18, 20, 21, 23.
Vale da Cepa — Alcácer do Sal, 108.
Valkenbvg — Alemanha, 49.
Valpaços, 214.
Vasconcelos, José Leite de, 192, 212, 214.
Velsen, «castrum» — Holanda, 11, 49.
Verulamium — Inglaterra, 13, 19, 21-24, 36, 47, 67, 70, 121.
Vespasiano, 74, 115.
Viana, Abel, 205, 207.
Victorinus, T. Furius, 218.
Vidigueira, 5, 7, 129.

Vila Nova de São Pedro — Azambuja, 167.
Vila Real, 215.
Vila Verde, 216.
Vila Verde da Raia, 213.
Vila Viçosa, 19, 20, 76, 91, 206.
Vinhas, ribeira, 157.
Virgílio, 146, 147, 151.
Viseu, 192.
Voges, Fernanda Cordeiro, 191.

W

Wahl, J., 200.
 TFmí 7/iZ/, 39.

Z

Zambujeira — Turquel, 156, 170, 183.
Zbyszewsky, Georges, 155, 193, 197.
Zêzere, rio, 192.

INDEX MONVMENTORVM

A — <i>Fontes litterariae</i>	1312, 2-4	146
	1392	148
MART. 5, 34, 5: 147.	1526 A	146
MART. 5, 37, 16: 147.	1807 A, 1	146
MART. 9, 29, 11: 145.	2199	146
MART. 10, 61, 1-2: 147.		
Ov., <i>Fast.</i> , 4, 64: 150.		
Ov., <i>Tr.</i> , 3, 3, 45-46: 146.	GIL	
Ov., <i>Tr.</i> , 3, 3, 46: 145.		
PONT. 1, 2, 57-58: 146.		
PROP. 1, 6, 28: 145.	II	73 145
STRABO 3, 3, 1: 190.		323 145
<i>Thesaurus Linguae Latinae</i> , VI,		396* 218
col. 2773: 148.		2008 145
<i>Thesaurus Linguae Latinae</i> , VI,		2387 215
col. 2778: 147.		2468 214
<i>Thesaurus Linguae Latinae</i> , IX,		2475 215
col. 609: 149.		2608 214
TIB. 3, 7, 204: 145.		5615 214
VERG., A., 1, 2: 150.		
VERG., A., 3, 185: 150.		
VERG., A., 5, 871: 146.	VI	1645 218
VERG., A., 9, 698: 150.		6227 218
VERG., A., 10, 904: 145.		10164 218

B — *Corpora epigraphica*

		ILER	
474	145, 146		
476	145, 146	5814	143, 144
478	145, 146		
479	145, 146		
800, 4	146	ILS	
1129, 2	146		
1266 - 1268	145, 146		
1279	148	2773	218

(Página deixada propositadamente em branco)

INDEX RERV M

A

Acampamentos romanos (oppidum)
Alto do Castelo — Alpiarça, 189,
191,194,199.
Antanol, 197.
Chões de Alompé, 193, 197-199.

Algar — Tipo de estação arqueológica, 161-162.

Ânforas

Almagro 51-C, 108.
Campanienses (século II a. C.),
200.
Dressel 14/Beltrán IV, 108.
Tipo «Spatheion», 130.

Animais

Amêijoia, 165,166.
Berbigão, 165, 166.
Cabra, 165, 166, 171.
Cabrito, 171.
Elefantes, 163, 217.
Marisco, 190.
Peixe, 190.
Porca, 169.
Rinoceronte, 163.
Veado, 161,165,166.

Antas — Barbata, 171, 185.

Árvores ou arbustos

Eucaliptos, 197.

B

Bibliografia arqueológica, 205-220.

C

Câmara Municipal de Chaves, 211.

Cargos civis, eclesiásticos, militares e religiosos

Dux das legiões da Dácia, 218-
Imperadores, 216, 217. Vide tam-
bém: *Antoninos, Augusto, Cláudio, Cómodo, Constantino, Domiciano, Flávios, Marco Aurélio, Nero, Nerva, Tibério, Trajano, Vespasiano.*

Numerarius, 216.

Procurator da Hispânia Citerior,
218.

Procurador da Lusitânia, 218.

Procurator Laurento ad elephan-
tos, 217.

Carta arqueológica dos «Coutos de Alcobaça», 15.

Carta corográfica de Portugal 1:
50.000, 158.

Carta de Filipe Folque 1: 100.000
Folha 20 (de 1866), 196.

Carta geológica de Portugal 1: 50.000
Folha 26-D, 157,158.

Carta geológica da região de Chões de Alompé 1: 25.000, 193.

Carta militar de Portugal 1: 25.000
Folha 317—Alcobaça, 170, 178.
Folha 327, 157, 159,160, 162, 165,
166, 171, 179.

Carta dos solos de Portugal 1:
1.000. 000, 157, 158.

Casa de Bragança, 205.

Cascalheira — Tipo de estação arqueológica, 159.
Colégio de gladiadores «Silvano Aureliano», 219.
Comissão para a Instalação do Museu dos Coutos de Alcobaça, 155, 156.
Conselho Administrativo da Casa de Bragança, 205.
Conventus Pacensis, 141.
Corpos militares
 VII Gemina Pia, 213.
Cerâmicas
 Ânforas — Vide : *Ânforas*.
 Alaranjada fina do Alto Império, 100, 101, 112.
 Alaranjada fina do Baixo Império, 106.
 Alaranjada média do Alto Império, 100.
 Avulsa, 200.
 Galcítica do Alto Império, 106, 108.
 Calcítica tardo-romana, 102.
 Campanienses, 193, 198, 207 — Pratos Lamboglia 8 e 24, 207.
 Comum
 Achados e situação geográfica dos mesmos, 92-136.
 Formas: Alguidares, 107, 110; Almofarizes, 107-110; Bilhas, 120-122; Cântaros, 129-131; Copas, 110-112; Copos, 112-113 ; Dólios, 131-133, Jarros, 120-122; Panelas, 98-102, 104; Pesos circulares ou de rede de pesca, 135-136; Pesos de tear, 132-135; Potes, 122-129, 136; Pratéis, pratos e travessas, 113-120; Púcaros, 110-111; Suporte (argolas redondas) para fundo de tachos e panelas, 104; Tachos, 102-104; Terrinas, 104- 105; Testos, 103; Tigelas, 105- 107, 112; Urnas, 128.
 Tipos de barros, 93-98.

Comuns romanas — Alto Alentejo, 205, 206.
 Construção—«Imbrex», 135.
 Fina branca
 Achados e situação geográfica dos mesmos, 90-92.
 Formas: Almofarizes, 92; Bilha, 91; Malga ou mortarium pequeno, 92; Mortarium pequeno ou prato covo, 91 ; Púcaros, 91-92 ; Tigela ou lamparina, 91-92.
 Paredes finas
 Achados e situação geográfica dos mesmos, 71-72, 115, 206.
 Formas: Copo ou púcaro, 72; Taça decorada, 115; Taça Mayet LIII, 72; Tigela (?), 72.
 Sigilatas — Vide : *Sigilatas*.
Classes sociais
 Cavaleiro, 218.
 Escravos, 145,146,149.
 Libertos imperiais, 217.
 Libertos, 145, 146, 218.
 Patronus, 145, 149.
 Soldados, 146.
 Viajantes, 146.

D

Decoração

Paredes finas — Taça com fiadas verticais de mamilos, 115.
 Sigilatas — Barbotina, 74, 79; Estrelas de David, 89; Flor, tipo malmequer, 77; Grinalda de chaveirões, 78; «Guilhocé», 80, 87; Ranhuras finas, 82, 83, 85; Rodelas com raios, 89; Sulcos, 80.
Departamento de Fitossistemática e Geobotânica da Estação Agronómica Nacional — Oeiras, 175-176.
Deuses, divindades e figuras mitológicas
 Asurniae (duvidoso), 215.

Baco, 213.
 Gíbele, 213.
 Concordia, 213.
 Debaroni Muceiaegaeco, 215.
 Deibaroni Muceiaecaeco, 215.
 Diana, 213.
 Divindades indígenas, 213.
 Divindades do santuário de Panóias, 213.
 Doredio Douroego (?), 215.
 Génio, 213.
 Genio municipalis (?), 215.
 Genio municipii, 213.
 Hermes, 213.
 Inmucenbaecis, 215.
 Isis, 213.
 Juno, 213.
 Júpiter, 213-215.
 Lares, 213.
 Marte, 213.
 Munidi, Munidia ou Munidiae (duvidoso), 215.
 Ninfas, 213.
 Quangeio, 215.
 Selene, 213.
 Silvano, 219.
 Sol, 213.
 Tarmucenbaecis, 215.
 Tellus, 213.
 Trebarona, Triborunni, 215.
 Tutela, 213.
 Vénus, 213.

E

Edificações

Chões de Alpompe — Muios de fortificações romanas, 193.
 Conímbriga — Canalização do foro flaviano, 16, 18, 20, 22, 25, 31, 32, 91, 100, 126; Canalização trajânica, 18, 106, 126.
 São Cucufate, «villa» romana — Celeiro, 47 ; Hipocausto da villa III, 21; Lagar, 22, 35, 44, 47; Lixeiras, 19, 20, 23, 24 30-32, 36; Peristilo da villa II, 45; Praefurnium, 11, 40; Tanque

ocidental da villa, 18, 30, 44; Termas, 13, 20-25, 39, 43, 48.
Eidolopoia — Figura de estilo utilizada tanto em epigrafia como em poesia, 148.
Epigrafia anfite atraindo do Ocidente Romano — Roma, 216-220.
Epigrafia romana — Aquae Flaviae, 211-216; Catalunha, 208-211.
Epitáfio poético — L. Julius Aptus, 141-151.
Eras geológicas
 Jurássico, 162.
 Jurássico médio ou Dogger, 156.
 Jurássico superior, 156, 157, 159, 160, 165, 167, 170, 171, 182.
 Plioceno superior, 156.
 Vilafranquiano, 156.
Escultura — Aras, 213-216.
Espólios arqueológicos
 Necrópoles do Alto Alentejo, 205-207.
 Turquel, freguesia de Alcobaca — Braceletes de ouro, 178, 179; Cerâmicos, 165, 166, 168-170, 173-178, 180, 181, 183, 184; Conchíferos, 165, 166, 174, 177, 183, 184; Figurinha de barro cozido representando uma porca, 169; Líticos, 159-162, 164-166, 168, 169, 172, 173, 183; Metálicos, 174, 178, 180, 181, 183, 184; Osteológicos, 161-163, 165-169, 171-174, 177, 180, 181; «Sanguessuga» em ouro, 179; Vegetais, 173-175; Taças esféricas e semi-esféricas lisas, 167.
Estação Agronómica Nacional — Oeiras, 176.
Estações arqueológicas da freguesia de Turquel
 Algar do Estreito ou Gruta do Carvalhal de Turquel, 166-170, 177-178.
 Algar do João Ramos ou Gruta das Redondas, 161-164, 173-177.

Ardido, 178-179.
 Boiça, 179.
 Buraca do Moniz, 165-166.
 Cabeço do Seixo, 159-160.
 Cancela dos Chães, 179-181.
 Casa da Moura, também conhecida por Cabeço de Turquel, 160-161, 168-170.
 Lombo Ferreira, 182-184.
 Mamoas 1 e 2 da Barbata, 170-171.
 Mamoas 1 e 2 das Fontes Velas, 171-173, 185-186.
Escavações arqueológicas
 Alcáçova de Santarém, 197, 200.
 Alto do Castelo — Alpiarça, 198, 200.
 Conímbriga («ínsula do vaso fálico»), 68.
 Necrópoles do Alto Alentejo, 205-207.

F

Flora primitiva — Turquel, 157.
Fornos romanos — Enchurrasqueira, 132.

G

Gladiadores — Categorias (Lutadores de espada, Tirones, Veterani), 219; Epitáfios, 219; Referências na epigrafia de Roma, 216-220.
Grafitos
 Em dólitos — D, 131.
 Em pesos de tear — Linhas paralelas em diagonal, 135; M, 135.
 Vide também: *Marca de utente* e *Marcas de oleiros*.
Grutas naturais — Tipo de estação arqueológica, 160-162, 164-166, 169, 170, 175.

I

Inscrições romanas
 «Corpora» respeitante à Catalunha, 208-211.

Epitáfio poético de L. Julius Aptus, 141-151.
Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 158, 160, 172, 173, 184.
Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 191.
Instituto Português do Património Cultural, 155.

J

Jogos — Documentação epigráfica que propoicionam para o conhecimento da sociedade romana, 216-220.

L

Lucernas

Em bronze e com a forma de cabeça de negro, 66.
 Em cerâmica e com as formas seguintes:
 Deneauve V A ou V D, 90.
 Dressel/Lamboglia 16, 90.
 Dressel/Lamboglia 30 A ou B, 90.
 «Firmalampe» Bailey N-IJ, 12.
 «Firmalampe» Bailey N-IV, 14, 21.
 «Firmalampe» Dressel/Lamboglia 5 C, 66.

M

Mapa geomorfológico de Portugal 1:50.000, 158.
Marca de utente
 Em terra sigiata hispânica (fundo exterior de tigela)—A(nii ?), 76.

Marcas de oleiros

- Em lucernas — Vibiani, 14, 21.
- Em pesos de tear — Cruz, 134; M [aelonis], 135.
- Em terra sigilata sudgálica (pratos) — Lentinvs, 74.

Mascara ou cabeça de negro — Em cerâmica, 65-66; Em lucernas, 66; Em vasos de vidro, 66.

Materiais

- Ardósia, 169.
- Argila, 185; Argila ferrogínosa, 162,163.
- Azeviche, 173.
- Barbotina, 24, 25, 29, 74, 79.
- Bronze, 66, 67, 180, 181, 183, 184.
- Calcário, 168.
- Cerâmica moída, 91, 93-97, 100, 101, 103, 111, 115, 116, 118, 120, 123, 125-127, 136.
- Cobre, 174, 180, 181, 183, 184.
- Feldspato, 92, 93, 95, 96, 129-131, 133.
- Ferro, 92,183,184.
- Grãos polimineráis, 92, 93, 95, 96.
- Grés, 103,122,124, 130,157; Grés amarelado (ou pedra broeira), 180,181.
- «Grog», 95, 96.
- Hematite, 91.
- Hite, 109, 132.
- Mica, 91, 93, 94, 96, 97, 105, 111, 115-117, 120, 123, 136.
- Minerais ferromagnesianos, 91-93, 96, 115, 122.
- Oso, 67-68,168, 169.
- Ouro, 171, 178, 179.
- Óxido de ferro, 136.
- Quartzo, 91, 93, 95, 96, 109, 168; Quartzo hialino, 169.
- Sílex, 161, 164-166, 168, 172, 185.
- Terracota, 65.
- Vidro,5-59, 69-71.
- Xisto, 168, 173.

Medidas antigas

- Estádios, 190, 192, 196.

Megalitismo de grutas — Sua manifestação nas mamoadas das Fontes Velas, 171-173, 185-186.

Megálitos— Tipo de estação arqueológica, 170-173, 185-186.

Metalurgia — Talvez o tipo de estação arqueológica no lugar de Lombo Ferreiro (Turquel), 182-184.

Moedas romanas

De imperadores — Cómodo, 25; Nerva, 12.

Lugar dos achamentos — Lombo Ferreiro (de cobre e bronze), 183, 184; Plaza de San José (tardo-romanas), 100, 103, 114, 126.

Morte — Tema do epitáfio poético de L. Julius Aptus, 145-147.

Museus

- British Museum, 66.
- Etnológico da Direção-Geral dos Trabalhos Geodésicos, 169.
- Manuel Vieira Natividade — Alcobaça, 166, 174, 180.
- Museu-Biblioteca dos Condes de Castro Guimarães, 65.
- Nacional de Arqueologia e Etnologia— Lisboa, 67, 68, 144, 178,179.
- Região Flaviense, 211.
- Serviços Geológicos de Portugal, 155, 161, 162, 168, 174, 178.
- Vila Viçosa, 76.

N

Necróple de cistas com urnas funerárias — Tipo de estação arqueológica, 179-181, 186.

Necrópoles

- Alto Alentejo, 111, 113, 114, 119, 121, 205-207.
- Eivas (região), 90.
- Emona, 12,13, 21, 48.
- Farrobo, 22.
- Krefeld-Gellep, 19, 20, 39, 43.

Paredes, 22, 70.
 Porte de Césarée, 18, 30, 32.
 Santo André — Montargli, 19-21,
 72, 77, 113, 114, 206.
 Tipasa, 12, 18, 30, 32.
 Yaldoca, 18-21, 23.

P

Periodos

Alta Idade Média, 7, 61, 62, 64.
 Alto Império, 52, 98-102, 104,
 108, 112, 123, 124, 126.
 Antiguidade, 66, 199, 211, 212,
 216.
 Antiguidade Clássica, 146.
 Baixo Império, 39, 48, 52, 61,
 62, 97, 98, 102, 106, 122, 124,
 134.
 Calcolítico final/Bronze inicial,
 173.
 Idade do Bronze, 169.
 Idade do Bronze Inicial, 177.
 Idade do Bronze Médio, 178.
 Idade do Bronze Final, 189.
 Idade do Bronze Final/Ferro
 Antigo, 179-181.
 Idade do Ferro, 136, 179, 206,
 207.
 Idade Média, 103, 130.
 Megalitismo, 170.
 Mesolítico, 185.
 Mustierense, 164.
 Neolítico, 165.
 Neolítico final/Calcolítico, 166,
 169.
 Neolítico final/Cobre inicial, 167.
 Paleolítico, 160, 185.
 Paleolítico inferior, 159, 185.
 Paleolítico médio/superior, 161.
 Paleolítico superior, 164, 185.
 Pós-romano, 107, 118.
 Romano, 107, 182-184.
 Suevo-visigótico, 130.
 Tardo-romano, 61-64, 100, 103,
 107.

*Planta do rio Tejo (de J. M. Júlio
 Guerra) I: 20 000.*
 Folha 6, 196.

Povos

Lusitanos, 190, 192, 198.
 Romanos, 196, 216.
 Vagornicenses, 214.

Produções agrícolas

Vinho, 110.

Profissões

Comerciantes, 146.
 Essedarius, 219.
 Gladiadores, 216-220.
 Manicarius, 219.
 Marinheiros, 146.
 Paegniarius, 219.
 Paganus, 219.
 Sagitário, 219.
 Unctor, 219.
 Venator, 216.

Q

Quercus Jaginea Lam. — Carvalho
 cerquinho componente da floresta
 primitiva de Turquel, 157.

R

Recensões bibliográficas, 205-220.

S

*Sala de Arqueologia Pré-Histórica do
 Museu dos Serviços Geológicos de
 Portugal*, 161, 162, 168, 174, 178.

Santuários

Panóias, 213, 215.

Sementes arqueológicas — Algar do
 João Ramos ou Gruta das Redon-
 das, 173-175.

Serviços Geológicos de Portugal, 162.

Sigilatas

Cinzenta Paleocristã, 88-89.
 Pratos Rigoir 8, 88, 89, 118.

Tigela, 88, 89.
 Giara A, 79-81.
 Pratéis Hayes 16, 81.
 Pratos Hayes 27, 81.
 Taças Hayes 9, 80.
 Taças Hayes 14 A, 80.
 Tigela Hayes 3, 79.
 Tigela Hayes 6 B (?), 80.
 Tigelas Hayes 14, 105.
 Clara A / D
 Prato Hayes 32/58 (?), 81.
 Clara B, 88.
 Clara C, 82-83.
 Prato, 68.
 Pratos Hayes 50, 82.
 Prato Hayes 58 A, 82.
 Tigela Hayes 70, 106.
 Clara C / D
 Bordos Hayes 58, 83.
 Clara D, 83-89, 103.
 Prato, 68.
 Pratos Hayes 58 B, 83-84.
 Pratos Hayes 59 B, 84.
 Pratos Hayes 61, 84-85.
 Prato Hayes 61 A, 118.
 Pratos Hayes 67, 85.
 Prato Hayes 103 B, 86.
 Pratos ou travessas de formas indetermináveis (Hayes 36 e 39, formas 61, 64 ou 67), 87.
 Tigela Hayes 67/71, 85.
 Tigela Hayes 73 A, 86.
 Travessa Hayes 61 A, 119.
 Travessa Hayes 76 B, 86.
 Travessa Hayes 104 A, 86.
 Travessa de forma indeterminável (Hayes 99 e 103), 120.
 Clara «Late Roman» C, 87, 89.
 Pratos Hayes 3 C e 3 E, 87.
 Hispânica, 75-78.
 Fragmento Dragendorff 37, 77-78.
 Fragmento de pança Mayet grupo «A», 78.
 Prato Dragendorff 15/77, 119.
 Taça (tigela) Dragendorff 33, 16, 78, 107.
 Taça Dragendorff 37, 78.

Tacho Dragendorff 44, 102.
 Tigelas Dragendorff 27, 76-77.
 Tigelas Dragendorff 46, 106.
 Itálica, 207.
 Sudgálica, 73-75.
 Pratos Dragendorff 15/17, 73-74.
 Prato Dragendorff 18, 74.
 Prato Dragendorff 24/25, 74.
 Prato Dragendorff 36, 74-75.
 Taça Dragendorff 33, 75.

T

Teatro — Máscara de negro, 66.
Tecelagem — Pesos de tear, 132-134.
Termas trajânicas — Conímbriga, 106, 126.
Terracotas — Máscara de negro, 65-66.
Tipologias arqueológicas
 Achados na «villa» romana do Alto do Cidreira, 63-65.
 Vidros romanos de São Cucufate — segundo a cor, 8-10 ; segundo as formas, 54-56; segundo o uso, 51-53.

V

Vias romanas — Laurentina, 217.
Vidros romanos
 Achados diversos — Contas de colar, 49-51; Copo de forma rara, 68; Lasca de vidro colorido, 1 ; Marcas de jogo, 50, 51 ; «Nadelköpfe», 50, 51 ; Pulseiras, 50, 51; Vidro de janela, 51, 71.
 Localização geográfica dos achados — Villa romana do Alto do Cidreira, 69-71; Villa romana de São Cucufate, 5-59.
 Tipos e formas
Vidro incolor — Achado avulso
 Isings 96, 25; Boiões e unguentários Isings 68, 36,

- 37; Boiões e unguentários Isings 94, 36, 37; Copo Isings 21, 25; Copo ou boião Isings 107 A, 70-71; Frascos Isings 52 C, 12,14; Garrafas ou frascos quadrados Isings 50 ou 60, 35-36; Jarrinho Isings 124 B, 47; Pé de argola, 70; Prato covo Isings 116, 25; Prato Yessberg «shallow bowl» B-II-a, 32; Pratos Isings 80, 29-31, 33-34.
- Vidro incolor bordo de arestas vivas** — Copo Isings 96, 20-21, 27; Copos e taças, 18-21, 26-27.
- Vidro incolor bordo polido ao fogo** — Copo Isings 85, 23, 28; Copos Isings 86, 22, 23, 28; Taças Isings 41 B (variante), 24; Taças Isings 42 A ou 87, 23-24, 28-29; Taças Isings 44 A, 21, 27; Taças Isings 85, 70; Tigelas Isings 85 e 85 B, 22, 27-28.
- Vidro incolor fragmentos decorados** — Copo Isings 96 («Anake-thread»), 25, 29, («Flower and Bird»), 24-25, 29; Taça com decoração incisa, 24, 29.
- Vidro incolor soprado** — Boião, 18, 26; Copo «beaker» Vessberg B-11-β, 17; Cálices Isings 86 ou 93, 17, 26; Copo Isings 34 ou 35, 17, 26; Prato Isings 42 A, 32, 33; Pratos Isings 45, 31-32, 34; Pratos Isings 97, 31-32, 34; Taça Isings 87, 17-18, 26; Tigela Isings 42 A, 18, 26.
- Vidro incolor soprado em molde** — Pyxis (?) Isings 22 (?), 69; Taça Isings 81,16, 26; Taças, 16, 26.
- Vidro mosaico tipo «gold band», 10.**
- Vidro tingido** — Frasco Isings 14, 15; Tigela Isings 12, 15.
- Vidro verde** — Cálice Isings 112, 38, 41; Copo Isings 109 ou 109 A, 38, 41; Frascos ou bilhas Isings 121 e 121 B, 47-49; Fundo de lâmpada em forma de copo alto Isings 106 D, 38, 41; Pratos Isings 116 ou 117, 37; Pratos Vessberg «Shallow bowl», B-II-β, 30; Taças Isings 96, 37.
- Vidro verde bordo de arestas vivas** — Copos altos ou lâmpadas Isings 106 B, 40, 42; Pratos Isings 116, 42, 43, 45, 46; Pratos Isings 117, 42, 44-46; Pratos Trier 14, 43, 45; Taças Isings 96, 38-42.
- Vidro verde bordo polido** — Prato Isings 116 B, 44-45; Pratos Isings 117, 42, 44-46; Taça Isings 96, 40-42.
- Vidro verde-gelo** — Bilha ou jarro Isings 56, 14, 15; Bilha ou jarro trilobado, talvez Isings 56 A (e não 88), 13,15; Bilha ou jarro Isings 88, 13; Copo ou tigela, 12, 14; Garrafa Charlesworth 2 b, 13; Garrafas Isings 50, 12, 14, 15, 69; Garrafas Isings 51, 12-15, 69; Prato Isings 44 A ou 45, 12, 14; Prato Isings 45, 12, 14; Taça Isings 3, 11, 14; Unguentário Isings 8 (ou 26, 27, 28), 14, 15.
- Villas romanas*
 Alto do Cidreira, 61-140.
 Monte de Cegonha, 129.
 São Cucufate, 5-59.

índices elaborados por

ÍNDICE GERAL

JEANNETTE U. SMIT NOLEN— <i>Vidros de S. Cucufate</i>	5
JEANNETTE U. SMIT NOLEN— <i>A villa romana do Alto do Cidreira</i> <i>(Cascais)</i>	61
JOSÉ GORELL VIGENT — <i>El epitafio poetico de L. IVLIVS APTVS</i> <i>(Mértola, Portugal)</i>	141
ANA M. S. BETTENCOURT — <i>A freguesia de Turquel (Alcobaça). Alguns</i> <i>dados arqueológicos</i>	153
PHILINE KALB, MARTIN HOCK — <i>Moron</i>	189
Recensões bibliográficas.....	207
Index Nominvm.....	221
Index Monvmentorvm.....	227
Index Rervm.....	229

(Página deixada propositadamente em branco)

Composto e impresso na G. C. — Gráfica de Coimbra, Ld.ª

750 ex. Abril de 1990

Depósito legal n.º 2892/84

(Página deixada propositadamente em branco)

CONIMBRIGA

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (PORTUGAL)

PUBLICAÇÃO ANUAL

COLABORAÇÃO SOLICITADA

PEDIDOS À LIVRARIA DISTRIBUIDORA:
Casa do Castelo, Editora—Rua da Sofia, 47-49
P — 8000 Coimbra

*Solicitamos permuta. On prie de bien vouloir établir réchange.
Sollicitiamo scambio. We would like exchange. Tauschoerkerhr erwünscht.*

